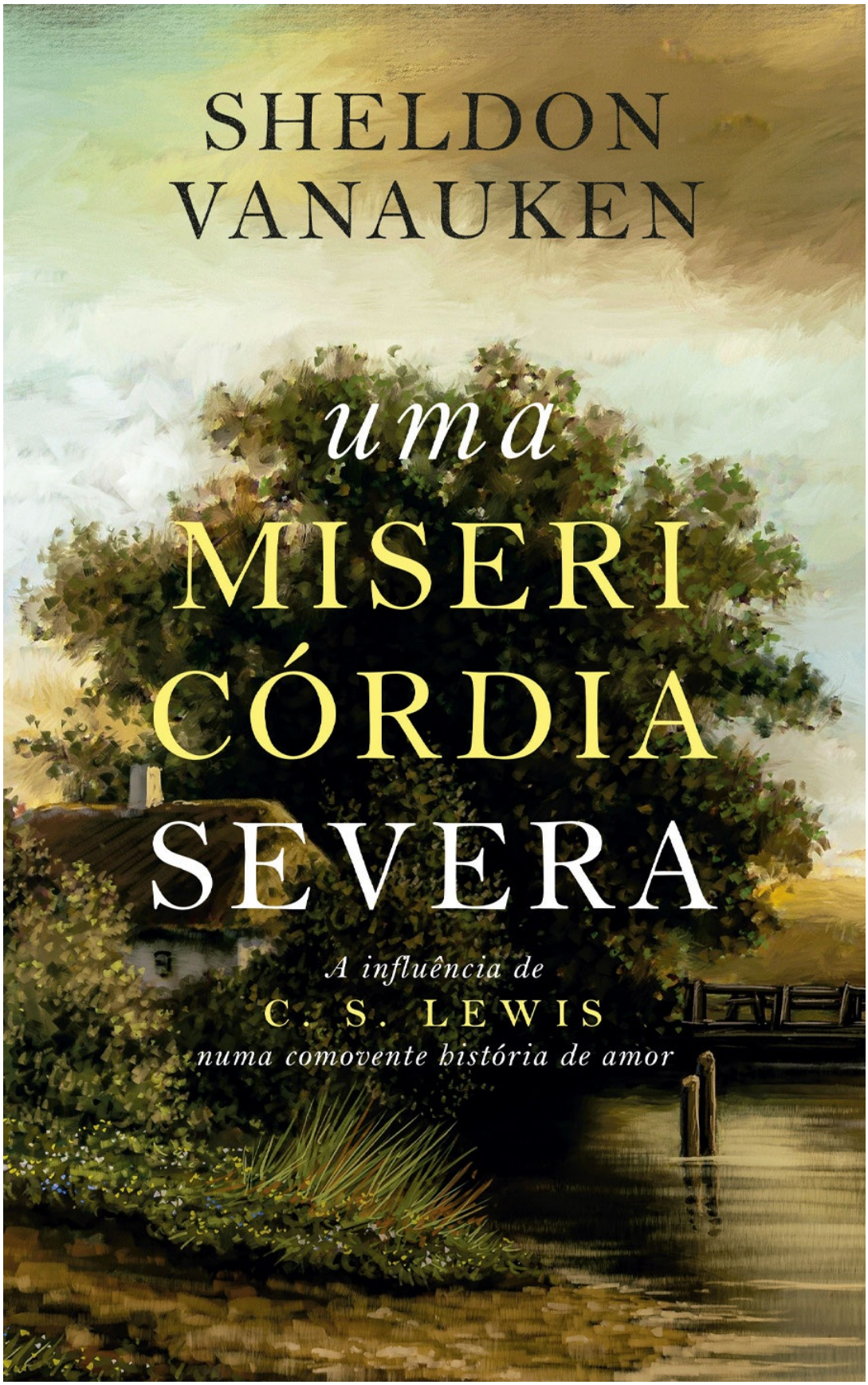
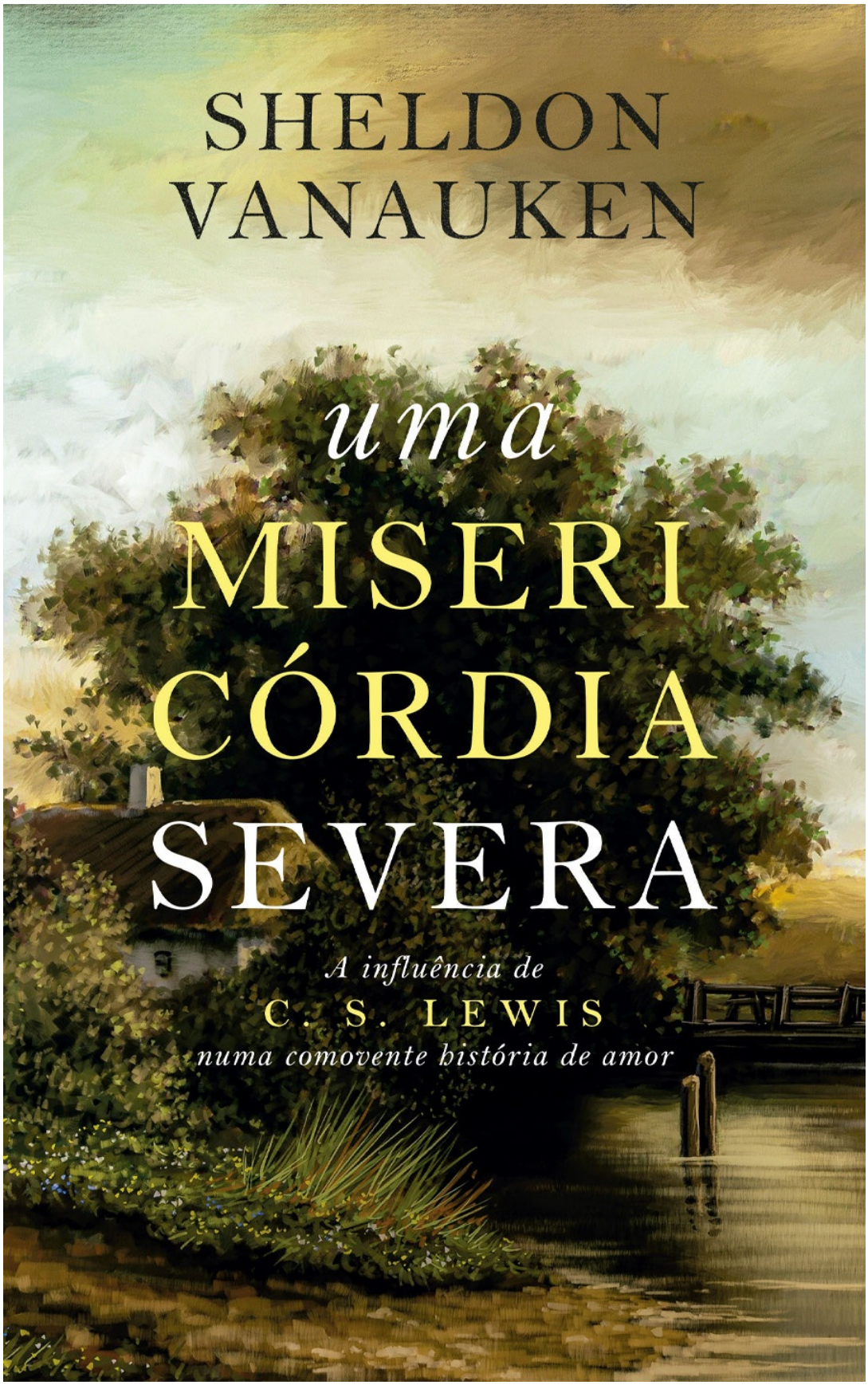

SHELDON
VANAUKEN
uma
MISERI
CÓRDIA
SEVERA
A influência de
C. S. LEWIS
numa comovente história de amor


SHELDON
VANAUKEN
uma
MISERI
CÓRDIA
SEVERA
A influência de
C. S. LEWIS
numa comovente história de amor

uma

MISERI CÓRDIA SEVERA

SHELDON
VANAUKEN

uma
MISERI
CÓRDIA
SEVERA

A influência de
C. S. LEWIS
numa comovente história de amor

TRADUÇÃO
VALÉRIA LAMIM DELGADO FERNANDES

ultimato
VIÇOSA|MG

Sumário

Capa

Folha de rosto

Nota do autor

Prefácio por Alister McGrath

1. Prólogo: Glenmerle revisitado

2. A Barreira Brilhante (O amor pagão)

3. A sombra de uma árvore

4. Encontro com a Luz

5. Tu és o Rei da glória

6. A Barreira é transposta

7. A neve da morte

8. O caminho da dor

9. A misericórdia severa

10. Epílogo: A segunda morte

Posfácio sobre a gênese de Uma Misericórdia Severa

Datas das cartas de C. S. Lewis

Créditos

PARA DAVY

Ah, Estúdio! Nós nos encontraremos novamente.

Não será a lâmpada a gás na viela,

Mas tão suave quanto ela, e apenas mais brilhante.

E Jack no dorso de Aslam.

Cantaremos a glória de Deus

Em torno destes dois: uma verdade em amor.

O velho mundo dará um último "estalo"!

Nosso coração não poderá estar mais leve.

DOM JULIAN, ORDEM DE SÃO BENTO

(Ao ler os capítulos de Oxford do manuscrito deste livro.)

Nota do autor

As cartas de C. S. Lewis a mim endereçadas, as que aparecem neste livro, foram entregues à Biblioteca Bodleiana, em Oxford. Exceto pela saudação e pelo encerramento – sendo este último invariavelmente “Atenciosamente, C. S. Lewis” –, com uma única exceção que é apresentada, as cartas estão completas, salvo indicação contrária. As reticências são de Lewis.

Um índice, ao final do livro, oferece as datas e os locais de origem das cartas. As duas cartas no capítulo 4 e a primeira carta (de saudação), do capítulo 5, apareceram em meu livreto Encontro com a Luz (veja a seguir), com permissão de C. S. Lewis e não são protegidas por direitos autorais. Os consignatários dos bens de C. S. Lewis concederam-me uma permissão não exclusiva para publicar aqui as demais cartas de C. S. Lewis para mim; e ofereço-lhes meus agradecimentos.

O livreto Encontro com a Luz, de minha autoria foi escrito por volta de 1960 e é usado ou parafraseado em alguns trechos dos capítulos 4 e 5.

Os poemas de Julian foram publicados com o consentimento do autor, Dom Julian, da Ordem de São Bento.

Todos os eventos desta história aconteceram, as pessoas são reais, as conversas são reconstituídas – ou citadas – a partir de diários e aproximam-se muito do que foi de fato dito. Trata-se de uma história real.

Prefácio

Poucos são os que não se envolvem com a narrativa de Uma Misericórdia Severa, de Sheldon Vanauken. Em sua essência, está a história de um amor perdido, interligado à universidade e à cidade de Oxford. A história inicial conta como Vanauken conheceu Jean Davis (“Davy”) e apaixonou-se por ela, em Indianápolis. Os dois prometeram ser inseparáveis em todas as coisas. Esta promessa solene é a Barreira Brilhante da história, que era como uma “cerca em torno de uma árvore jovem para impedir que o cervo a mordiscasse”, uma maneira de impedir a “separação gradual” que acreditavam ser o inimigo do amor. Eles compartilhavam todas as coisas, absortos um no outro.

A história segue então para Oxford, para onde Vanauken e Davy se mudaram a fim de estudar literatura. Usando a linguagem reminiscente de Brideshead Revisited,[1] de Evelyn Waugh, Vanauken descreve o encantamento de ambos com a beleza da universidade e do grupo de amigos que se reúne em torno deles. No entanto, o relacionamento dos dois se vê sob grande tensão à medida que se deparam com uma fé cristã muito bem articulada e atraente dentro de seu círculo de amizade. Talvez o mais importante seja o fato de envolverem-se com o círculo em torno de C. S. Lewis, que provou ser fundamental para levá-los à fé.

Davy foi quem “aceitou a fé” primeiro; Vanauken fez isso em seguida. Aos poucos, ele percebe que algo havia rompido a Barreira Brilhante. A alegria de Davy em relação à sua fé era maior que a dele. Mais importante, Vanauken já não era a estrela-guia da vida de Davy. Deus havia ocupado este lugar. A história então sofre uma reviravolta trágica, uma vez que Davy é diagnosticada com uma doença incurável. Ela morre em 1955, logo depois de retornarem para os Estados Unidos.

É impossível não ser profundamente tocado por esta história de um amor perdido

e pela tentativa de Vanauken de aceitar sua perda. Um de seus maiores consolos foi a amizade com Lewis, que o sustentou durante todo o longo período de reflexão e recuperação. Lewis sugeriu que Vanauken “fosse tratado com uma misericórdia severa”, um tema que Vanauken desenvolve nos capítulos finais da obra.

Em parte, a pungência desta parte final do livro está em sabermos que o próprio Lewis logo enfrentaria a mesma dor e um desespero semelhante após a morte de sua esposa, Joy, por causa de um câncer. No entanto, há uma história mais profunda aqui – a história de como a própria fé de Vanauken cresce e amadurece, permitindo-lhe lidar com a perda de Davy e ver o amor deles sob uma nova perspectiva. Foi, percebeu ele, um amor enviado por Deus muito antes de qualquer um deles conhecê-lo.

Embora os leitores britânicos venham a considerar partes do livro pouco convincentes (sobretudo as tentativas de Vanauken de “falar inglês”), o texto não deixa de recompensar seus leitores. Vanauken foi um homem culto e inteligente cujos olhos foram aos poucos se abrindo para a riqueza da fé cristã. Sua angústia para saber se deveria comprometer-se com um Deus desconhecido ainda ilumina muitos hoje. No entanto, talvez a maioria dos leitores desista deste livro, que é uma reflexão sobre a ligação do amor humano com o amor divino, aqui na terra e na eternidade. Inicialmente absorvidos um no outro, Vanauken e Davy passaram a amar um ao outro de uma nova maneira – tendo ambos sido absorvidos em Deus.

Vanauken morreu em 1997, sem nunca ter se casado de novo.

ALISTER MCGRATH

King’s College London

CAPÍTULO 1

Prólogo:

Glenmerle revisitado

A estrada secundária se estendia, deserta e pálida, sob a luz do luar. Um único carro, um MG-TD de dois lugares, movia-se devagar com as luzes apagadas e o teto aberto. O condutor observava atentamente todas as árvores e as silhuetas delas. As poucas casas pelo caminho estavam escuras e silenciosas, pois há muito já havia passado da meia-noite. A lua cheia brilhava lá no alto, e o ar de junho era ameno, trazendo consigo o perfume das flores e das plantas.

À frente, à direita, era possível ver uma cerca branca afastada da estrada, com os longos xis, formados pelas tábuas diagonais ao longo da estrada e que desapareciam depois de um morro baixo. O carro parou por um momento, depois se moveu alguns metros e saiu da estrada, parando debaixo de um grande carvalho. O motorista esticou o corpo grande e saiu.

A noite estava muito quieta, e só o leve farfalhar das folhas acima do homem dava certa agitação ao ar. Em algum lugar, à distância, um cão solitário latia de maneira paciente e preguiçosa.

O viajante, um homem alto de trinta e tantos anos, ficou parado, olhando para os galhos do carvalho, e depois começou a andar pela estrada com a cerca branca à sua direita. Atrás dela, ele podia avistar uma velha cerejeira; de repente, lembrou-se da marcante doçura das cerejas vermelhas aquecidas pelo sol e dos pássaros piando agitadamente para um menino na árvore deles.

Algumas centenas de metros adiante, depois da colina, o homem chegou a enormes colunas de pedra. Os portões de Glenmerle. Um rápido sorriso brotou em seus lábios enquanto ele olhava para a coluna esquerda do portão e lembrava-se de seu pequeno irmão no alto dela – era fácil subir na coluna a partir da cerca –, acenando frenética e desnecessariamente para o carro de bombeiros que viera apagar um pequeno incêndio no quarto de um dos criados.

Por entre as colunas do portão, o caminho era pálido, mas bem iluminado pela luz do luar, levando direto a uma colina cuja curva acabava nas árvores do parque. A casa em si, no alto de outra colina, estava escondida.

O homem ficou ali parado em silêncio, olhando. Uma leve brisa tocou-lhe o rosto como se fosse um breve afago. Fechou os olhos por um segundo ou dois, imaginando, como sempre, que ela estaria no vento. “Davy?”, murmurou. “Querida?” Então ele passou pelos portões, com o som do cascalho sendo esmagado onde pisava. De cada lado, além dos choupos que davam início à alameda, ficavam as pradarias onde cresciam morangos silvestres.

Veio à mente daquele homem a imagem de uma toalha de mesa branca e de uma travessa azul e branca com uma torta coberta com o creme amarelo Jersey e pequenos e deliciosos morangos vermelhos, vinda da fazenda Glenmerle, que ficava ali perto. Ele engoliu em seco e continuou a andar.

Depois das pradarias, o caminho fazia uma curva abrupta em direção a grandes árvores nas quais viviam melros, e o cascalho ficava salpicado de luz e sombra. Agora, enquanto descia, o homem podia ouvir o barulho de águas à esquerda, por onde o riacho fluía, e ver o brilho refletido como prata do luar que iluminava as águas.

Nas sombras, vaga-lumes dançavam. Ao pé da colina, uma pequena clareira se abria à direita, e – sim, lá estava ele, o lago redondo de lírios; mas agora estava seco, com a grama encobrindo a borda. O homem olhou para o lago, e, de repente, este estava cheio de água, e as crianças estavam à volta dele, sob a luz do sol. Na superfície, uma pequena fragata – um presente da longínqua Inglaterra – com todas as velas armadas agitando o emblema branco, seguida por uma linda corveta. Ele entrou na água para resgatar a fragata quando esta foi de encontro aos lírios. Olhou de novo, e o lago estava seco. Seguiu em frente sob o luar.

Por fim, o homem chegou a uma robusta ponte de madeira, sobre a qual, há muito tempo, ele havia se despedido de seu irmão e de Davy – Davy rindo, com os raios de sol que atravessavam as árvores e refletiam em seus cabelos castanhos – quando partiu para juntar-se à frota. Davy, no entanto, alguns meses mais tarde, atravessou ansiosamente o Pacífico azul para ficar perto dele. A verdadeira despedida, que nem imaginavam naquela época, havia sido um adeus a Glenmerle, pois, nos anos de guerra que se aproximavam, seu jovem e vigoroso pai morreu, e eles tiveram de desfazer-se da propriedade. Agora, mais de uma década depois, ele estava novamente na velha ponte; e Davy, por incrível que pareça – especialmente aqui –, estava morta também. E Glenmerle, intacta até onde ele podia ver, exceto pelo lago de lírios seco, permanecia serena e adorável sob o luar.

Do outro lado da ponte, o caminho percorria outra colina mais suave que levava à casa. Com a luz do luar que inundava o lugar, o homem podia vê-la nitidamente agora: extensa, branca e espaçosa. Antes, nos anos que ficaram para trás, haveria luzes a qualquer hora do dia, ainda que fosse apenas um brilho pálido vindo do quarto de sua mãe; mas, naquela noite, estava tudo escuro. Ele poderia, é claro, ter vindo durante o dia e sido bem recebido pelo atual proprietário, mas não gostaria de ver outras pessoas naquele lugar. Na verdade, ele não iria além da ponte.

Olhou para a grande e confortável casa de campo assentada na colina, com os

bosques escuros atrás e os gramados se estendendo à frente. Primeiro ele olhou para a casa e depois para South Hill, onde, quando era menino, quase sempre ficava deitado, observando as estrelas com o telescópio de seu pai.

Abaixo da colina, no gramado distante, havia um salgueiro. Parecia maior do que ele se lembrava. Agora que havia pensado nisso, deu-se conta de que o mesmo havia acontecido com o olmo no círculo da entrada da casa, e a sombra em forma de cone formada pelo abeto azul no gramado próximo parecia ter mais que o dobro do tamanho de seu pai, que já era alto.

Por detrás do abeto havia uma descida, interrompida pelo Cantinho do Sicômoro, uma península em meio a um mar de grama onde seu pai gostava de sentar-se sob o sicômoro cheio de galhos. Depois da casa, elevando-se muito acima de seus três andares, estava a poderosa faia que ele, ao alerta contido de sua mãe, gostava de escalar; duas vezes mais alta que a casa, ele percebia a grande árvore balançar ao vento.

Muito além da casa, da cabana e das outras dependências estavam a pérgula e, mais adiante, o pomar, que se estendia até as árvores altas da floresta. O canto mais distante do pomar, com bosques de ambos os lados, havia sido chamado de “seu espaço”. Ali havia uma cabana minúscula com dois beliches, um acima do outro, onde ele podia “dormir fora de casa”.

Por causa de seu amor pelas maçãs, “seu espaço” continha dez variedades de macieiras – as crocantes Jonathans haviam se tornado suas favoritas. Ele quis, naquele momento, comer uma ou um cacho de uvas roxas sobre a pérgula. Lembrou-se de quando saía da cabana no verão, sentindo a grama molhada e fria de orvalho sob os pés descalços, e de comer uvas para amenizar a fome até que o cozinheiro viesse para preparar ovos, bacon e linguiça.

Imaginou o interior da casa como o conhecia: sua mãe na sala de estar, meio recostada no gracioso sofá antigo, a cadeira entalhada que uma tia-avó havia trazido da Inglaterra, os tapetes orientais reluzentes no chão, as colunas brancas do consolo da lareira. Passando a lareira, no outro extremo da extensa sala onde a porta se abria para o escritório, estava o piano; ele podia ver sua mãe sentada ali com o cabelo castanho, preso no alto da cabeça, e ouvir sua voz de soprano nas operetas que ela tanto amava. Ou podia olhar pela janela e vê-la no jardim cortando flores ou conversando com o antigo jardineiro.

O neto do jardineiro havia sido seu companheiro de brincadeiras quando era criança. Juntos, eles haviam pescado com anzóis, nadado no riacho e perambulado pela floresta, às vezes com seu irmão menor no rastro deles. Outras vezes, os dois saíam à noite de sua cabana para roubar uma ou duas melancias de algum fazendeiro das redondezas – melancias roubadas são mais doces – e levavam-nas para o alto do palheiro ao lado da cabana, onde poderiam lambuzar-se com elas, enquanto morcegos voavam ligeiro pelo céu estrelado.

Sua mente voltou para a casa. Do outro lado da porta do escritório, sentado na poltrona de couro sob o abajur “gótico”, com uma cor estranha de chumbo, estava seu pai com livros e cachimbos ao redor, e as janelas com batentes abertas para a floresta.

Outras imagens de seu pai lhe vieram à mente: o pai com um livro e uma cadeira de jardim no Cantinho do Sicômoro, ou seu pai e ele com armas em punho, numa manhã gelada. Pensou na curiosa emoção de esperar que os pássaros voassem de repente ou mesmo que o rabinho branco de um coelho atravessasse o campo. Certa vez, feriu de leve a asa de um corvo e levou a ave para casa, a fim de colocá-la com os coelhos brancos e outras criaturas, incluindo uma cobra, aos quais ele dava alimento e cuidado.

Outras pessoas passaram por sua mente, as tias e os primos que ficavam em Glenmerle. A casa estava sempre alegre, cheia de gente. Lembrou-se de sua tia

Kentucky, com a voz suave e as latas redondas de chocolates caseiros e outros doces que ela trazia, especialmente os brancos que derretiam na boca e que só podiam ser feitos em uma mesa com tampo de mármore, dos biscoitos e das peças de presunto. Ela e sua prima vinham muito a Glenmerle, e ele também ia à casa delas, em Bluegrass.

Em seguida, ele pensou na casa de infância de seu pai, a grande fazenda chamada Magic Grove, um bosque inserido em uma figura matemática, criado pelo pai de seu avô, que era matemático. Lembrou-se de sentar-se nos joelhos do avô e de receber uma pequena moeda de dólar, feita de ouro.

Depois, sua mente foi parar na casa do outro avô; a casa vitoriana de muitas varandas acomodada em seus amplos gramados sombreados. Havia a imponente entrada, a janela da escada com vitrais vermelho-escuros em formato quadrado, um banheiro do tamanho de um quarto com uma imensa banheira de latão e um maravilhoso radiador vindo do chão para trazer aquecimento à cozinha. Durante o banho, era possível ouvir as pessoas tagarelando na cozinha e sentir o aroma do bacon sendo preparado para apressar o banho, ou a voz grave do avô apressando quem estava no banho. Ele podia ver seu avô naquele momento, de barba branca e ar jovial, e, aparentemente, o eterno prefeito da cidade.

Em algum lugar ao longo do riacho, um pássaro despertou e gorjeou sonolento por um instante. O observador fantasmagórico da noite retornou a Glenmerle e, em sua mente, subiu a escadaria curva e atravessou o corredor até o seu próprio domínio, uma estranha sala em forma de L, com janelas em três lados, uma vez que parte dela era uma ala robusta da casa. A outra ala, mesmo quando ele era menino, continha estantes de livros até o teto. Seus pais lhe davam qualquer livro em que ele ou eles pudessem pensar.

Lembrou-se de A Ilha do Tesouro, encadernado em amarelo, com a figura do pirata Long John na capa e uma dedicatória escrita por seu pai: “Para meu querido filho em seu décimo aniversário”.

Onde as estantes de livros formavam um canto, rifles e espingardas repousavam, e em uma das prateleiras havia o que ele considerava itens de colecionador: uma pele de cobra descartada, um pedaço de madeira petrificada, uma cobra verdadeira em álcool e outros tesouros. Acima havia fotos de meninos de sua escola; um menino, montado em um cavalo, usava um capacete e segurava um taco de polo, parecendo orgulhoso; e havia uma foto de seu próprio pai sentado em uma linda baía. Por detrás das fotografias, pregada na parede, havia uma pequena bandeira dos Estados Confederados.

Do outro lado da sala, ficavam uma escrivaninha e uma cômoda, ambas de cerejeira antiga e reluzente; e, acima da escrivaninha, havia uma pintura de uma caravela com um nascer ou pôr do sol radiante ao fundo. Mas ele nunca duvidou de que era o amanhecer e de que o navio rumava para o oeste: “Inclinando-se sobre o seio do urgente Ocidente”.

Ficou imaginando se aquela pintura havia influenciado sua vida; por certo, houve muita coisa do mar, os navios da marinha, cruzeiros e embarcações à vela nela. Mas houve outras influências tão profundas quanto aquelas, ou ainda mais. Os livros, sem dúvida, moldaram sua mente de várias maneiras, sobretudo, os de poesia, talvez.

Pensou no professor da escola que o havia despertado para a glória de Shakespeare e em sua própria descoberta de Shelley. Muitos dos livros, os demais que mais apreciava, eram sobre a Inglaterra e, claro, os poemas eram a própria Inglaterra.

Em sua infância, a Inglaterra parecia muito mais próxima do que Nova York ou os caubóis do Oeste. Em parte, supunha ele, isso se devia ao ano em Kensington – quando ele era muito pequeno; Kensington, o Round Pond, o chá no berçário e a frase “lá vem o lenhador para cortar a sua cabeça”[2] – e ao fato de ter sido

levado aos condados para visitar amigos no campo. Aquele ano conferiu certa realidade à Inglaterra; talvez por isso ela vivesse nos livros. E, já na infância, queria ir para Oxford. Quando finalmente foi, tudo pareceu certo e inevitável.

Sua cama estava voltada para a janela do leste, de onde ele podia ver o nascer da lua sobre o pomar e às vezes ser despertado pela alvorada. Do outro lado de uma pequena faixa de gramado ao norte, estava a faia gigante, à beira da floresta. À noite, quando ia dormir, muitas vezes com o travesseiro no peitoril da janela, as últimas coisas que via do mundo eram as árvores escuras e as estrelas brilhantes no céu.

Qual era o verso? “Nosso amor pelas estrelas é sobremodo grande para termos medo da escuridão da noite”. Mil vezes imaginou-se um pequeno animal, como uma toupeira ou um rato, correndo para a beira daquela floresta familiar e acolhedora, à espreita nas sombras. Não, pensou ele, pois para algo criado assim, a floresta e a noite não inspirariam terror, apenas segurança.

E, sem dúvida, a beleza – a beleza que era para ele a conexão entre os navios, os bosques e os poemas. Lembrou-se daquela noite de inverno como se ela tivesse ocorrido há apenas alguns dias. Ele era ainda muito jovem para saber o significado da beleza, quando olhou para um delicado rendilhado de galhos nus e escuros, com as estrelas brilhantes e frias ao fundo. De repente, brotou nele um sentimento de dor, de saudade e de adoração, quase sufocando-o. Queria contar a alguém, mas não tinha palavras; era incapaz de expressar-se na dor e na glória. Demorou muito para perceber que havia sido sua primeira experiência estética. Aquele sentimento sem nome que havia paralisado seu coração era a Beleza. Mesmo agora, para ele, “galhos nus e escuros, com as estrelas ao fundo” eram sinônimo de beleza.

Voltou para seu quarto, imaginando-se lá em um dia chuvoso, deitado de modo confortável em sua cama e lendo um livro. Talvez Kipling, Sherlock Holmes – ou, mais apropriadamente, Watson, Rider Haggard ou, talvez, Olaf Stapledon,

que amava histórias de futuros remotos. Então, poderia ouvir um ruído do lado de fora da porta, e seria uma criada com o almoço que ele havia decidido comer no quarto – os almoços em Glenmerle eram eventos solitários – um almoço que, invariavelmente, seria limonada fresca e sanduíches de carne feita na manteiga. Ah, aquele pão!

A lembrança disso suscitou outra imagem de sua mãe, agora com os braços cheios de farinha; só ela podia fazer o pão. Essa tarefa nunca foi confiada ao cozinheiro. E a casa inteira logo se encheria daquele delicioso cheiro. O aroma de pão no forno que sua mãe estava sempre fazendo, o leve perfume de lavanda e a fragrância dos arranjos de flores colhidas – aqueles eram os aromas de Glenmerle. E talvez o cheiro do tabaco do cachimbo de seu pai. E o cheiro das armas e dos lubrificantes.

Ele quase podia sentir o cheiro daquilo tudo agora, mesmo ali, na ponte à noite; e isso quase o convenceu de que tudo ainda era como antes. Ele só precisava subir o caminho da entrada, passar pela porta que nunca estava trancada, subir para o seu quarto e deitar-se na cama. Sorriu na escuridão; poderia haver algumas surpresas se fizesse isso. De qualquer forma, se fosse no passado, há muito já teria ouvido um rápido ruído de patas e o focinho de Polly em sua mão. Pensou nela, uma collie dourado-avermelhada à luz do sol, e em todos os outros cães de Glenmerle, correndo pela grama. Querida velhinha Polly!

Subitamente, lembrou-se de uma manhã de verão em particular, quando perambulou pela floresta com Polly. Longe de casa, eles haviam chegado a uma pradaria exuberante com uma pequena colina no centro, coroada por um enorme carvalho. Lá, ele se sentou, encostando-se no tronco da árvore, com Polly deitada delicadamente ao seu lado. Ele devia ter, presumiu, uns 15 anos.

Não conseguia lembrar-se da parte no livro que desencadeou a avalanche de pensamentos – sim, conseguiu: haviam sido os grandes cérebros das torres no esplêndido livro Last and First Men, de Stapledon. Ele estava acostumado a

desprezar emoções: meninas eram emotivas; meninas eram fracas; emoções – lágrimas – eram fraquezas. Mas, nessa manhã, ele estava pensando que ser um grande cérebro em uma torre, nada além de um cérebro, não seria muito divertido. Não haveria emoção, não haveria um cachorro para amar, não haveria alegria pelo céu azul – não haveria sentimento algum. Contudo, sentimentos... sentimentos são emoções!

De repente, viu-se dominado pela revelação de que o que faz a vida valer a pena são, precisamente, as emoções. Mas, então – isso era horrível! –, talvez as meninas, que derramavam lágrimas e riam, estivessem aproveitando mais a vida.

Impressionante! – fez uma avaliação de si mesmo. Demonstrar emoções não era o problema: tê-las é que era! Ainda assim, estava atordoado com a revelação. O que é a beleza senão algo à que se responde com emoção? A coragem, pelo menos em parte, é emocional. Todo o esplendor da vida. Mas, se o melhor da vida é, de fato, emocional, então a pessoa haveria de desejar as emoções mais sublimes e mais puras, e isso significava alegria. A alegria seria a mais sublime.

Como alguém encontraria alegria? Nos livros, ela parecia ser encontrada no amor – um grande amor –, embora talvez para os santos houvesse alegria no amor de Deus. No entanto, ele não aspirava a isso; nem mesmo acreditava em Deus. Por certo que não! Então, se quisesse as coisas mais sublimes da alegria, ele deveria ter, se possível, um grande amor. Mas nos livros, de novo, a grande alegria por meio do amor parecia sempre andar de mãos dadas com uma terrível dor.

Ainda assim, pensou ele, olhando para o outro lado da pradaria, a alegria valeria a pena – se, de fato, viesse unida à dor. Se houvesse uma escolha – e ele suspeitava que sim – entre as coisas mais sublimes e as mais profundas, de um lado, e algum tipo de meio-termo seguro e cauteloso, do outro, ele, para começar, aqui e agora, escolheria a primeira.

Desde esse tempo, os anos se passaram, e o que seria dele – se não tivesse tido o que escolheu naquele dia na pradaria? Ele teve o amor. E a alegria – e que grande alegria! E a tristeza. Ele teve – estava tendo – toda a tristeza que existia. E, ainda assim, a alegria valeu a pena. Mesmo agora ele reafirmava essa escolha feita no passado.

Inclinando-se contra o gradil da ponte na noite escura e tranquila, ainda mais tranquila pelo murmúrio e borbulhar das águas sob a ponte e pelos lampejos silenciosos dos vaga-lumes, ele pensou em sua infância e juventude naquele lugar que era parte dele, naquele lugar perto dele que jazia tão sereno e adorável ao luar.

Havia sido, sem dúvida, um lugar de acolhida segurança. E uma casa de paz, cheia de paz e alegria ao mesmo tempo. Lá sua mãe havia passado os dias, alegre e amorosa; um pouco irreal, alguém pensaria, até que ela, súbita, astuta e delicadamente, apontava algo que ninguém mais havia visto. Seu pai, quando estava em casa depois de retornar do grande mundo, ficava quieto, relaxado e entretido – embora fosse capaz de uma severidade temerosa. Já sua mãe sempre foi rápida em elogiar e admirar; o raro “bem feito” de seu pai era algo a ser valorizado por dias. Uma casa de paz – agora, na noite silenciosa –, ele podia sentir a paz imemorável que repousava em Glenmerle.

Havia sido uma casa de honra também. Naqueles dias ninguém se constrangia – o mais estranho dos constrangimentos – com a palavra que tinha de ser soletrada com um “u”, ao modo inglês, para parecer correta. Tampouco havia qualquer constrangimento com a ideia de ser um cavalheiro. Nesses assuntos, sua mãe e seu pai estavam plenamente de acordo; e, de alguma forma, parecia que incutiam o que era honroso quase sem falar disso.

Lembrou-se do próprio código de honra que havia inventado quando tinha 12

anos, um código com apenas três pontos: “Nunca trair um amigo. Nunca trair a beleza. Nunca trair a espada”. Com este último ele queria dizer que era preciso ser corajoso quando estivesse com medo.

Seu pai tinha no escritório um espadim dos dias no exército, e às vezes, quando menino, ele a desenhava apenas para segurá-la e observar a longa lâmina brilhante, talvez com a mente cheia de imagens de sua leitura de Sir Lancelot[3] ou Montrose[4]. Ocorreu-lhe agora, à noite, que seu pai, advogado, soldado e amante de sua terra, havia sido um ilustre cavalheiro. De onde estava, ele podia ver as janelas do quarto de seu pai, assim como as de sua mãe, e sentiu uma onda de gratidão por ambos, apenas por serem o que eram.

Glenmerle, pensou ele, era um lar para onde voltar; um lar para quem vinha do Kentucky, da Flórida ou da Inglaterra; um lar para quem vinha de escolas e da faculdade. Imaginou-se voltando para casa vindo do colégio interno, talvez para passar as férias de Natal; talvez com neve por todos os lados – a floresta coberta de neve.

Aquele seria um crepúsculo de inverno com o grande abeto azul cintilando com pequenas luzes brancas como se fossem estrelas, o carro grande subindo a colina até chegar à sua casa. Em seguida, os gritos de boas-vindas e o beijo de sua mãe, o aperto de mão do pai, e o irmão sorrindo ao fundo. E, claro, como sempre, o alegre fogo na sala de estar e, por detrás das portas francesas, a sala de jantar totalmente preparada. No andar de cima, esperando, estaria o seu próprio quarto, assim como o havia deixado. O próprio céu, pensou ele, seria – deveria ser – uma volta para casa.

Sentou-se na beira da ponte, com as pernas balançando na direção da água prateada. Todos esses pensamentos e lembranças, tão longos no relato, haviam, de fato, enchido sua mente com incrível rapidez. E, mesmo quando se lembrava de sua infância, o que de fato ocupava sua mente era Davy, a tão amada e tão querida Davy, e agora morta havia seis meses.

Foi ela – apenas ela – que o trouxe de volta a Glenmerle naquela noite; a garota que ele havia amado ali; a garota com quem havia se casado e que havia continuado a amar por uma década e meia até aquela madrugada de inverno em que ela tocou cegamente seu rosto pela última vez e morreu com a mão sobre a dele.

Desde esse tempo, a tristeza, a imensidão da perda, era o que preenchia sua vida. E, no entanto, em meio às lágrimas e à dor, havia um curioso quê de consolo em um pensamento: o pensamento de que nada agora poderia estragar os anos do amor deles. Como ele havia escrito ao seu amigo, C. S. Lewis, na Inglaterra, o manuscrito do amor deles havia chegado são e salvo ao Editor.

Desejou por um instante que Lewis estivesse ali com ele apenas por uma hora; ali, em Glenmerle, sentado na ponte acima do riacho. Lewis, pensou ele, iria gostar de Glenmerle. Aquele talvez não fosse um local tão diferente da casa com o guarda-roupa que levava a Nárnia.[5] E Lewis entendia tão bem, de alguma forma, a natureza da perda.

Embora estivesse tão longe, do outro lado do mar, Lewis havia sido seu principal pilar nestes seis meses de reflexão sobre as profundezas da tristeza. Foi ele quem disse que a morte de Davy era “uma misericórdia severa”.

“Uma misericórdia severa” – esta expressão o assombrava... uma misericórdia tão severa quanto a morte; uma morte tão misericordiosa quanto o amor – pois havia sido a morte no amor, e não a morte do amor.

O amor pode morrer de muitas maneiras, sendo a maioria delas muito mais terrível que a morte física; e, se todo amor natural deve morrer de um modo ou

de outro, a morte de Davy – estando ele e ela apaixonados – foi a morte que sugeriu a primavera e o renascimento.

Sentado ali, na madeira áspera da ponte, lembrou-se de estar plenamente ciente – algo que ia além da fé ou da crença –, nos momentos após a morte dela, naquele quarto subitamente vazio, de que ela ainda vivia. Ela não havia deixado de existir com aquele último suspiro. Ela e ele se encontrariam novamente: “E que Deus dê descanso!” Orou por um instante na noite silenciosa, orou por ela onde quer que ela estivesse e também por Lewis. Em outro ano, ele estaria navegando para a Inglaterra. Isso também seria uma volta para casa. Inglaterra e Oxford. Ele e Lewis conversariam muito, beberiam cerveja e talvez, como escreveu Lewis, ficassem embriagados.

Olhou para a casa na colina e pensou novamente em Nárnia. Mas Glenmerle em si, especialmente sob o luar branco, era um lugar de magia, sobrenatural em sua beleza serena. Lembrou-se de repente de outra noite de verão nesse lugar, uma noite como aquela.

Ele e Davy, sozinhos na casa, colocaram a peça Sonho de uma Noite de Verão, de Mendelssohn, na vitrola com volume alto e, com todas as janelas da sala escancaradas, saíram para o gramado na beira da floresta. Tudo estava pálido sob o luar, exceto as faixas profundas de sombra, e havia o perfume de rosas no ar. Eles deram as mãos, dançaram e seguiram os passos um do outro, sorrindo ao luar, e, por fim, correram rindo para debaixo da grande faia enquanto a música tocava ao redor deles. Ele riu daquela lembrança, e então, no mesmo instante, lágrimas arderam em seus olhos e rolaram por seu rosto. O sofrimento sempre foi assim: risos e lágrimas, alegria e tristeza.

Foi quase amor à primeira vista – eles se apaixonaram profundamente e, de alguma forma, tiveram a certeza de que haviam sido feitos um para o outro também. Casaram-se em segredo antes do fim do ano, enquanto ambos ainda estavam na faculdade. E ele a trouxe para Glenmerle logo no início do

casamento, pois a família dela estava longe.

Glenmerle, o amor e a primavera, o pomar feito um mar de flores, e os lilases reunidos perto da casa. Amor jovem na primavera – talvez banal para aqueles que nunca o conheceram ou cujo amor falhou, mas não para ele. Nem para ela.

Naqueles últimos dias, eles conversaram sobre Glenmerle; conversaram, na verdade, sobre essa mesma ponte onde agora ele estava sentado. Eles costumavam ficar sentados ali, juntos, às vezes abraçados. E conversaram, lá no hospital, sobre os cães, as árvores, os poemas e as aventuras, e sobre como tudo havia sido.

De onde estava, ele podia ver a piscina na planície logo abaixo da casa. Uma brisa deve ter agitado a superfície da água, pois havia ondulações no espaço iluminado pela lua que atravessavam a superfície em direção a ele.

Certa noite, à beira da piscina, sonhando com o futuro que lhes estava reservado, nasceu o sonho especial de ambos: o sonho de uma elegante escuna navegando entre ilhas distantes. A escuna deveria se chamar Ganso Cinzento – pois, se o parceiro do ganso cinzento morre, ele voa sozinho pelo resto da vida e nunca mais toma outro parceiro para si. Por um instante, a madeira da ponte tornou-se um convés, inclinando-se ligeiramente com uma brisa do mar, e o brilho do riacho tornou-se o brilho frio das ondas fosforescentes.

Ele e Davy passaram muito tempo em Glenmerle. Ele sempre pôde levar para casa quem quisesse – a fim de ser recebido com acolhida e aceitação. E, assim, nos finais de semana e nas longas férias, lá estava ela. Davy já era totalmente parte da família.

Lembrou-se do verão em que se levantaram todas as manhãs ainda no escuro para saírem de madrugada e andarem com Laddie – o homem dos olhos tristes e de coração aventureiro –, seguindo por estradas e caminhos secundários, por onde quer que os levassem, afagando cavalos, fazendo amizade com cães e roubando maçãs curiosas de uma árvore à beira da estrada.

Às vezes, eles andavam 30 quilômetros ou cavalgavam um pouco mais e, depois, voltavam para mergulhar na piscina em casa, sem se preocupar com trajes de banho e para desfrutar de um farto café da manhã. E havia as tardes preguiçosas em que liam em voz alta, conversavam e talvez saíssem à noite, para caminhar até a ponte ou o lago de lírios. Então, voltavam para casa, diziam boa-noite um ao outro e iam para seus quartos – mais tarde, porém, quando toda a casa estava adormecida, Davy entrava no quarto dele e se enfiava nos lençóis azuis.

Ele a imaginou na casa agora, entrando delicadamente em seu quarto, apenas para descobrir que ele não estava lá. Mas Davy saberia que ele estaria lá fora, no meio da noite, e então desceria as escadas, atravessaria a sala de estar e sairia para a escuridão suave, ainda de camisola.

Meu Deus! Será? – Ele teria mesmo visto um vulto branco descendo a escada? Ela estaria naquele minuto andando, em total silêncio, na grama que ladeava a casa, descendo em direção à ponte?

Ele se levantou, procurando por entre os arbustos alguma agitação vestida de branco. Por um instante, pensou ter sentido a fragrância dos lilases e talvez o aroma delicado dos lírios-do-vale que ela amava. Então sentiu uma leve brisa no rosto e lembrou que ela estava no vento agora. Já havia passado a época dos lilases e dos lírios-do-vale. E era tarde demais, agora para sempre, para ela vir até ele no meio da noite.

Mais uma vez, olhou para a casa grande e confortável na colina e para a imponente faia acima dela, sabendo que seria a última vez. Ali, na ponte onde eles haviam se despedido há tanto tempo, ele era apenas um fantasma na noite.

Apanhou uma pequena pedra e a arremessou na água brilhante. Fora da ponte, ajoelhou-se e tocou a grama com a palma da mão, como teria feito com Laddie. Então, levantou-se, virou-se, atravessou a ponte, seguiu o caminho que passava pelo pequeno lago de lírios seco, subiu a colina e saiu pelos portões.

CAPÍTULO 2

A Barreira Brilhante (O amor pagão)

Nós nos conhecemos raivosamente no auge do inverno. Eu queria meu dinheiro de volta. O trabalho dela era me impedir de tê-lo. O cenário era o estúdio fotográfico de uma loja de departamentos. Eu estava com frio e fui educado. Ela era encantadora, mas estava irritada comigo. Ela, de fato, venceu.

No balcão, entre nós, havia uma pequena foto pintada, muito mal pintada, embora não por Davy. Na verdade, ela era especialista no assunto e faria o trabalho da forma correta. Eu a deixei com ela e muito provavelmente me afastei de modo arrogante.

Na época, eu estava no meu terceiro ano de faculdade, em casa, para as férias de Natal. A pequena foto era de um colega de quarto de minha escola que, anos antes, havia se afogado. Eu me perguntava por que havia me deixado convencer por Davy. Sem perceber que estava respondendo à pergunta, lembrei-me dela ali, muito bonita, com olhos bem abertos, explodindo de raiva.

Davy era filha de um clérigo episcopal metodista, em uma pequena cidade de Nova Jersey. Era de boa família e havia frequentado uma boa escola em Vermont. Mas, então, o reverendo Staley Davis morreu; e, mesmo com condições de terminar a escola, ela teve de desistir dos planos para a faculdade.

Lamentavelmente, foi trabalhar no estúdio de uma grande loja de departamentos de Nova York, mas, odiando Nova York, havia economizado para largar o

emprego e ir para a faculdade. Agora, embora fosse dez dias mais velha do que eu, ela estava no primeiro ano e tinha um trabalho de meio período em uma pequena universidade longe de Nova York.

Voltei para casa de carro, cerca de 30 quilômetros, ainda pensando nela; ora com raiva, ora não. Naquela tarde, um amigo, Don, que morava a alguns quilômetros de distância em Beech Hill, telefonou. Éramos velhos amigos, e, desde que ele havia voltado da escola na Suíça, nós dois fomos para a mesma faculdade masculina, pequena, mas com nível acadêmico excelente, a 70 ou 80 quilômetros de distância.

Naquele momento, Don teve uma ideia. Um de nossos amigos mais próximos, Bob, estava na faculdade, trabalhando sozinho no prédio. Por que nós, com algumas garotas, incluindo Mary, a namorada de Bob, não íamos até lá?

Se Don tivesse telefonado um dia depois – ou, é claro, um dia antes –, minha repentina inspiração talvez não tivesse surgido: agora eu pensava rapidamente nos olhos adoráveis, mas furiosos, daquela garota. E eu tinha o nome dela em um recibo, em algum lugar, não tinha? Sim, ali estava: Jean Davis. E Don levaria Margery, que por acaso era chefe do departamento pessoal daquela loja, não é? Ah, bom! “Ouça, Don: há algo que eu gostaria que você fizesse. Telefone para a Margery como um bom rapaz e peça que ela arranje...”

Foi assim que, em uma noite no meio de dezembro, com Don, Margery e uma animada Mary, no banco de trás do enorme carro de minha mãe, cheguei à frente do dormitório de colunas brancas da universidade em que morava a dona dos olhos furiosos.

Uma hora e meia depois, chegamos à nossa cidade universitária, onde Bob, que já sabia de nossa chegada, havia feito uma fogueira na grande lareira e nos

recebeu com entusiasmo. Tomamos uma ou duas bebidas, conversamos, dançamos um pouco. E descobri que chamavam Jean de “Davy” por causa de seu sobrenome; o apelido parecia, de algum modo, combinar com ela, agora que seus olhos já não estavam furiosos.

Então Davy e eu ficamos sozinhos na frente do fogo. Seus olhos, não pude deixar de observar, eram de fato lindos: olhos compridos, cinzentos, com alguns traços verde-claros sob certas luzes. Uma sobrancelha larga e um queixo pequeno e empinado – um rosto em forma de coração. De repente, sem uma reflexão prévia sobre o assunto, comecei a achar que os rostos em forma de coração eram talvez os mais bonitos. Ela não era muito alta, e eu era; mas agora eu me perguntava se, afinal de contas, garotas pequenas não eram mais – bem, tipo, mais adoráveis, sobretudo quando tinham cabelos castanhos brilhosos, uma voz adoravelmente grave e belos olhos.

Conversamos e ficamos olhando um para o outro à luz da fogueira, pois eu havia apagado todas as lâmpadas. Ela me contou sobre uma viagem pelo litoral que fez sozinha, só porque queria estar em um navio e no mar. Nenhuma garota que gostava de navios e do mar podia ser de todo ruim.

[Contou que] Houve uma tempestade, e os passageiros correram ou foram levados para a parte inferior do navio, mas ela, Jean, foi para a proa e agachou-se em um rolo de corda, completamente molhada, mas encantada com a água que vinha ao seu encontro e a proa agitada. Não tenho palavras para descrever quanto essa história me fascinou!

Então, descobrimos que nós dois amávamos poesia. Ela completou uma de minhas citações. Sorrimos um para o outro e nos sentimos muito próximos. Ela não era exatamente uma mulher do campo, mas gostava de cachorros; e sua família tinha uma casa de pedra, construída por seu pai, em um lago no oeste de Nova Jersey.

Davy gostava de remar em uma canoa à noite, ao longo da costa repleta de árvores, ouvindo as corujas. Uma garota que gostava do mar, de corujas, de cachorros e de poesia: Meu Deus! Uma garota única! Então... então ela disse algo sobre como a beleza dói.

“O quê!? Você também?”, exclamei. “Você percebe isso? A dor da beleza? Pensei que eu fosse o único”. Se o amor nasceu naquela noite, não posso dizer com certeza, mas a amizade, sim.

Pela primeira vez, ao menos, ouvi mais do que falei. No entanto, nós dois sabíamos que tudo – o mar, as corujas, os poemas e a beleza, e uma espécie de humor que era mais um sorriso do que uma risada – estava criando laços entre nós. Havia uma crescente empolgação com a descoberta.

Espero ter falado um pouco sobre voar, pois eu estava muito entusiasmado. E Davy tinha muita vontade de voar. Ela era, de fato, uma pessoa cheia de desejos. Se uma palavra isolada pudesse captar a essência dela – a mot juste [a palavra adequada] para ela, sempre –, seria esta: desejo. Alegre, doce e cheia de desejos. Direta também. E valente.

Naquela noite, quando voltamos muito tarde para a cidade, com os outros dormindo no banco de trás do carro e ela e eu ainda conversando animadamente, descobrimos uma verdadeira conexão. Antes eu havia dito que nunca beijaria uma garota a menos que isso significasse mesmo algo. Isso foi um pouco difícil para Davy. De qualquer forma, teria significado algo.

Então, na vez seguinte que a vi, eu a beijei. Mas não foi como ela deve ter esperado, em um cenário de luzes suaves e música. Pelo contrário, foi quando

ela provou que não era uma daquelas garotas que eu detestava. As ruas estavam geladas. Talvez eu estivesse dirigindo um pouco rápido. Estávamos em um importante cruzamento, enquanto as luzes do semáforo mudaram à nossa frente – e havia uma fina camada de gelo na pista. Ficamos impotentes no meio do tráfego. Ônibus passavam por nós como se fossem relâmpagos. Carros freavam desesperadamente, para não nos atingirem. Dei uma olhada para Davy. Ela percebeu e sorriu. Alegre, sorri de volta. Chegamos devagar ao meio-fio diagonalmente oposto. Um policial com uma expressão conservadora veio em nossa direção. Inclinei-me rápido e a beijei. Mais tarde, com o gelo quebrado, por assim dizer, beijei-a muitas outras vezes.

Assim, de maneira bastante improvável, comecei o que devo chamar, a julgar por todos os outros que conheço, de um amor bastante notável. Sua notoriedade estava, não no fato de nos apaixonarmos desesperadamente – muitos já experimentaram essa glória –, mas naquilo que fizemos desse amor. O amor pagão que se tornou invulnerável por meio da Barreira Brilhante.

Nós nos encontramos três vezes naquele mês de dezembro. Infelizmente, um compromisso de um mês impediu que ela viesse comigo para a festa de Ano Novo de Don. Na manhã seguinte àquela festa, bem depois do amanhecer, Bob e eu descemos do carro de Don no portão de Glenmerle. Tínhamos ido a outro lugar de Beech Hill e estávamos todos bêbados por causa do champanhe.

Bob, o hóspede de Don, recusava-se a andar mais um metro com Don, que já havia dormido três vezes ao volante. Don, de modo obstinado, arrancou com o carro. Bob e eu ficamos ali conversando por alguns minutos, com as pessoas que passavam nos carros olhando, curiosas, para nós – gravata branca e fraque no meio da manhã; e então ele, recusando o café da manhã, seguiu a pé para Beech Hill. Por acaso, encontrou a mãe de Don correndo para o local do acidente; eles encontraram Don, aquela coruja idiota, triste, sentado junto a uma cerca, esperando o carro explodir e olhando para o vapor que subia do radiador amassado.

Enquanto isso, eu percorria a entrada de casa, com alguns pássaros de inverno cantando no parque, pensando em Davy, como havia feito a noite toda. Depois de um breve sono, telefonei para ela, justamente quando ela mais esperava; e fui de carro até lá para buscá-la.

No dia de Ano Novo, ela veio para Glenmerle. O padrão do próximo ano já estava definido: ela e eu juntos, e juntos em Glenmerle, que seria o principal cenário para a intensificação de nosso amor.

Daquele dia em diante, não haveria mais ninguém para nenhum de nós, embora cada um de nós fosse confrontado por uma escolha difícil. Seu momento de fazer a escolha, um mês depois, veio com um soldado da Força Aérea que a havia levado aos bailes da academia militar; ele viajaria na noite em que iríamos para um baile universitário.

Meu primeiro impulso foi ser generoso – o que era uma noite? Então reconsiderei. “Ouça, Davy”, eu disse. “Se você sair com ele, em vez de irmos ao baile, será que não vamos nos arrepender depois? Não porque você saiu com ele – isso não é importante –, mas porque, bem... porque esse nosso capítulo não acontecerá. Como foi com a véspera de Ano Novo que não tivemos. Ainda assim, a decisão é sua”.

Nós fomos ao baile. Muito mais tarde, minha escolha, que foi muito diferente, veio quando meu velho companheiro de voo – nós dizíamos ser o “Esquadrão” e havíamos ganhado fama entre os amigos pelas ações imprudentes no ar pediu-me para acompanhá-lo em uma aventura aérea muito interessante no Arizona. Tal aventura significaria ficar fora da faculdade por um ano – e não ver Davy por todo esse tempo. Escolhi Davy. Mais tarde, nós nos referimos a essas escolhas como a “Derrota da Força Aérea” e a “Derrota do Esquadrão”.

Não muito tempo depois do dia de Ano Novo, tive de voltar para a faculdade. Nossos momentos juntos agora seriam os fins de semana e uma noite ou outra no meio da semana.

Na faculdade, Bob e Don espalharam a notícia de meu envolvimento, respaldada por uma linda fotografia de Davy sobre minha mesa. No alojamento da faculdade, sempre que alguém se envolvia ou se separava de seu par, eles cantavam uma música tradicional que dizia: “Ali estava o pequeno Johnny (ou Dicky)/Com as mãos amarradas nas costas...” Depois daquele baile – aquele que foi, afinal de contas, um capítulo de nós –, eles a cantaram para mim.

Muito antes disso, porém, logo após as férias, criei minha própria ruína no alojamento. Eu estava escrevendo para Davy uma noite, apesar do barulho de vozes de vários rapazes na sala e dizia algo sobre como, mesmo nas cidades, vislumbres de beleza eram preciosos. Mas essa última palavra, embora correta, não pareceu correta. “Bob”, chamei. “Como se escreve ‘preciosos’?” Eu devia ter escrito “pressioso”, ou mesmo cortado minha língua antes. No mesmo instante, os filhos da mãe começaram a gritar a plenos pulmões.

Será que eu sabia escrever “adorável”? Que tal “anjo” ou “gracinha”? Levou um tempo para que a zombaria parasse. Anos depois, as pessoas sutilmente ainda perguntavam se eu tinha certeza de como se escrevia “precioso”.

De qualquer forma, embora eu não tenha dito isso, ela era de fato preciosa para mim. A verdade é que estávamos apaixonados praticamente desde o início, apaixonando-nos cada vez mais, se não completamente apaixonados já naquela primeira noite; e devo tentar contar como foi.

Estávamos hesitantes em admitir nosso amor até para nós mesmos a princípio. Era muito cedo; é preciso ter calma; é preciso ser cauteloso. A questão era: esse

amor era confiável? Era como uma carta anunciando a herança de uma fortuna vinda de um tio-avô desconhecido. Algumas coisas levam muito tempo para serem críveis.

Havia em nós dois uma espécie de deslumbramento hesitante que despertava certa incredulidade. Seria possível que aquilo estivesse acontecendo de fato – aquela coisa tão maravilhosa? E, ainda assim, em janeiro, um de nós descobriu algo em apaixonar-se que, com os pronomes adequados, era exatamente o que significava para nós dois; algo um pouco sentimental talvez, mas os amantes são sentimentais. Este texto é citado de memória, com certa imprecisão, mas agradecidos ao autor desconhecido:

Tê-la em meus braços diante do crepúsculo e ser seu companheiro para sempre – isso era tudo o que eu queria enquanto minha vida durasse... E isso, eu disse a mim mesmo com uma espécie de deslumbramento, era o que o amor era: essa consagração, essa curiosa elevação, essa súbita alegria inexplicável e essa dor insuportável.

O que estava acontecendo estava acontecendo para nós dois. Acredito que seja sempre assim, mútuo, e, pelo menos no início, igualmente intenso se estar apaixonado for genuíno. A coisa real – estar apaixonado – requer que algo, como uma faísca indo de um lado para o outro, para que se torne mais intenso a cada momento; o amor precisa ir se acumulando como carga em uma bateria. Aqui não há o som de uma só mão batendo palmas.

Amor não correspondido é outra coisa; não é estar genuinamente apaixonado, penso. Talvez seja uma obsessão e paixão, ou, quem sabe, uma possibilidade de estar apaixonado. Acredito que estar genuinamente apaixonado é bem menos comum do que sugerem os romancistas românticos. Quem nunca esteve apaixonado pode confundir obsessão ou uma mistura de afeição e atração sexual com o estar de fato apaixonado. Mas quando a “coisa real” acontece, não há dúvida. Na selva à noite, como disse alguém, um homem pode confundir o

rosnado de uma hiena com o rugido de um leão; mas, ao ouvir o rugido do leão, ele sabe muito bem que é um leão. O mesmo acontece com o estar genuinamente apaixonado. Foi assim comigo e com Davy. Um esplendor repentino.

Estávamos muito deslumbrados com o esplendor – e tivemos tão poucas noites juntos – para perder muito tempo com os outros. Na cidade, quando eu saía da faculdade, tínhamos jantares tranquilos em restaurantes com mesinhas e meia-luz. Em um deles, uma moça cigana tocava violino de mesa em mesa. Cuidei para que ela viesse à nossa ao meu sinal e tocasse a Humoresque. Quando chegou o momento e ela tocou a música, eu disse baixinho à Davy: “Agora e sempre: Humoresque significa que eu amo você”. Todos os dias, sempre que ouvíamos por acaso essa música, eu dizia essas palavras. Com esse significado bem fixado, eu tinha apenas de cantarolar algumas notas ou assoviá-las para que Davy soubesse.

O lugar que mais frequentávamos na cidade, porém, era o clube de meu pai. Lá podíamos jantar com comedido esplendor. Mais importante, um dos bares do clube, aberto para as mulheres, era uma pequena e charmosa sala completamente apainelada de madeira, com uma nobre lareira de pedra e um imponente consolo. Nela estavam esculpidas as palavras:

Fogueiras, amigos e livros apontam sabedoria, força e cortesia.

O fogo estava lá nos meses mais frios. Éramos amigos tanto quanto amantes; e havia até livros, em caixas fixadas nas paredes. Em frente à lareira, havia dois sofás curtos de couro vermelho de frente um para o outro e, de alguma forma, estavam sempre esperando por nós. Devemos ter passado centenas de horas naquele cômodo quieto e agradável, tomando uísque com refrigerante, examinando o fogo nos olhos um do outro, falando sobre poesia, a vida e o amor. Falando, acima de tudo, sobre como o amor deveria durar: “Ó, como o mel do estio há de respirar/Frente o cerco dos dias, que é implacável...?” Deveríamos elevar a Barreira Brilhante para fazê-la perdurar. A primeira vez que fomos ao

clube, ficamos tão felizes que falamos daquela noite como um “momento que se fez eterno” – mudando o “instante” de Browning para o “momento” atemporal de duração infinita. Deveríamos falar de mil dias e horas felizes como momentos que se faziam eternos.

Com o inverno cedendo ao início da primavera, íamos sempre a Glenmerle. Havia certa ternura e delicadeza em nosso amor, algo um pouco tímido, que era como o início da primavera. Parecia-nos ser impossível acreditar que isto não chegaria ao fim. Época do açafrão. Os salgueiros brotam. Em uma carta, ela falou da “estranha e doce saudade que sinto por você, apenas para poder tocar sua face”.

Nosso amor, claro, parecia-nos um milagre. O primeiro amor sempre parece, a antiga e velha história cantada pelos poetas e tratada com desdém pelo coração enrugado. E, ainda assim, é um milagre, um milagre inacreditável, assim como toda primavera é um milagre.

No aqui e agora, em nós e ao nosso redor, [havia] o esplendor. Então passeávamos por Glenmerle, de mãos dadas, sentindo a agitação na terra e em nosso coração.

Em um dia úmido e enevoado voltei a sair da casa e encontrei-a junto ao lago de lírios, e a ouvi cantando para si mesma a música de Maytime:

“Querida, querida, querida, você sempre vai me amar?...”

No meu quarto, líamos poesias, poemas de Yeats, Shelley e Browning. Ficávamos emocionados com April, de William Morris, e com A Ballade-

Catalogue of Lovely Things, de Richard Le Gallienne. Quase sempre era eu que recitava os poemas, pois alguma coisa relacionada à métrica estava gravada em minha mente; e ela tocava o piano para mim na sala de estar.

Se estávamos envolvidos pelo amor, não estávamos menos envolvidos pela beleza, pelo mistério da beleza. Essencialmente, éramos pagãos, mas se tratava de um nobre paganismo. Adorávamos os espíritos da terra e do céu; adorávamos os mistérios da beleza e do amor. O início da primavera tornava-se plena primavera. O pomar era um mar de flores brancas onde andávamos extasiados à luz das estrelas e do sol. Às vezes andávamos na chuva e apertávamos o rosto em buquês de lilases frescos e úmidos. Eu colhia pequenos ramos de lírios-do-vale para prender na blusa dela. Por mais que isso tenha acontecido com outros amantes, era para nós a maior glória que já havíamos conhecido.

Muito antes do mês que celebra, escrevi para ela o primeiro poema sobre o nosso amor. Era tão verdadeiro quanto um poema poderia ser. Dizia como [esse amor] era e como seria:

MAIO

O pleno inverno se foi

Antes dos clarins de maio,

E surgiu o amor, o precioso amor.

Mas, quando a glória da primavera se for,

Os lilases do nosso amor permanecerão

Para sempre maio, doce e alegre,

Até os lilases se fecharem

Sob a neve mortal.

Na segunda vez em que estivemos juntos, começamos a conversar sobre como deveríamos fazer as coisas se quiséssemos, sobre apenas teoricamente, casar-nos.

Nós já havíamos descoberto valores comuns naquela primeira noite junto à fogueira da faculdade. Agora, um pouco depois da derrapagem perigosa que levou ao nosso beijo, eu disse com grande despreocupação: “Sabe, Davy, quando duas pessoas, bem, se gostam, é sempre possível que – bem, que, hum, algo pode resultar disso. Como, hum, o casamento. Então, por que não falamos sobre isso? Sério, como poderíamos fazer as coisas?”

Davy engoliu em seco e disse com um entusiasmo que mal reprimiu: “Acho que seria muito interessante. E também aprenderíamos muito um sobre o outro”. Então, fizemos isso rápido. Consideramos o que entendíamos ser os problemas normais de um casamento – sogros, dinheiro, tomada de decisões, filhos, ciúmes –, e resolvemos grande parte deles.

Sobre os sogros, dizíamos, a única coisa possível seria uma frente bem unida, que, educada e firmemente, rejeitasse qualquer tipo de interferência. E, claro, qualquer coisa do tipo “vou para a casa da minha mãe” – algo que as mulheres deviam fazer muito –, ou, na verdade, levar os problemas para qualquer pessoa deveria ser, para nós, impensável; seria uma confissão de fracasso e, portanto, o fim. Acordo firmado! Qual o próximo [tópico]? Dinheiro.

Bem, todo dinheiro, de onde quer que viesse, deveria pertencer igualmente a nós dois – seria nosso. Quanto a gastá-lo – e isso nos levou à tomada de decisões –, deveríamos decidir tudo o que fosse importante por meio do diálogo, até que chegássemos a um acordo. Nada deveria ser imposto, nunca.

Agora, os filhos. O que pensávamos sobre isso? Havia –, e nós concordamos; já a essa altura víamos isso –, muitas pessoas para todos os lados. Com hesitação, dissemos: “nada de filhos”.

O que mais? Ciúmes? Esse é o pior destruidor de casamentos de todos. Concordamos em primeiro lugar que o único tipo de casamento que deveria nos interessar seria o tipo de amor em que a infidelidade seria impossível. Se esse tipo de amor estaria sempre presente era algo que ainda não estávamos questionando.

O que sabíamos era que o ciúme implica medo; pode ser corrosivo, mesmo que infundado. Então, havia apenas uma opção: confiança total. E concordamos que, se essa confiança fosse violada, mesmo que apenas um pouco, isso levaria a um rápido fim, pois ela jamais poderia ser restaurada. Mas até lá, por mais arriscado que fosse, a confiança tinha de ser total.

No final da noite, percebemos que havíamos sido muito sábios, muito perspicazes. De certa forma, fomos – embora, é claro, não tivéssemos apreciado a complexidade total dos problemas que havíamos resolvido de modo tão despreocupado. Ainda assim, a maioria dessas decisões tomadas em um clima quase de brincadeira se manteria ao longo de todos os anos e, acima de tudo, a total confiança, concedida e honrada.

Certa noite, saímos do clube e seguimos para nosso carro, um cupê discreto conhecido como o Pato Verde. Seguimos para o campo debaixo de uma chuva torrencial, imaginando o pequeno e confortável carro como a cabine de uma aeronave. Por fim, paramos o carro, ou aterrissamos, para nos beijarmos algumas centenas de vezes antes de eu levá-la de volta à universidade.

Em um intervalo, falamos um pouco mais sobre o que poderia separar o casal. Naquela ocasião anterior, pensamos que os filhos pudessem. Depois, consideramos os bens como coisas que dividem o casal. Conhecíamos uma mulher que amava tanto a casa dela que o marido nunca podia pôr os pés na mesa ou fumar em sua própria casa. Desejamos que ela vagasse pelo mundo sem um teto sobre a cabeça. Concordamos que os bens, quando supervalorizados, eram um fardo e possuíam aqueles que os tinham. Decidimos não possuir nada com o qual não nos sentíssemos confortáveis – [teríamos] réplicas, não originais; encadernações baratas, e não edições raras. Apegamo-nos a essa ideia do fardo causado pelos bens – e anos mais tarde, quando compramos nosso primeiro carro novo, e reluzente, demos fortes marteladas nele para deixá-lo confortavelmente amassado.

Não demorou muito, algumas semanas depois de nos conhecermos, tivemos nossa primeira briga. Minha mãe ficou no hospital por alguns dias, e eu levei Davy para vê-la, deixando-a lá por um tempo para que pudessem se conhecer melhor. No momento oportuno, voltei. Assim que coloquei o Pato Verde na estrada, perguntei sutilmente: “B em, conversaram sobre o quê?”

“Ah, segredos!”, respondeu ela, também sutilmente. “Segredos de mulher. Nunca vou contá-los a você”.

Eu sabia muito bem, claro, que nada de grande importância havia sido dito. Mas, mesmo assim, tive um sentimento confuso de que mesmo os menores segredos poderiam ser uma brecha entre nós. Ainda sutilmente, mas com uma pitada de seriedade, eu disse: “Qual é! Você tem que me contar! Isso faz parte da frente unida.”

“Não”, respondeu ela. “Nós não dizemos uma palavra quando o assunto é segredo.” Seu pequeno queixo estava firme.

“Davy! Você sabe que concordamos que não teríamos segredos. Conte-me!”
“Não!”, afirmou ela. “Também concordamos que ninguém faria imposições, não foi?”

“Eu não estou impondo nada!”, falei. “É algo que concordamos. Conte-me.”
“Não”, ela exclamou. “Eu não vou fazer isso, e ponto final.”

“Você vai contar!”, disse eu, fechando a carranca. “Não vamos ter segredos um com o outro.” Fiz uma pausa. “Olhe”, acrescentei virtuosamente, “eu contaria a você. Então me conte!”

Silêncio.

“Tudo bem!”, falei, virando o Pato violentamente em uma esquina. “Estou indo para a universidade. Se... você... não... me... contar... até chegarmos lá, vou deixar você lá e ir embora. E NUNCA MAIS vou voltar – nunca!”

Fiquei pálido. Ela ficou pálida.

Com o canto do olho pude ver uma expressão fechada. Com o canto do (lindo) olho dela, Davy pôde ver uma expressão fechada em mim também. Seguimos em um silêncio assustador.

Pensei em seu rosto em forma de coração, agora quase com ar de desprezo. Reduzi a velocidade do carro. Ainda assim, o carro se movia. Estava entrando na universidade. Ouvi um pequeno som vindo da direção de Davy, como um

pequeno grito reprimido. Dei uma olhada rápida para ela. Havia lágrimas em seu rosto. Oh, meu Deus! Com uma voz bastante embargada, cantei algumas notas da Humoresque. Ela soluçou alto. Parei o carro. Um jovem passou de bicicleta.

Davy disse em voz baixa: “Tudo bem, vou te contar (soluço). Não é nada mesmo”. Ela contou o segredo, e, é claro, não era nada. Assim que ela terminou, coloquei o Pato na estrada e seguimos para Glenmerle. Ela terminou com estas palavras: “Eu não teria contado a você, fosse o que fosse, se uma pequena voz dentro de mim não tivesse dito que você estava certo: nós realmente não devemos ter segredos um para o outro. Mas você teria feito o que disse? Partido? Para sempre?”

Pensei por um momento e então respondi: “Falei sério, você sabe. Pelo menos, até você deixar escapar aquilo que parecia um grito – se tivesse ido, eu teria voltado. Provavelmente hoje à noite. Para perguntar se você queria falar sobre isso. Porque seria algo que teríamos de resolver”.

Em Glenmerle, parei o carro no estacionamento, e fomos até o banco junto ao lago de lírios. Olhamos um para o outro com sorrisos irônicos. Então nos beijamos, um beijo que foi pura alegria por causa do perigo e da dor que nos assolaram. Haveria outras brigas nos anos futuros – nós dois tínhamos gênio forte (e ambos leoninos, se é que isso vale alguma coisa) –, mas sempre a reconciliação nos braços um do outro seria um paraíso a ponto de nos perguntarmos se a alegria não tinha valido a agonia. A altura e a profundidade.

Era uma agradável tarde de inverno quando isso aconteceu. Um corvo grasnava à distância. Em volta da clareira estavam as árvores do parque, seus galhos nus voltados para cima. À nossa frente estava o lago redondo e plácido, onde outrora navegaram meus pequenos navios. Conversamos seriamente, não sobre a questão já resolvida dos segredos, mas sobre a retidão entre os amantes e sobre como fazer o amor durar. O que emergiu de nossa conversa não foi nada menos, acreditávamos, que o “segredo” central do amor duradouro: compartilhar.

“Olhe”, dissemos, “o que leva duas pessoas à proximidade e ao amor? É claro que existe o mistério da atração física, mas, além disso, estão as coisas que elas compartilham. Nós dois amamos morangos, navios, collies, poemas e toda a beleza, e todas essas coisas nos unem. Essas partilhas simplesmente aconteceram por acaso, mas o que devemos fazer doravante é compartilhar tudo. Tudo! Se um de nós gosta de algo, deve haver algo para se gostar nisso – e o outro deve descobrir o que é. Cada uma das coisas de que qualquer um de nós goste. Dessa forma, criaremos mil fios, grandes e pequenos, que nos unirão. Então estaremos tão próximos que será impossível – impensável – para qualquer um de nós imaginar que poderíamos recriar essa proximidade com qualquer outra pessoa. E nossa confiança um no outro não será apenas baseada em amor e lealdade, mas no fato de mil partilhas – mil fios transformados em algo inquebrável”.

Nosso entusiasmo aumentou enquanto conversávamos. Percebemos que a partilha total era o maior segredo de um amor que duraria para sempre. E, sem dúvida, poderíamos aprender a gostar de qualquer coisa, se quiséssemos. Por meio da partilha, não apenas criaríamos um vínculo de amizade incrível, mas também manteríamos a magia de estar apaixonado. E, a cada ano, mais e mais profundidade.

Nós nos tornaríamos o mais próximo que dois seres humanos poderiam se tornar – mais próximos talvez do que outras duas pessoas já houvessem sido. Quaisquer que fossem as tempestades, quaisquer que fossem as mudanças que os anos pudessem trazer, haveria a proximidade fundamental de toda a nossa partilha. Então vimos nosso caminho, para além do horizonte, à nossa frente. E assim era para ser. Com alegria e seriedade, selamos nosso pacto com um aperto de mãos e, então, de repente, nós nos beijamos.

Coloquei a mão no bolso e tirei um poema. No terrível silêncio de nossa crise, imaginei-o queimando como uma triste chama azul, mas aquele era o momento certo para o poema. Ele incorporava algo que ela havia escrito sobre os galhos nus e, portanto, era particularmente nosso, embora, na verdade, tudo o que já

escrevi tenha surgido do casamento de nossa mente e de nosso espírito. Agora, junto ao lago de lírios, li-o para ela:

PRIMAVERA (Azul)

Nós dois usaremos o azul da primavera,

Ao longo de todos os anos, o lilás e o canto;

Nenhum verão adormecido, ocultando indícios do outono,

Mas sempre abril, botões de flor surgindo.

E, quando a noite cair, antes de perdermos a levedura

Da primavera – galhos nus, estendendo-se, brotando,

Misturam-se silenciosamente aos campos cinzentos do céu,

Um beijo de abril enquanto a escuridão vem inundar tudo.

Para concluir aquele dia memorável – a crise devastadora, a ideia principal que deveria moldar nosso amor e o poema –, meu pai nos convidou para jantar com ele em seu clube e chamou Davy de “uma boa menina” por ter visitado minha mãe no hospital. Davy ficou contente com aquele elogio durante dias. No clube, falamos sobre bifes grandes e vinho. Mais tarde, lembramos do dia em que a partilha nasceu como o dia em que, sincera, esperançosa e alegremente, começamos a levantar a Barreira Brilhante.

A Barreira Brilhante – o escudo de nosso amor; um jardim fechado; uma cerca em torno de uma árvore jovem para impedir que o cervo a mordiscasse; um lugar

fortificado com as paredes e torres de vigia brancas, reluzindo como os penhascos da Inglaterra. A Barreira Brilhante – nós a chamamos assim desde o início – era proteger a árvore verdejante de nosso amor. E, ainda, em outro sentido, era nosso próprio amor, fortalecido por dentro, que era a Barreira Brilhante.

Mas por que o amor precisa ser protegido? Contra quais inimigos? Olhamos ao nosso redor e vimos o mundo como um lugar que se tornou hostil e ameaçador, onde os padrões de decência e cortesia estavam perecendo, e a guerra agigantava-se. Era um mundo onde o amor não perdurava.

O sorriso provocado pelo estar apaixonado parecia prometer a eternidade, mas amigos que estavam apaixonados no ano passado estavam se separando esse ano. A alta taxa de divórcio estava nos noticiários. Onde estavam os apaixonados por mais tempo? Devia ser porque, seja qual for sua promessa, o amor por si só não perdura. Mas por quê? Qual era o real fracasso por trás do fracasso do amor?

Em um dia, no início da primavera, pensávamos ter achado a resposta. O que destrói o amor é a separação que vai se criando entre as pessoas. Estar apaixonado é um presente dos deuses, mas cabe aos amantes cultivar ou arruinar isto. Pensar que o amor está garantido, sobretudo depois do casamento, parar de fazer coisas juntos, encontrar interesses separados, o “nós” que se transforma em “eu”; o ego, só pensar em si mesmo, no que eu quero fazer, o verdadeiro egoísmo a apenas um passo – este era o caminho para a separação gradual. E, no mundo moderno, em especial nas cidades, tudo conspirava para isso. O homem indo para o escritório; a mulher em casa com os filhos – os filhos dela – ou, talvez, num emprego diferente. O fracasso do amor parece ser causado por ódio, tédio ou infidelidade, mas esses eram apenas os resultados. Primeiro vinha a separação gradual – o fracasso por trás do fracasso.

Levantamos a Barreira Brilhante contra a separação gradual, que era, em última análise, [fomentada pelo] ego. Também a levantamos contra um mundo de

indecências e de padrões decadentes; contra o declínio da cortesia e contra aqueles que escarneciam do amor. Teríamos nossos próprios padrões. E, acima de tudo, estaríamos centrados em nós dois, não em cada um separadamente. Seríamos contra a separação gradual usando o grande princípio da partilha.

Víamos o ego como o maior perigo para o amor, o que é; não o víamos como o mal supremo vindo do inferno, o que também é. Víamos apenas o perigo para o nosso amor. Ainda assim, nós nos afastamos dele, nós nos afastamos porque amávamos o nosso amor. E estávamos determinados que ele deveria durar.

Separação gradual e partilha eram lados opostos da mesma moeda. Rejeitávamos atividades separadas, fosse uma partida de bridge, treinar tiro ao alvo ou navegar, porque elas fatalmente levariam à separação gradual; por outro lado, se um de nós gostasse de algo, o outro, em nome da partilha, também deveria aprender a gostar.

Foi nesse momento que reexaminamos nossas dúvidas sobre a questão de ter filhos. Se os filhos pudessem ser criados por uma babá, podendo Davy e eu estar com eles algumas horas do dia, ou mesmo se fôssemos agricultores, os filhos poderiam ser uma boa ideia. Mas, no padrão da vida moderna em que se tornaram o centro da vida da mulher, eles estariam nos separando. Não teríamos filhos. Nem permitiríamos que qualquer carreira se tornasse dominante, a menos que a seguíssemos juntos.

Começamos imediatamente, com entusiasmo e rigor, a viver de acordo com o princípio da partilha. Decidimos que cada um de nós deveria ler os mesmos livros, até mesmo os livros infantis, que o outro havia lido; e fizemos isso.

Da mesma forma que eu estava mais à vontade no mundo da literatura, ela estava no mundo da música; então, comecei a estudar na sala de música da

faculdade, deixando que as sinfonias e os quartetos fluíssem para dentro de mim. Eu poderia continuar a ser quem escrevia poemas, e ela, quem tocava música (ela era uma talentosa organista e pianista), mas os dois passaram a ficar mais confortáveis nos dois mundos, sobretudo na música, que ela amava tocar para mim, e nos livros – claro, [havia] todos os poemas – que líamos em voz alta.

Um desses livros que conheci e amei foi Peter Ibbetson, de George du

Maurier, a história de um amor imortal. Nós o lemos juntos com prazer; e, uma vez que não conseguimos encontrar o filme inspirado nele – já era antigo quando o vi –, organizamos uma encenação particular – em nome da partilha.

Em um parque pequeno e tranquilo, perto do clube onde nos encontrávamos com frequência, havia uma pequena fada de bronze em um toco de árvore petrificado; ela se tornou “La Fée Tarapatapoum”; e “Mimsey” tornou-se um nome secreto e carinhoso para Davy. Mas esse precioso livro foi apenas um entre centenas; e todo livro, como todo poema, concerto ou quarteto de cordas, tornou-se um forte vínculo entre nós. Líamos livros novos juntos ou um logo após o outro. Íamos assistir a peças de teatro e concertos juntos; e, se um dos dois não pudesse ir, o outro também não ia.

Pareceu-nos que uma das coisas que mais nos separavam eram os pontos de vista em relação ao gênero: meninas criadas para pensar como mulheres e meninos, como homens. Assim, começamos um imenso esforço, que continuamos ao longo dos anos, para ver e compreender os pontos de vista muito diferentes. Não seria exagero dizer que aprendi a pensar como uma mulher, e ela, como um homem.

Inevitavelmente, nossa proximidade foi aprofundada, incrivelmente aprofundada, com isso. Nossa tese de que, se um de nós gostasse de algo, deveria haver algo a se gostar nisso que o outro poderia descobrir, foi provada repetidas vezes. E compartilhar era essa união. Mais e mais, enquanto eu lia os

livros e conhecia sua música, ela estava em mim, e eu, nela; e o mesmo acontecia com ela: a inerência simultânea dos amantes.

A Barreira Brilhante era, acima de tudo, partilha e defesa contra a separação gradual, mas desenvolvemos outros princípios. Um deles, claro, foi a confiança total.

Outra coisa que mencionei foi nossa percepção de que os bens poderiam se tornar um fardo. Um pouco mais tarde – refiro-me a um momento um pouco além da primeira primavera –, desenvolvemos o que poderia ser chamado de princípio da espontaneidade: se um de nós tivesse um impulso – parar e ouvir um pássaro, dar um passeio à noite, matar aulas, fazer qualquer coisa –, nós dois faríamos a mesma coisa.

Outro princípio, não exatamente o mesmo, era o da afirmativa: se um de nós chegasse a uma crença, nós dois a aceitaríamos a menos que pudesse ser refutada; para nós, qualquer afirmativa era mais confiável do que qualquer negativa. Se um de nós afirmasse que havia visto um fantasma, não que alguém tivesse visto, o outro aceitaria isso, não zombaria do primeiro.

E havia um princípio de cortesia: o que quer que um de nós pedisse que o outro fizesse – supondo-se que quem havia pedido havia avaliado todas as consequências –, o outro faria. Assim, um podia acordar o outro no meio da noite e pedir um copo de água; e o outro iria buscá-lo pacificamente (e morrendo de sono). Na verdade, definimos cortesia como “um copo de água no meio da noite”. E, para nós, era uma ótima cortesia pedir o copo e também buscá-lo.

Buscamos a proximidade por meio da partilha, a fim de mantermos o estado de estar apaixonado, mas tal proximidade era apenas a união verdadeira. Em uma de nossas primeiras conversas no clube, ilustramos o processo de atingir a união

como aquele em que duas pedras se tornam uma coisa só por meio do atrito – as partes duras de uma vão desgastando as partes macias da outra até que, por fim, o ajuste esteja perfeito: uma única pedra.

Pagãos que éramos, não nos lembramos da menção de Jesus a “uma só carne” em relação ao casamento; se tivéssemos lembrado, talvez tivéssemos tido uma vaga aliança com ele. É claro que percebemos que nosso “ajuste” inicial havia sido bastante satisfatório – sobretudo em resposta à beleza e ao senso de humor –, mas, ainda assim, o processo de tornar-se uma só pedra não foi imune a gritos e berros, em especial porque nós dois éramos fortes e briguentos. Contudo, podíamos rir de nós mesmos.

Outra bênção – embora déssemos tal coisa como algo certo – era que podíamos sempre conversar um com o outro. Nós dois éramos bem articulados, usando as palavras da mesma maneira, e dispostos e ansiosos por falar sobre qualquer coisa.

Por fim, nós dois acreditávamos – mais uma vez, dávamos isto como certo – que podíamos, é claro, mudar se víssemos uma boa razão para isso: nossa mente e nossas vontades estavam no controle.

A declaração, tão comum nestes dias de “psicologização” em massa – “eu sou assim, e você terá que aceitar isso” – teria sido impossível para qualquer um de nós. Talvez tenhamos sido confiantes de modo excessivo, mas não posso deixar de sentir que nossa disposição para lidar com qualquer coisa era totalmente preferível à aceitação passiva de falhas conhecidas.

Na Quinta Sinfonia de Tschaikovsky, há um tema que percorre os quatro movimentos, às vezes melancólico, às vezes ameaçador, tornando-se por fim um hino triunfal. Identificamos nosso amor – a Barreira Brilhante – com esse tema;

ele cantava nosso amor.

Às vezes tínhamos discussões; éramos humanos e tínhamos o gênio forte. Em geral, essas discussões não tinham um motivo aparente; estávamos cansados ou um pouco fora de sintonia, por estarmos separados um do outro.

Nossa proximidade era um perigo no sentido de que estávamos instantaneamente conscientes da menor desarmonia entre nós – uma partícula de poeira que não afeta um despertador pode estragar um belo relógio de pulso. Qualquer suspeita de raiva ou frieza na voz, por menor que fosse, podia incomodar um de nós. Então, a indignação seria expressa com educação.

O amor havia sido traído. Um desastre inacreditável nos tinha sobrevindo. A esperança se fora, os olhos seriam evitados, e um terrível silêncio se seguiria. No entanto, no fundo, sabíamos que, se olhássemos diretamente um para o outro, riríamos daquilo tudo, e a confusão terminaria no mesmo instante. Mas não perdoaríamos aquilo que havia provocado a traição.

Também sabíamos que uma palavra amorosa ou até mesmo um registro – sobretudo a música engraçada de The Love for the Three Oranges [O amor pelas três laranjas] – iria restaurar-nos.

Às vezes um de nós tomava a iniciativa. Certa vez, um pássaro pousou no peitoril da janela aberta e olhou só com um dos olhos brilhantes para nós, em silêncio e imóveis do lado de dentro; nós caímos na gargalhada. Outras vezes o silêncio se tornava constrangedor, e nós dois reprimíamos a vontade de rir; até que, por fim, um de nós soltava uma gargalhada, incontrolavel-mente; e, enquanto ríamos, nós nos tornávamos amantes de novo. Seguia-se então o paraíso: reconciliação, carinho, alegria. Profundidades e alturas.

Aprendemos uma coisa com essas raras brigas: que a separação era um perigo. As discussões sempre apareciam quando nos sentíamos um pouco fora de sintonia um com o outro. Nos últimos dias na Marinha, quando meu navio já estava no mar havia duas semanas, descobrimos que levávamos cerca de 24 horas para recuperar a realidade um do outro, ainda que estivéssemos pensando um no outro sempre. O que acontecia, concluímos, era que, separados, nós nos idealizávamos um pouco e, nesse sentido, perdíamos a noção da pessoa real. Da mesma forma, se saíssemos com outras pessoas várias noites seguidas, ficávamos um pouco fora de sintonia. Devíamos ter dias ou noites apenas para estarmos juntos, tocar músicas, ler poemas e estar ao ar livre. “Sozinhos ao ar livre” – sozinhos, mas juntos – expressava algo de que precisávamos: o vento e o céu, a terra e o mar.

Para protegermos as muralhas da Barreira Brilhante, estabelecemos logo cedo o que, mais tarde, chamaríamos de Conselho dos Navegantes. Era, em parte, uma “sessão da verdade”; mais precisamente, era uma investigação sobre o “estado de nossa união”. Estávamos compartilhando completamente tudo? Havia algum sinal de separação gradual? Esses Conselhos eram quinzenais ou mensais. Neles, bebíamos vinho e começávamos com uma avalanche de música de alguma nobre sinfonia, talvez com o tema cantante da “Quinta”, e então conversávamos. Muitas vezes havia decisões a serem tomadas. Qualquer que fosse a decisão, seria tomada apenas com base no que chamamos de Apelo ao Amor.

O Apelo ao Amor era parte essencial da própria estrutura da Barreira Brilhante. O que isso significava era apenas esta pergunta: o que será melhor para o nosso amor? Um de nós deveria mudar um padrão de comportamento que incomodava o outro ou o outro deveria aprender a aceitá-lo? Bem, o que seria melhor para o nosso amor? O que seria melhor, em qualquer escolha ou decisão, à luz de nosso único objetivo: estar apaixonados enquanto a vida durasse? Nenhum argumento poderia prevalecer contra esse objetivo. O Apelo ao Amor era como o toque de uma trombeta vindo das ameias da Barreira Brilhante, fazendo-nos tirar os olhos de desejos imediatos e olhar para o que era de fato importante.

O Apelo ao Amor, com sua declaração de que o estar apaixonado estava em primeiro lugar para nós, e o próprio nome da Barreira Brilhante, com sua imagem de muralhas, podiam juntos sugerir a exclusão de amizades e do amor familiar.

Essa sugestão era falsa. Um dos três pontos de meu código de infância – que é uma espécie de chave para este livro – era “nunca trair um amigo”. Isso implicava que a amizade era importante para mim; e tão importante para mim quanto para Davy. Acreditávamos em amizades profundas e genuínas, abraçávamos nossos amigos e familiares com muito carinho e éramos muito leais a eles.

A Barreira Brilhante – é necessário lembrar o que era – não excluía nada que fosse bom e belo, como todos os amores nos pareciam ser; e o Apelo ao Amor era apenas uma ordenação de valores: as primeiras coisas em primeiro lugar. Conflitos entre o amor e as amizades raramente – ou nunca – surgiram. Conflitos eram quase sempre entre o ego obstinado e o amor.

Poderia se mencionar aqui que a mais impetuosa das feministas, anos mais tarde, não poderia criticar com facilidade uma união baseada na partilha e o Apelo ao Amor na tomada de decisões, uma união em que ninguém exercia nenhuma autoridade. Fazíamos o que era necessário fazer – tarefas domésticas ou conserto de barcos – juntos como parte da partilha: não em nome dos direitos das mulheres, mas no grande nome do amor.

Sinais eram muito úteis e práticos como uma forma de manter nossas conexões no mundo exterior ou na companhia de outras pessoas. Havia um sinal de reconhecimento, um suave assovio de quatro notas com uma resposta um pouco diferente, que era útil em centenas de situações; e um sinal brusco de alerta ou emergência que tirava, e muitas vezes fez isso, um de nós do sono de

sobressalto.

Para uso na companhia de outras pessoas, tínhamos toda uma gama de sinais que não dependiam de piscadelas ou rostos contorcidos. Na verdade, em geral eram perguntas inocentes do tipo: “Você trouxe aqueles cigarros?” E isso significava coisas como: “Essa pessoa está me matando de tédio: faça alguma coisa!”, “vamos embora daqui!”, “fique de olho na pessoa para quem vou olhar”, “esse que acabou de falar está mentindo” ou “quando sairmos, vamos sugerir à pessoa (ou ao casal), para quem eu olhar, que venha conosco”.

Essas perguntas e muitas outras (algumas mais sutis e complexas), com as respostas apropriadas – nas quais estávamos muito bem treinados – permitiram-nos ter conversas bem elaboradas com privacidade em uma sala cheia de pessoas.

Além desses sinais, pensávamos ser capazes de ler a mente um do outro. Lamentavelmente, isso não era verdade com relação à real telepatia, embora não por falta de tentativa, com raros, mas surpreendentes sucessos que obtivemos, talvez, por coincidência. Mas estávamos, de fato, tão próximos, tão familiarizados com a maneira como a mente do outro funcionava, muito por causa da inerência simultânea dos amantes, que em geral sabíamos, por um simples olhar ou tom de voz, o que o outro estava pensando e, sobretudo, sentindo.

Às vezes, surpreendíamos nossos amigos mais observadores agindo com base em tal conhecimento, praticamente sem perceber que estávamos fazendo isso; mas parecia estranho para quem nos observava. Uma vez, um amigo viu Davy olhar rápido para as velas no consolo de nossa lareira, mas não para mim; e, então, um momento depois, levantei-me e acendi as velas. “Quase me assustou”, concluiu o amigo mais tarde. “Foi muito perfeito.”

A Barreira Brilhante era composta por todos esses elementos, centrados na partilha e na confiança absoluta, que incorporamos ao nosso amor, tornando-o invulnerável, acreditávamos, aos elementos destruidores do amor, como, por exemplo, a separação gradual.

Nós nos apaixonamos – um primeiro amor de primavera – e juramos que o amor deveria durar. Independente do que acontecia com o amor das outras pessoas, o nosso deveria durar. E durou, embora fosse deparar-se, muitos anos mais tarde, com algo que nunca imaginaríamos. O que era notável, se não único, sobre nosso amor – nosso estado de apaixonados – era tudo o que incorporamos nele, entregando-lhe toda a nossa mente e devoção. Mas, por trás de toda a racionalização, estava a amabilidade do amor em si, um amor tão profundo e claro que quase partiu nosso coração com toda a sua paixão e ternura.

A paixão, o elemento sexual, estava presente: e a harmonia sexual, expressa nas brincadeiras sexuais, era uma dimensão importante de nosso amor. Mas não se resumia a isso; e sabíamos que, se fizéssemos disso o único elemento ou mesmo o mais importante, isso seria um convite ao desastre.

Aqueles que veem o amor apenas como sexo, ou sobretudo sexo, não sabem, pura e simplesmente, o que é o amor. São como o cego que imagina que a tromba do elefante – ou talvez o órgão sexual – seja a criatura por inteiro. Sexo é apenas parte de algo maior. Estar apaixonado, assim como apreciar a beleza, é uma espécie de adoração que afasta o amante de si mesmo.

O simples fato de ver Davy dormindo, indefesa, confiante e inocente, foi algo capaz de quebrantar meu coração naquela primeira primavera, ou 12 anos depois disso. Quando nos apaixonamos no auge do inverno, dissemos: “Se não estivermos mais apaixonados na primavera, terminaremos”. Mas estávamos mais apaixonados, pois o amor deve crescer ou morrer.

Todos os anos, em nosso aniversário, dizíamos: “Se não estivermos profundamente apaixonados no próximo ano, teremos falhado”. Mas não era o que acontecia; estávamos em um estado mais profundo de amor, mais próximos, mais amados. Ela estava em mim, e eu, nela; a inerência simultânea dos amantes. E todos os anos brindávamos o futuro no velho brinde: “Se a outra metade for tão boa quanto a metade que já conhecemos, Viva!, para o resto da jornada!”

Mas a Barreira Brilhante, por mais invulnerável que fosse às forças da vida que causam separação, não era invulnerável à morte. Estávamos cientes da morte; aqueles que amam mais a vida sempre estão. Nós nos lembramos, nas palavras de Walter de la Mare, disto: “Contempla pela última vez todas as coisas com olhos graciosos/Todas as horas...” E dissemos, com sinceridade, que se a morte viesse amanhã, depois de apenas um ano desse amor, ou depois de apenas cinco ou dez anos, não seria uma derrota. Por mais breve que fosse, haveria de ter sido um esplendor mortal!

Se a morte viesse para nós dois ao mesmo tempo, não haveria derrota. Mas a morte não faz acepção de amores. Se aperfeiçoássemos de tal maneira nosso amor, se fôssemos completamente um, estaríamos correndo um risco terrível.

Como um de nós poderia suportar a morte do outro? Ficamos assombrados com este pensamento; com terror, sonhávamos com a morte. Foi naquela primeira primavera que sonhei pela primeira vez com a morte de Davy. No sonho, estávamos improvavelmente fazendo palhaçadas no topo de um prédio de dez andares, Davy rindo no parapeito... caindo... e eu descendo às pressas todos aqueles lances de escadas com tanta agonia que me pergunto se não morri em meu sono... ela, na rua deserta, com todos os ossos quebrados... dando-me um beijo e morrendo. Senti a agonia mais terrível de toda a minha vida naquele sonho; e ela era assombrada por esses sonhos também. Isso não deveria ter acontecido.E dessa forma concluímos a Barreira Brilhante: morreríamos juntos. Éramos pagãos, não constrangidos por nenhuma religião, esperando apenas a escuridão. Tínhamos apenas um ao outro e nosso belo amor. “Até os lilases se

fecharem / Sob a neve mortal". Se compartilhávamos esse amor, não deveríamos compartilhar também essa morte?

Resolvemos – de forma profunda e intensa – que, fossem nossos dias longos ou tão breves quanto uma estrela cadente, morreríamos juntos. Se um morresse por um acaso repentino, o outro seguiria o mesmo caminho [quase] instantaneamente. Se um estivesse com uma doença mortal, ou ambos estivessem muito velhos e frágeis para aproveitar a vida (talvez por volta dos 30, poderíamos ter pensado inicialmente), então partiríamos juntos. Pegaríamos um avião, subiríamos até o alto céu e apontaríamos o nariz para baixo, vociferando em queda livre, como uma flecha brilhante na luz do sol, em um último e longo mergulho.

Um pouco mais tarde, quando começamos a planejar ter nossa própria escuna, o "último e longo mergulho" (como ainda o chamávamos) mudou: levaríamos nossa pequena embarcação para o mar; e, então, em uma noite com as estrelas brilhando sobre as águas agitadas, abriríamos as válvulas de fundo e afundaríamos juntos. Nossa resolução de fazer isso era sólida como o aço: faríamos isso. Agora a Barreira Brilhante era de fato invulnerável. Escrevi um poema sobre o último e longo mergulho, uma maneira de morrer:

SE ISSO É TUDO (Rondeau)

Se isso é tudo para louvar

O fim do amor e para negar

A despedida que sozinhos tememos –

Quando os dias perdidos para um se aproximam,

Entregue-os sem um suspiro –

Navegaremos, então, em direção ao mar, você e eu,

Afundaremos nosso navio e, então, morreremos

Ainda assim, ainda juntos, ah, minha querida!

Se isso é tudo.

À luz amamos um ao outro nos dias que se passaram;

Enquanto a escuridão estremece o céu

Enfrentaremos o sofrimento novamente, e a morte – austera

Ministra da escuridão – se unirá a nós aqui,

Juntos sob a noite a repousar

Se isso é tudo.

Em uma manhã de maio, muito antes do amanhecer, de começar a clarear o céu, fui de carro até a universidade. Sob a janela de Davy, assoviei nosso “alerta”. Ela, já vestida, desceu, e nós andamos de carro a noite toda. Em um hangar abandonado deixei-a, munida de roupas quentes para enfrentar o frio do amanhecer, e fui embora.

Davy ficou abrigada naquele hangar abandonado. Uma luz fraca apareceu no leste, e ela pôde ver manchas de névoa na pista de pouso vazia. Então ouviu o som de uma aeronave. Estremeceu, tanto de excitação como de frio. Um momento depois, pôde ver o avião atravessando o céu, um biplano de cabine aberta, avançando em direção à pista. Mais à frente da pista, o avião se inclinou abruptamente e desceu, atravessando as manchas de névoa. O nariz subiu, e o avião pousou com suavidade. O piloto, de capacete, levantou os óculos e acenou.

Davy veio correndo. Abracei-a e dei-lhe um capacete e óculos. Em seguida, coloquei-a no assento de trás, certificando-me de que o cinto de segurança estava bem apertado. Na cabine dela havia um buquê de lilases. Então, sentei-me na frente e taxiei até a beira da pista, virando o avião em direção ao vento. A leste, estava mais claro agora, mas o sol ainda não havia se levantado. Davy se virou e sorriu.

Pisei no acelerador até o fim. O motor rugiu, e o avião começou a percorrer a pista. Ele se levantou; estava no ar. A terra ficou para trás. Subimos para o céu, em direção ao amanhecer. De repente, fomos banhados pela luz do sol, embora a terra lá, embaixo, ainda estivesse escura.

Cada vez mais altos, estávamos acima das nuvens dispersas, de coloração rosa no nascer do sol. O ar estava frio e era puro. Desacelerei até que o motor mantivesse a velocidade de cruzeiro. Davy estava cantando em voz alta. Ergueu o buquê, e os botões se inclinaram para trás. Apontei o nariz do avião para baixo. O avião correu para o sul, e os botões de lilás voltaram a ficar em pé. Logo abaixo havia uma nuvem rosada. Mergulhei nela. Houve um cenário cinza e úmido por um instante, e então irrompemos na direção do ar brilhante do sol e subimos de novo em plena aceleração.

Davy acenou e virou-se para sorrir, querendo dizer que havia adorado aquilo – era seu primeiro voo. O avião se inclinou abruptamente, desceu sob potência e, em seguida, voou para cima – para cima e terminou em um loop. No momento em que ficamos de cabeça para baixo, Davy riu e gritou. Então tocamos o céu naquele belo e esplêndido amanhecer de maio. Um voo em tempo de lilases.

Depois do pouso, de volta à casa dela, nós nos despedimos, pois eu precisava voltar à faculdade. Ainda era de manhã, e estávamos sozinhos em uma das salas da recepção. Davy, sentada em um sofá, estava me contando em que havia pensado durante o voo e como estava ansiosa para aprender a voar, assim como, é claro, compartilhar isso comigo.

Prestes a ir embora, eu estava em pé do outro lado da sala, perto da porta, ainda com a jaqueta de couro e o capacete, e com os óculos pendurados na mão. Um feixe de luz do sol que atravessou uma das janelas altas repousou sobre minha cabeça e meus ombros, deixando dourado meu cabelo castanho-claro.

Eu estava sorrindo para ela. Ela fez uma pausa no que estava dizendo e então disse em voz baixa: “Meu menino de ouro!” Ela nunca se esqueceu daquela imagem minha, parado ali, sob a luz da manhã; uma imagem ligada ao amanhecer e ao voo. Mais tarde, em seu leito de morte, ela murmurou: “Meu menino de ouro!”, e eu soube de tudo o que ela estava se lembrando: os lilases, o voo para o mistério do amanhecer e de mim, sob a luz da manhã.

Naquele adorável mês de maio, passeamos no rio em uma canoa. Ali era ela que comandava; eu só a ajudava. À noite, remamos rio acima e, depois, sentados juntos, encostados na canoa, descemos à deriva, falando em voz baixa para não perturbar a paz da noite. Relembrando isto, penso em seu rosto, um borrão pálido em forma de coração sob a luz das estrelas, e as estrelas brilhantes acima das árvores escuras.

Enquanto maio seguia para junho, uma sombra pairou sobre nós. Uma ou duas semanas depois de acertados todos os detalhes de nosso acordo, tive de partir – isso já havia sido arranjado antes mesmo de nos conhecermos – para ser um guarda no Grand Canyon.

Estávamos juntos em Glenmerle naquele último dia – um dia perfeito de junho – à beira do lago de lírios, mas Davy estava triste e deprimida. Nós dois estávamos tristes com minha partida, mas, ao menos para mim, seria uma nova aventura, enquanto para ela, pobrezinha, significava voltar a trabalhar naquele estúdio fechado. Ainda assim, tínhamos aquele dia de hoje.

Conversamos muito sobre jogar fora horas preciosas, sobre o amor intensificado sob a espada, sobre como o que deveríamos suportar deveria ser suportado de maneira valorosa e alegre. Enquanto conversávamos, Davy fez um verdadeiro esforço para livrar-se de sua tristeza. Fez piadas irônicas sobre si mesma, em seguida entrou em uma onda de humor louco e, por fim, divertiu-se consigo mesma, recuperando a alegria. Então, corri até a casa e peguei sanduíches de carne e limonada, e nós fizemos um piquenique alegre sob o céu de junho.

Por fim, a separação não foi tão absoluta, pois ela conseguiu que sua mãe e seu irmão viajassem – com ela, é claro – para o oeste; e a grandeza do Grand Canyon, de dia e de noite, tornou-se parte de nossa partilha.

Ela se tornou a patrulheira de apoio quando eu estava de serviço; e, nas folgas, explorávamos e íamos longe ao longo da beira do Canyon, com a lua preenchendo a montanha de cima a baixo, como os índios vermelhos assim a chamam, com mistério.

Certa noite, na mata atrás de nós, alguma coisa – se um gato selvagem ou um urso nunca soubemos – emitiu um som rouco horrível (que estava entre o mugido tísico de uma vaca e o zumbido amplificado de um mosquito) – que congelou nosso sangue; e fomos muito rapidamente, na ponta dos pés, para bem longe dali.

Em setembro, quando o novo semestre começou, nós nos casamos em segredo – em segredo por causa das opiniões hostis de meu pai sobre se casar jovem, sobretudo no caso de pessoas ainda in statu pupillari.[6]Por que, então, casar? Por certo, não como uma sanção do sexo; tivemos nossa relação sexual na primavera, sem culpa. Não havia um grande motivo. Em alguma emergência poderia haver um valor legal em nosso casamento. E pensei que Davy ficaria contente – o que de fato aconteceu. Não era, seguramente, um desejo de sentir-

nos “casados”, pois pensávamos em atitudes e brincadeiras conjugais como coisas que destruíam o amor; e nunca superamos nossa aversão às palavras “marido” e “esposa” – dizíamos que éramos “amigos-amantes”. Talvez tivéssemos a sensação de que deveria haver uma confirmação de nossos profundos votos por meio do ritual do casamento.

Em todo o caso, em uma manhã de sábado, com a certidão de casamento em mãos, partimos em busca de um clérigo em alguma aldeia, longe dos lugares que costumávamos frequentar. Fomos de carro até uma aldeia e encontramos a paróquia. Apesar de nós mesmos, sentimos uma pequena onda de excitação. Mas não havíamos contado com a possibilidade de uma partida de futebol; o pároco estava a caminho do campo para assistir ao jogo e torcer por seu time.

Aldeia após aldeia, centenas de aldeias depois – nem um único bom idoso escrevendo seu sermão e meditando. Espantados com a infidelidade do clero, ficamos com calor, cansados e desanimados. Quase a ponto de desistirmos, tentamos uma última paróquia; e lá encontramos um velho cavalheiro de cabelos brancos que, sem dúvida, estava meditando. Talvez [fosse] um santo.

Um trovão ressoou quando entramos. Ele conversou amavelmente conosco por alguns minutos. Então, quando houve outro trovão e a chuva caiu, estávamos casados. Uma irmã acamada no andar de cima assinou como testemunha, o que ela não foi; então talvez isso não tivesse sido legal.

Quando saímos, o sol estava começando a aparecer. O ar tinha o cheiro de chuva e estava bem fresco, e havia poças brilhantes pela caminhada. Enquanto nos afastávamos, um arco-íris apareceu. Os céus haviam aprovado.

Quando chegamos ao parque arborizado onde teríamos nossa lua de mel de dois dias – os únicos hóspedes do pequeno hotel –, descobrimos que cada um de nós

tinha uma ideia diferente quanto à aldeia em que finalmente havíamos nos casado. Nos anos que se seguiram, toda vez que havia alguma diferença insolúvel sobre o fato, dizíamos o nome das duas aldeias um para o outro.

Com o tempo, o casamento secreto se tornou um segredo aberto. Minha mãe soube e conspirou a nosso favor. Até mesmo meu pai deve ter tido a estranha suspeita, mas optou por não perguntar. Na verdade, ele gostava muito de Davy. Ela era uma moça alegre, brilhante e travessa, e sempre jogava xadrez com ele, um jogo muito jogado em Glenmerle. “Senhorita Jean”, como os criados chamavam Davy, tornou-se parte da família e, no verão seguinte, foi a Glenmerle para passar o verão inteiro.

Aquele foi o verão em que Davy e eu cavalgávamos ou caminhávamos quilômetros todas as manhãs. Mesmo quando caminhávamos, em geral fazíamos 16 quilômetros e, uma vez, fizemos mais de 30 quilômetros. Em uma dessas caminhadas, encontramos um filhote de cachorro, basicamente um collie, com talvez um pouco de lobo, em uma fazenda. Nós o escolhemos entre seus irmãos e irmãs, porque ele era o mais teimoso e, ainda assim, tinha olhos tristes; e nós o chamamos de Laddie.

Algum tempo depois, ele se tornou um companheiro alegre e aventureiro em todas as nossas caminhadas ou cavalgadas. Uma vez, ele se enfiou em uma cerca para latir para uma porca enorme e perigosa. Ela grunhiu e levantou-se para atacá-lo. Ele se mexeu e depois agarrou a cauda dela, fazendo-a guinchar com dor e raiva enquanto, apesar de suas patas abertas, ela o arrastava. Aparentemente, ele decidiu que não se atreveria a soltá-la, embora revirasse os olhos para nós. Nós estávamos rindo tanto que não pudemos ajudá-lo, mesmo que soubéssemos o que fazer. Por fim, ele a soltou e fugiu, saltando por cima da cerca como um verdadeiro caçador.

As caminhadas, sobretudo quando o sol se levantava e começava a aquecer-nos, eram agradavelmente cheias de pausas para conversar com algum fazendeiro ou

sua esposa. Às vezes, eles nos convidavam para entrar e tomar um copo de leite fresco. Outras vezes, parávamos e nos sentávamos em um muro, comendo um tomate aquecido pelo sol, conversando ou mesmo permanecendo em pleno silêncio.

Muitas vezes conversávamos sobre o fato triste, e de algum modo ultrajante, de que, para a maioria das pessoas, talvez para nós mesmos um pouco antes, não havia tempo para longas caminhadas e para sentar-se em muros. Citávamos um poema de W. H. Davies no sentido de que a vida se torna pobre se não tivermos tempo para “parar e olhar”, como ovelhas e vacas podem fazer. Concordávamos.

Também não nos alegrávamos com a possibilidade de um dia de folga, de vez em quando, do escritório, pois, mesmo no caso de um só dia, haveria uma sensação de urgência, um tempo muito limitado para “perder” sentados em muros. Como poderíamos planejar uma vida cheia de tempo – uma vida oportuna – em que pudéssemos ficar quietos e relaxados, em que pudéssemos parar e olhar?

Certo dia, depois de termos caminhado como de costume e voltado para nadar, tomar um café da manhã reforçado e tirar uma soneca em Glenmerle, estávamos sentados à beira da piscina, na longa noite de junho, lendo um livro escrito por um cavalheiro chinês, Lin Yutang, sobre a boa vida – que, tanto para ele como para nós, requeria lazer. Quando anoiteceu, fechamos o livro e mergulhamos na piscina. Vestidos de novo, voltamos a sentar-nos nas cadeiras, olhando para o parque lá embaixo, onde havia um milhão de “vagalumes dançando em um labirinto sincronizado/Um tecido feito de crepúsculo e de tranquilidade”, nas falas de Richard Le Gallienne. Conversamos sobre a boa vida, a vida sem a pressão do tempo; uma vida que poderíamos ter juntos, mesmo que tivéssemos de vender maçãs à beira da estrada. Como poderíamos ter uma vida assim?

Talvez as pequenas ondas na piscina, ainda em movimento e refletindo o brilho da luz das estrelas, tivessem algo a ver com isso. De algum modo, alguém, talvez

Davy, disse de forma pensativa: “Seria bom viver perto do mar. É maravilhoso. E poderíamos ter um barco”.

“Se tivéssemos um barco com uma cabine”, disse eu, “poderíamos viver nele. Iríamos aonde quiséssemos. Nada de aluguel. Meu Deus, Davy! Percebe que, se tivéssemos um barco, viver custaria muito pouco? Nada de aluguel; só peixes e caranguejos para comer?”

“Eu gosto de peixe”, respondeu Davy. “Tirando as espinhas. Pense em todas as enseadas lindas e selvagens em que poderíamos ancorar! Ou, se quiséssemos ir para uma cidade, poderíamos ancorar no porto dela e estaríamos logo no centro. Mas, bem, os barcos com cabine, os barcos a motor não usam grandes quantidades de combustível? Todo o dinheiro que economizaríamos no aluguel iria para isso”.

“Hum, isso é verdade”, falei. “Isso não é bom. Ah, já sei! Um veleiro, com uma cabine. O vento é de graça. Um veleiro é mais navegável mesmo. Estamos no caminho certo, Davy!”

“Ah, sim!”, concordou ela, animada. “Ah, querido!” E então, de modo mais incerto: “Mas não sabemos como. Veleiros são terrivelmente complicados – todas aquelas cordas! E a navegação...”

“Podemos aprender, não podemos?”, perguntei. “Na verdade, naveguei um pouco na escola. Enfim, podemos aprender. E, Davy, pense nisso! Qualquer lugar! Inglaterra, Havaí – os lugares mais interessantes estão no mar. E nós teríamos nossos livros e nossas músicas conosco”.

“Nossa casa conosco!”, disse ela. “Como as tartarugas, ou uma tartaruga para os dois. Não importa! Poderíamos conseguir emprego onde quer que estivéssemos e, depois, velejar. E o Laddie poderia ser um lobo do mar!”

“E poderíamos escrever livros”, eu completei. “Ah, querida, acho que esta é a nossa resposta – o caminho para a liberdade! Beleza e tempo para viver. Se pudéssemos comprar um barco...”

Assim nasceu o sonho do mar, nascido das águas calmas de uma piscina. Quando fomos para a cama, assim que uma grande lua dourada disforme surgiu no céu, éramos praticamente marinheiros. Um pequeno passo em nossa caminhada, talvez. E a pintura da caravela em minha parede passou a ter um novo significado.

No dia seguinte, compramos revistas e livros de náutica e mergulhamos neles. Lemos muito, não apenas livros sobre design e manuseio, mas livros sobre os lugares mais distantes do mundo, incluindo os contos fascinantes do Taiti, de Nordhoff e Hall. De fato, ficamos encantados de modo particular com a Polinésia – Havaí, Nova Zelândia, Taiti e o selvagem Tuamotu, o arquipélago sob o vento.

Não demorou muito para termos uma compreensão real das considerações envolvidas na escolha de uma embarcação – ela seria, decidimos, uma escuna, um modelo para águas profundas com uma quilha longa e reta, com cerca de 12 ou 13 metros no total.

Discutimos se a verga da vela deveria ser do tipo carangueja ou bujarrona e se a cozinha deveria ser à meia-nau ou à popa. Sabíamos o que eram ovéns e cintas, estivas e acessórios para os cabos; e não deveríamos sonhar em chamar uma linha de corda. Era tão impensável quanto atirar em uma raposa.

Com base em alguma experiência militar moderada que tive na escola, candidatei-me e obtive um mandato probatório de reserva naval para aprender navegação; fizemos juntos um curso por correspondência sobre marinharia, navegação e até artilharia. Mas, por mais afiados que estivéssemos, nossa vida no oceano ainda estava limitada à canoa, quando já devíamos estar armando velas, enfrentando temporais, puxando quilhas e coisas do tipo. Tudo o que precisávamos era de um veleiro e, claro, de um oceano. Mas os milhares necessários para isso pareciam tão remotos quanto a lua; meu pai jamais nos daria o dinheiro, pois ele tinha ideias consistentes no sentido de que eu deveria alcançar meus próprios objetivos.

Desde o início. nosso navio foi chamado de Grey Goose [Ganso Cinzento]. Não apenas pela natureza selvagem e por ser uma ave aquática, mas por ser um amante. Se a parceira do ganso cinzento morre, ele voa sozinho pelo resto da vida.

Nós desenhamos e pedimos a um ourives para fazer anéis de sinete com um ganso cinzento, em ouro, como se fosse um brasão: o ganso cinzento, uma faixa heráldica, voando sobre ondas estilizadas na base, e, acima e à frente dele, à direita, uma minúscula estrela em safira.

O Grey Goose foi inicialmente apenas um meio para um fim: a boa vida; a vida oportuna. Mas nossa imaginação estava cada vez mais envolvida na graça e na beleza dos navios e do mar. Navegaríamos pelos mares em meio a tempestades e à luz do sol até ilhas distantes, carregando conosco nossos preciosos livros e nossos poucos bens – as primeiras coisas que pensamos sobre o fardo dos bens encaixavam-se de modo perfeito –, e estaríamos livres, livres para ser o que quiséssemos, livres de planos. E, com o tempo, escreveríamos; o que, é claro, poderíamos fazer se quiséssemos – eu não havia tirado A em inglês? –, sendo assim, poderíamos nos tornar marinheiros se quiséssemos. Ou fazer o amor durar.

Escrevemos um enorme poema com 150 versos intitulado Relógio da âncora, começando com o momento em que deveríamos partir com o Grey Goose: “E, de nosso convés, desdenhamos a terra”. Então, ao longo de “toda aquela exultante tarde clara”, acomodamos nossos equipamentos na embarcação: “Os livros e as músicas no salão principal”, comida e armas.

No crepúsculo, sentamo-nos em nosso convés, prontos para navegar com a maré matutina, sonhando com tudo o que viria pela frente: tempestades e noites do sul com o caminho iluminado pela lua estendendo-se pelas águas em movimento, “onde navegam os fantasmas dos galeões”.

Vimos o veleiro entrando em alguma lagoa distante, onde “a âncora agita a água e a proa balança tudo ao redor”, e recolhemos as velas, ouvindo “o som da maré batendo na barreira de recifes”.

Tocamos músicas que flutuam “pela lagoa escura” e, depois, dormimos enquanto os altos mastros “ficam rabiscando as estrelas”.

Esse foi o sonho, nascido à beira da piscina em Glenmerle, que nos envolveu. Envolveu alguns de nossos amigos também.

A combinação de nosso sonho radiante e aventureiro com nosso amor evidente um pelo outro convenceu, em parte, alguns de nossos amigos de que havíamos descoberto algum segredo especial da existência. Talvez tivéssemos: a qualidade da alegria. Alguém – teria sido Byron? – falou sobre ter conhecido isso, mas durante apenas três horas genuinamente felizes em toda a sua vida.

Pensando nesse comentário, abraçamos para nós mesmos o conhecimento de centenas de horas alegres, literalmente. Como eu havia observado, sob a árvore na pradaria muito antes, um grande amor é o caminho para a alegria. Mas como isso deveria ser pago?

Estávamos experimentando as alturas, mas talvez as profundidades estivessem se aproximando. A Europa estava em guerra. É verdade que não estava acontecendo muita coisa – exceto a incrível derrota de um navio de guerra alemão por três valentes cruzadores da Marinha Real Britânica –, e talvez terminasse logo. Mas talvez não. Talvez se transformasse em uma guerra real, envolvendo os Estados Unidos, e anos poderiam se passar; a juventude e o sonho perdidos.

Então a Blitz trovejou sobre França, e o exército britânico foi retirado de Dunkirk por qualquer coisa que flutuasse; queríamos estar lá com o Grey Goose. A França se rendeu. A Inglaterra, todos diziam, seria a próxima. Nós nos recusamos a acreditar e apostamos cada centavo que tínhamos na Inglaterra. Ouvimos a música Rule, Britannia, arrepiados.

No inverno seguinte, decidimos anunciar nosso casamento. Minha mãe aprovou e, generosamente, ofereceu-nos duas semanas na Flórida para “uma lua-de-mel adequada”. Planejamos passá-la olhando para barcos.

De uma maneira muito covarde, conseguimos fazer com que minha mãe contasse ao meu pai sobre nosso casamento na noite anterior ao anúncio nos jornais. Se tudo estivesse em paz, ela colocaria uma lâmpada em uma determinada janela que poderíamos ver do parque. Se não houvesse lâmpada, partiríamos para a Flórida naquela noite. Mas a lâmpada estava acesa.

Quando entramos, dei uma olhada para o escritório: “Olá, pai”, disse. Ele ergueu

os olhos com um meio sorriso. “Boa noite, filho”, respondeu. Algum dia ele diria algo mais, mas tudo estava bem naquele momento. Na manhã seguinte, desviamos um pouco o caminho para a Flórida, desviamos porque visitaríamos, antes, minha tia e meu tio em Bluegrass, no Kentucky.

Não fomos muito longe. Mamãe telefonou na noite seguinte. A marinha, apesar de tempos de relativa paz, estava convocando-me e enviando-me para o mar num destróier, como mais tarde descobri, em Pearl Harbor. Um capítulo em nossa vida estava terminando, e o futuro estava velado.

Mas já havíamos moldado nosso amor, e ele resistiria ao que quer que viesse; acreditávamos nisso. Se o pior acontecesse, e um de nós se fosse, o outro iria logo em seguida: “Aonde você for...”

De alguma forma, fomos capazes de enfrentar essa separação com menor agonia – ou angústia disfarçada de melhor forma – do que a nossa separação na época do Grand Canyon. Éramos bastante otimistas por natureza e tínhamos uma espécie de fé no futuro. Então, tratamos da questão da partida quase alegres. Todo aquele ano estivemos trabalhando juntos em um poema que expressaria o que acreditávamos sobre o amor; um poema que contaria o que escolhemos para nós:

A BARREIRA BRILHANTE

Esta glória presente, o amor, graça uma vez dada,

A soma de bênçãos em um abraço seguro,

Não deve diminuir em uma a separação gradual

Mas deve ser o centro de todo o nosso projeto.

Sabemos que é o amor que mantém um amor seguro
E somente pelo amor ao amor é que o amor pode durar,
Pois o ego é um assassino, negligente com o preço
E amores de primavera não amados se perdem.

Construímos nosso altar, então, para amar e manter
A chama sagrada acesa e nunca dormir;
Este lindo amor se aprofundará ano após ano,
E mais querido será para nós quem nos é tão querido.

A palavra mágica é compartilhar: todo fluxo
De beleza, toda fé, dor e sonho;
Andar de mãos dadas em alegre companhia –
Na realidade da morte, nada de mãos separadas.

E no amor todas as outras belezas
Que pudermos provocar com o tempo imprimiremos
Lentas alvoradas e lilases, enfeites das árvores,
A primavera e os poemas, estrelas e mares antigos.

Este esplendor está sobre nós, alto e puro,

Como o céu; e juramos que ele durará.

Juramos coragem pela dor e fé pelas lágrimas

Para manter nossa Barreira Brilhante ao longo dos anos.

Nós nos despedimos – Davy, meu irmão e eu – na ponte de Glenmerle. Laddie não estava conosco; ele havia morrido um mês antes, e sentíamos a falta dele. Então papai veio até a ponte, e eu entrei no carro. Ele estava orgulhoso de mim, embora não tivesse dito isso; e com um pouco de inveja. Mais tarde, moveria céus e terra para voltar ao exército.

Enquanto o trem se afastava, depois de nosso último aperto de mão, eu o vi parado na plataforma da estrada de ferro, alto, bronzeado e com aparência jovem. Ele acenou para mim e esboçou um sorriso. Eu nunca mais iria vê-lo, tampouco Glenmerle como uma casa viva; mas é claro que eu não sabia disso.

Poucos minutos depois, graças a um arranjo especial, o trem parou ao sinal de alguém na estação de nossa aldeia, e Davy subiu a bordo. Por 320 quilômetros, bebemos xerez e falamos que eu voltaria para ela o mais breve possível. Então houve um rápido abraço e troca de sorrisos, e ela desceu. Pegou outro trem de volta para Glenmerle, e eu continuei.

Antes de partir da costa oeste para Pearl Harbor, recebi uma carta dela, uma carta escrita tarde da noite. Davy descrevia como ela e meu irmão passaram pelos portões em meio à neblina e sob o luar “com o fantasma leal e impudente de Laddie ao nosso lado”, parando na ponte e “vendo o grande abeto azul, um mistério sombrio no gramado envolto pela névoa”.

Agora, mais tarde ainda, “enquanto escrevo, o luar cria um vislumbre fantasmagórico pelos quartos estranhamente vazios de Glenmerle e deixa as janelas prateadas – aqui, onde seu fantasma e o fantasma de todos nós em nossos momentos felizes me assombram”.

Talvez, ao longo dos anos seguintes, ela tenha sentido minha presença ao voltar durante a noite para Glenmerle, em pé, na ponte, enquanto ela passava e vagava pelos cômodos da casa em minha imaginação.

Um dia depois, meu navio partiu em direção ao oeste, e pareceu-me que o longo rastro branco na água se estendia até Glenmerle – e até Davy.

CAPÍTULO 3

A sombra de uma árvore

Em uma manhã de maio, a última do mês, um comprido e estreito destróier da geração conhecida como “navios com quatro funis” navegava lentamente próximo às praias de areia branca e coqueiros de uma ilha. O mar azul-escuro estava calmo, e as grandes nuvens brancas, levadas pelos ventos tropicais, atravessavam o céu azul. Um jovem oficial, em seu imaculado uniforme branco, de repente, saltou no convés e subiu correndo a escada que levava à ponte. Ali, ele pegou os binóculos e, do passadiço, examinou a costa à frente.

Se havia alguma emergência, ninguém parecia se importar. O contramestre não tocou o apito, e os outros oficiais e a tripulação continuaram a realizar suas tarefas com tranquilidade enquanto o navio continuava a navegar vagarosamente. No entanto, o jovem oficial ainda estava em pé, tenso, naquele passadiço, com o sol da manhã refletindo o brilho dourado dos botões de seu uniforme e de seu quepe, olhando de modo fixo para o mesmo ponto na costa, que agora lentamente se afastava. Para trás ficava a ilha de Molokai, no arquipélago do Havaí, e os binóculos do jovem estavam fixos no canal do porto da cidade de Kaunakakai. Passaram-se minutos. O canal ficou fora do alcance da vista. Surgiu dele um pequeno barco de cabine branca. “Senhor!”, disse para outro oficial que se juntou a ele no passadiço. “Lá está ele, senhor! O Ebbtide.”

Meia hora antes havia chegado uma mensagem pelo rádio, vinda da capitania do esquadrão, supostamente na cidade, de que Davy – Davy! – em breve sairia de Kaunakakai no barco Ebbtide, e a mensagem havia sido transmitida do passadiço para a sala dos oficiais pelo megafone. Davy! Como ela poderia estar lá? Ele nem sabia que ela estava no arquipélago, embora houvesse um telegrama na última semana, antes do destróier partir, de que ela chegaria. Mas, ainda assim, Kaunakakai em um barco a vapor! Ele levantou os óculos. Aquela pequena

figura na proa era...?

De fato, Davy estava na proa do barco e ficou, naquele instante, cheia de tristeza ao ver o destróier se afastar. Um minuto depois, a tristeza se transformou em alegria. O destróier estava virando. Ela estava voltando. Houve certa agitação entre a dezena ou mais de pessoas que estavam no pequeno barco; e alguns sorrisos solidários foram direcionados para Davy. O barco seguia ao encontro do destróier. Davy avistou o jovem oficial no passadiço, “bonito, moreno e contente”, enquanto escrevia em nosso diário. Mas “contente” era apenas um eufemismo.

O destróier estava parado na água. O barco deu a volta no destróier, fazendo um amplo círculo. Por um instante, o mastro e o lais do destróier fizeram sombra sobre o pequeno barco a motor branco, e, então, ambos ficaram lado a lado. O jovem oficial olhou para a garota lá embaixo, e ela olhou para ele.

Todos os demais observavam os dois com sorrisos. Era impossível para eles falarem de amor e alegria; eles murmuravam inanidades do tipo “bom-dia” e se olhavam com olhos que falavam por si só. Amor e alegria passaram de um barco para o outro por meio do olhar de ambos, e seus rostos esboçavam sorrisos.

Davy escreveu: "As pessoas ficavam me incentivando a dizer algo, mas eu não precisava. Ficamos perto um do outro por cinco minutos, expressando toda a nossa felicidade para o deleite de todos a bordo dos dois barcos. Devemos ter dado a impressão de sermos como os amantes de livros de histórias, ou talvez um símbolo, para alguns, pois as pessoas vieram a mim mais tarde para dizerem como ficaram emocionadas com a nossa alegria e o nosso amor, tão evidentes. Assim, tivemos por fim nossa primavera – nossa primavera no mar –, amando um ao outro tanto quanto (e mais, se possível) do que nos tempos dos lilases no passado.

Foi dada uma ordem no passadiço do destróier; os motores funcionaram lentamente; o navio começou a se mover. Atingiu a velocidade normal e, depois, a máxima, voltando para seu curso anterior. Davy ficou olhando até o navio desaparecer no horizonte.

Assim foi nosso encontro após a mais longa separação de nossa vida – quase três meses inteiros. No meio da discussão por carta se ela ainda deveria vir – era incerto se o destróier permaneceria naquela área –, Davy apenas enviou um telegrama notificando que ela estava vindo, e veio.

Uma vez que eu estava indo para o alto-mar, cuidei às pressas para que alguns amigos da força aérea, Allene e Jack – Allene era uma velha amiga nossa – encontrassem-na, caso ela viesse; e eles, com outras pessoas do exército, cuidaram da travessia do barco entre as ilhas. O encontro de Davy com o esquadrão de destróieres em Kaunakakai e a chegada de meu navio foram simplesmente nossa sorte de primavera.

Um capítulo de nossa vida terminou quando saímos de Glenmerle, e um novo capítulo começou quando nos encontramos, do modo apropriado, no mar em uma manhã de maio – apropriado, porque, nos anos seguintes, quase uma década, uma década que poderia ser chamada de “meio da manhã” em nossa vida, houve muito do mar, tanto navios quanto barcos.

Nesses anos animados e aventureiros, anos que deveriam incluir, além da marinha e dos barcos, uma grande universidade, Yale, e uma fazenda na Virgínia, o fato mais importante é que a Barreira Brilhante se mantinha. Este livro é, afinal, a autobiografia espiritual de um amor, não dos amantes. E edificamos bem esse amor quando criamos a Barreira Brilhante. Tínhamos aquela beleza especial que os amantes têm – de estar apaixonado – quando olhamos nos olhos um do outro, enquanto nossos dois navios se alinhavam lado a lado naquela brilhante manhã de maio, e ainda a tínhamos, anos mais tarde, na véspera de um novo capítulo em nossa vida que se passou na Inglaterra.

Após nosso encontro em maio, o destróier se manteve em alto-mar por mais uma semana. Certa noite, peguei o turno da meia-noite, às quatro da manhã, como oficial júnior de convés. O navio navegava para o sul à velocidade padrão, fora da vista da terra, à frente de uma formação de quatro destróieres. Eu estava no passadiço, examinando de vez em quando o horizonte com meus binóculos ou olhando na direção da popa, para ter certeza de que os outros navios mantinham a posição. Era uma noite tranquila com uma meia-lua amarela, baixa no céu, deixando seu rastro iluminado nas águas.

O longo e estreito destróier atravessava as grandes ondulações do Pacífico, mas eu já estava muito habituado com isso para notar. O som familiar das ventoinhas e a ocasional batida do casco do navio nas ondas também passaram desapercebidos. Eu estava pensando, não pela primeira vez, naquele encontro com Davy no mar.

Vi de novo o pequeno barco a motor branco fazendo uma curva para se alinhar ao destróier, com Davy praticamente saltando para cima e para baixo no convés, e lembrei-me subitamente de como a sombra do mastro e do lais havia sido, por um instante, nítida e sombria contra o casco branco do Ebbtide, formando um xis.

Senti que isso foi um pouco sinistro. Talvez naquele exato momento o pequeno barco a motor, de encontro a uma rocha, estivesse afundando, e Davy [estivesse] nadando no mar, olhando ao redor à procura de ajuda. Então, ocorreu-me que o mastro e o lais haviam feito uma sombra que mais parecia, na verdade, o sinal cristão da cruz. Senti-me melhor, mas não muito.

O cristianismo era algo com o qual eu não queria nenhum contato. Como alguém podia acreditar nessa tolice? Uma mera religião local da terra, bastante inadequada diante da imensidão das mais distantes galáxias. Inadequada, pelo

menos, para qualquer um que tivesse lido Stapledon e os outros grandes nomes da ficção científica.

Na verdade, eu não me deixei enganar pelos pretextos do cristianismo em minha adolescência; dispensei-o de imediato. Como uma pessoa inteligente podia realmente acreditar nisso: acreditar que um judeu desconhecido que foi crucificado era Deus! O mais estranho era que muitas pessoas, não apenas "cordeiros", mas pessoas muito inteligentes, acreditavam nisso, como T. S. Eliot, Eddington. Na verdade, até mesmo muitos físicos – as últimas pessoas que se esperaria serem levadas por essa fé. Filósofos também.

Seria possível – haveria alguma possibilidade – que houvesse mais nisso do que eu havia imaginado? Não, por certo não. Claro que não! Ainda assim, era estranho. Muito estranho! E também não era apenas uma questão de manter a fé de infância sem nenhuma análise. Alguns – pessoas inteligentes também – eram, na verdade, ateus ou agnósticos que se converteram ao cristianismo.

Poderia haver algo mais no cristianismo? Algo que não percebi? Afinal, eu era muito jovem quando o rejeitei. Ah, mas não poderia haver! Todos sabem o que é o cristianismo. Mas, e aqueles convertidos? Talvez eu deva dar outra olhada nisso. Algum dia, apenas para ser intelectualmente honesto. Não que aquilo pudesse ser verdade, claro! Ainda assim, façamos um jogo limpo. Ouçamos os dois lados. Sim, farei isso. Algum dia!

Aquela avalanche de pensamentos não pareceu ser de muita importância na manhã seguinte. Apenas delírios de um turno noturno. O indivíduo tem pensamentos estranhos no meio da noite. Claro que o cristianismo não era verdadeiro.

Davy se divertiu muito e foi um pouco zombeteira, quando lhe contei sobre isso.

Rimos juntos, e tirei essa ideia da cabeça. Enfim, não havia muito que eu pudesse fazer a respeito; a biblioteca de um destróier em geral tem três exemplares antigos da revista Time. Além disso, tudo aquilo parecia dar muito trabalho. Mas o que era estranho era que eu não havia me esquecido completamente daquele assunto. Não havia esquecido que, algum dia, eu deveria mesmo dar uma segunda olhada. Assim, durante anos fiquei me lembrando disso de vez em quando; lembrando, de fato, com certa repulsa, e sempre encontrando uma boa razão para não fazer nada a respeito no momento. Não agora, mas algum dia!

Davy e eu nos identificávamos como agnósticos, mas éramos de fato teístas. Um criador parecia necessário, um criador com uma inteligência infinita, abraçando a ordem. Além da razão, a única qualidade que atribuíamos a esse poder criativo era a consciência da beleza. Tudo na natureza, na criação, era belo, exceto quando desfigurado pelo homem. Mas não podíamos, ou pelo menos não iríamos, atribuir-lhe de igual modo a bondade, pois o bem estava no homem, não na natureza selvagem, e era equilibrado pelo mal, também presente no homem.

Portanto, [para nós] havia um poder – um deus – da beleza com um alto e inescrutável propósito, bastante misterioso para o homem, não fossem esses indícios que poderiam vir por meio da contemplação da beleza, que estava, de algum modo, no centro de todo significado.

Para nós, o amor era um aspecto da beleza, embora isso não fosse verdade em relação ao poder, que talvez não se importasse nem um pouco com o homem. Podíamos reconhecer um poder criador, mas nossa religião, se é que podia ser chamada assim, era realmente uma adoração ao amor e à beleza. Era o domínio de Afrodite, e, como eu disse, éramos realmente pagãos. Muitos filósofos antigos e, mais ainda, muitos poetas líricos helênicos teriam aprovado, ou pelo menos compreendido, nossa dedicação ao amor e à beleza, nossa confiança na razão e nosso objetivo de alcançar a boa vida.

Em um sábado à tarde, vários meses felizes depois, Davy e eu demos a volta na ilha de Oahu em nosso incrivelmente antigo Ford Roadster que nos custou cem dólares. Nadamos em várias praias expostas ao vento, de areias brancas e com o azul intenso do mar, em geral sem outra pessoa à vista; e subimos uma trilha na montanha.

O tempo estava perfeito, nem muito quente nem muito frio, mas um pouco como meados de maio. E nós, bronzeados pelo sol e ágeis, mergulhando nas ondas ou deitados em praias cheias de sol, protegidas pelo paredão verde das montanhas, estávamos sendo pagãos no sentido mais comum da palavra: apenas amando a vida.

No final da tarde, salgados e banhados pelo sol, voltamos para nosso apartamento em Waikiki. Fizemos uma breve pausa para conversar com um dos oficiais de meu navio e sua esposa. Depois fomos tomar banho e vestir-nos, e seguimos de carro para Hickam Field, a base da Força Aérea do Exército perto do porto, para jantar com Jack e Allene. Um avião de bombardeio trovejou no céu enquanto a sentinela respondia a uma rígida continência.

Tivemos uma noite agradável, mas não sem seu próprio drama. Allene havia nos pedido para levar nossa gravação da “Sexta”, de Tschaikovsky, e sabíamos por quê: ainda vinha à sua mente a lembrança do homem com quem havia ouvido aquela música, George, nosso velho amigo e companheiro de aventuras.

Durante o jantar, Jack propôs que ele e eu voássemos de manhã – no domingo – em um avião de treino, mas eu tinha alguns negócios da marinha a tratar. Depois do jantar, conversamos um pouco, e Jack tocou seu violino. Então Allene quis ouvir a Pathétique. A sinfonia encheu a sala escurecida. Quando as últimas notas sombrias morreram, estávamos todos em silêncio, absortos em nossos pensamentos. Por fim, Allene disse lentamente: “Soa como o canto fúnebre de um mundo moribundo”.

Não muito tempo depois, nós nos despedimos e voltamos para Honolulu, observando as luzes brilhantes que percorriam as colinas.

No início da manhã, em pé em um monte baixo acima de Pearl Harbor, observei a destruição da Frota do Pacífico pelo Japão Imperial. Mais ao longe, os hangares de Hickam ardiam em chamas. Alguns meses antes, minha divisão de destróieres havia escoltado o navio de guerra Arizona de volta à costa oeste. Em uma manhã nublada em Point Loma, a força-tarefa havia encontrado uma flotilha de sampanas de pesca japonesas. Elas saíram do caminho quando o navio de guerra, escuro e gigantesco no mar tranquilo, desceu sobre elas.

Nessa manhã, em Pearl Harbor, lembrei-me daquela cena em Point Loma quando, com meus binóculos fixos no Arizona no exato momento em que seus porões explodiam, vi por um instante e para sempre, na iminência daquela imensa explosão, o corpo de um marinheiro flutuando, ao que parecia, muito delicadamente e à vontade no ar, como se fosse uma pequena boneca de pano branca.

Vi cinco aeronaves japonesas em chamas de uma vez, alvos do fogo da frota. Vi meu próprio navio navegando com rapidez para o canal do porto, com a bandeira usada como distintivo içada. Esvaziei uma pistola em um avião japonês que voava baixo sem, lamentavelmente, qualquer resultado visível. Um arco-íris se formou sobre os navios em chamas. A guerra havia chegado ao Pacífico, e os grandes navios de guerra afundaram em seus próprios ancoradouros. Esperávamos uma invasão a qualquer momento.

Naquela noite, Davy e uma dezena de outras esposas de oficiais da marinha se amontoaram na única sala escura que havia nos apartamentos. Mas, embora não houvesse nenhuma invasão, todas as notícias nos dias e semanas seguintes foram ruins.

A força-tarefa japonesa conseguiu escapar. O capitão de um de nossos grandes navios que chegavam a Pearl Harbor chorou quando viu toda a frota destruída, sem a menor chance de reagir ao ataque inesperado. Guam se foi, e Wake estava afundando. O Prince of Wales e o Repulse, ambos da Marinha Real, afundaram lutando nas águas da Malásia. Inacreditavelmente, Cingapura, a Cidade do Leão, caiu. Jack, nosso anfitrião na última noite em que as luzes estiveram acesas, afundou ao comando de seu bombardeiro, em algum lugar na direção de Midway.

Davy e eu tivemos algumas horas juntos – horas sob grande tensão. A qualquer momento poderíamos ficar separados durante anos, mas isso não aconteceu. Não a fizeram ir embora com as outras esposas de oficiais, pois ela havia conseguido um serviço delicado na marinha. Eu ficava no mar por breves períodos de tempo em águas havaianas.

Depois da batalha de Midway, da qual fiquei longe em um elegante barco a motor adaptado, armado com espingardas de ar comprimido, a guerra se deslocou para o oeste. Davy e eu não estávamos separados e sabíamos que tivemos uma sorte incrível. Havíamos sonhado em velejar para o Havaí no Grey Goose, e o acaso da guerra nos trouxe até nós dois – e nos manteve ali. Há quem quase se sinta um pouco culpado com isso, mas pronto; ninguém poderia ter tido uma guerra mais feliz, mesmo sob grande tensão.

Durante os anos de guerra, mantivemos intato nosso sonho do Grey Goose. Líamos nossos poemas e ouvíamos nossas músicas, e passamos a amar as ilhas, o sol, o mar e o emaranhado de montanhas verdes.

Um lamentável telegrama anunciou a morte súbita de meu pai – em sua última carta de Glenmerle, onde ele estava vivendo sozinho, pois minha mãe estava na casa da cidade. Ele disse que esperava estar de volta ao serviço militar em alguns

meses e terminou dizendo: “Acabei de preparar um uísque com refrigerante, levantei-o em direção ao Pacífico e bebi em saudação a dois bons companheiros, você e Davy”. Agora, por causa de um erro médico, ele estava morto; e eu voei rápido para casa, voltando de ’Frisco em um magnífico cruzador.

No último ano da guerra – quatro anos após as luzes de Honolulu se apagarem –, os iates da marina de Honolulu, sobretudo por causa de meus esforços, foram autorizados a correr de novo no oceano; e fomos recompensados com a adesão ao Yacht Club. Conhecíamos a maioria das pessoas, pois havíamos ficado encantados com os iates, e todos os iatistas amam as pessoas que amam seus barcos.

Já havíamos comprado uma pequena chalupa – um ovo, por assim dizer – precursora do Grey Goose. Agora, começávamos a tripular os grandes iates, aprendendo muito.

Certa vez, a bordo de uma chalupa de cerca de dez metros, fui para a frente para manejar a bujarrona quando Davy apareceu. A ponta da vela bateu em meu caro quepe e o jogou longe. A chalupa, ao vento, mal se movia, e, enquanto o quepe voava, Davy tentava agarrá-lo, indo cada vez mais longe, e então – se ela foi longe demais ou se saltou, nunca soubemos ao certo – lá ela estava no mar.

Naquele instante, a vela maior se encheu com um estrondo, e a chalupa começou a se mover. Estávamos a vários quilômetros de Diamond Head, felizmente, não em uma corrida. A princípio, eu ri, sabendo que Davy sabia nadar como um peixe. Ela riu também e acenou com o quepe na mão. Mas, então, o capitão tentou aproximar-se dela sem conseguir chegar perto o suficiente, e a proa estava voltada para a direção do vento.

De repente, percebi que a cabeça de Davy estava muito longe, no meio de um

grande oceano. Tirei meus sapatos, mergulhei e nadei rapidamente em direção a ela. Ela ficou feliz em me ver, e eu, em vê-la. Peguei o quepe e coloquei-o na cabeça, e, uma vez que a chalupa parecia estar cada vez mais longe, consideramos o longo nado até a praia. Eu não tinha certeza de que conseguiríamos chegar – eram pelo menos 6,5 quilômetros de distância –, mas eu disse: "Chegaremos a tempo para o jantar, eu acho". E Davy retrucou: "Acho que não vou querer sal no meu bife, mas, pelo menos, poderemos ver o pôr do sol". No entanto, eles nos resgataram. A bordo, ninguém fez drama por causa do episódio; mas, naquela noite na cama, para nossa surpresa, estremecemos com um terror tardio quando pensamos que poderíamos ter perdido um ao outro.

Nesse mesmo ano, o último ano da guerra, tivemos nossa primeira – na verdade, nossa única – licença da Marinha: dez dias inteiros. Decidimos começar com um Conselho dos Navegantes prolongado, uma revisão de todos os nossos anos juntos, onde havíamos estado e para onde estávamos indo. Durante três longas manhãs seguidas, canecas de café com creme ao nosso lado, conversamos sobre isso e concluímos que ainda estávamos "em curso". Nosso objetivo naquela primavera há muito tempo em Glenmerle foi apenas manter vivo nosso amor – manter a qualidade mágica de estar apaixonado na primavera. Sabíamos que havíamos mantido isso. A Barreira Brilhante estava firme.

Na manhã seguinte, ao amanhecer, caminhamos por um vale escuro e frio onde nunca havíamos estado. Grandes ipomeias azuis cresciam em um muro, e por fim chegamos a uma piscina de água fresca, onde nos banhamos.

A luz do sol, filtrada pelos galhos das árvores, era refletida na água e no rosto sorridente de Davy, e nos beijamos naquela manhã fria. De algum modo, aquela manhã – um daqueles momentos que ficam para a eternidade – parece, em sua clara e amável "manhãzinha", representar nossa vida naquele momento.

Alguns meses depois, chegaram ordens para que eu me apresentasse em Great Lakes enquanto esperava por uma transferência. Talvez a situação estivesse

melhorando. Mas, assim que chegamos, uma bomba foi lançada, e o Japão se rendeu. Logo depois, eu, agora um capitão-tenente, fui liberado de minhas funções na Marinha. Retomando exatamente onde paramos, fomos para a Flórida.

Dez dias depois, já em Miami, éramos donos de uma chalupa bem robusta chamada Gull, feita de teca e de verga com vela carangueja. A apenas 5,5 metros acima do nível da água, a embarcação tinha dois beliches compridos e uma pequena cozinha na parte inferior. Foi o segundo passo de nosso avanço em direção ao Grey Goose.

Vivíamos a bordo da Gull e navegávamos pelas águas do extremo sul da Flórida, explorando as pequenas ilhas e enseadas, comendo peixes, lagostas e tubarões cinzentos que pescávamos com anzol e linha ou com arpões. Às vezes passávamos dois meses seguidos perambulando pelas ilhas, queimados de sol e seminus, com cabelos longos e aparência selvagem. Depois voltávamos para um ancoradouro no imundo rio Miami, e eu ia com minha máquina de escrever para debaixo de uma palmeira, no pequeno parque adjacente; ali, escrevia uma história sobre nossa aventura em mar e a enviava para a revista

Yachting, que me enviava um pouco de dinheiro. Com ele comprávamos as coisas necessárias para o barco e latas de comida, e zarpávamos de novo.

Imagens daqueles dias livres de preocupação me vêm à mente: Gull com as velas bem abertas diante de uma brisa fresca. Com um arpão na mão, nós dois, da cor de castanhas, vivíamos caminhando com a água à altura da cintura, olhando com atenção para baixo, através da água clara, à procura das antenas de uma lagosta astuta, saindo de debaixo de uma pedra ou tronco afundado, e depois examinando uma enorme salada de lagosta na cabine do barco, durante o pôr do sol. Ou nós dois boiando em águas mornas e rasas apenas com a cabeça e as mãos de fora, coroados com imensos chapéus de palha e segurando livros – um de nós batendo na água de vez em quando, para afugentar a pequena barbatana

de pequenos tubarões que podiam apreciar um ou dois dedos do pé. E ainda ouço os sons das ilhas: o bater de uma vela, o zumbido de mosquitos, o vento no cordame, o grito perdido e selvagem de alguma ave marinha.

Certa noite, depois de velejar o dia todo com um velho marinheiro chamado Cap, que estava nos ensinando, por pura bondade, tudo o que sabia sobre o mar, fomos correndo para a popa de seu Beachcomber, ambos os barcos presos à âncora do barco de Cap. Uma vez que terminamos o jantar com ele, fiquei ali conversando um pouco depois que Davy voltou para o Gull. Então me despedi também. Do convés dele, puxei o Gull, saltei descalço, em silêncio, para dentro de meu barco e fui para a popa. Em pé na cabine, olhei para a escada da escotilha. Davy, com o cabelo brilhando à luz da pequena lamparina, estava debruçada sobre uma série de conchas brilhantes na mesa da cabine. Sobre minha cabeça arqueava a vasta e misteriosa escuridão das ilhas selvagens, sem luz em lugar algum, nem mesmo no barco de Cap, e, abaixo, aquele mundinho brilhante e cálido na cabine onde Davy, sem se dar conta de meu olhar, arrumava suas conchas.

A vida no Gull, embora expansiva no convés – tendo as ilhas e o oceano como nosso jardim –, era como viver em uma caixa de fósforos na parte de baixo do barco. Não pretendíamos continuar a viver assim indefinidamente – era apenas um passo rumo à escuna. Estávamos esperando uma pequena depressão pós-guerra e a queda nos preços dos barcos, quando poderíamos comprar o Grey Goose. Mas isso ainda não havia acontecido.

Certa noite, enquanto nosso barco estava ancorado em segurança em uma ilha, tivemos uma longa conversa dentro da cabine. Decidimos que, enquanto esperávamos por essa queda nos preços dos barcos, não viveríamos mais no Gull, uma vez que havíamos aprendido o que ele tinha para nos ensinar, mas nos voltaríamos um pouco para os livros, para uma universidade – Oxford era o que esperávamos – onde obteríamos uma formação adicional que nos ajudaria a conseguir o emprego temporário enquanto estivéssemos vagando pelo mundo no Grey Goose. Mas Oxford se mostrou impossível naquele momento por causa de

todos os homens que retornavam das Forças Armadas, então procuramos outro lugar.

Quando o outono chegou, estávamos em Yale, imersos em um mar de livros, dos quais 56 tinham de ser lidos até a quinta-feira seguinte. Percebemos a expansão de nossa mente e descobrimos mil caminhos intelectualmente intrigantes para os quais poderíamos voltar algum dia. Entre as coisas que estudamos nos seminários de pós-graduação, em um programa amplo que poderíamos configurar como quiséssemos, estavam a história das ideias, os aspectos da literatura norte-americana e da inglesa, e a história e historiadores ingleses.

Quando queríamos fugir de New Haven, sobretudo no verão, íamos para a casa de campo da mãe de Davy, em Culver Lake, Nova Jersey. Lá podíamos ler em paz, caminhar, navegar em uma canoa ao longo da costa e ouvir as corujas à noite.

Em New Haven, vivíamos em um quarto de solteiro, grande e bonito, originalmente uma sala de jantar ou sala de visitas, de uma antiga casa cheia de estudantes de pós-graduação. Cozinhávamos na maioria das vezes em uma chapa elétrica; às vezes, na cozinha. Em nosso quarto havia uma pequena e elegante lareira, e nela queimávamos não carvão, mas belos pedaços de nogueira – refugos que podíamos comprar por uma ninharia de uma fábrica de armas. Uma cadela bege de focinho preto chamada Gypsy, meio collie, meio husky, pensávamos, havia sido abandonada por seus donos, e nós a adotamos.

Contudo, embora nossa mente tenha sido estimulada e ampliada, embora estivéssemos impressionados com Yale, embora tivéssemos uma casa cheia de amigos e embora – como escrevi em nosso diário – “redescobrimos toda a graça na nudez das árvores do norte”, nunca nos esquecemos do Grey Goose.

Naquele diário, também escrevi: “Em algum lugar, além dos prédios que se agigantam diante deste triste céu de inverno, sopram os ventos tropicais, as grandes ondas azuis rebentam nos recifes, formando uma espuma branca, e uma arrojada escuna balança, presa à sua âncora. Meu Deus! O que estamos fazendo aqui?”

Por mais animados que estivéssemos com a grande biblioteca, com aquela “silenciosa irreverência das bibliotecas” dos versos de E. B. White, às vezes suspeitávamos que os pequenos estudiosos de óculos que se arrastavam pelos corredores daquela esplêndida e ambiciosa biblioteca, escrevendo os comentários versados e notas e mais notas de rodapé, haviam esquecido o significado do poema.

Escrevi um poema desrespeitoso sobre eles, e escrevi no diário sobre estudiosos que “se esquecem, em um mundo de pedras cinzentas e de pergaminhos, que as estrelas brilham sobre uma árvore na praça e que o poema canta. E nós, Davy e eu, se não ficarmos perto do vento e das estrelas, estaremos perdidos em uma nuvem de ambiguidades”. É claro que nós também estávamos escrevendo e publicando artigos versados, mas não nos esquecíamos do poema e do vento no mar!

Certa noite, depois de um seminário, voltei para casa (atravessando a neve e o ar gelado) e pensando que deixaria tudo pronto ou cozinharia o jantar antes que Davy chegasse da biblioteca, mas descobri que ela havia chegado antes.

Um fogo resplandecente ardia na lareira, as velas queimavam no consolo da lareira, a mesa estava preparada com um grande jantar – e as primeiras notas do concerto para violino de Bruch soavam suavemente. Davy sorriu ao meu olhar satisfeito. De repente, era – todo aquele cenário – a mais profunda expressão do amor. Puxei-a em meus braços, atordoado com todo o amor que sentia por ela e ciente da alegria e do adorável e breve calor da vida, com toda a escuridão congelante, a noite interminável e a morte além dela. Murmurei algo nesse

sentido em seu ouvido, tendo-a ainda nos braços enquanto o concerto seguia. Nós dois tínhamos lágrimas, lágrimas de alegria, nos olhos; seja qual for a escuridão além da noite, agora, agora a vela de nosso amor continha a escuridão.

Na primavera, Davy decidiu, certa tarde, levar seu livro ao parque da cidade. Ela o lia calmamente, erguendo os olhos de vez em quando para observar as crianças brincando. Elas foram embora depois de um tempo. Davy continuou a ler. Ouviu um grito rouco em algum lugar atrás dela. O grito foi repetido, e ela se virou para olhar. Um homem estava se expondo. A língua solta revelava um sorriso forçado. Davy se deu conta do crepúsculo e do parque vazio apenas com o homem ali. Ele correu na direção de Davy. Embora eu a tivesse ensinado alguns métodos de defesa pessoal, ela se levantou e correu como uma lebre para fora do parque, com o homem correndo atrás dela até Davy se mostrar mais rápida do que ele.

Davy alcançou a rua, chorando um pouco e cheia de ódio, e voltou para casa. E foi isto: um homem cujo ser era um ego monstruoso, consumido em si mesmo. Teria me dado um enorme prazer tê-lo exterminado. Davy ainda pôde sorrir mais tarde naquela noite, mas não esqueceu a sensação de ser uma presa.

Em nosso tempo em Yale, lemos muito; e ouvimos os gritos de desespero dos poetas, desde The Sick Rose, de Blake, até Faces along the bar, de Auden. E refletimos sobre Hawthorne e seu tema da mancha na alma causada pela culpa. Talvez esse episódio tivesse ligação com isso, e talvez o homem no parque, quase consumido pelo mal do ego, tivesse algo a ver com isso. Em todo caso, naquela noite, alguns meses depois do episódio com o homem no parque, fui à biblioteca à procura de algo, deixando Davy alegremente entretida com um livro.

Cheguei à nossa casa e encontrei o rosto dela coberto de lágrimas; então Davy se agarrou a mim desesperadamente e chorou. Ela levou algum tempo para tentar me contar o que havia acontecido. Os dois versos que ela escreveu no dia seguinte de um poema que nunca foi concluído são o ponto de partida:

“Todo o mundo desmoronou ontem à noite deixando você, só você, e o medo”.

Seus pecados, ela confessou, apareceram e passaram diante dela, com aspecto terrível e conduta escarnecedora. Que pecados? Quais pecados essa criatura cheia de entusiasmo e amorosa poderia ter cometido? Não pecados que o mundo considera pecados. Ela não havia assassinado ninguém, nem roubado um lingote de ouro. Nada de infidelidade, nada de bebedeira secreta, nada de desonestidade, nada de preguiça, nada de chutar cachorros. Mas, às vezes, ela havia ficado ranzinza ou irritada. Havia dito coisas cruéis às pessoas, talvez à sua mãe ou irmão.

Certa vez, durante a guerra, quando um jovem oficial – um amigo que havia sido criado como católico – disse que, algum dia, sem dúvida, voltaria para a Igreja, Davy perguntou com escárnio desdenhoso: “Para quê? Você não é corajoso o suficiente para ficar sozinho?” Ele mudou de assunto.

Agora as palavras de Davy a assombravam. Pecado; ela sabia que existia esse tal de simples pecado, algo que nenhum psiquiatra poderia tratar ou mesmo explicar. Pior ainda, os pecados de omissão. Ela citou uma poetisa cujo nome não sabia: “Ah, beleza que não se tentou!/Ó, coragem valiosa que jamais se ganhou!” Ela ficou profundamente abalada, como eu nunca soube que ela ficaria. Eu sabia. Eu sabia que havia sido uma experiência grandiosa e terrível. Mas como eu poderia entender aquilo – eu que nunca havia experimentado aquilo?

Eu a abracei, a acalmei e dei-lhe meu amor. Mas disse a mim mesmo que aquilo era um estado de espírito estranho, o resultado do homem no

parque, certa aberração curiosa da mente e do coração – como havia sido nosso estranho pavor na noite, depois de termos estado em alto mar, longe de Diamond

Head – pois ela claramente não era uma pecadora, apenas humana e a mais querida por isso. O que ela precisava, o que nós dois precisávamos, era do mar, do céu, da natureza, para acalmar nossa alma. Então, abracei-a e a consolei por algo que eu não podia compreender, mas algo que eu iria ajudá-la a enfrentar.

Eu sei agora, é claro, que ela experimentou a convicção clássica do pecado. O cristianismo sabe tudo sobre isso, mas eu não sabia tudo sobre o cristianismo. Se eu de fato tivesse entendido o que estava acontecendo, entendido aquilo como um processo espiritual, eu teria ficado muito alarmado. Ou, mais uma vez, se eu tivesse entendido profundamente, talvez não tivesse ficado alarmado – mas, para ter um entendimento profundo, eu teria de ser cristão, pois o Cão de Caça do Céu estava atrás dela, seguindo-a com passos incansáveis. Mas eu não compreendia. Nem ela, claro! Mas então, quando "todo o mundo desmorona" em uma noite, a pessoa não se esquece da experiência.

Aquela era a hora de deixar Yale, com o diploma na mão, e seguir em direção ao Grey Goose. Assim, aceitei um emprego como professor em uma pequena faculdade da Virgínia, enquanto nossa escuna estivesse em construção. Encontramos uma antiga casa de fazenda perto da faculdade, a qual, uma vez que o simpático cavalo branco da fazenda havia mordido gentilmente Davy no primeiro dia, batizamos de Horsebite Hall. Lá, nós e Gypsy, nossa vira-lata de New Haven, ficamos abrigados.

Um construtor na costa leste de Maryland assentou a quilha de uma escuna de quase 11 metros. Estreita, a escuna tinha a adorável proa de um clíper, projetada por Howard Chapelle, com quem tivemos longas conversas. Mais tarde, eu escreveria mais artigos para a Yachting sobre essas conversas, sobre a construção e o batismo do barco; e sobre navegar nele.

A escuna tinha uma quilha de segurança e uma verga com vela carangueja, e era muito rápida. Viajamos muitas vezes para a costa leste, a fim de vê-la tomando forma. A partir de um desenho feito por Davy, um amigo escultor estava

entalhando uma figura à proa em um bloco de mogno: uma garota ao vento, valente e graciosa. Sob o mastro principal, alto e inclinado, havia um pedaço de madeira, trazido por mim de um museu ao norte, da confederada e encouraçada Virginia que havia lutado contra o Monitor em Hampton Roads. Ainda assim, dissemos, esse barco seria o último precursor da escuna de quilha profunda para alto-mar que existiria; esse barco não era o Grey Goose. A escuna era o Grey Goose, e assim irei chamá-la. Quando foi inaugurada, Davy a batizou, quebrando uma garrafa de vinho na bela proa curvada e chorando quando a escuna escorregou para a água: “Livra-nos dos estilos de vida estabelecidos!”

Acampamos em terra enquanto a escuna, ancorada em uma piscina formada por um riacho de maré, estava sendo equipada e ajustada. Em uma noite escura e agradável, fomos tomados pelo desejo de remar até ela. O único problema era que não conseguíamos vê-la da costa; não havia nem mesmo a luz das estrelas. Ainda assim, a piscina era pequena; acabaríamos por encontrá-la. Então, remamos em direção à escuridão em nosso barco de surf, um minúsculo barco de proa dupla que havíamos trazido das ilhas, rebocado pelo Gull.

Vasculhamos a piscina, mas nenhum sinal da escuna. Depois de algum tempo, parei de remar para acender um cigarro. O breve clarão da chama afastou a escuridão; e lá, ao alcance de um braço, estava a graciosa e altiva proa, e, acima de nós, a figura nela com seu longo gurupés branco projetado para fora.

O fósforo queimou meus dedos, e acendi outro. Ficamos estranhamente emocionados com esse inesperado vislumbre da altivez da proa da escuna – não se tratava de um barco, mas de um navio. Então fomos para o lado dela e subimos a bordo à popa: “E, de nosso convés, desdenhamos a terra”.

Foi um momento inesperado do sonho que se cumpria, o sonho que havíamos expressado naquele velho poema nos dias em Glenmerle, remando para o Grey Goose. Ficamos sentados ali, na agradável escuridão, por um bom tempo, sentindo a escuna se mover um pouco na âncora, falando do velho sonho, de

Glenmerle e das ilhas.

Enquanto a escuna estava sendo construída para ser inaugurada na primavera, eu, naturalmente, ministrava minhas aulas, e nós vivíamos em nossa casa de fazenda, a Horsebite Hall. Bebíamos água pura da nascente e criávamos galinhas.

Um grande collie apareceu, e Gypsy, para seu aparente assombro, deu crias às quais demos nomes de marinheiros: Jib e Tops'l, Spinnaker e Flurry [Rajada] – uma rajada de vento sobre as águas. Foi Flurry que mantivemos e amamos ao longo dos anos. Ela era rápida, graciosa e inteligente. Certa vez, enquanto ela ainda era filhote, saímos apressadamente após o jantar, deixando tudo, inclusive um presunto inteiro, sobre a mesa. Fora do alcance de Flurry, imaginamos. Ela pensou por um tempo como poderia alcançá-lo. Agarrou o canto da toalha de mesa com seus pequenos dentes afiados, pôs as pequenas patas sobre ela e a puxou. E a puxou.

Chegamos à nossa casa e levamos um susto: uma pilha de louças quebradas. E o presunto inteiro dentro de Flurry, que mal conseguia andar. Ela ouviu nosso suspiro horrorizado e a forma incisiva com que invoquei meu Deus. Talvez ela estivesse curiosa, de qualquer maneira, para saber o que era toda aquela louça quebrada. Enfim, ela levantou o pequeno focinho e rugiu – o rugido mais esquisito, mais pesaroso, mais culposamente arrependido já dado por qualquer criatura, com exceção talvez de um leão culpado. Caímos na gargalhada, incapazes de puni-la.

Gostávamos de Horsebite Hall, alimentando o fogão com lenhas até que ficassem incandescentes, cuidando de nossas galinhas, cavalgando no cavalo sem sela e caminhando. Estando ao ar livre – sozinhos ao ar livre –, escalando as colinas azuis da Virgínia. Cantávamos canções folclóricas sobre a raposa que saiu em uma noite fria e sobre o escocês que se transformou no ladrão de todos os mares, e cantávamos que sabíamos para onde estávamos indo. Também íamos

à igreja algumas vezes, não por causa de qualquer crença, mas apenas para assistir à bela e antiga liturgia anglicana.

Certa vez, participamos da comunhão só porque era o que estava acontecendo no momento. Não significou nada. A menos, claro, que significasse alguma coisa. A igreja que às vezes visitávamos era uma minúscula igreja de 150 anos de idade, a igreja de Santo Estêvão, que ficava em um belo campo ondulado com algumas casas nobres e antigas aqui e ali, e as montanhas Blue Ridge brilhando à distância.

Davy estava pintando. Ela sempre foi hábil com um lápis ou pincel; agora ela estava pintando a sério, ficando cada vez melhor. Pintou a Virgínia: cenas ao longo da estrada de Santo Estêvão e de nossa própria fazenda.

Uma grande nogueira negra sozinha em nossa pradaria, distinguida por um galho bem imponente que se inclinava para cima, vindo de baixo do tronco. Davy fez uma bela representação da árvore, da pradaria e do riacho. Depois fez outra da árvore – reconhecidamente a mesma árvore, preta e sem folhas – mas a pradaria deu lugar a uma paisagem de sonho, com rochas, terras e penhascos. Nos penhascos havia cavernas que pareciam faces grotescas e até diabólicas. Em primeiro plano estava a árvore e, perto dela, o espectro de uma figura feminina – a alma sem sombra de dúvida – orientava-se pelo tato, como se não conseguisse enxergar claramente, em direção à árvore; a árvore cujo galho imponente lançava sobre a terra nua a sombra do Messias crucificado.

A Sombra de um Madeiro. Esta imagem surgiu, é claro, daquela experiência em Yale em que todo o mundo desmorona, e nós a chamamos, sem motivo aparente, de sua “Imagem do Pecado”. Mesmo assim, considerei-a um pouco desconfortável, embora fosse certo que Davy não era cristã. E, afinal, muitos incrédulos usaram o simbolismo da cruz na arte.

Por certo, era só isso. Eu era o único que – por causa da sombra de outro madeiro, estranhamente, a sombra do lais do destróier –, algum dia, talvez, tivesse outra visão sobre o cristianismo, não Davy. Mas a verdade era que eu estava muito longe do cristianismo para julgar a distância de outra pessoa em relação a ele. Eu conhecia Davy quase tão bem quanto a mim mesmo. Mas eu não conhecia o lugar de onde todas as distâncias são medidas.

Descobrimos que podíamos, agora, ir para Oxford se quiséssemos. Queríamos isso quando fomos para Yale. Agora podíamos. Havia várias razões, pensamos, para reforçar o adiamento de nossa grande viagem no Grey Goose por mais dois ou até três anos. Além da própria Oxford, pela qual valeria a pena adiar qualquer coisa, havíamos planejado uma escuna de quilha profunda um pouco maior desde o princípio; e talvez pudéssemos encontrá-la com mais facilidade na Inglaterra. Além disso, em Yale, observou-se que Davy pudesse ter uma doença obscura e inofensiva para a qual uma vida tranquila por alguns anos havia sido sugerida. Por fim, ela não tinha de fato doença alguma, mas isso desempenhou um papel em nossos planos de adiar – apenas adiar – as viagens em alto mar e as ilhas distantes de Oxford.

Estávamos explorando a baía de Chesapeake, as ilhas e os pequenos portos da costa leste, e, em águas rasas, os belos riachos de maré. Havíamos experimentado as violentas tempestades daquele corpo de água e as calmarias. Às vezes levávamos amigos conosco, mas quase sempre éramos apenas nós dois com Flurry e Gypsy como tripulantes, até que Gypsy [Cigana], fiel ao seu nome, fugiu e se perdeu.

A escuna navegava como um sonho, rápida, própria para barlavento e ligeira para mudar de direção. Nos dias quentes de verão, em geral havia a sombra da grande vela principal, e havia um dossel que, ancorado, podia ser armado sobre a cabine. Uma das características mais atraentes era o longo convés, atrás da cabine, onde até eu conseguia me esticar.

Um dia, praticamente na véspera de irmos para Oxford, uma brisa fresca se iniciou logo pela manhã, enquanto deixávamos nosso ancoradouro. Navegamos à plena velocidade em direção ao sul, como se estivéssemos em um clíper, e, na verdade, alcançamos um barco a motor, passando por ele como um redemoinho. Mas, então, à tarde, a brisa parou completamente, e ficamos na calmaria. No entanto, não podíamos estar mais despreocupados. Montamos o dossel e nos esticamos no convés com nossos livros e uma jarra de limonada gelada. Ao anoitecer, uma leve brisa se formou, e o barco começou a se mover enquanto desmontávamos o dossel.

Ele se moveu; as velas estavam adormecidas, mas era o movimento como em um sonho. A água ainda estava calma; a brisa estava no ar e era tão leve que nosso movimento era quase imperceptível e completamente silencioso – o que chamamos de ghosting.

A vela principal nos protegia do sol da tarde. Eu estava na cabine, com um dedo no leme, e Davy ainda estava deitada de bruços, com o queixo apoiado nas mãos. A tripulação – Flurry – estava dormindo na cabine do convés. Fui para a frente por um momento e pude ouvir o som fraco da água tocando o pé da roda da proa, mas nada podia ser ouvido na parte de trás. Sob o céu azul, escurecendo a leste, enquanto o sol se punha com esplendor a oeste, sobre águas calmas que se transformavam em chamas com o sol poente, navegávamos como se estivéssemos em um sonho. À frente, logo à frente, onde o litoral se curvava, uma enseada se abria para o norte.

Naveguei naquela direção, esperando que a leve brisa acabasse a qualquer momento. Mas ela permaneceu e, ao anoitecer, nós nos movemos silenciosamente, paramos e lançamos a âncora nas águas. Demos um mergulho e fizemos um jantar leve.

A noite parecia ficar mais abafada. Talvez uma tempestade estivesse se formando, mas, quando fomos para os beliches, ela não havia se materializado.

Em algum momento da noite acordei, sentindo o navio balançando, preso à âncora. Uma corrente de ar fresco e agradável passava pela escotilha dianteira. Levantei-me em silêncio e passei pela escotilha, até a altura da cintura. No mesmo instante, Davy saiu da escotilha de trás e veio pelo longo convés até onde eu estava, com metade do corpo para fora da escotilha.

A brisa apareceu de repente e seguia para o norte, de modo que ia direto para a entrada da enseada, embora não forte o suficiente para causar qualquer preocupação em relação à nossa ancoragem. Ela havia levado toda a umidade e o ar abafado. O ar estava fresco e aprazível. Dez mil estrelas brilhantes iluminavam o céu. Mas o que nos paralisou foi a fosforescência. Cada pequena onda que se levantava na enseada refletia aquele fogo gelado.

O cabo da âncora era como uma linha de fogo que descia até as profundezas, e os peixes se moviam perto das trilhas de fogo à esquerda. A noite do fogo no mar. Davy havia se aproximado de mim, ainda curvado; coloquei meu braço em volta dela, e ela se aconchegou. Nenhum de nós falou, não mais que uma palavra sussurrada. Estávamos juntos e próximos, impressionados com a grande beleza.

Sei que a sensação de nós dois foi que éramos completamente um: não tínhamos necessidade de falar. Permanecemos assim em meio à beleza atemporal – foram horas? Nunca soubemos. Tudo à nossa volta eram a extraordinária beleza do fogo no mar e as estrelas brilhantes no céu. Estávamos cheios de encantamento – e alegria.

O Grey Goose estava vivo; pequenas ondas o levantavam, e os mastros altos e escuros rabiscavam as estrelas. O momento era totalmente atemporal; não sabíamos que o tempo existia. E o momento continha, portanto, certo deleite antecipado, quem sabe, da eternidade. Por fim, ainda sem falarmos uma palavra, voltamos para a parte de baixo do barco e, com um bem-estar e uma grande paz,

dormimos.

No dia seguinte, não sabíamos se aquele momento atemporal – aquele momento que se fez eterno – havia durado horas ou minutos. Mas a questão, é claro, não tinha importância. O que é importante, talvez, é que o momento foi a culminação de tudo aquilo com o que já havíamos sonhado: não apenas o Grey Goose, não apenas a boa vida – a vida oportuna sem a pressão do tempo –, mas também a árvore frondosa do amor pagão florescendo dentro da Barreira Brilhante. Ainda apaixonados, ainda visivelmente ligados. Estávamos deixando esse projeto do Grey Goose por um tempo, mas só por um tempo. As ilhas distantes aguardavam. A vida se estendia à nossa frente.

No final do verão, o transatlântico da P&O, Stratheden, apertado na corrente do Atlântico, saiu à popa de seu ancoradouro no porto de Nova York, com sons altos de apitos e então avançou, em direção ao mar, com destino a Londres. Nós estávamos a bordo.

CAPÍTULO 4

Encontro com a Luz

Agrama verde e macia do início de junho, pontilhada aqui e ali por pequenas flores azuis, estendia-se até a beira do pequeno riacho. Do outro lado do gramado havia uma antiga faia, e a paisagem também continha muitas outras árvores; algumas próximas, e outras distantes. Um suave céu azul com algumas nuvens espalhadas arqueava-se logo acima. De algum lugar, perto do zênite, vinha a doçura penetrante da música de uma cotovia. Uma fraca névoa suavizava os contornos das árvores mais distantes; e, à distância, também nebulosas, erguia-se o esplendor de torres e pináculos. Assim era Oxford no verão, ao longo do rio Cherwell.

Ali, na grama exuberante, estávamos Davy e eu lendo em voz alta um trecho de um dos livros mais maravilhosos do mundo, O vento nos salgueiros, a parte sobre o Rato e a Toupeira às margens de um rio. Havíamos acabado de rir da resposta do Rato quando a Toupeira admitiu que nunca havia estado em um barco: “O quê?”, exclamou o Rato, boquiaberto. “Você nunca esteve em um... você nunca – bem, eu – o que você ficou fazendo, oras?”

Naquele momento, o livro caiu no chão, e, ainda com um sorriso, ouvimos preguiçosamente a cotovia. Dois jovens impulsionando com varas uma chalana passaram no rio. Um instante depois, ouviu-se o som de sinos distantes; os sinos de Oxford.

Tínhamos chegado à universidade para o início do ano letivo, no outono anterior, e agora estaríamos para sempre entre os amantes de Oxford. E entre os amantes da Inglaterra também, sobretudo da Inglaterra rural.

Em nossa travessia do Atlântico, no transatlântico Stratheden da P&O, comendo curries indianos todos os dias, conversando com ingleses a bordo, já começando a pensar em libras, xelins e centavos da libra esterlina, nós nos perguntávamos como seria chegar à Inglaterra que conhecíamos tão bem nos livros e que eu, pelo menos, conheci quando era bem pequeno: seria, essencialmente, um país estrangeiro, ou, bem..., não tão estrangeiro assim? Mas, no momento em que o navio estava costeando os penhascos brancos e subindo o rio Tâmisa, começamos a pensar no que mais tarde descobrimos ser verdade: nossa vinda para a Inglaterra era como voltar para casa, um lar meio esquecido – mas um lar.

Um incidente curioso ocorreu a bordo do transatlântico. Lendo um aviso afixado na porta do gabinete do comissário – sobre que uma mulher que viajava para o Jubileu em Roma havia perdido a bolsa e os 400 dólares que tinha –, ficamos intrigados com o fato de que o navio tinha exatos quatrocentos passageiros. Apenas um dólar de cada um, e a pobre senhora voltaria a sorrir.

Com nossos dólares na mão, fomos conversar com o comissário de bordo. Mas ele, embora bastante convencido de que a perda era genuína e permanente, não podia, pelas regras da empresa, fazer a coleta. Contudo, acrescentou, por que nós não fazíamos isso? “Ah, não!”, dissemos com um arrepio, nós não podíamos fazer aquilo; éramos tímidos. E então fomos embora.

Pensamos. Olhamos um para o outro. Sorrimos de modo irônico um para o outro. Voltamos. “Vamos fazer isso”, dissemos. O comissário deu uma risadinha. “Boa!”, exclamou ele. Então, com a lista de passageiros em mãos, pedimos o dinheiro a todos, conhecendo assim algumas pessoas fascinantes, desde um barão de Shropshire a um comunista norte-americano – ambos, aliás, fizeram a contribuição e ambos pagaram uma bebida para nós mais tarde.

De fato, todos contribuíram, exceto alguns alemães mal-humorados. Os nova-

iorquinos, no entanto, ficaram invariavelmente desconfiados: “O que nós temos a ver com isso, amigo?” Mas aprendemos a dizer de modo muito educado: “Você se importaria de me dizer se é de Nova York? Você é? Bem, não se preocupe, então. Não estamos pedindo aos nova-iorquinos, pois são muito desconfiados. Desculpe. Muito obrigado”. Cerca de uma hora depois, eles se aproximaram e, com um rude “aqui está!”, entregaram mais de vinte dólares.

Dessa forma, levantamos o dinheiro e o entregamos ao comissário com a recomendação estrita de não contar à mulher que nós havíamos coletado o dinheiro. Ele, ou outra pessoa, porém, traiu-nos; e ela veio até nossa mesa no salão e chorou bastante, o que foi terrível, embora a mulher desse o crédito principal à Virgem Maria.

Para nós, o curioso em todo esse caso foi a pergunta que tantas vezes nos foi feita, e de forma séria: Por que estávamos fazendo aquilo? Éramos cristãos ou algo do gênero? Naturalmente, negávamos. Mas fomos surpreendidos pela suposição. Pensávamos que estávamos apenas fazendo a coisa certa em face das circunstâncias. Por que tantas pessoas pensavam que apenas a suposição de que éramos cristãos poderia explicar aquilo tudo? Muito estranho!

Depois de 15 dias em Londres, seguimos para Paddington e pegamos o trem para Oxford. Quando o trem começou a desacelerar, para chegar ao que pensávamos ser o destino, estávamos olhando pela janela da direita, à procura da estação. Havia paredes de tijolos. Elas terminaram. De repente, vimos torres e pináculos que chegavam ao céu de outono e que iam passando com o movimento do trem – adoráveis como uma cidade em um sonho! Aquilo durou só um momento, e então estávamos na estação.

Fomos recebidos em Oxford por alguém chamado Lew Salter, cuja parenta eu havia conhecido na Virgínia, e sua linda esposa, Mary Ann. Lew, um brilhante físico teórico, estava em minha faculdade, meu Deus! Ele e Mary Ann também eram, descobrimos mais tarde, cristãos fervorosos. Por meio deles conhecemos

quase de imediato seus amigos ingleses, Peter e Bee Campion. Bee era alta e ágil, impaciente com bobagens; Peter, que havia acabado de sair da Marinha Real, fumava cachimbo, tinha um belo sorriso e olhos azul-claros. Peter também era físico no Exeter College. Na mesma ocasião, conhecemos outro amigo deles, Thad Marsh, do Worcester College, magro, espirituoso, inteligente, que estava estudando inglês.

Esses foram nossos primeiros amigos; amigos íntimos. Mais precisamente, talvez, todos os cinco eram cristãos fervorosos e bastante comprometidos. No entanto, gostamos tanto deles que os perdoamos por isso. Começamos, mal sabendo que estávamos fazendo isso, a revisar nossas opiniões, não a respeito do cristianismo em si, mas dos cristãos.

Nossa suposição fundamental, a qual tínhamos tido o prazer de considerar um inteligente insight, era de que todos os cristãos eram enfadonhos, quadrados ou idiotas – pessoas das quais devíamos manter distância. De fato, havíamos mantido distância deles de forma tão eficaz que não sabíamos nada sobre cristãos. Agora essa suposição havia caído por terra. A qualidade mais pura dos cristãos que conhecemos em Oxford acabou com o estereótipo que tínhamos e, a partir daí, uma referência em um livro ou a uma conversa com alguém que era cristão evocava uma imagem completamente nova. Além disso, um fato surpreendente nos acometeu: nossos próprios contemporâneos poderiam ser, ao mesmo tempo, muito inteligentes, civilizados, espirituosos, divertidos – e cristãos.

Se tivessem nos perguntado naquela época o que queríamos dizer quando nos referíamos a alguém como cristão, teríamos dito que nos referíamos a alguém que se dizia cristão. Se pressionados, teríamos acrescentado que era uma pessoa que acreditava que Jesus era Deus, ou um com Deus, ou, pelo menos, que dizia acreditar nisso. Contudo, há pessoas que são tão educadas naquilo que entendem por “cristão” que não usam esta palavra de forma alguma. Quem somos nós, dizem elas, para ter a pretensão de saber quem é de fato um cristão aos olhos de Deus?

Isso é mesmo muito verdadeiro, muito bom. Mas uma palavra que não pode ser usada não é muito útil. E nós precisávamos de – deveríamos ter – uma palavra para definir os cristãos; e deveríamos, portanto, ser fiéis ao antigo uso encontrado no Novo Testamento para designar um cristão: alguém que diz ser um cristão; alguém em quem acreditamos quando alega ser isso. Sem dúvida, há aqueles que são amados por Deus e que não são cristãos. Sem dúvida, há falsos cristãos nas igrejas. Deus pode separá-los como bem entender. Enquanto isso, deveríamos ater-nos ao significado simples, definido e original da palavra: aquele que aceita os ensinamentos dos apóstolos; aquele que crê em Cristo. Nós, portanto, não éramos cristãos. Nossos amigos, sim. Mas gostávamos deles de qualquer maneira.

Encontramos um alojamento em North Oxford e compramos bicicletas. O apartamento de três cômodos na Woodstock Road incluía um piano que Davy poderia tocar para mim. E que Lew Salter poderia tocar também; se não tivesse decidido pela física, ele poderia ter sido um pianista de concerto. Muitas vezes ele tocava para nós; e, quando tocava, absorto em sua música, em seu rosto se estampava um olhar de dor que ele mesmo não percebia.

Nossos amigos apareciam; apenas um deles ou todos os cinco. Tomávamos chá e comíamos bolinhos, junto à lareira, e conversávamos, sempre conversávamos; falávamos sobre a universidade, sobre livros, sobre nosso trabalho – Peter e Lew explicando os tipos de íons; Thad falando sobre Spenser. E falávamos sobre o cristianismo. Não nos importávamos em falar sobre isso.

Oxford é assim, um lugar para falar sobre tudo. E haveria sempre música desde que tivéssemos o piano. Lew tocava, ou mesmo Davy. Às vezes Thad levantava sua agradável voz para cantar. O Trout, Quinteto de Schubert, era um de nossos favoritos, e ficou permanentemente associado, em minha mente e na de Davy, a esse grupo de amigos e ao pub que levava o mesmo nome.

Ainda mais preciosa – a música que depois evocaria Oxford como um todo para mim e para Davi, e seria para mim, para sempre, a lembrança da própria Davy – era a pequena e linda canção elisabetana sobre a mulher que passava:

“Há uma dama doce e afável, / Cujo rosto não poderia agradar mais à minha mente;/ Eu só a vi passar, / E, ainda assim, eu a amarei até morrer”.

Enquanto isso, explorávamos a magia cinzenta de Oxford, “aquela doce Cidade com suas torres dos sonhos”. Íamos a Oxford e a toda a região à volta, às vezes em nossas bicicletas, às vezes a pé.

Havia a Marston Ferry – uma viagem barata pelo rio – e um pub do outro lado. E aquele outro pub do campo, o Perch, com seu agradável jardim no vilarejo de Binsey, que ficava do outro lado de Port Meadow e da ponte em forma de arco.

Mais à frente do vilarejo, escondida por uma longa vereda de faias frondosas – um de nossos primeiros e mais encantadores passeios com um amigo da faculdade, Edmund – estava a antiga e minúscula igreja do vilarejo, a de St Margaret’s, com uma fonte dos desejos ao lado, na qual se lançava um pêni[7] para que o desejo se tornasse realidade. E, claro, [havia] aquele lugar favorito de todas as pessoas da universidade, o Trout, onde as pessoas almoçavam, bebiam cerveja escura no terraço e alimentavam os cisnes da rainha. Depois voltavam a pé para Oxford ao longo do Isis, às vezes chamado de Tâmisa pelos londrinos, observando as competições de barco a remo dos universitários.

De volta a Oxford, sempre éramos, ao que parecia, recebidos pelo som de sinos; sinos por todos os lados, marcando a hora, ou sinos de alguma torre, com badaladas diversas, enchendo o ar de uma magia sonora. Explorávamos todos os cantos daquela cidade de cantinhos encantadores e vistas deslumbrantes e inesperadas de torres e pináculos. Estávamos cientes o tempo todo da forte vida

intelectual de mil anos.

Apesar dos laboratórios modernos, Oxford ainda “respirava os últimos encantos da Idade Média” – aquele muro fazia parte de uma grande abadia; os beneditinos construíram os edifícios longos e encantadores que faziam parte do pátio de uma faculdade; a passagem estreita onde comprávamos artigos para nosso chá era chamada de Entrada dos Frades há séculos; as faculdades levavam nomes do tipo Christ Church [Igreja de Cristo], Mary Magdalen [Maria Madalena] e Corpus Christi [Corpo de Cristo]; e os sinos com seu adorável clamor soaram ao longo dos séculos.

Imperceptivelmente, as eras da fé, quando os homens de fato criam, quando os altivos pináculos elevavam os olhos e os pensamentos deles a Deus, tornaram-se reais para nós, e não algo apenas relatado em um livro. O que estava acontecendo era que o foco de nossa mente, quase sem que o soubéssemos, estava sendo direcionado para a fé cristã que, ao mesmo tempo, inspirava nossos amigos contemporâneos cheios de vida e havia trazido à existência aquela universidade com suas faculdades, igrejas e capelas. Não que estivéssemos sendo convidados a aceitar essa fé, mas estávamos sendo chamados a reconhecer sua existência como uma força antiga e viva.

Havia um enorme esplendor nessas igrejas com seus gloriosos vitrais brilhantes, na música com seu cantochão e nas palavras da liturgia. O esplendor, é claro, não significava que a fé era verdadeira, mas talvez sentíssemos vagamente que ele, de algum modo, sugeria uma validade.

Enquanto conversávamos e tocávamos com nossos amigos, e explorávamos a cidade, eu estava descobrindo a Jesus College, jantando lá duas ou três vezes por semana e fazendo outros amigos na Junior Common Room: Trevor, John e Alan, todos leitores dos “Grandes” (ou clássicos); Edmund Dews, alto e elegante, que nos levou em nosso primeiro passeio em Binsey, e John Dickey, que estudava Direito e escondia, sob uma cordialidade amável e descontraída, um intelecto

afiado como uma navalha.

Houve conversas com vários catedráticos sobre meu trabalho – a questão de escolher um assunto para minha pesquisa – e uma boa dose de leitura investigativa em meio à grandeza secular da Biblioteca Bodleiana.

Muitas vezes, enquanto eu ou Davy e eu nos debruçávamos sobre os livros, havia no fundo da consciência o som persistente – quase monótono e ainda, apesar de tudo, não exatamente monótono, mas animado e até alegre – das badaladas diversas dos sinos em uma das igrejas nos arredores. Além disso, tínhamos também as sociedades da faculdade e da universidade para considerar; sociedades para todos os interesses imagináveis, sérios ou frívolos, incluindo um clube de iate por meio do qual navegamos um pouco no Isis.

Eu, porém, estava preocupado com as coisas que podia fazer, ou tinha de fazer, como jantar no refeitório, algo que não era permitido à Davy. Tivemos uma longa conversa sobre isso, e ela me incentivou a experimentar toda a riqueza de Oxford, depois voltar e contar a ela – e trazer de volta, como de fato eu estava fazendo, os amigos que fiz.

“Prefiro apenas ouvir a não viver nada disso”, dizia ela. “Além disso, não foi isso que Peter Ibbetson e Mimsey fizeram? Mostrando um ao outro em sonhos tudo o que experimentaram? Você pode me fazer ver; você é bom nisso”.

Então foi acordado; enquanto estivéssemos ali, buscaríamos a experiência plena de Oxford – juntos quando pudéssemos, separados quando precisássemos. E eu, muito fielmente, contava tudo a ela, e, no final, o que provaria ser a parte mais profunda de nossos dias em Oxford, compartilhamos por completo.

Uma das sociedades à que me juntei quando convidado foi uma de gastronomia da universidade, limitada a dez membros, chamada The Antler, que duas vezes por semestre jantavam em algum lugar de Oxford, como, por exemplo, no The Bear, em Woodstock, ou no Studley Priory.

O jantar e os vinhos eram meticulosamente selecionados com antecedência por um de nós, usávamos paletó e, na metade dos jantares, convidávamos um convidado ilustre. A conversa ia de boa a brilhante; e o que buscávamos, embora não disséssemos, é claro, era cultura.

Lew Salter era um dos membros [do grupo], assim como Edmund Dews, uma das pessoas mais sociáveis e mais refinadas que, em nossa opinião, ofuscou até o vice-chanceler, Sir Maurice Bowra, na noite em que ele jantou conosco.

Um dos jantares mais memoráveis que tivemos foi um que Davy e eu demos em nosso apartamento em Woodstock. Pedimos à minha mãe que nos enviasse um bom presunto da Virgínia, talvez um Smithfield, inhames e broa de milho. Então tivemos o Jantar de Aniversário de Lee entre os pináculos dos sonhos, com nossos amigos norte-americanos e ingleses, incluindo John Dickey, Edmund, os Cinco Cristãos e outros. John ficou um pouco mais, e conversamos até tarde.

Sempre havia em Oxford, durante todo o ano letivo, literalmente um excesso de coisas boas: produções musicais, incluindo a visita anual da companhia D’Oyly Carte, com as óperas de Gilbert e Sullivan – peças destinadas a Londres, podendo ser vistas primeiro em Oxford –, e, é claro, as regatas dos universitários, que assistíamos do belo barco Jesus, um dentre uma longa fileira de barcos coloridos da faculdade, atracados ao longo da margem do rio.

Enquanto o assunto da importante pesquisa ainda estava sendo escolhido por Davy e eu, escrevi um pequeno artigo para a History Today, que me pagou 20

guinéus.[8] Era sobre o historiador inglês James Anthony Froude, e contei com a ajuda de A. L. Rowse, da All Souls, aquela bela e austera faculdade de bacharéis. Após a conclusão do artigo, meu mentor me convidou para jantar na All Souls, de smoking e, por algum motivo, uma beca longa.

O vasto salão da All Souls era iluminado apenas por velas – a mesa se resumia à luz de velas –, mas um pouco afastado da mesa, para cima, em direção ao teto alto e abobadado, havia escuridão.

Ao seguir meu anfitrião, como parte da procissão de acadêmicos, fui colocado ao lado de Warden Sumner e, durante o jantar, ele conversou comigo com a mais amável cortesia. Seu rosto à luz das velas com toda aquela escuridão atrás – ao longo da mesa só se viam o rosto de intelectuais e o branco das camisas; as becas pretas se fundiam na escuridão – tinha a beleza austera de um santo medieval. Todos os longos séculos de Oxford se concentravam naquele belo rosto de traços delicados. Ele está gravado em minha mente como uma das grandes coisas que vi.

Depois do cais e da conversa, enquanto eu caminhava pela Woodstock Road – com minha beca esvoaçante e os sinos mais próximos e mais distantes anunciando meia-noite –, pensei nas palavras para descrever aquilo para Davy, e imaginei ter começado a entender o real significado de Oxford.

Certa tarde, depois de passear com um amigo ao longo do Isis, caminhei sozinho pelo Port Meadow em direção a Oxford, ouvindo as badaladas diversas dos sinos ao longe. Talvez os sinos tenham me levado a imaginar uma torre de igreja com uma cruz no alto. De qualquer modo, vieram à minha mente, como havia acontecido de vez em quando ao longo dos anos, a lembrança da sombra de uma cruz feita pelo mastro e pelo lais do destróier, e a determinação subsequente de algum dia olhar de novo para a questão do cristianismo. Será que agora era hora de fazer isso? A ideia pareceu menos revoltante do que em outras ocasiões em que ocorreu. É claro que o cristianismo não poderia ser verdade, sugeriu um

pensamento. Ainda assim, mostrou outro pensamento, havia essa determinação – e é preciso ser justo.

Enquanto eu seguia pelas ruas até a Jesus College para pegar minha bicicleta, por acaso olhei para cima. Lá, contra o céu cinzento do crepúsculo, estava a tremenda elevação do altivo pináculo de St. Mary, a Virgem. Tomei minha decisão: era a hora de fazer aquilo. Virei-me abruptamente, quase colidindo com outro homem da faculdade, e entrei na livraria Blackwell's.

Algum tempo depois, cheguei ao apartamento em Woodstock carregando um monte de livros sobre o cristianismo. Durante o chá, contei a Davy meus pensamentos e o efeito daquele pináculo do século 13 de St. Mary, talvez o mais belo da cristandade. Davy ficou feliz.

"Eu estava pensando... deveríamos saber mais", disse ela. "Ah, que bom! Pelo visto você trouxe alguns de C. S. Lewis. Thad e os outros estão sempre falando sobre ele. Enfim, quem é ele?"

"Um catedrático", respondi. "Ele é um dos catedráticos em uma das faculdades (Magdalen), conforme é dito neste livro. No entanto, não ensina teologia. Leciona literatura inglesa. É brilhante! Li parte de um debate dele com um filósofo. Acho que vou ler esse primeiro – Milagres."

"Está bem", falou Davy. "Vou ler Cartas de um diabo a seu aprendiz. Depois podemos trocar. Mary Ann e Lew, todos na verdade, vão ficar satisfeitos, não vão?"

"É claro que sim", concordei. "Mas ouça, Davy. Estamos apenas dando uma

olhada, você sabe. Vamos com calma! Há argumentos consideráveis contra o cristianismo.”

“Ah, eu sei!”, disse ela. “Não sei como isso poderia ser verdade. Mas... bem, como você se sentiria se chegássemos à conclusão de que o cristianismo foi verdadeiro?”

“Hum”, murmurei. “Não sei ao certo. Saberíamos o significado das coisas. Isso seria bom. Mas teríamos que ir à igreja e tudo mais. E, bem, orar. Ainda assim, seria ótimo conhecer os significados e, você sabe, o propósito de tudo. Mas, droga, não pode ser verdade! Como a religião da Terra – uma das religiões da Terra – poderia ser verdadeira para toda a galáxia – milhões de planetas, talvez? É isso que já o invalida logo no começo. É muito pequeno!”

“Eu sei”, disse Davy. “Veja – estes três são uma espécie de trilogia de ficção científica: Além do planeta silencioso, Perelandra e Uma força medonha. Você sabia disso?”

“Meu Deus!”, exclamei. "Não! Vou ler primeiro estes, a não ser que você queira?

“Não”, respondeu ela. “Quero ler as Cartas. Thad diz que é engraçado”.

E foi assim que tudo começou. O encontro com a Luz. Só que, é claro, não começou naquele momento. Tudo começou quando chegamos a Oxford. Ou com a sombra do mastro e dos madeiros. Ou com o abandono da religião de nossa infância. Para crer com convicção, disse alguém, é preciso começar com a dúvida. Onde quer que tenha começado, o que aconteceu foi a junção de coisas díspares – nosso amor um pelo outro e pela beleza; nosso anseio pelo tempo sem

pressão; a noite do fogo no mar gelado no Grey Goose; a qualidade de nossos amigos cristãos; a Oxford construída com as mãos; e a Oxford que vi no rosto do diretor da All Souls. Tais coisas convergiram para uma só, um foco, e a Luz raiou sobre elas.

Havia meia centena de livros naquele primeiro outono e inverno em Oxford. Ficamos interessados, absortos, no estudo do cristianismo desde o início – embora, ainda assim, fosse apenas um estudo.

Foi uma sorte eu ter escolhido ler primeiro a trilogia de ficção científica de C. S. Lewis, pois, além de ser bela e fascinante, conscientizou-me de algo que me unia a ele: o que ele odiava (Uma força medonha); eu também odiava e temia isso.

Muito mais importante, talvez, foi que a trilogia me mostrou: que o Deus cristão poderia, afinal, ser grande o bastante para toda a galáxia. Nada se provou, exceto que, muito razoavelmente, ele poderia ser grande o suficiente. Mas, de fato, uma dificuldade insuperável – a de que o cristianismo era apenas uma religião local – foi superada.

Além de Lewis, lemos G. K. Chesterton, que, com sagacidade, apresentou em O homem eterno e em outras obras um argumento brilhante e fundamentado em favor da fé. E Charles Williams, teólogo e romancista, que abriu o reino do espírito cuja existência desconhecíamos, foi bem importante para nós dois. Já Graham Greene mostrou – assustadoramente – o que era o pecado, e o que era a fé – também de forma assustadora. Dorothy Sayers tornou o cristianismo drástico e empolgante, e atacou a complacência e o torpor como um se fosse um escorpião.

Tínhamos lido T. S. Eliot durante anos, mas agora começávamos a ver o que ele estava de fato dizendo em Quarta-feira de cinzas e em Quatro Quartetos – e isso

nos assustou muito. Sua descrição das implicações de ser um cristão permaneceu em nossa mente: “Uma condição de total simplicidade/(que custa nada menos do que tudo)”. Tudo!

Havia muitos outros livros, incluindo clássicos cristãos como Agostinho, Imitação de Cristo e Apologia Pro Vita Sua. E lemos o Novo Testamento, é claro, em inúmeras traduções com comentários. Mas não há dúvida de que C. S. Lewis foi, do início ao fim, maciçamente, a mais importante leitura para nós dois. Somente alguém que encarou a pergunta – o cristianismo é falso? – pode ajudar outra pessoa a resolver a pergunta oposta: ele é verdadeiro?

Lemos tudo o que Lewis escreveu, incluindo O grande abismo, Milagres, O problema do sofrimento, O regresso do peregrino (que achei muito significativo) e muito mais, incluindo seus trabalhos acadêmicos, como Alegoria do amor.

O aprendizado com esse homem era imenso – na literatura inglesa, nos clássicos e, a despeito de suas ressalvas, na teologia. Sua mente talvez tenha sido a mais brilhante e, por certo, a mais lúcida que já conhecemos. Ele escreveu sobre o cristianismo no estilo mais cristalino possível, sem um traço de hipocrisia, de imprecisão ou de duplo sentido, sem sugerir em nenhum momento que algo deveria ser aceito sem motivos razoáveis. Ele nos deu, simples e diretamente, argumentos convincentes com espirituosidade. E com aquela imaginação incrível.

Enquanto líamos, conversávamos com nossos amigos cristãos, levantando nossas questões e dúvidas. Eles respondiam com muita paciência e ponderação. A essa altura, havia outros amigos cristãos além dos cinco primeiros, em especial um pequeno galês de minha faculdade chamado Geraint Gruffydd, um poeta e leitor de poesia.

Certo dia, tivemos um importante insight – Davy e eu – quando percebemos que nossos amigos, embora anglicanos, batistas, católicos romanos e luteranos, estavam unidos por algo maior: o cristianismo puro e simples, como diria Lewis – do que aquilo que os separava.

“E todos eles são tão – tão felizes com seu cristianismo”, disse Davy. E eu concluí: “Poderia ser – essa felicidade – o que se chama de ‘alegria cristã’? O que você acha?” Naquela noite, escrevi em nosso diário:

O melhor argumento a favor do cristianismo são os cristãos: sua alegria, sua convicção, sua completude. Mas o argumento mais forte contra o cristianismo também são os cristãos – quando são sombrios e sem alegria, quando são donos da verdade e presunçosos em sua consagração complacente, quando são limitados e repressivos, então o cristianismo morre milhares de vezes. Mas, embora seja justo condenar alguns cristãos por essas coisas, talvez, no fim, não seja justo, embora muito fácil, condenar o próprio cristianismo por causa deles. De fato, há indicações impressionantes de que a qualidade positiva da alegria está no cristianismo – e talvez em nenhum outro lugar. Se isso estiver certo, seria uma prova de uma ordem muito alta.

Se mentes como a de Agostinho, de Newman e de Lewis puderam lidar com o cristianismo e tornar-se fortalezas dessa fé, ele tinha de ser levado a sério. Contorci-me um pouco ao pensar em meu desprezo cômodo e ignorante de outrora.

A maioria das pessoas que rejeitam o cristianismo não sabe quase nada sobre o que estão rejeitando; aqueles que condenam o que não entendem são, por certo, homens pequenos.

Graças a Deus, se existe um Deus, dissemos, que estamos pelo menos olhando

séria e honestamente para isso tudo. Se nossos amigos cristãos – físicos nucleares, historiadores e eruditos competentes em outras áreas – podem crer em Cristo, se C. S. Lewis pode crer em Cristo, devemos, pelo menos, avaliá-lo muito seriamente.

Davy e eu, concluímos mais tarde, fomos muito ajudados em nossa profunda análise do cristianismo pela posição em que considerávamos estar; não supúnhamos em absoluto que fôssemos cristãos só porque éramos pessoas mais ou menos simpáticas que acreditavam de modo vago que poderia haver algum tipo de deus e que haviam pisado em uma igreja. Estávamos fora desse grupo. Assim, estávamos perfeitamente cientes de que a alegação central do cristianismo era e sempre foi a de que o mesmo Deus que fez o mundo havia vivido no mundo e sido morto pelo mundo – e que a (alegada) prova disso era a ressurreição dele dentre os mortos.

Isso, na verdade, era precisamente aquilo em que nós, pelo menos até aquele momento, não acreditávamos. Mas sabíamos que era preciso crer nisso se quiséssemos dizer que éramos cristãos. Logo, não nos considerávamos cristãos.

Mais tarde, conheceríamos pessoas que não acreditavam nessa afirmação central da mesma forma que não acreditavam no coelhinho da Páscoa, mas se consideravam cristãs em virtude, aparentemente, de frequentar a igreja, ser simpáticas e respeitáveis, e aceitar alguns trechos do Sermão da Montanha.

Escrevi em tom sarcástico que essas pessoas são prova de que pode haver fumaça sem fogo. Mas Davy e eu não estávamos tão próximos do cristianismo a ponto de ver isso. Não confundíamos as colinas ao pé da montanha com a montanha em si. Víamos a montanha ali, apenas com muita clareza, solitária, vasta, coberta de gelo e aparentemente impossível de ser escalada, pelo menos por nós, pois sabíamos que tínhamos de crer. O cristianismo era uma fé.

E agora sabíamos que isso era importante. Se fosse verdadeiro – e admitimos um para o outro a possibilidade de ser –, era, pura e simplesmente, a única verdade que de fato importava no mundo. E, se fosse falso, era falso. Não havia meio-termo. Era primazia ou nada.

Escrevi:

Não é possível ser “casualmente cristão”. A realidade do cristianismo deve ser, em peso, primazia ou nada. Isso sugere uma razão para a antipatia de cristãos nominais ou não cristãos pelos cristãos: a vida deles não contém primazias impressionantes, mas muitos contrapesos.

Uma noite de dezembro, depois que Davy e eu conversamos sobre o fato de que o cristianismo alegava ser uma resposta para todas as questões eternas – uma resposta consistente, continuavam a sussurrar nossos amigos físicos –, admitimos um para o outro que, muito desesperadamente, queríamos uma resposta. O único problema, acrescentei, era que não podíamos aceitar a resposta cristã. Então sugeri que saíssemos para uma caminhada, mas ela disse que estava com um pouco de dor de cabeça e queria ir para a cama. Eu lhe disse para se deitar, então, e que eu iria até a esquina e voltaria.

Enquanto andava, pensei no que gostaria de perguntar a C. S. Lewis se ele estivesse ali. Quando voltei para o apartamento, sentei-me por impulso e escrevi para Lewis, um homem ocupado que eu nunca nem mesmo havia visto. Ele respondeu, direto ao ponto, imediatamente; e eu escrevi de novo.

As correspondências, duas páginas cada, seguem agora apenas com as saudações e despedidas omitidas:

Para C. S. Lewis (I)

Escrevo por impulso – o que, pela manhã, poderá parecer tão insolente e presunçoso a ponto de eu querer destruir esta carta. Mas, há alguns instantes, senti que estava embarcando em uma viagem que, um dia, iria levar-me a Deus. Mesmo agora, cinco minutos depois, estou inclinado a adicionar o qualificativo “talvez”.

Há um passo que não posso dar; ocorre-me que você, tendo-o dado, tendo associado a convicção ao cristianismo, talvez não possa dá-lo por mim, mas talvez possa me dar uma dica de como se deve fazê-lo. Tendo sentido o apelo estético e histórico do cristianismo, tendo começado a estudá-lo, cheguei à consciência da força da resposta cristã e de que ela pode existir. Eu gostaria de acreditar nela. Quero conhecer a Deus – se ele for cognoscível. Mas não consigo orar com a convicção de que Alguém ouve. Não consigo crer.

De forma bem simples, parece-me que algum poder inteligente criou este Universo e que toda a humanidade deve conhecê-lo, de modo axiomático, e deve sentir reverência diante da infinitude desse poder. Parece-me natural que a humanidade, sabendo disso e sentindo assim, tente dar explicações a essa simplicidade – os profetas, o príncipe Buda, o Senhor Jesus, Maomé, os brâmanes – e, assim, surgiram as religiões do mundo. Mas como pode apenas uma delas ser apontada como verdadeira? Para um visitante inteligente de Marte, o cristianismo não seria apenas mais uma entre várias religiões?

Eu disse no começo que sentia que estava trilhando uma longa estrada que, um dia, iria levar-me ao cristianismo; devo, então, acreditar, de certo modo, que ele é a verdade. Ou será apenas que eu quero acreditar nisso? Mas, ao mesmo tempo, algo mais em mim diz: “Querer crer é o caminho para o autoengano. A honestidade é melhor do que qualquer consolo fácil. Tenha coragem de encarar o fato de que a humanidade pode não ser nada para o Poder que fez os sóis”. E, não obstante, eu gostaria de crer que o Senhor Jesus é, na verdade, meu Deus

misericordioso.

Para os apóstolos que puderam falar com Jesus, isso deve ter sido fácil. Mas eu vivo em um “mundo real” de ônibus vermelhos, meias de nylon e bombas atômicas; tenho apenas o registro da experiência que outros alegaram ter com a divindade. Nenhum anjo, nenhuma voz, nada. Ou, sim, uma coisa: cristãos vivos.

De algum modo, você, neste mesmo mundo, com os mesmos dados que eu tenho, é mais importante para mim do que os bispos do passado fiel. Você deu o salto do agnosticismo para a fé. Como? Não sei bem como me atrevo a escrever isso para você, um catedrático atarefado de Oxford, não um sacerdote. Mas sei: você serve a Deus, e não a si mesmo; deve fazer isso, se for cristão. Talvez, se eu tivesse a inteligência para ver, minha resposta estivesse no fato de que escrevi.

De C. S. Lewis (I)

Minha posição quando eu estava no limiar do cristianismo foi exatamente a oposta da sua. Você deseja que ele seja verdadeiro; eu esperava muito que não fosse. Pelo menos, esse era meu desejo consciente. Você pode suspeitar que eu tivesse desejos inconscientes de um tipo muito diferente e que foram esses desejos que por fim empurraram-me para isso. É verdade! Mas, por outro lado, posso também suspeitar que, por trás de seu desejo consciente de que ele seja verdadeiro, espreita um forte desejo inconsciente de que não seja.

O que resulta disso é que todo esse material moderno sobre desejos ocultos e ilusão, por mais útil que seja para explicar a origem de um erro que já se sabe ser um erro, é perfeitamente inútil no sentido de decidir qual das duas convicções é a falsa e qual é a verdadeira, pois: (a) nunca se conhecem todos os desejos de alguém; e (b) em questões muito importantes, como essa, mesmo os desejos

conscientes de uma pessoa estão quase sempre comprometidos com ambos os lados.

O que penso que pode ser dito com certeza é o seguinte: a noção de que todos gostariam que o cristianismo fosse verdadeiro, e que, portanto, todos os ateus são homens corajosos que aceitaram a derrota de todos os seus desejos mais profundos, é simplesmente um absurdo descarado! Você acredita que pessoas como Stalin, Hitler, Haldane, Stapledon (aliás, um excelente escritor) gostariam de acordar um dia e descobrir que não eram seus próprios mestres, que tinham um Mestre e um Juiz, que não havia nada nem nos recessos mais profundos de seus pensamentos acerca do que poderiam dizer a ele: “Fique de fora! Propriedade privada. Isso é problema meu?” Você acredita? Ratos!

A primeira reação deles seria (como foi a minha) de raiva e terror. E duvido muito que até mesmo você acharia isso simplesmente agradável. A verdade não é esta: que isso satisfaria alguns de nossos desejos (os que sentimos, de fato, muito raramente) e indignaria muitos outros? Então deixemos de lado toda a questão dos desejos. Isso nunca ajudou ninguém a resolver problema algum.

Não concordo com sua imagem da história da religião: Cristo, Buda, Maomé e outros elaborando uma simplicidade original. Acredito que o budismo seja uma simplificação do hinduísmo, e o islamismo, uma simplificação do cristianismo. A religião clara, lúcida, transparente e simples (Tao somado a um deus sombrio e ético ao fundo) é um desenvolvimento avançado, em geral surgindo entre pessoas bem instruídas em grandes cidades.

O que de fato se tem no início é ritual, mito e mistério, a morte e retorno de Balder ou Osíris, as danças, as iniciações, os sacrifícios, os reis divinos. Contra isso estão os filósofos, Aristóteles ou Confúcio, dificilmente muito religiosos.

Os dois únicos sistemas nos quais os mistérios e as filosofias se juntam são o hinduísmo e o cristianismo: aqui você tem tanto a metafísica quanto o culto (contínuo com os cultos primevos). Por isso, meu primeiro passo foi ter certeza de que um ou outro tinha a resposta, pois a realidade não pode ser uma que apela apenas aos bárbaros ou apenas aos intelectuais. As coisas reais não são assim (por exemplo, a matéria é a primeira coisa mais óbvia que se pode encontrar – leite, chocolates, maçãs, e também o objeto da física quântica).

Não se trata apenas de um aglomerado de religiões desconexas. A escolha é entre: (a) a imagem materialista do mundo – em que não acredito; (b) as verdadeiras religiões primitivas e arcaicas – que não são morais o suficiente; (c) a (pretensa) realização dessas religiões no hinduísmo; (d) a pretensa realização dessas religiões no cristianismo. Mas o ponto fraco do hinduísmo é que ele não une, de fato, as duas vertentes. A religião irremediavelmente bárbara continua na aldeia; o eremita filosofa na floresta, e um não interfere, de fato, no outro. É apenas o cristianismo que constrange um intelectual como eu a participar de um banquete com um ritual de sangue e também constrange um convertido da África Central a tentar um iluminado código de ética universal.

Você já leu O homem eterno, de Chesterton? É a melhor apologética popular que conheço.

Enquanto isso, a tentativa de praticar o Tao é por certo a linha certa. Você já leu os Analectos, de Confúcio? Ele conclui dizendo: “Este é o Tao. Não sei se alguém já o observou”. Isto é importante: pode-se ir direto daí para a epístola aos Romanos.

Não sei se alguma coisa que eu disse será minimamente útil. Não deixe de escrever de novo, ou de telefonar, se achar que posso ser de alguma ajuda.

Para C. S. Lewis (II)

Meu dilema fundamental é este: não posso crer em Cristo enquanto não tiver fé, mas não posso ter fé enquanto não crer em Cristo. Este é “o passo”. Se ser cristão é ter fé (e claramente o é), posso colocar a questão desta forma: devo aceitar Cristo para me tornar cristão, mas tenho de ser cristão para aceitá-lo. Não tenho fé e, até o momento, não creio. Mas todos parecem dizer: “Você precisa ter fé para crer”. Onde consigo essa fé? Ou você me dirá algo diferente? Existe uma prova? A Razão pode fazer alguém transpor o abismo... sem fé?

Por que Deus espera tanto de nós? Por que ele requer esse esforço para crer? Se ele deixasse claro que ele existe – tão claro quanto o nascer do sol, uma rocha ou o choro de um bebê –, não estaríamos alegres em escolher ele e a sua Lei? Por que o exercício correto de nosso livre-arbítrio deveria conter este medo da desonestidade intelectual?

Devo escrever mais sobre o tema de que “desejo que seja verdade” – embora concorde que eu talvez tenha desejos em ambos os lados, e meu desejo não me ajuda a resolver problema algum. Seu argumento de que Hitler e Stalin (e eu) ficariam horrorizados ao descobrir um Mestre de quem nada poderia ser retido é muito forte. De fato, não há nada no cristianismo que seja tão repugnante a mim quanto a humildade – os joelhos dobrados. Se eu soubesse além da esperança ou do desespero que o cristianismo é verdadeiro, minha luta para sempre seria contra o orgulho que diz: “A espinha pode quebrar, mas nunca se dobrará”.

No entanto, Senhor, não aceitaria eu (e até mesmo Stalin) a humilhação do Mestre para escapar do horror de deixar de existir, do nada na morte? Além disso, o conhecimento de que Jesus é, na verdade, o Senhor não seria meramente uma notícia agradável para alguns de nossos raros desejos. Significaria fortemente: (a) que o materialismo é um erro, assim como a feiura; (b) que os vários futuros bestiais preditos pelos marxistas, pelos freudianos e pelos sociólogos manipuladores não seriam reais (mesmo que acontecessem); (c) que o

crescimento de uma pessoa rumo à sabedoria – a edificação da alma – não seria perdido; e (d) acima de tudo, que o bom e o belo sobreviveriam. E, assim, eu gostaria que ele fosse verdadeiro e aceitaria qualquer humilhação, penso eu, para que fosse verdadeiro.

A parte ruim de desejar que fosse verdadeiro é que qualquer impulso que eu sinta em relação à crença seria considerado suspeito, como algo que decorre do desejo; a parte boa é que o desejo leva adiante. E eu continuarei; devo continuar, até onde eu puder.

De C. S. Lewis (II)

A contradição “devemos ter fé para crer e devemos crer para ter fé” pertence à mesma classe daquelas pelas quais os filósofos eleatas provaram que todo movimento é impossível. E há muitas outras. Você não pode nadar a menos que possa se sustentar na água, e não pode se sustentar na água a menos que possa nadar. Ou, mais uma vez, em um ato de volição (por exemplo, acordar pela manhã), o início do próprio ato é voluntário ou involuntário? Se for voluntário, então você deve tê-lo desejado; portanto, já o estava desejando e, portanto, não foi de fato o início. Se for involuntário, então a continuidade do ato (sendo determinada pelo primeiro momento) também é involuntária. Mas, a despeito disso, nadamos e saímos da cama.

Não penso que exista uma prova demonstrativa (como em Euclides) do cristianismo, nem da existência da matéria, nem da boa vontade e honestidade de meus melhores e mais antigos amigos. Penso que todos os três são (exceto talvez o segundo) muito mais prováveis que as alternativas. O argumento em favor do cristianismo em geral é bem apresentado por Chesterton; e tentei fazer algo assim em minhas Broadcast Talks [Conversas de Rádio].

Quanto ao motivo pelo qual Deus não o deixa claro de maneira demonstrativa: temos certeza de que ele está mesmo interessado no tipo de teísmo que seria um assentimento lógico forçado para um argumento conclusivo? Nós estamos interessados nisso em assuntos pessoais? Exijo de meu amigo uma confiança em minha boa-fé como sendo certa sem apresentar qualquer prova demonstrativa. Não seria confiança de modo algum se ele esperasse por uma prova rigorosa.

Droga! Os contos de fadas incorporam a verdade! Otelo acreditou na inocência de Desdêmona quando ela foi provada, mas já era muito tarde. Lear acreditou no amor de Cordélia quando ele foi provado, mas já era muito tarde. “É vão o louvor de quem espera até que todos o elogiem.” A magnanimidade, a generosidade que confiará em uma probabilidade razoável, é exigida de nós. Mas suponhamos que alguém creu, mas estava errado no final das contas? Ora, então você teria prestado ao Universo um cumprimento que ele não merece. Seu erro seria ainda mais interessante e significativo do que a realidade. E, não obstante, como seria possível? Como um Universo idiota poderia ter produzido criaturas cujos meros sonhos são tão mais fortes, melhores e mais sutis que ele próprio?

Note que a vida após a morte, que ainda lhe parece o essencial, foi uma revelação posterior. Deus ensinou os hebreus por séculos a acreditarem nele sem lhes prometer uma vida após a morte, e, bendito seja ele, ensinou-me da mesma forma por cerca de um ano. É como o príncipe disfarçado no conto de fadas, que conquista o amor da heroína antes que ela saiba que ele é mais do que um simples lenhador. O que seria um suborno se viesse antes foi mais bem aceito no final.

Está muito claro, pelo que você diz, que tem desejos conscientes em ambos os lados. E agora outro ponto sobre desejos. A verdade é que um desejo pode levar a falsas crenças. Mas o que a existência do desejo sugere? Houve uma época em que fiquei muito impressionado com o verso de Arnold: “O fato de estarmos com fome não prova que teremos pão”. Mas, por certo, embora não prove que um homem em particular conseguirá comida, prova que existe essa tal coisa de

comida! Ou seja, se fôssemos uma espécie que normalmente não come, se não fôssemos criados para comer, sentiríamos fome?[9]

Você diz que o universo materialista é “feio”. Eu gostaria de saber como você descobriu isso! Se você é de fato um produto de um universo materialista, como é que você não se sente à vontade nele? Os peixes se queixam do mar por estarem molhados? Ou, se o fizessem, esse fato em si não sugeriria fortemente que eles nem sempre foram, ou nem sempre serão, criaturas puramente aquáticas? Note como estamos perpetuamente surpresos com o Tempo. (“Como o tempo voa! Imagine, John crescido e casado! Mal posso acreditar!”) Em nome dos céus, por quê? A menos que, de fato, haja algo em nós que não seja temporal.

Humildade total não está no Tao, porque o Tao (como tal) não diz nada sobre o Objeto ao qual ela seria a resposta correta; assim como não há lei sobre estradas de ferro nos atos da rainha Elizabeth. Mas, pelo grau de respeito que o Tao exige pelos ancestrais, pais, anciãos e mestres, está muito claro o que o Tao prescreveria em relação a um objeto tal como Deus.

Mas acredito que você já esteja nas malhas da rede!

O Espírito Santo está atrás de você. Duvido que você consiga escapar!
Sinceramente,

C. S. Lewis

Essas cartas deram-nos muito material para reflexão na época e mais tarde. Raramente, se é que alguma vez, encontrei alguém que pudesse dizer tanto em

tão pouco. E as cartas nos assustaram, ou me assustaram de algum modo – em especial aquele último parágrafo surpreendente. Aquilo estava ficando sério. O alarme do pânico soou, mas eu não conseguia decidir para onde correr.

Intelectualmente, nossas posições aqui, no limiar, eram as mesmas. Demos aquela segunda olhada, e descobrimos – o que descobrimos? Muito mais do que esperávamos descobrir, por certo. O cristianismo agora parecia estimulante em termos intelectuais e empolgante em termos estéticos.

A personalidade de Jesus emergiu dos evangelhos com uma consistência surpreendente. Onde quer que tenham sido escritos, eles foram escritos à sombra de uma personalidade tão extraordinária que os cristãos que talvez nunca o viram, conheceram-no completamente: aquela estranha mistura de severidade insuportável e ternura dolorosa.

A Igreja já não parecia apenas uma congérie infame de seitas em guerra; agora víamos a Igreja, esplêndida e assustadora, atravessando os séculos com hinos, cruzes resplandecentes e santos com olhar firme. A fé já não era algo para crianças; pessoas inteligentes defendiam-na fortemente – e seguiam para um canto secreto que não podíamos ouvir. Ou ouvíamos algo – alto, claro e insuportavelmente doce?

O cristianismo passou a parecer provável para nós. Tudo dependia desse Jesus. Ele era, de fato, o Senhor Messias, o Santo de Israel, o Cristo? Ele era, de fato, o Deus encarnado? O único Deus? Esta era a essência da questão. Ele ressuscitou dentre os mortos? Os apóstolos, os evangelistas e Paulo acreditavam nisso com absoluta convicção. Poderíamos acreditar na crença deles? Acreditar em um milagre?

O fato de nunca termos visto um milagre não provou, ou mesmo implicou, que

talvez não houvesse milagres na ocasião suprema da história. Não havia absolutamente prova alguma, nenhuma prova possível, de que isso não tivesse acontecido. Tampouco nenhuma prova absoluta do contrário. Parecia-nos provável. Tinha um quê de verdade. Parecia verdadeiro. Mas isso era suficiente?

Emocionalmente, nossas posições não eram as mesmas. Fiquei empolgado, até mesmo fascinado, com o desafio intelectual. Eu poderia não admitir isso, mas estava começando a amar o Jesus que emergia dos escritos do Novo Testamento. Tive impulsos de cair de joelhos e estender minhas mãos para ele. Suspeitava que todos os anseios que já havia tido, cujo motivo eu não sabia – quando as folhas do outono queimavam no crepúsculo, quando os gansos selvagens voavam grasnando lá no alto, quando eu olhava para os galhos nus com as estrelas ao fundo, quando a primavera chegava em uma manhã de abril –, eram, na verdade, anseios por ele. Por Deus! Eu ansiava por ele! Mas não pensei na necessidade. Nunca precisei dele – não de modo consciente.

Contudo, a posição emocional de Davy não era a mesma – havia a necessidade. O que conversávamos, na maioria das vezes, eram coisas intelectuais que podiam ser colocadas em palavras com muito mais facilidade do que em sentimentos, sobretudo sentimentos que não são, talvez, totalmente conhecidos. Mas havia para Davy necessidades que resultavam do pecado e da dor. Ela não havia esquecido, é claro, aquela noite em que “todo o mundo desmoronou” – a experiência que ela pintou em sua “Imagem do Pecado”, com aquela sombra profética do Senhor crucificado. Mesmo assim, intuitivamente, ela sabia o que tudo isso indicava.

Aquela experiência e a experiência muito diferente do homem mau no parque – o terrível mal do ego monstruoso – haviam, penso eu, enfraquecido sua confiança em si mesma e até mesmo, talvez, na bela “suficiência em nós” de nosso amor. Ela não sabia, nem eu, mas a Barreira Brilhante não era tão invulnerável assim. Além disso, nós dois estávamos um pouco preocupados com sua saúde: nada claramente errado, mas ela não se sentia tão bem-disposta como antes.

Por fim, a mãe de Davy estava morrendo de câncer. A irmã de Davy, que cuidava da mãe, praticamente ordenou que a irmã fosse para a Inglaterra, em parte porque, se ela não fosse, seria um pesar para a mãe. Mas Davy estava profundamente ciente do sofrimento de sua mãe. E, então, dois ou três meses depois de nossa chegada à Inglaterra, sua mãe morreu.

Eu sabia de tudo isso, compartilhando seus sentimentos; tudo à distância. Entretanto, para Davy, com uma pungência que não podia ser de todo compartilhada, não apenas sua confiança estava abalada, mas havia também uma vívida experiência de pecado, de sofrimento, de tristeza e de morte. Assim, embora sua mente também fizesse as perguntas intelectuais – perguntas para as quais as respostas estavam vindo por meio de nossos livros –, o cristianismo oferecia consolo, segurança e até mesmo absolvição. Isso caiu em sua alma como a água da vida.

Certa noite, depois de uma discussão animada sobre fé com Lew e Mary Ann, perguntei à Davy se ela achava que estava perto de acreditar que Cristo era Deus. Ela disse: “B em, acho que ele pode ser”. E eu disse que “achar” que ele “pode” ser não era o mesmo que crer. Ela descreveu essa conversa em nosso diário; e depois anotou: “No fundo, eu continuava a querer dizer: ‘Eu creio, eu creio em Jesus – Jesus, o Filho de Deus e ser divino’”. Ela acrescentou: “Devo isso a C. S. Lewis, que me impressionou profundamente com a necessidade de ter Jesus além de qualquer pensamento sobre Deus”.

Ela estava quase lá, na verdade – e então deu o salto. Apenas dois dias depois, ela escreveu:

"Hoje, andando de um lado para o outro do quarto, juntei tudo o que sou, tudo o que temo, odeio, amo, espero; e, bem, Eu ME RENDI. Entreguei meus caminhos a Deus em Cristo.

Davy estava sozinha enquanto andava pelo quarto e me disse isso logo que entrei lá, uma hora depois. Não fiquei nem chocado nem surpreso. Era como se eu já soubesse que ela faria isso. Senti uma espécie de alegria por Davy e lhe disse isso. Também me senti um pouco desamparado, e talvez houvesse um pensamento não formulado, que não teria suportado a luz do dia, de que ela não deveria ter feito aquilo sem mim. Não pensei nas implicações para nosso futuro naquele dia. Se eu senti que deveria segui-la?

Algumas noites depois, após uma conversa muito agradável sobre o cristianismo, ela foi para a cama, deixando-me deitado no sofá em frente à lareira, lendo Milagres, de Lewis. Passou-se meia hora. Deixei o livro cair e apaguei a lâmpada.

Olhando para as brasas incandescentes, fiquei imaginando com uma estranha mistura de esperança e medo se Cristo poderia ser, na verdade, meu Deus. De repente, percebi que Davy estava orando ao meu lado – ela havia entrado de camisola na sala e se ajoelhado ao lado do sofá.

Olhei para aquela figura quieta por alguns momentos. Eu nunca a tinha visto orar. Então ela falou: “Enquanto eu estava na cama”, disse muito suavemente, “pareceu-me que Deus estava me dizendo para vir até você. Tenho orado a Deus para preencher sua alma”. Ela parou por um momento e depois sussurrou: “Ah, meu querido, por favor, creia!”

Comovido quase até as lágrimas, sussurrei de volta – um sussurro embargado, descreveu ela no diário: “Sim, eu creio”.

Fiquei abalado com a afirmação que tomou conta de mim. Ela anotou que, à luz

da lareira, eu parecia “gentil e doce como um santo medieval”. E ela escreveu: “Nós nos abraçamos com força”.

“Guarde este momento”, murmurou. “Guarde-o para quando as dúvidas vierem. Esta é a verdade – eu sei que é.”

Contudo, eu não o guardei. Gostaria de tê-lo guardado, pelo menos por ela. Mas, na verdade, foi o amor por ela que me fez dizer aquilo, não a crença em Deus. Ou foi isso que eu disse a mim mesmo na manhã seguinte. Ou talvez fosse o assentimento do coração, e não da mente. De qualquer modo, a alegria com que poderíamos ter compartilhado aquele Advento, juntos, de mãos dadas, foi – exceto por aquela noite santa – negada. E, apesar de tudo, não esqueci a súbita sinceridade de crer, a afirmação brotando. Talvez não fosse apenas o amor por ela.

Todavia, lá estava eu de volta à ala dos não cristãos. E agora começava a ressentir-me da conversão dela. Não me ressentia, pensei, de ela ser cristã; ressentia-me de ela agir individualmente. Indo para a igreja sem mim – praticamente uma infidelidade. Indo com todos os outros cristãos, deixando-me sozinho.

Eu me ressentia até de suas pequenas bondades especiais, mesmo que fossem para mim. Suspeitava que ela estivesse fazendo isso por Deus. Queria a velha Davy de volta. Não queria que ela estivesse onde eu não podia estar – ou não iria. Não gostava de meu novo isolamento. A diversão de estudarmos juntos o cristianismo se foi. Eu me sentia mal.

A Barreira Brilhante veio à minha mente, sobretudo como uma consciência do perigo à frente, caso permanecêssemos uma casa dividida. Não pensei no Apelo ao Amor, pois não era relevante para a situação. Não rejeitei o cristianismo;

apenas não havia tomado uma decisão ainda.

Havia uma percepção tácita de que aquele período seria um hiato até que eu me decidisse. Não me ocorreu que, se ora ela estava comprometida com Cristo, seu compromisso com nosso amor seria menor, como de fato o meu também seria se fosse atrás dela. Em todo caso, evitei pensar na Barreira Brilhante. Até mais tarde.

Aqui, no limiar, fiquei por mais de dois meses. Continuei a ler e a pensar. Sabia, é claro, que Davy estava orando por mim. Todos os nossos amigos cristãos estavam orando por mim. Talvez os amigos dela. Talvez igrejas inteiras. Eu pensava nessa atividade com desconfiança. Sentia que todos eles estavam esperando que algo acontecesse. Eles me davam olhares agradavelmente curiosos quando nos encontrávamos na rua.

Eu também suspeitava de meus próprios surtos de sentimento sobre esse Jesus. Pus-me em alerta com relação à emoção. Parecia-me às vezes que Jesus estava dando-me olhares amigáveis, mas curiosos, e, em outras, intolerantemente severos. Ao mesmo tempo, reconheci que havia um lugar para a emoção, bem como para a razão, e escrevi no diário:

Ao que parecia, o cristianismo exige assentimento emocional e intelectual. Se houver apenas emoção, a mente faz perguntas perturbadoras que, se não forem respondidas, podem levar a uma queda, pois o amor não pode ser sustentado sem entendimento. Por outro lado, existe um abismo que deve ser preenchido pela emoção. Se alguém suspeita do surto de sentimento que uma fé incipiente pode causar, como é que se pode eliminar esse abismo?

O cristianismo – em uma palavra, a divindade de Jesus – parecia provável para mim. Mas há um abismo entre o provável e o provado. Como eu iria eliminá-lo?

Se eu iria apostar toda a minha vida no Cristo ressurreto, eu queria uma prova. Queria a certeza. Queria vê-lo comer um pouco de peixe. Queria letras de fogo pelo céu. Eu não tinha nada disso. E continuei a andar à beira do abismo.

Davy e eu, ora com amigos, ora sozinhos, estávamos lendo a maravilhosa série de pequenas peças de Dorothy Sayers sobre a vida de Jesus. Em uma delas, fiquei drasticamente impressionado com a resposta de um homem à pergunta de Jesus sobre sua fé: "Creio, ajuda-me a vencer a minha incredulidade!"[10] Não era essa exatamente a minha posição? Crer e não crer? Um paradoxo, como aquele outro – é preciso ter fé para crer, mas é preciso crer para ter fé. Um paradoxo para desvendar um paradoxo? Era assim que eu sentia.

Um dia depois veio o segundo avanço intelectual; foi a percepção muito assustadora de que eu não poderia voltar atrás. Em meu antigo teísmo descontraído, o cristianismo era, para mim, uma espécie de conto de fadas; e eu não havia aceitado nem rejeitado Jesus, uma vez que nunca, na verdade, o havia encontrado. Agora eu havia. A posição não era, como eu vinha confortavelmente pensando todos esses meses, apenas uma questão de saber se eu aceitaria o Messias ou não. Era uma questão de saber se eu iria aceitá-lo – ou rejeitá-lo. Meu Deus!

Havia um abismo atrás de mim também. Talvez o salto para a aceitação fosse uma aposta assustadora – mas o que dizer do salto para a rejeição? Não poderia haver certeza de que Cristo era Deus – no entanto, por Deus, não havia certeza de que ele não era! Se eu o aceitasse, poderia e provavelmente teria pela frente o pensamento ao longo dos anos: "Talvez, afinal, tudo seja uma mentira; fui enganado!" Contudo, se o rejeitasse, por certo enfrentaria o pensamento assustador e terrível: "Talvez seja verdade – e eu rejeitei meu Deus!"

Eu não poderia suportar isso. Não poderia rejeitar Jesus. Uma vez que eu havia visto o abismo atrás de mim, havia apenas uma coisa a ser feita. Eu me afastei e saltei sobre o abismo na direção de Jesus.

No início de uma manhã úmida, tipicamente inglesa, com a primavera no ar, escrevi no diário e para C. S. Lewis:

Eu escolho crer no Pai, no Filho e no Espírito Santo – em Cristo, meu Senhor e meu Deus. O cristianismo tem o tom, a sensação, da verdade única. Da verdade essencial. Por meio dele, a vida se torna cheia, em vez de vazia; passa a ter sentido, em vez de não ter sentido algum. O cosmos se torna belo no Centro, em vez de assustadoramente feio sob o adorável páthos da primavera. Mas o vazio, a falta de sentido e a feiura podem apenas ser vistos, penso eu, quando alguém vislumbrou a plenitude, o significado e a beleza. É quando o céu e o inferno foram ambos vislumbrados que voltar é impossível. Mas seguir em frente parecia impossível também.

Um vislumbre não é uma visão. Uma escolha foi necessária; e não há certeza. Pode-se apenas escolher um lado. Assim, eu – eu agora escolho meu lado: escolho a beleza; escolho o que amo. Mas escolher crer é crer. É tudo o que posso fazer: escolher.

Confesso minhas dúvidas e peço ao meu Senhor Cristo que entre em minha vida. Não sei o que Deus é; só posso dizer: “Que aconteça comigo conforme a tua palavra!”[11] Não estou afirmando que não tenho dúvidas, mas peço ajuda, tendo escolhido, para superá-las. Só posso dizer: “Creio, ajuda-me a vencer a minha incredulidade!”[12]

Davy sentou-se ao meu lado enquanto eu escrevia, cheia de alegria, mas em silêncio. Claro que lhe contei primeiro. De fato, ela estava no quarto quando a série de pensamentos sobre o abismo atrás de mim passou por minha mente. Ela ouviu quando murmurei: “Meu Deus!” E então, quando ela ergueu os olhos, eu disse, muito tenso: “Um minuto”.

Passaram-se alguns minutos. Então eu disse: “Davy?... querida... eu escolhi – o Cristo! Eu escolho crer”. Ela olhou para mim com alegria. Então veio até mim e ajoelhou-se. Ajoelhei-me também e entreguei meus caminhos ao meu Deus. Quando nos levantamos, nós nos abraçamos por um bom tempo. É talvez significativo o fato de que oramos primeiro.

O poema[13] que eu escreveria sobre a escolha já estava tomando forma em minha mente:

O ABISMO

Jesus viveu? E ele realmente proferiu

As palavras ardentes que banem o medo mortal?

E elas são verdadeiras? Aqui, apenas isto é central,

A Igreja pode permanecer ou desmoronar. É Cristo que consideramos.

Todas as demais coisas estão em segundo plano: o Dilúvio,

O Dia do Éden ou o Nascimento Virginal – Já foram!

A Questão é: Deus nos enviou o Filho Encarnado

Que clama por Amor! O Amor é o Caminho!

Entre o provável e o provado existe

Um abismo. Com medo de saltar, permanecemos desatinados,

Então vemos o chão afundar atrás de nós e, pior,

O lugar onde estamos começa a desmoronar. Desesperada surge

Nossa única esperança: saltar para a Palavra

Que abre o universo antes fechado.

CAPÍTULO 5

Tu és o Rei da glória

Éramos cristãos agora. Talvez Davy tenha se acostumado com isso. Mas eu – eu, um cristão! Eu, que estava habituado a olhar para os cristãos com um desdém compassivo, agora devo confessar ser um deles. Fiz isso, com certa retração e orgulho. De fato, senti uma mistura curiosa de emoções; uma espécie de constrangimento entre meus amigos mais mundanos e aparentemente não cristãos, dos quais alguns teriam aceitado com menos espanto se eu tivesse me tornado um budista ou um ateu, e uma espécie de orgulho, como se eu tivesse feito algo louvável – ou um favor para Deus. Eu estava meio inclinado a esconder minha fé; no entanto, pareceu-me que, se quisesse tomar uma posição por Cristo, meu Senhor, deveria sair em defesa dele.

Talvez houvesse uma falta de humildade. Até minhas palavras no momento da conversão – `eu escolho crer“, em vez de `eu creio” –, embora possam parecer chegar à mesma conclusão, mostraram uma posição que parecia ter sido tomada por desespero. A bandeira de minha independência caiu, e ficou caída no chão, e eu, de joelhos, mas, de algum modo, orgulhosamente em silêncio.

Prestei homenagem a Cristo como alguém que empenha a espada e a lealdade a um rei. Na realidade, suspeito que não foi nada disso: não escolhi; fui escolhido. As orações amorosas de Davy e de todos os outros – as orações de C. S. Lewis, não apenas seus livros e cartas – fizeram o trabalho do Rei. E, no entanto, há de ser dito pela espada empenhada, mesmo que seja apenas na mente de alguém: se, em algum momento no futuro, a fé enfraquecer, não se pode, em honra, renunciar à fidelidade oferecida na frase “eu escolho crer”.

C. S. Lewis escreveu, deixando de lado o “Sr.” antes de meu nome, embora eu continuasse a chamá-lo de “Sr. Lewis” até que ele me disse para parar:

Minhas orações foram respondidas. Não, um vislumbre não é uma visão. Mas para um homem em uma estrada montanhosa à noite, um vislumbre do próximo metro de estrada pode ter mais importância do que uma visão do horizonte. E talvez deva haver sempre a falta necessária de certeza demonstrativa para tornar possível a livre escolha, pois o que poderíamos fazer senão aceitar se a fé fosse como a tabuada?

Haverá um contra-ataque sobre você, você sabe, então não fique muito alarmado quando ele vier. O inimigo não verá você desaparecer na companhia de Deus sem fazer um esforço para recuperá-lo. Esteja ocupado em aprender a orar e (se já tiver tomado uma decisão quanto à questão deno-minacional) ter a confirmação.

Bênçãos sobre sua vida, e seja cem mil vezes bem-vindo! Faça uso de mim como lhe aprouver, e oremos um pelo outro sempre.

Davy e eu já éramos anglicanos. Todos os nossos amigos cristãos, e Davy mais tarde, estavam frequentando a antiga igreja normanda de St. Ebbe’s, evangélica, Igreja da Inglaterra, então é claro que eu também fui para lá.

Era uma igreja cheia de fé e tinha um reverendo maravilhoso, M. A. P. Wood (desde que se tornou o Senhor Bispo de Norwich). Ele era um grande pregador e um sábio conselheiro em se tratando do caminho cristão. Davy e eu tivemos uma série de conversas com ele na reitoria da Paradise Square, e às vezes ficávamos para uma refeição. Fiquei impressionado com a visão perspicaz do reverendo sobre a relação entre mente e coração na conversão. Na igreja, nossa primeira comunhão cristã juntos foi emocionante.

Mais tarde, Davy e eu começamos a circular um pouco para experimentar as riquezas das muitas igrejas de Oxford – a igreja da Universidade de St. Mary, a Virgem, e a bela igreja alta anglo-católica de St. Mary Magdalen, entre outras. Mas, aonde quer que fôssemos, nossa jovem vida cristã era moldada pela Igreja da Inglaterra; e sempre estávamos “em casa” quando chegávamos à St. Ebbe’s.

Havia a vida animada em Cristo. Na St. Ebbe’s se cantava o Te Deum em um ambiente que fazia uma proclamação triunfante do verso: “Tu és o Rei da Glória, ó-ó-ó-ó-ó Cristo!” – o Ó ascendendo até chegar ao poderoso “Cristo”! Esse cenário passou a significar a St. Ebbe’s e sua fé vigorosa para todos nós.

Certa noite, já tarde, muitos de nós foram até o lugar onde moravam Peter e Bee, em um apartamento no último andar, e encontramos a porta para as escadas trancada. Então, lá naquela rua silenciosa, começamos a cantar o hino “Tu és o Rei da Glória”. Quando chegamos na parte da letra que diz “Cristo!”, as janelas se abriram, e Peter e Bee olharam lá para baixo, com uma expressão de surpresa.

No começo, eu tinha, assim como Davy, uma surpreendente segurança e certeza em relação à minha escolha, apesar das dúvidas que me atormentaram por tanto tempo. Acredito que o novo convertido receba uma graça especial – alegria e segurança – logo de início, por mais fraca que seja sua escolha. Até que o cristão recém-nascido tenha aprendido a ficar em pé e andar um pouco.

Escrevi em nosso diário:

Quarenta dias depois: Com a decisão tomada, a pessoa começa a agir com base nessa decisão. Ela ora, vai à igreja, faz uma primeira comunhão cristã incrivelmente significativa. Tenta repensar tudo aquilo em que já pensou sob esta

nova Luz. Tenta subjugar o ego – fazer o Sinal da Cruz, negando-se a si mesma – e seguir a Cristo com algo menos do que um grande sucesso.

C. S. Lewis profetiza o contra-ataque do inimigo, e ele está certo, como sempre. Surgem sentimentos no sentido de que tudo não passa de mentiras, de que aquele ônibus vermelho lá, o duro pavimento sob os calcanhares de alguém e a glória da árvore de maio são as únicas verdades. Mas a pessoa se lembra de que a Escolha foi baseada na razão, no peso da evidência, e é fortalecida. Contudo, não é só isso. Não só as dúvidas podem ser confrontadas, não só as orações vão ficando melhores, mas as dúvidas surgem com menor frequência – e, quando surgem, são frequentemente recebidas com um surto de inexplicável confiança de que a Escolha foi certa. Nós estamos vencendo.

Discutindo cada verso com Davy, terminei meu poema sobre a escolha, O Abismo. Enquanto trabalhava nesse poema, eu também me dedicava a outro em que o ato de escolha da alma – embora ela deva escolher – está subordinado à ação da graça. Enviei esses poemas, uma vez terminados, para C. S. Lewis.

Aqui está o segundo dos dois:

AS AREIAS

A Alma, para seu conforto, mantém-se

Inviolada, mas, como as areias levadas pelo vento

Que penetram as casas fechadas, as exigências de Cristo

Entram e ferem, negam a ela que seja livre.

Ela se retorce e se vira, mas descobre ser inútil fugir,

A Palavra viva está no ar,

A Alma não pode escapar de uma ferida que está em todo lugar,

Ela pode apenas permanecer ou se render – ao êxtase.

Seu Senhor está procurando a entrada; ela deve escolher.

Um calo espesso pode resistir à dor

Desta moléstia áspera; as areias que se agitam

Contra ela, assim desafiada. Mas se ela perder

A si mesma, Cristo entrará – no grão áspero

De areia surge incrustada uma pérola brilhante.

C. S. Lewis respondeu:

Obrigado por uma carta que aprecio muito. Os poemas,[14] embora escritos de uma maneira que conquistará poucos ouvintes no momento (malditas modas), são de fato muito notáveis. A prova é que me vi imediatamente esquecendo todo o interesse biográfico pessoal e lendo-os como se fossem poesia. A imagem da areia é a imaginação real. Julguei este ser o melhor dos dois no começo, mas agora não sei. A segunda quadra de O Abismo é um argumento fantástico – e depois o chão se desmoronando atrás. Excelente.

Como um novo convertido, fascinado pelo cristianismo, eu poderia muito bem, naquele momento, ter considerado a possibilidade de mudar minha área de pesquisa para essa direção. Não fiz isso, porque já a havia considerado – antes de

me tornar cristão. Depois, fiquei surpreso com o fato de que, mesmo não sendo um cristão, eu poderia ter considerado não apenas um assunto teológico, mas até mesmo o sacerdócio.

Davy, na época já convertida, estava curiosamente desmotivada não com pesquisa histórica na área – afinal, a história era meu campo –, mas com o sacerdócio.

O estranho era que eu, interessado no cristianismo, não via nada de errado na ideia de ser um ministro de uma fé que eu não havia aceitado – uma espécie de mentira ambulante. Talvez eu sentisse uma necessidade de fé e acreditasse que iria encontrá-la assim. De qualquer forma, eu estava interessado, assim como um homem pode estar interessado na guerra e acabar por se tornar um soldado.

Nada ilustra tão claramente a diferença radical entre o cristão que crê e o não cristão como o conceito do que um ministro deveria ser: um homem de fé ou um homem que pode escolher o sacerdócio como uma carreira, como o Direito. Um ministro ou um bispo sem crença é tão falso quanto, precisamente, o inferno para um, e um carreirista quase inocente, para o outro.

O elemento da necessidade que pode persuadir o não cristão a ir para a igreja pode oferecer uma pista para o fenômeno não totalmente diferente de pessoas desequilibradas, até mesmo loucas, tornarem-se psicólogas. Em todo caso, a necessidade que o homem tem da fé, assim como a visão do sacerdócio como uma carreira como qualquer outra, supostamente explica os sacerdotes e bispos incrédulos – pastores do rebanho! – que fazem muito mal à igreja, mas não sentem necessidade de renunciar, e parecem quase cegos para sua própria desonestidade.

Sob a influência dessa ideia deplorável, escrevi sobre o assunto para C. S. Lewis,

argumentando mais depois de sua primeira resposta. As duas cartas dele eram de janeiro, com três dias de diferença, e dois meses antes de minha conversão.

Seguem as cartas sobre “fazer tendas”:

[Primeira carta] Devemos fazer três perguntas sobre o provável efeito de mudar o tema de sua pesquisa para algo mais teológico.

(1)Seria melhor para sua satisfação imediata? A resposta, provável, mas não segura, seria sim.

(2)Seria melhor para sua carreira acadêmica? A resposta provavelmente seria não. Você teria de adquirir às pressas muito conhecimento, o qual não seria muito facilmente digerido no tempo.

(3)Seria melhor para sua alma? Não sei. Penso que há muito a ser dito em se tratando de se ter o interesse espiritual mais profundo, distinto do dever comum de um estudante ou profissional, por exemplo. O trabalho de Paulo era fazer tendas. Quando as duas coisas coincidem, penso que há o perigo de que o interesse natural pelo trabalho e os prazeres da ambição satisfeita possam ser confundidos com progresso espiritual e consolação espiritual; e acredito que os clérigos às vezes caem nessa armadilha. Por outro lado, há o perigo de que o que é chato e repulsivo no trabalho possa levar uma das coisas a alienar-se da vida espiritual. E, por fim, alguém disse: “Ninguém é tão profano quanto aqueles cujas mãos estão cauterizadas com as coisas sagradas”; coisas sagradas podem tornar-se profanas quando se tornam questões de trabalho.

Você agora deseja a verdade espiritual em si; como será quando a mesma

verdade também for necessária para uma nota de rodapé eficaz em sua tese? De fato, a mudança pode fazer bem ou não. Sempre me alegrei com o fato de a teologia não ser meu ganha-pão. Em geral, aconselho-o a continuar a fazer tendas. O cumprimento de um dever provavelmente lhe ensinará tanto sobre Deus quanto a teologia acadêmica ensinaria. Veja bem, não tenho certeza, mas essa é a visão à qual estou inclinado.

[Segunda carta] Veja: a questão não é se devemos trazer Deus para nosso trabalho ou não. Por certo devemos e precisamos fazer isso; como disse MacDonald: “Tudo o que não é Deus é morte”. A questão é se devemos simplesmente: (a) trazê-lo para a dedicação de nosso trabalho a ele, para a integridade, diligência e humildade com as quais o realizamos; ou também (b) fazer do serviço professo e explícito de Deus nosso trabalho. A vocação “a” cabe a todos os homens, quer saibam ou não; a vocação “b” cabe apenas àqueles que são especialmente chamados para ela. Cada vocação tem seus perigos peculiares e recompensas também peculiares.

Naturalmente, não posso dizer qual é a sua. Quando falei do perigo oferecido à sua carreira acadêmica em uma mudança de assunto, eu estava pensando sobretudo em tempo. Se você conseguir um ano extra, a questão será outra. Eu não estava, de forma alguma, dizendo que “a história intelectual”, envolvendo a teologia, seria, em si, academicamente um campo de pesquisa ruim. Terei muito prazer em vê-lo ou ter notícias suas, quando você quiser.

Depois dessas cartas, tão admiravelmente sãs e lógicas, comecei a fazer minhas tendas, tanto na época como depois da conversão. Mas, sem dúvida, Davy e eu continuávamos a ler livros de teologia – por exemplo, Austin Farrer – nas horas vagas. Nós dois ficamos profundamente impressionados com The Descent of the Dove [A descida da pomba] e He Came Down from Heaven [Ele desceu do céu], de Charles Williams.

Então conhecemos os alemães – os “desmistificadores” –, e ficamos

desalentados. A ressurreição era um mito; a ascensão era um mito; todos os milagres e profecias eram mitos; talvez a própria existência de Cristo fosse um mito – e, com “mito”, eles queriam dizer mentiras ou ficções religiosas.

Se Jesus não fosse um mito, ele – o verdadeiro Jesus histórico – era de todo incognoscível. O que, então, estávamos fazendo, sendo cristãos? O que, em se tratando disso, esses desmistificadores estavam fazendo, dizendo-se ainda cristãos e até mesmo ministros?

Isso talvez fosse tratado com eles mais tarde. E nós, após nosso primeiro desalento, reunimo-nos e começamos a refletir. Antes de mais nada, pareceu-nos claro que tais indivíduos estavam na posição do homem que não podia ver a floresta pelas árvores, pois uma coisa era absolutamente certa: a personalidade de Jesus que emergia com perfeita consistência de todos os quatro evangelhos e das cartas de Paulo era tão poderosa, tão individual e tão notável que era óbvio que os escritores do Novo Testamento o conheciam, talvez por meio de outros, como hoje conhecemos Winston Churchill ou Abraham Lincoln. Eles viviam à sombra de um Homem tão grande que o espírito e as palavras de Jesus ardiam na mente dos cristãos.

Contudo, a nossa verdadeira “salvação” desses destruidores veio por meio de nosso reconhecimento das suposições fundamentais que não podiam ser comprovadas de forma alguma, provenientes do texto do Novo Testamento, que eles trouxeram para o tema.

Se há algo que Oxford ensina consistentemente é que as suposições fundamentais devem ser comprovadas. Mas não os desmistificadores. Quando dizem que a profecia talvez tenha sido inserida após o evento, sua suposição não comprovada é que a verdadeira profecia não pode ocorrer. Eles supõem – simplesmente supõem – que milagres não podem acontecer; não há prova e, pela natureza do caso, não há prova possível.

Além de ser miraculosa, a ascensão não poderia ter acontecido porque contradiz a cosmologia moderna – não se pode “subir” para o céu ou “sair” dele; a suposição é que Deus não poderia ter tido objetivos obscuros para os críticos. Eles argumentam que algo não poderia ter sido dito ou escrito quando se dizia ter sido, porque a teologia ou eclesiologia empregada seria muito avançada, supondo que nenhum homem poderia estar à frente de seu tempo. Se um evento do Novo Testamento é semelhante a um mito anterior, ele não pode ter acontecido, com base na suposição de que Deus não poderia ter intentado transformar o mito antecipatório em realidade. Além disso, as palavras de Cristo teriam sido mal compreendidas por seus seguidores e pela Igreja primitiva, embora [sejam] muito claras para os críticos.

Suposição: a mente do Deus infinito não é diferente da de um crítico alemão. Não tínhamos nada contra estudos acadêmicos e críticas legítimas à Bíblia, apenas contra aqueles, como os desmistificadores, que trazem ao texto suas suposições e filosofias não comprovadas.

Quanto a eles, mudamos o título da epigrama de Hilaire Belloc, On a Puritan [Sobre um puritano], para “Sobre um desmistificador”: “Ele serviu ao seu deus tão bem e tão fielmente/Que agora o vê face a face no inferno”. Os imperadores da desmistificação não tinham nenhuma evidência contra ninguém.

Escrevi mais um de meus “poemas[15] de Oxford” sobre a lenda de Santa Verônica, que fala sobre a mulher que enxugou o rosto suado de Jesus a caminho da crucificação, e dediquei-o à Davy e à impetuosa e ligeira Bee Campion. Eu podia ver qualquer uma delas fazendo exatamente isso.

A ESPADA

Sim, Marcos foi designado ao Décimo turno naquele ano.

No dia em que chegamos lá, sacerdotes tramavam para levar

Este “deus” à morte, e a multidão que fez com que eu me agarrasse

A Marcos agitou-se à nossa volta, todos a zombar.

Não tive nenhum presságio quando Marcos me levou para perto

Da rua barulhenta, para que Deus me implorasse

Para usar minha infância como uma espada

Tão afiada de misericórdia que os homens ficariam paralisados de medo.

A armadura de Marcos abriu um espaço no meio da multidão.

Bem ali, sob a cruz, passou deus, mancando.

Vi seus olhos e corri para a rua,

Em meio ao súbito silêncio, e limpei seu rosto.

“Minha filha”, disse ele, e cambaleou para a morte.

– Minha infância jazia em pedaços aos meus pés.

Foi pouco tempo depois de ter anunciado a C. S. Lewis que havia escolhido crer e recebido seu “cem mil vezes bem-vindo” que recebi um convite para jantar com ele na Magdalen College. Eu nunca havia visto uma foto dele, e, ao ler seus livros e cartas, imaginei-o vagamente como um homem esbelto, talvez um pouco esquálido, um pouco encurvado, com um rosto fino e míope.

O que vi quando cheguei à sua sala foi o próprio John Bull. Corpulento, alegre, com um sorriso maravilhoso, uma voz forte, um olhar curioso – e nada de tolices. Ele era tão simples e normal quanto um homem poderia ser, mas nunca houve um homem que pudesse entender tão rapidamente qualquer coisa se aproximasse de um pensamento confuso. Além disso, o mais simpático, o mais genial dos companheiros.

Sabendo que eu estaria empolgado com meu cristianismo recém-descoberto, ele sugeriu que seria melhor não falarmos de assuntos cristãos no corredor ou na sala de convívio. Essa foi minha primeira indicação de que alguns dos outros colegas da Magdalen, bem como outros catedráticos da universidade, não estavam tão animados com sua vocação cristã. Eles, sem dúvida, toleravam em silêncio o fato de ele ser cristão, mas sua atitude como cristão, escrevendo livros amplamente lidos sobre o cristianismo, era outra coisa.

Muito mais tarde, quando Lewis foi indicado para a cátedra de poesia, Thad, que caminhava ao longo da High Street atrás de dois catedráticos, ouviu um deles comentar: “Devemos ir e votar contra C. S. Lewis?” Não, ou seja, o voto deveria ser em favor de outro colega.

Em todo caso, evitei falar sobre o cristianismo naquela noite, pelo menos até voltarmos à sua sala, e então vi e ouvi, tanto à mesa quanto no semicírculo que se formou junto à lareira na sala de convívio enquanto o vinho passava de mão em mão, o Lewis que, com brilhantismo, senso de humor e perspicácia, podia controlar-se diante de qualquer homem que já viveu.

Naquela noite começou minha amizade com Lewis. Era uma amizade muito profunda de minha parte; nenhum homem fez tanto para moldar meu pensamento, além do cristianismo, o que, naturalmente, moldou toda a minha vida. Nunca amei tanto um homem. E devo acreditar, pelas coisas que ele disse e escreveu para mim, que ele sentia amizade e afeição por mim também. Mais tarde, ele começou a gostar muito de Davy – ou Jean, como ele a chamava. Após

sua morte, seu irmão, Warren, comentou com um amigo: “Ah, o Jack adorava Van e Jean”.

Eu jantava com Lewis – ou Jack (demorei anos para chamá-lo assim) – várias vezes na Magdalen, e fazíamos happy hours de conversas geniais em sua sala na faculdade, uma sala bastante simples, com uma vista esplêndida. Às vezes eu andava com ele em volta da Addison’s Walk.

A primeira vez que ele propôs isso, eu me preparei para adaptar meu ritmo ao de um homem mais velho – e ele quase me deixou para trás. Parecia um soldado em marcha. Não fiquei muito triste quando retornamos à entrada; e Lewis disse: “Mais uma volta?” E lá fomos nós.

De vez em quando, eu também o via e ouvia na universidade, tanto nas palestras nas escolas como no Clube Socrático, onde Lewis se sentia completamente à vontade. Mas nosso ponto de encontro mais comum era no Eastgate Hotel para almoçar, onde Lewis imediatamente sugeria em voz alta: “Vai uma torta hoje?” Um pedaço generoso de torta de carne e meio litro de cerveja eram o pedido de sempre.

Certa vez, ele se esqueceu do almoço que havia sugerido no Eastgate e, no dia seguinte, enviou o seguinte cartão a Jesus College:

Porcus sum, eu sou porco, porcissimus, o pior porco. Olhei para minha agenda por volta das três horas da tarde no sábado e descobri, para meu espanto, que me esqueci de me encontrar com você ao meio-dia. Por favor, perdoe esse idiota. Você será caridoso e se encontrará comigo no Eastgate ao meio-dia no próximo sábado? Ainda que eu raramente cometa o mesmo erro duas vezes! Eu de fato sinto muito; eu estava muito ansioso por isso. C. S. L.

Lewis e eu conversamos sobre tudo debaixo do sol e, para lá do sol também. Houve várias boas discussões sobre ficção científica, das quais me lemos muito bem. E é claro que falamos sobre o cristianismo e sobre a moralidade cristã. Lembro-me de que uma tarde, em sua sala, perguntei-lhe se deveria ter dito algo mais duro a alguém que merecia; e Lewis, no mesmo instante, foi ao xis da questão com a pergunta: “Qual era a sua motivação?”

No decorrer de uma discussão sobre a eficácia da oração, ele argumentou que era mais saudável quando você se via sendo usado como a resposta para a oração de outra pessoa. E ele contou a história de seu irritante impulso de ir cortar o cabelo sem que houvesse necessidade, descobrindo, depois de ceder ao impulso, que seu barbeiro vivia orando para que Lewis aparecesse. Várias de suas histórias, como essa, mais tarde chegaram a ser registradas.

Uma noite, na Magdalen, conversamos sobre “a ilha no Ocidente”, em O Regresso do Peregrino – aquilo por que todos ansiamos, seja uma ilha no ocidente, o outro lado de uma montanha ou talvez uma escuna, nós ansiamos com a crença de que significará alegria, o que nunca acontece totalmente, porque o que de fato ansiamos é Deus. Não havia um pensamento de Lewis que eu entendesse mais profundamente do que esse, e nossa conversa sobre isso foi profunda e envolvente. Por fim, pedimos chá e o bebemos; depois, caminhei para casa pelas ruas enevoadas e silenciosas de Oxford, ainda encantado com nossa conversa, para contá-la à Davy, ansiosa à minha espera.

Em outras ocasiões, Lewis e eu conversamos – assim me lembra meu pequeno diário azul de Oxford sobre definições do romance e do que o romance deveria tratar (uma boa história), de poesia, do “mundo vergado” em sua ficção científica e no poema A grandeza de Deus, de G. M. Hopkins.

Lewis acreditava que havia pensado nisso sozinho, uma vez que era algo tão

natural e apropriado em sua narrativa. Mas, em seu poema Pilgrim's Problem [Problema do peregrino], em que, no final, "as estrelas graves brilham no céu firmado/Rígidas com justiça", ele acreditava que devia ter inconscientemente tomado emprestado as "estrelas graves", de Keats.

Conversamos em outros momentos sobre a fragilidade humana, sobre cerveja, sobre a oração, sobre fontes literárias e sobre livros preferidos. A releitura de livros, dissemos com imensa concordância, era a marca do verdadeiro amante de livros.

Davy e eu estávamos visitando algumas igrejas de Oxford e chegamos a aceitar, essencialmente, a posição da Alta Igreja[16] de que a Igreja Anglicana fazia parte da Igreja Católica. E achávamos a missa da Igreja Anglo-católica muito bonita. Como resultado da veneração da Alta Igreja a Maria, escrevi um poema[17] sobre ela.

O CORAÇÃO DE MARIA

Querida irmã, eu era humana, não divina,

O anjo permitiu que eu continuasse a ser mulher como antes,

E quando, como a chama sob meu coração, dei à luz

O Filho, eu era a vestal e o santuário.

Meus braços seguraram o Céu junto ao meu peito – não foi vinho, Mas

leite se fez sangue, no qual nenhuma incerteza maternal Prenunciou

imagens do derramar,

Ó Cordeiro! Para manchar o mundo encarnado.

Os magos viram uma coroa que estava por vir,

Mas não a amarga glória do reino;

Eles o chamaram de Rei e ajoelharam-se entre os animais.

Considerei em meu coração o que eles disseram,

Mas não pude ver o cálice ensanguentado de dor.

Eu era apenas uma mulher – embora meu Deus fosse meu.

Em junho, no final do ano letivo, Davy e eu herdamos de um amigo um pequeno apartamento, o Estúdio, que ficava no centro de Oxford. Ficamos tristes por não termos mais o piano, mas, mesmo assim, nós nos mudamos para lá com alegria. Ele ficava na Pusey Lane, uma rua de paralelepípedos e iluminada por lâmpadas a gás. Uma porta vermelha se abria para um beco onde outra porta anunciava “O Estúdio”.

Havia uma cozinha minúscula no térreo, uma escada tão estreita que não comportava duas pessoas lado a lado, e um quarto comprido no andar de cima. Era só isso o banheiro ficava do outro lado do jardim, no edifício principal. Nosso único e comprido quarto tinha duas janelas com vista para o jardim, e uma grande claraboia no teto levemente arqueado. Em uma das extremidades, havia uma lareira que enchia no mesmo instante o quarto de uma fumaça de carvão densa se o vento soprasse do lado errado. Em qualquer direção que o vento estivesse, podíamos ouvir todos os sinos de Oxford, incluindo o estrondo profundo do Grande Tom, na Christ Church. Este era o Estúdio – ou Santo Estúdio – inconveniente, úmido, esfumaçado e muito querido para nós e para muitos.

Uma vez que o Estúdio era central e, diga-se de passagem, ficava no caminho de North Oxford para St. Ebbe's e por causa, talvez, de sua atmosfera extraordinária, composta pela rua de paralelepípedos, iluminada por lâmpadas a gás, e pelo quarto superior aquecido, com sua claraboia escura, quando chovia, e sua lareira agradável (exceto quando o vento soprava na direção errada, é claro), ele se tornou o centro de uma vida animada no Christ para um grande número de pessoas.

Logo aceitamos que, se quiséssemos realizar algum trabalho, deveríamos fazê-lo na Biblioteca Bodleiana; e, mesmo assim, muitas vezes chegávamos à nossa casa e víamos que amigos tinham chegado e já estavam bastante envolvidos em alguma discussão interessante. O diário indica que, em uma semana, selecionada aleatoriamente, 24 pessoas vieram, seis delas duas vezes; assim, ouviu-se a aldraba de metal trinta vezes, e um de nós desceu a escada estreita.

Por quase dois anos, exceto quando íamos a Londres para ver peças de teatro, visitar alguém ou de viagem, dificilmente houve um dia ou uma noite em que as pessoas não tenham vindo, tanto cristãos como não cristãos (aqueles que diziam não serem); e houve literalmente centenas de conversas interessantes. Oxford!

Como consequência de nossa aceitação da fé, o círculo de nossos amigos cristãos aumentou, sendo quase todos universitários. Continuamos a ver grande parte dos cinco originais, Lew e Mary Ann, Peter e Bee, e Thad – e mencionei o galês cabeludo, Geraint Gruffydd, que podia ler poesia com sua voz vibrante de modo tão magnífico que arrepiava até as costas de uma estátua. Ele era um poeta, embora só ouvíssemos seus poemas em suas próprias traduções do galês. Certa vez, em sua casa no País de Gales, como resultado de uma discussão sobre os méritos relativos do borgonha e do clarete, fomos aos comerciantes de vinho em busca de safras e tivemos uma grande série de sessões de degustação, mais ao estilo de "Brideshead". O clarete ficou bem à frente, até que, de volta a Oxford, abri uma garrafa preciosa de um Chambertin aveludado de um grande ano na Borgonha.

Outro poeta – um poeta extraordinário – e um profundo amigo cristão ao longo dos anos foi Julian – Dom Julian, de St Benet's Hall. Embora nascido na Inglaterra, ele havia crescido um tempo em Maryland; e seu convento beneditino na Nova Inglaterra o havia enviado primeiro a Roma e depois a Oxford, onde, no tempo oportuno, assistimos à sua ordenação ao sacerdócio.

David Griffiths, do Kent e Worcester College, e Tom Harpur, do Toronto e Oriel College também estavam estudando teologia para o sacerdócio, só que, para eles, era o sacerdócio anglicano. Mas foi com David que compartilhamos a empolgante descoberta da fé católica dentro da Igreja da Inglaterra, e foram muitas as noites em que conversamos bastante sobre isso.

Tom, alto, de olhos azuis, apesar da tradição de Newman e do Movimento de Oxford em sua faculdade, era mais evangélico. Mas esse era o Estúdio: havia católicos, evangélicos, ateus e todas as vertentes deles, todos conversando feliz e espirituosamente em igualdade de condições.

Às vezes, quando Tom ficava até tarde, eu o acompanhava até Oriel para lhe oferecer as costas como apoio, a fim de que ele pudesse alcançar e remover uma barra de uma das janelas com grades que todas as faculdades tinham e entrar. Uma vez ele deixou a barra cair, provocando um som estridente que ecoou pela noite silenciosa, e, segundos depois, vimos um grupo de supervisores na viela. Nós – Tom ainda com a barra na mão – corremos rapidamente para as sombras, retornando mais tarde para outra tentativa.

Davy, em compensação celestial pelo piano perdido, às vezes era convidada para tocar órgão na St. Ebbe's. No coral, parecendo muito com um pequeno anjo negro, havia uma jovem chamada Jane, que Davy levou ao Estúdio. Depois disso, Jane e às vezes sua amiga, Mia, ambas estudando para a entrar na universidade, vinham com frequência. Jane era muito silenciosa, mas também era amante de poesia e uma poetisa. Líamos muita poesia em voz alta no Estúdio, e, quando eu lia, sobretudo Quatro Quartetos, de T. S. Eliot, quase podia

sentir a forma intensa com que Jane me ouvia.

A poesia não era uma pequena parte da magia do Estúdio; líamos não apenas os grandes poemas, mas também os nossos – os poemas que escrevíamos, uns para os outros – e discutíamos poemas em que o Deus encarnado estava muito presente.

Geraint, em um poema dedicado à Luned, a garota galesa com quem se casaria, falava das “horas sagradas/Quando nosso espírito fluía silenciosamente como se fosse um só/Nas correntes do amor de nosso Cristo”.

E a poesia de Julian era pura oração, profunda e santa. Ele falava sobre si mesmo: “Andando no jardim.../Levantando com o pé de minha filosofia a poeira do caminho/[buscando] o desconhecimento indiferente e a confiança irracional”. Em sua ordenação em Oxford, ele ofereceu a Cristo: “Pensamento atormentado e sapatos gastos/Toma tudo e nele permanece”. Um de seus poemas era sobre ir embora do estúdio à noite:

TU ÉS O REI DA GLÓRIA

O clamor para a noite,

Para as lâmpadas a gás,

Depois da chuva,

Por que chorarei?

Adeus, até logo!

Eu lhe deixo com a sua dor.

Que o Senhor esteja com você!

E, nesta hora, mais uma vez,

Coloque os pés nesta rua de pedra

E faça chover a fé dele dentro de você.

Amém!

Certa noite, Julian, Davy e eu tivemos uma conversa agradável e profunda sobre poesia e a virgem Maria – o que ela significa para o homem e qual foi seu papel no reino. Daquela longa conversa à noite veio outro de meus poemas[18] de Oxford, dedicado com carinho a Julian:

NOSSA SENHORA DA NOITE

Quando este mundo esconde o constante coração da luz,

Nós mergulhamos no frio desespero por meio das estrelas que orbitam.

Em eterna indiferença, nossos sentidos revolvem-se

No nada, e a escuridão rouba nossa visão.

Surgindo envolvida no céu azul profundo, brilhante,

Com o sol secreto, a lua, para marcar a ternura,

Olha para a terra lá embaixo, onde, reconfortados, bendizemos

O sol nela, nossa senhora da noite.

Ó senhora, os olhos não podem suportar a dor

Da luz plena, nem ver como andar.

Sem ela, tão cegamente cambaleantes, somos levados

A buscar essa luz em você que a vê claramente.

Seja conosco, nossa senhora, em meio às trevas, agora

E na terrível hora da aurora.

Embora nossos amigos cristãos viessem com frequência ao Estúdio, nossos amigos não cristãos eram, é claro, igualmente bem-vindos. De fato, em algumas das melhores discussões sobre assuntos cristãos, estava presente um casal de não cristãos, que se juntava a nós com um ceticismo saudável. Assim, nossa experiência em Oxford foi que todos falavam sobre tudo. E, por essa mesma razão, em geral sabíamos quem era cristão, não cristão, meio cristão, hindu ou o que quer que fosse, porque isso vinha à tona nas conversas.

Certa tarde, Davy e eu andávamos pelos parques da universidade, falando em escrever um romance algum dia, captando algo da extraordinária variedade de vida em Oxford, incluindo o Estúdio, um romance em que nos colocaríamos como personagens. Então, dizendo “algum dia, talvez”, fomos ao Copper Kettle, na High Street, para tomar um chá.

Naquela noite, como sempre, um par de amigos apareceu. Um era Julian e o outro, um amigo não cristão do Corpus Christi College chamado Richard, e foi Richard quem quis conversar sobre o cristianismo.

Depois de uma longa conversa, ele disse: “O que me incomoda é a Trindade. Ela e, acima de tudo, a encarnação. Todos vocês parecem crer que Jesus foi, ao mesmo tempo, completamente um homem – e completamente Deus. Em nome do bom senso, como ele pôde ser? Vocês, cristãos, sempre se refugiam em mistérios”.

Respondi: “Nada disso. Não estamos nos escondendo atrás de um mistério nisso, nem um pouco”. “Bem”, disse Richard, “explique-me isso de alguma forma que faça sentido”.

Julian começou a dizer algo sobre as Pessoas de Deus, e pude ver que Richard não estava achando aquilo muito útil. Então pensei no romance sobre o qual Davy e eu estávamos conversando, e murmurei para Davy: “Já sei!” “Ainda não estou convencido”, disse Richard quando Julian terminou sua argumentação.

“Olhe, Richard”, eu disse. “Nessa tarde, Davy e eu estávamos falando em escrever um romance sobre Oxford, incluindo o Estúdio, nós e todo mundo. Agora, supondo que poderíamos fazer isso...”

“Supondo que vocês possam fazer isso”, disse Richard, “eu compraria um exemplar. Mas não pagaria mais do que cinco xelins”.

“Ouça”, eu disse. “Estamos falando sobre a encarnação. Tudo bem, suponha que eu escreva – é muito complicado com dois autores – e coloque-me nele. Lá estou eu, descendo a High Street, usando uma gravata da Jesus College – no livro. E digamos que eu invente muitos personagens, sem usar pessoas reais por medo de ferir os sentimentos delas. Mas eu estou nele, e eu, o personagem, digo tudo o que eu diria nas várias situações que ocorrem em meu enredo.”

“E o que isso tem a ver com a encarnação?”, perguntou Richard.

“É isso que eu estou dizendo a você, seu besta”, disse eu com um sorriso. “Você não percebe? Estou encarnado no meu livro. Estou aqui fora, escrevendo, por isso sou como Deus Pai. Mas sou eu mesmo no livro também, não sou? Então esse é Jesus, o Filho, certo? O eu no livro fala as minhas palavras – e, ainda assim, são discursos que eu provavelmente nunca fiz na vida real, não estando nessas situações. E, apesar de tudo, você não consegue ver que sou de fato eu?”

“Hum”, disse Richard. “Sim, certo. Entendo. Continue.”

“Bem”, falei. “Tudo bem. Estou aqui fora, sendo ‘o Autor de todas as coisas’ e estou no livro, participando de cenas de”quem criou o drama"; estou encarnado no meu livro. Agora, o eu no livro sou eu completamente, não? E ele é completamente o personagem também, não é? Como na doutrina: completamente Deus e completamente homem. Faz sentido, não faz? E mais uma coisa: suponha que os personagens fujam com a história – os autores estão sempre dizendo que isso acontece. Pode ser necessário, seja o que for que eu tenha intentado originalmente, que eu seja morto – hum, crucificado... Enfim – percebe?[19]

“Você venceu”, disse Richard. “Faz sentido, sim. Vou ter que pensar sobre isso.”

“Mas há outra coisa”, disse Davy. “Os outros personagens – os criados; os inventados. Se Van inventar os personagens, todos eles, mesmo os maus, terão algo de Van neles, não terão? Então, percebe? Todos nós temos algo de Deus em nós – o Espírito de Deus –, mas só Jesus, o Único, é Deus Encarnado. Mas o Espírito de Deus está em nós... Bem, é isso que forma a Trindade, não é? Deus

Pai, Deus Filho e Deus Espírito Santo. Na verdade, eu nunca vi isso de forma tão clara! Mais chá?”

Periodicamente, durante os anos em Oxford, nas férias, saímos para visitar amigos ou fazíamos viagens mais longas. Havia muitas viagens de um ou dois dias para Londres. Houve um Natal muito alegre em Yorkshire, cheio de brincadeiras familiares e canções natalinas pelas ruas enevoadas, na casa de um amigo da faculdade, Trevor. E passamos 15 dias na região selvagem do País de Gales com Bee, Peter e Geraint na maior parte do tempo, sobretudo escalando o Cadair Idris, quando o tempo estava bom, e lendo John Buchan na casa de fazenda, quando estava chovendo.

Thad e nós tomamos emprestado um carro e passeamos durante dias pela adorável região das Cotswolds, explorando abadias em ruínas e parando para visitar amigos.

Outro amigo, um irlandês, Paddy O’Leary, que eu havia conhecido enquanto bebia um xerez ruim com nosso professor de moral, na faculdade, e sua doce esposa inglesa, Margaret, convidaram-nos para ir à casa dela, onde nos tornamos padrinhos do filho do casal.

Com Edmund, meu companheiro de jantar, e uma garota chamada Lore, viajamos pela França por 15 dias, explorando catedrais, ruínas romanas e as cavernas de Lascaux, além de jantarmos em alguns ótimos restaurantes, conforme indicação do Guia Michelin. Também bebemos muitos vinhos do país onde quer que estivéssemos; e acabamos com um passeio alegre em Paris, de cima a baixo, no primeiro dia ameno de primavera. O céu estava azul, os parques estavam repletos de namorados, o rio cintilava e a Notre-Dame, na Ile de la Cité, parecia muito imponente.

Uma das visitas mais felizes foi à casa em Hampshire, de um amigo muito querido da faculdade, um visitante frequente do Estúdio, Peter Crane. Sua casa enorme e espaçosa, na vila de Fritham, ficava na New Forest; e nós nos lembraríamos da casa em si e da horta cheia de lavanda, do major e da senhora Crane cordialmente hospitaleiros, da agradável sala de visitas e da misteriosa janela no andar superior que não dava para nenhum cômodo – a não ser um espaço pequeno e emparedado.

Em uma noite tranquila e escura, sem uma única estrela, Davy, Peter e eu fizemos uma longa caminhada pelas pequenas estradas que atravessavam a antiga floresta. Depois de algum tempo, avistamos a luz de um fogo mais à frente e ouvimos uma garota cantando. Nós nos aproximamos em silêncio. Então vimos, em uma clareira iluminada pelo fogo com as árvores grandes ao redor, uma série de caravanas ciganas levantadas. Os homens estavam esparramados pela grama, e a garota, escura e adorável à luz do fogo, mexia uma panela no fogo e cantava, quase como se cantasse para si mesma, uma triste canção cigana.

Embora houvesse essas jornadas cheias de fortes lembranças, e embora também houvesse, naturalmente, centenas de horas nas profundezas da grande Biblioteca Bodleiana, o centro de nossa experiência em Oxford, que Davy e eu compartilhávamos de modo pleno, era o Estúdio.

Mesmo sacrificando um pouco nosso tempo juntos, decidimos desde o início alcançar ou absorver tudo o que pudéssemos da riqueza extraordinária da grande universidade ao nosso redor. Uma coisa que todos nós em Oxford sabíamos, bem no fundo de nossa mente, era que aquilo não duraria para sempre.

Lew e Mary Ann expressaram-no certa noite, dizendo: “Vocês sabem, este é um tempo de receber – amizades, conversas, alegrias, sabedoria, conhecimento, beleza, santidade –, mas, depois, bem, haverá o tempo de dar”. Mais tarde, quando estivéssemos espalhados pelo mundo. Agora deveríamos armazenar a força, as riquezas, tudo o que Oxford poderia nos dar, para que isso nos

sustentasse depois".

Ela, Oxford, estava lá, como uma mãe para todos nós, com as mãos repletas de riquezas. Poderíamos pegar o que quiséssemos. Nós, Davy e eu, para começar, recebíamos todos os que vinham ao Estúdio. Quem chegasse, qualquer que fosse a hora, sempre seria bem-vindo.

Nenhum relato de nossa vida cristã em Oxford poderia ser completo sem alguma referência à influência predominante de C. S. Lewis sobre todo o nosso grupo de amigos. Além de estarmos sempre com um livro de Lewis em mãos para ler uma passagem, dezenas de coisas do "Cânone" estavam inseridas em nossas conversas e piadas.

"Por Deus! Eu estou sendo humilde", um de nós dizia, zombando ligeiramente de si mesmo. Mencionávamos sempre os "ônibus vermelhos", referindo-nos ao ônibus vermelho que Fitafuso[20] usava, com sugestões de almoço, para desviar o rapaz no Museu Britânico de ter pensamentos "perigosos" acerca de Deus. Entendíamos por ônibus vermelhos a tela que o "mundo real" coloca entre nós e a verdadeira Realidade. Falávamos brincando de "Nosso Pai nas Profundezas", em geral associando as palavras a um levantar de olhos e um murmúrio "Perdão, Senhor!"

Havia muitas referências às pessoas em O grande abismo,[21] de Lewis, sobretudo ao escorregadio bispo que se recusava a crer. Muitas vezes um de nós dizia: "Ah, eu o perdoo como cristão, mas há coisas que a gente nunca pode esquecer!" Às vezes, dizíamos isso zombando de nós mesmos. Em outras, se percebêssemos que um de nós poderia não ser totalmente compassivo, dizíamos de forma séria e inquisitiva. Em outras ocasiões, dizíamos isso com um perdão completo e alegre como se fosse uma espécie de "ironia celestial" radiante.

Todos os nossos amigos e conhecidos, cristãos ou não, vinham até nós, eventualmente trazendo outros – algumas vezes, apenas por alguns minutos; outras, por horas. Havia conversas sobre quase todos os assuntos imagináveis, porém, mais cedo ou mais tarde, parecia que a conversa era conduzida a coisas mais importantes e ao cristianismo.

Nunca houve conversas como as do Santo Estúdio, como às vezes o chamávamos, conversas ora alegres, ora sérias; ou ambas as coisas ao mesmo tempo. Ninguém que fez parte desse ambiente se esqueceu dele. E, como pano de fundo, aceitos, mal notados, mas uma parte da textura das horas, havia os sinos de Oxford, tocando a noite toda.

Não menos parte disso era a chuva sobre a claraboia. E, como no poema de Julian, as despedidas: descendo a escada estreita e saindo na Pusey Lane para despachar o amigo que está de partida com um "Adeus, boa-noite. Vá sob a Misericórdia". A expressão vem de Charles Williams, e todos nós a usávamos – na verdade, alguns de nós ainda a usam, mesmo depois de todos esses anos.

Havia um halo ao redor da lâmpada a gás na rua, e a fina chuva inglesa como uma névoa, e os paralelepípedos da rua brilhavam. "Boa-noite. Vá sob a Misericórdia". E o amigo talvez dissesse: "Durma sob a Proteção. Boa-noite". E então o som de sapatos se afastando na noite de Oxford e talvez os sinos marcando a meia-noite.

Íamos visitar outras pessoas também, é claro – festas em quartos de faculdade, com vinho quente junto à lareira, ou apartamentos em North Oxford. Mas o Estúdio era central, ficava mais ou menos no caminho para qualquer lugar, de modo que a aldraba soava dia e noite. As pessoas eram sempre bem-vindas. Exceto uma vez.

Havíamos nos levantado tarde e, por isto, estávamos mal-humorados. O apartamento estava um caos, com xícaras e copos sujos, e livros espalhados pelo chão. A luz cinzenta vinda da claraboia caía sobre a sala. A lareira, claro, estava apagada e fria. Por fim, consegui juntar forças suficientes para descer, pegar um pouco de carvão e acender o fogo. Tudo corria bem quando duas coisas aconteceram ao mesmo tempo: Davy ligou o aspirador de pó, o que causou a queima de todos os fusíveis do apartamento, e o vento mudou de direção, levando a fumaça para dentro da sala. Cambaleamos na penumbra, pisando em xícaras de café, carregando potes de água para apagar o fogo. Naquele momento ouvimos um grito animado de alguém que batia à porta com a aldraba. Davy e eu olhamos um para o outro, em meio à fumaça, com olhos vermelhos e irritados, e, em um acordo silencioso, não nos mexemos. A batida veio de novo. Não nos mexemos. Quem quer que fosse – nunca descobrimos – desistiu. Os passos se afastaram. Provavelmente era Jesus.

Mais tarde, naquele mesmo dia, saímos para almoçar no Trout, então atravessamos o rio e, depois de parar para contemplar as antigas muralhas do convento de Godstow, ora usado por um fazendeiro para guardar feno, caminhamos para o oeste.

Embora muitas pessoas fossem ao Estúdio, estávamos cientes da necessidade de nos mantermos próximos e cientes também de nossa antiga exigência de termos tempo juntos, “sozinhos ao ar livre”. Por isso andávamos muito, em qualquer hora, conversando enquanto caminhávamos; ou andávamos de chalana no rio. Na primavera e no verão, levávamos um livro de poesia – ou O vento nos salgueiros[22] – e íamos para um agradável refúgio gramado ao longo do Cherwell, para ler e conversar.

Apesar de já sermos cristãos, éramos cristãos juntos, concordávamos perfeitamente com relação ao que estávamos fazendo. Todos os princípios da Barreira Brilhante, agora que havíamos passado por aquele breve período em que Davy era cristã e eu, não, ao que parecia, estavam operando desde sempre.

No Estúdio, por mais que as pessoas estivessem lá, estávamos permanentemente cientes um do outro e nos comunicávamos sem usar palavras, rápidos em sentir qualquer coisa que pudesse incomodar um de nós e em fazer algo a respeito.

Certa noite, C. S. Lewis veio ao Estúdio para jantar. Foi no final do ano letivo ou nas longas férias, por isso não havia medo da fumaça da lareira; afinal, quase nunca acontecia à noite. Lewis chegou e subiu aquela escada estreita sem dificuldade, e sua grande e genial voz praticamente fez as paredes se abaularem.

Depois do xerez, comemos carne de carneiro e batatas. Foi uma noite grandiosa. Conversamos com alegria sobre a origem das palavras e sobre as diferenças de uso entre a Grã-Bretanha e os Estados Unidos, como o uso ainda nos Estados Unidos da palavra “gotten”, agora arcaica na Inglaterra. Davy falou das palavras antigas e dos leves sotaques do dialeto londrino dos ilhéus de Chesapeake quando estávamos viajando por lá no Grey Goose. Lewis parecia interessado em nossas aventuras no mar, então conversamos um pouco sobre barcos. Ele ficou até muito tarde, e, por fim, a conversa se tornou mais séria quando falamos sobre a oração.

A certa altura, Davy lhe perguntou sobre as orações com as quais poderia contar com a ajuda da Santíssima Virgem. Lewis nunca se comprometeria com qualquer coisa que tivesse a ver com diferenças entre a alta e a baixa Igreja. Ele disse, no entanto, que, se o tempo de oração fosse limitado, o tempo que alguém levaria para pedir a ajuda de Maria seria o tempo que poderia ser usado para falar direto com o Altíssimo.

Nós também falamos sobre orar para que alguém se tornasse cristão – se essa oração era útil, uma vez que: (1) Deus aparentemente quer que isso aconteça de qualquer maneira, e (2) a pessoa pela qual se orou aparentemente tem o livre-arbítrio para rejeitar. Mesmo assim, Lewis estava convencido de que deveríamos e devemos orar por isso.

Orar por isso como – ele poderia ter acrescentado – ele e Davy oraram para que eu me tornasse um cristão. Quando ele por fim se despediu, nós dois descemos com ele até a rua; então caminhamos parte do caminho de volta para Magdalen, separando-nos dele perto do Martyrs' Memorial.

Naquele ano as férias de verão foram mais do que agradáveis. Em uma manhã de primavera, pouco depois de a luz aparecer ao leste, estávamos sentados em uma chalana embaixo da Torre Magdalen com amigos, ouvindo primeiro um rouxinol tardio e depois, do topo da alta torre, as vozes puras de meninos cantando seu madrigal em latim. Quando terminaram, os sinos da torre soaram para dar as boas-vindas à primavera, e nós, com os grandes sinos ainda tocando, descemos o rio para tomar o café da manhã que havíamos levado.

E em um domingo, com as grandes árvores já floridas, nós, Peter e Bee atravessamos as pradarias até a pequena vila de Binsey e descemos a rua repleta de faias, para participar das matinas na St. Margaret's, como havíamos planejado há muito. Mas nós nos enganamos com o horário; ninguém estava lá. Decidimos, então, fazer nossa própria liturgia de um modo muito simples. Davy tocou o pequeno órgão. Pedro leu a primeira lição da liturgia, e eu, a segunda. Então todos nos ajoelhamos e fizemos a Confissão Geral, embora, é claro, não tenha havido Absolvição, exceto, nós acreditamos, do Alto. Cantamos pelo menos um hino, e Bee nos deu um sermão de mérito excepcional, com duração de cerca de um minuto, sobre o tema de amar uns aos outros. Contudo, o que mais me lembro claramente é de nosso canto do Te Deum Laudamus:[23] nossas vozes encheram a pequena igreja quando chegamos ao "Tu és o Rei da Glória". Depois que terminamos e saímos para a manhã ensolarada no campo, todos nos sentíamos tão religiosos e santos quanto teríamos nos sentido se o vigário tivesse aparecido.

Olhando para trás, para aquele primeiro Advento em que Davy se tornou cristã – e eu, naquela noite santa, quase me tornei –, escrevi o último de meus poemas[24] de Oxford, com a ajuda de Davy, como sempre:

ADVENTO

Dois mil anos se passam enquanto, na Cruz,

Nosso Senhor ainda está sofrendo – a dor.

Não tem fim: a lança transpassa, os cravos rasgam a pele –

E nós, aos pés dela com Maria, choramos nossa perda.

O limiar da noite fria avança pela terra;

A cada segundo dos séculos

A escuridão surge em algum lugar, com terrível tranquilidade,

Matando o sol, negando o renascimento da luz.

Mas, se a agonia e a morte persistirem,

Vemos as lágrimas de Nossa Senhora, o grito mais mortal de Nosso Senhor,

Assim, também, o adorável nascimento eterno mais uma vez –

E o túmulo abandonado. Hoje: o amanhecer

Que nunca findou e nunca poderá deixar

De romper a glória é o prelúdio dos mortos.

Mandei os seis poemas[25] para C. S. Lewis, embora ele tivesse visto dois deles, e ele respondeu, em parte: “Acho que todos os poemas[26] são muito bons. As Areias é muito bom, de fato. O Advento também, talvez o melhor. (A linha 5 é formidável.)”

Após as férias de verão, vários de nossos amigos começaram a deixar a universidade, incluindo um triste Julian, para irem a qualquer parte do mundo que os reivindicasse. Para nós, as longas férias e o início do outono eram uma época de muito trabalho, academicamente falando, embora ainda tivéssemos tempo para os amigos que permaneciam ou que, como Jane, vinham para uma alegre visita e um ou dois poemas.

No outono, o fim de nosso próprio tempo em Oxford estava se aproximando. Deveríamos deixá-la no auge do inverno. Julian, agora de volta ao seu monastério, escreveu dizendo que gostaria de estar em Oxford de novo e falou sobre a “animada” Davy, aquela qualidade que parecia a própria essência do ser de Davy. E ele nos enviou um poema:

ANOITECER

Às vezes eu acendo meu cachimbo, e as noites de outono são longas.

E vão ficando frias, vai-se a canção do verão.

De algum modo, minha mente retorna.

Minha mente e meu coração desejam voltar

Para a lareira do Estúdio, para Van e Jean.

Falaremos de oração.

E as lâmpadas a gás e talvez a chuva do anoitecer

Surgirão em meio à névoa da viela,

Como nossos desejos para Deus aos olhos mortais são invisíveis.

Naquele outono fomos muitas vezes ao nosso pub local, o Lamb and Flag. Lá, entre os lançadores de dardo, nós nos sentávamos no canto, bebíamos cerveja escura e conversávamos. Havia uma espécie de percepção em nós de que éramos só nós dois de novo. Toda a magia cinzenta de Oxford desapareceria, mas nós – nós continuaríamos, estaríamos juntos, de costas um para o outro, se necessário.

Sabíamos o que era ser cristãos em Oxford, e sabíamos o que era ser pagãos alegres em outros lugares. Mas agora estávamos prestes a ir para outro lugar como cristãos – a Virginia, para ser preciso –, e isso seria algo novo. Mas o querido Deus estaria conosco, e nós aguentaríamos firme.

Conversamos sobre nossos anos em Oxford do ponto de vista do "nós". Quanto, a despeito de todas as pessoas, quanto companheirismo e amor houve! Pensamos em todos os momentos alegres juntos, caminhando pelos parques, indo para algum lugar de trem, deitados na grama ao longo do Cherwell, indo ao Perch ou ao Trout. Mas nós dois sentimos, e dissemos um ao outro, que toda a experiência, tanto de Oxford quanto de Cristo, não era nada menos que impressionante. Nós dois sentimos que precisávamos de muito tempo sozinhos, em alguma ilha, abandonados, só nós dois, para conversar e conversar a fim de conciliar Oxford e Cristo, o Grey Goose e a Barreira Brilhante. A filosofia pagã e a verdade cristã em nossa própria "summa". Planejamos, então, que em um ou dois anos, de alguma forma, tiraríamos um ano ou meio ano e encontraríamos algum lugar no país onde pudéssemos "nos esconder" e fazer exatamente isso.

Pensamos com saudade na sumida Glenmerle. O lugar que encontraríamos, no entanto – talvez na Inglaterra, talvez na Virgínia – chamaríamos de "Lady wood". Ali conversaríamos, encontraríamos a nós mesmos e um ao outro, e definiríamos nosso rumo para o futuro.

Nós ainda pensávamos no Grey Goose, mas não estávamos certos – não com o

cristianismo. Em todo caso, precisávamos recuperar um pouco nosso rumo. Em nós, em todas as conversas ali, no Lamb and Flag, havia a sensação de que o tempo estava acabando, o tempo em Oxford, e, pelo que sentíamos, estava acabando no momento certo.

Uma vez que não havíamos falado muito do futuro durante todos esses anos em Oxford – sendo o presente um turbilhão tão glorioso –, era quase como se estivéssemos nos encontrando de novo. E tivemos uma sensação curiosa, ali no pub, de estarmos equilibrados de uma maneira atemporal entre dois mundos.

De repente, era nosso último dia em Oxford. No dia seguinte, pela manhã, Edmund Dews nos serviria o café da manhã – ele já estava exercitando sua mente para selecionar o vinho suave perfeito para um café da manhã de despedida. E então nos levaria até o trem com destino a Londres. Lá deveríamos apenas ter tempo para almoçar em meu clube, em Pall Mall, o Oxford and Cambridge, e depois pegar o trem chamado Red Rose para Liverpool. E, ao anoitecer, nosso navio estaria navegando no vasto e invernal Atlântico Norte. Mas ainda era nosso último dia em Oxford, um dia ensolarado de inverno. À tarde deveríamos despedir-nos de amigos e, à noite, passear por Oxford.

Pela manhã passamos pelo New College, pela Queen's Lane até chegar à Magdalen Bridge, onde nos viramos para subir a High Street. A High, com uma suave curva e as faculdades antigas de ambos os lados, pode muito bem ser a rua mais bonita do mundo, sobretudo por causa da beleza altiva da torre de St Mary's. Assim que chegamos à torre, os sineiros lá dentro, como se tivessem visto nossa chegada, puxaram as cordas, e os sinos soaram. Ficamos ali por alguns minutos imersos no alegre clamor dos sinos com badaladas diversas.

Naquele último dia encontrei C. S. Lewis, no Eastgate, para almoçar. Conversamos, eu me lembro, sobre a morte ou, melhor, o despertar após a morte. Fosse o que fosse, pensamos, nossa resposta seria: "Ora, claro! Claro que é assim. De que outra forma poderia ser?" Nós dois rimos disso. Eu disse que seria

uma espécie de volta para casa, e ele concordou.

Lewis disse que esperava que Davy e eu voltássemos para a Inglaterra em breve, pois não deveríamos perder o contato. “Em todo caso”, disse ele com um sorriso alegre, “certamente nos encontraremos de novo aqui – ou lá”. Então era hora de ir embora, e esvaziamos nossas canecas.

Quando saímos para a movimentada High com o tráfego a todo vapor, apertamos as mãos, e ele disse: “Eu não vou dizer adeus. Nós nos encontraremos de novo”. Então se lançou para o meio dos carros.

Fiquei ali olhando para ele. Quando chegou à calçada do outro lado, virou-se como se soubesse, de algum modo, que eu ainda estaria parado lá, em frente ao Eastgate. Então levantou a voz em um grande brado que facilmente foi mais alto que o barulho dos carros e dos ônibus. Cabeças se viraram, e pelo menos um carro se descontrolou. “Além disso”, gritou ele com um grande sorriso, “cristãos NUNCA dizem adeus!”

CAPÍTULO 6

A Barreira é transposta

No auge do inverno, chegamos a Lynchburg, na Virgínia. Quando o ano novo começou, estávamos, com Flurry, nossa collie alegre, alojados em um bangalô deprimente, que, depois de darmos uma olhada, chamamos de Li'l Dreary, em uma rua de casas sem graça.

Não tínhamos carro, mas ele ficava a apenas oitocentos metros da Lynchburg College, onde eu dava aulas, e menos do que isso das lojas e da igreja local. Estávamos de volta ao lar. Ou seria o contrário? O fato era que havíamos saído de casa, da Inglaterra e de Oxford, a cidade de nossa alma, para ir para o estrangeiro? Parecia mais assim.

Estávamos, de fato, sofrendo do que seria chamado de "choque cultural", que era mais devastador por ser inesperado. Não houve o mesmo choque quando fomos para a Inglaterra. Havíamos sido preparados para diferenças culturais, das quais a maioria havíamos adotado de qualquer maneira. Agora, porém, estávamos chocados e desanimados. O jornal local, depois do The Times, era inconcebível. A cerveja americana era muito gelada e espumante. As casas eram muito quentes e pareciam frágeis. A grama não tinha um bom tom de verde. Os alunos da faculdade, de fato, não eram apenas maus alunos, mas semianalfabetos.

Pouco depois de nosso retorno [para os Estados Unidos], palestrei para o clube feminino da faculdade, mas todos os sorrisos educados de boas-vindas desapareceram, exceto o de Davy, que se abriu ainda mais, quando comecei a criticar as barbaridades norte-americanas: buzinas de carros para chamar os amigos, suas atitudes a favor e contra do consumo de álcool, e o macarthismo.

Contrastei a histeria anticomunista com uma experiência inicial em Oxford...

Caminhando pela Broad certa noite, nós nos deparamos com um pequeno grupo de pessoas que ouvia, sobretudo com ar debochado, um “comuna” tagarelando em uma tribuna improvisada, enquanto um rapaz do tipo fascista o questionava, e um policial observava os dois. Quando pareceu que o fascista iria começar uma briga, o policial abriu caminho por entre a multidão, uma grande mão pousou sobre o ombro do fascista irritado, e o policial disse tranquilamente: “Ei, ei, rapaz. Deixa-o dizer o que tem pra dizer”.

Havíamos nos envolvido tão profundamente com a Inglaterra e com a alta civilidade de Oxford, sem consciência de que estávamos fazendo isso, que o choque cultural foi bastante genuíno. E foi agravado pelo desconforto. Todo interior era sufocantemente quente – trens, ônibus, casas –, muito quente! E nossas roupas de tweed e flanela, tudo o que tínhamos, eram muito pesadas. Eu abria as janelas da sala de aula, e os alunos tremiam e queixavam-se.

Em casa, pelo menos, desligávamos o termostato e mantínhamos um fogo amigável com carvão na lareira. Bebíamos “chá de verdade” pela manhã, à tarde e à noite, e, por algum tempo, tentamos continuar a tomar chá como parte de uma refeição. Líamos o poema Exile, de Theodore Maynard, com empatia e murmurávamos com ele: “E o ar inglês que era o que eu respirava/ Continuou a ser minha vida mortal até a morte [...]”. Com saudades de casa, escrevíamos cartas para amigos que ainda estavam em Oxford, e recebíamos cartas saudosas de amigos que, como nós, haviam deixado Oxford e não estavam felizes com a ideia de estarem no Kansas ou no Kenya Colony.

Mais tarde, quando o verão chegou, ficamos assustados com as trepadeiras, a exuberante vegetação rasteira e o terrível calor: a Virgínia, embora nunca tivéssemos percebido nos últimos anos, parecia tropical, até mesmo uma selva. Davy e eu nos aproximamos mais por causa de nossa aversão compartilhada, em parte temporária, a tanta coisa à nossa volta e de nossa saudade da Inglaterra.

O fator religioso agravava o choque cultural. Em Oxford, nós nos lembrávamos de Lynchburg como uma cidade de igrejas talvez não tão belas e veneráveis como as inglesas, mas cheias, sem dúvida, do Espírito Santo e de uma intensa busca pelo que significava a vida centrada em Cristo. Temos de admitir que não tínhamos notado essa vida cristã tão vívida, sem dúvida, à nossa volta – embora, na época, ainda não fôssemos cristãos. Agora, parecia-nos que havia muito pouco interesse em ter uma vida centrada no Senhor encarnado. As pessoas iam à igreja, é verdade, mas a conversa era sobre o convívio no Couples Club ou sobre as ideias raciais radicais do bispo. Sem dúvida, Cristo estava em algum lugar nas igrejas, mas não era fácil encontrá-lo.

Ainda mais desanimador, em outros círculos, era a diluição da fé a pouco mais que alguns preceitos morais de Cristo. “Sim”, diziam esses incrédulos que se intitulavam cristãos, “de fato, Jesus era o divino Filho de Deus; portanto, nós todos também somos filhos divinos de Deus. Claro que houve uma encarnação; cada um de nós é a encarnação de Deus. Se João sugere outra coisa, ou mesmo Paulo, não podemos depender deles. Milagres – bem, sabemos que Deus não trabalha assim. Não, é claro que nosso entendimento de como Deus trabalha não vem da Bíblia, mas sabemos mesmo assim. Não houve ressurreição, exceto, em algum sentido muito espiritual, o que quer que aqueles ingênuos apóstolos acreditaram ter visto. É claro que somos cristãos – como você pode duvidar disso? – embora, naturalmente, o budismo, o islamismo e todas as religiões, exceto a Igreja Católica, sejam igualmente Caminhos. Verdade? O que é a verdade? O que a verdade tem a ver com isso?”

Tudo isso, para nós, que tínhamos aceitado a fé cristã tradicional, era deprimente. Estava tão longe do forte vinho tinto da fé quanto do suco de uva. A fé era muito forte; o vinho deveria ser transformado em água em uma espécie de antimilagre. Em outras épocas, as pessoas que não acreditavam no cristianismo (e, reconhecidamente, para isso é preciso certa fé) eram chamadas de deístas ou unitaristas, mas as pessoas aqui, por razões que não conseguíamos entender, tinham a intenção de abrigar-se sob o nome do cristianismo e, ao mesmo tempo, reduzir a fé a algo vazio que não exigia crer em nada além de um pequeno

teísmo.

Nós, porém, resolvemos permanecer firmes na fé que nos foi dada antes e começamos a contentar-nos com a inabalável fé de Roma; o lugar do último refúgio.

Para nós, Oxford, de fato, representava duas coisas tão interligadas que não conseguíamos distingui-las de modo claro. Uma era a fé apostólica em sua plenitude, como foi representada por C. S. Lewis e Charles Williams. A outra era a alta civilização, doce razão e vida da mente, que não era menos representada por Lewis e Williams, bem como por muitos outros.

Religiosamente, ansiávamos pela vida vigorosa em Cristo, mas não percebíamos de maneira plena que estávamos, de igual modo, desejosos pela vida vigorosa da mente – as delícias das conversas sérias e, ao mesmo tempo, divertidas, que são, qualquer que seja o assunto, Cristo, poesia ou história; os assuntos mais importantes da civilização. Quando falávamos da vida vigorosa em Cristo, nós nos referíamos ao entusiasmo, mas também ao discurso sutil sobre os significados do caminho de Cristo que, de fato, só é possível entre cristãos muito articulados e civilizados.

Havia talvez mais fé nas igrejas da Virgínia do que poderíamos perceber; a fé que era real, mas inarticulada e não pensada. Mas, vendo o que parecia ser apatia em uma direção e, na outra, a diluição do cristianismo, começamos a perguntar-se se a fé apostólica no protestantismo não estava morrendo. Fomos consolados pelos pensamentos de Julian, radiante com sua profunda fé, e de outros amigos espalhados pelo mundo que mantinham a fé.

Morávamos na paróquia da Grace Church, uma pequena e bela igreja feita de uma pedra local de cor verde tão suave quanto à de Cotswold. O reitor Jeffrey e

sua esposa eram ingleses – córnicos, na verdade – o que, naturalmente, agradou-nos. E logo viemos a conhecer uma vizinha, na igreja, a senhorita Preston Ambler, que não era apenas uma dama, mas uma cristã firme e articulada. E outro anglicano, Shirley Rosser, no departamento de física da faculdade, não era menos firme na fé. O fato de que ele, como Peter e Lew em Oxford, era físico e cristão, levou-me a formular uma teoria do porquê tantos físicos – eu conhecia outros ainda eram cristãos comprometidos. A teoria dizia o seguinte: bem, os não cientistas dizem que não sabemos as respostas, mas os cientistas sabem; e os cientistas que não são físicos também dizem que não sabemos as respostas, mas os físicos sabem; e os físicos sabem que, de fato, não têm as respostas definitivas, então se voltam para Cristo, que é quem tem.

Nós também nos tornamos parte de um grupo menos religioso de amigos na faculdade, que, se não ardentemente interessados no cristianismo, eram animados e inteligentes, interessados em livros e na vida artística da comunidade. Um deles em particular, Belle Hill, uma mulher que havia perdido o marido um ou dois anos antes e agora refazia a vida com alegria e coragem como professora universitária, tornou-se uma amiga próxima e leal.

Aos poucos, fomos acomodando-nos à rotina de nossa nova vida, ainda que não gostando muito. Como professor, eu tinha uma carga pesada de aulas na faculdade, e Davy, em março, conseguiu um emprego no departamento de contabilidade de nosso banco. Ela também aceitou dar aulas para alunos do ensino médio aos domingos na Grace Church e passou a preparar-se bastante para isso. Íamos fielmente à igreja e, às vezes, íamos com o reitor à outra igreja, onde ele fazia as vésperas. Em casa, de manhã e à noite, nós dois fazíamos as orações da família do Livro de Oração, ajoelhados aos pés de uma cruz de madeira, lendo e fazendo as orações de mãos dadas.

Um dia, no começo de março, em uma aula sobre as civilizações do mundo, mostrei que nenhum escritor de livros didáticos era puramente objetivo e que seu preconceito específico muitas vezes podia ser descoberto por meio da escolha de adjetivos. Entre meus exemplos estava o de um “imperador iluminado” da China

que, duvidando de sua própria religião, convidou missionários de outras religiões para irem à China, a fim de apresentarem suas crenças. A turma ficou intrigada. Eu disse que o imperador poderia ser chamado de “liberal”, mas chamá-lo de “iluminado” – tendo a luz da verdade espiritual –, quando ele não acreditava, de fato, em nada, deveria significar que o autor, se não apenas descuidado, deveria sustentar que não acreditar em nada era ter a luz da verdade. Isso imediatamente colocou a classe em uma furiosa discussão pelo resto da aula. Uma moça, uma estudante muito dedicada, continuou a argumentar depois da aula que ele era, de alguma forma, iluminado e, por fim, perguntou se poderia ir à minha casa naquela noite e conversar mais.

Ela apareceu, e Davy e eu discutimos o assunto com ela. Inevitavelmente, passamos a falar sobre o tipo de iluminação – a fé cristã antiga e apostólica – que havia caído sobre nós em Oxford. A moça era uma cristã mais ou menos nominal da vertente “liberal” ou diluída; e ela ficou fascinada com a sugestão de um cristianismo que era civilizado e magnífico e, ao mesmo tempo, talvez – apenas talvez – supremamente verdadeiro. Ela poderia vir de novo, por favor? E trazer uma amiga? Claro!

Assim, de forma bem inesperada, nasceu nosso grupo cristão. A moça e sua amiga vieram a ser um grupo de doze estudantes. Semana após semana, eles vinham [até nós] e eram bem-vindos. Alguns foram desaparecendo, e outros ocuparam o lugar deles. Não começamos nada. O grupo apenas aconteceu e seguiu por conta própria. Simplesmente aceitamos, como escrevi no diário, que estávamos “impressionados e alegres” – impressionados com a obra do Espírito e alegres porque Deus estava nos usando. Foi tudo, nas palavras de C. S. Lewis que amamos, a Grande Dança.

Muitos daqueles estudantes se tornaram verdadeiros cristãos; muitos, de fato, ao longo dos anos. Líamos textos de C. S. Lewis, de Charles Williams e de Dorothy Sayers. Discutíamos a fé apostólica e respondíamos às centenas de perguntas. Ao mesmo tempo, ridicularizávamos a solenidade e o sentimentalismo meloso de alguns círculos protestantes, assim como a inacreditável visão de que o “álcool”

era pecado.

O cristianismo que representávamos era ensolarado e alegre, com todo o espaço do mundo para o humor e a alegria, e, ao mesmo tempo, rigoroso e glorioso. Por isso, ríamos, brincávamos e bebíamos vinho, mas desafiávamos a mente e a alma deles. Os estudantes sorriam e deixavam de lado a voz solene que haviam aprendido a usar quando falavam sobre tais coisas, bebendo alegremente o vinho e descobrindo um Cristo que era uma realidade resplandecente.

Davy e eu, com nossa proximidade de compreensão e amor, formávamos uma dupla quase perfeita. Sem dúvida, era eu que insistia no rigor intelectual e na lógica que C. S. Lewis havia me ensinado. E Davy, “tão entusiasmada e amorosa”, como escrevi na época, era quem fazia do amor de Deus uma chama naquela sala.

Nós dois sentíamos que tal grupo, naquele momento do tempo, era nossa vocação. Quando nós e os alunos nos ajoelhávamos, ao final de uma noite para fazermos uma oração silenciosa, as únicas palavras faladas eram o meu “Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo”, no início, e os améns sussurrados, quando cada um terminava a oração. A sala, iluminada apenas pelo fogo ardente, parecia carregada de santidade.

Até mesmo Flurry parecia orar. Ela, também, filha de Gypsy e ex loba do mar no Grey Goose, fazia parte de nosso grupo. Flurry fazia os alunos rirem e os surpreendia com sua obediência e inteligência. Ela até lhes ensinava algo, pois se recusava a obedecer ao comando “Descansar!” – apenas ao “Falhar!”.

Certa noite, com Flurry deitada no centro da sala, contei ao grupo uma história verídica de Flurry e Gypsy para iluminar a difícil doutrina da Queda e do Pecado Original, a qual acabei por registrar no dia seguinte. Enquanto eu contava a

história, Flurry levantava as orelhas a cada menção ao seu nome. Eis a história que lhes contei naquela noite...

A QUEDA

Gypsy, uma collie peluda da cor do trigo, viu-se em posse de várias centenas de hectares de colinas e bosques, cheios de coisas boas, como trilhas de coelhos, riachos e tocas intrigantes, e ela se deliciava com tudo isso. Tinha uma cama confortável e boas refeições. Talvez visse tudo isso como fato consumado. As obrigações eram poucas e não eram pesadas. Ela, naturalmente, deveria adorar seu Senhor e alegrar-se por estar com ele. Sabia que não devia incomodar as galinhas. Embora devesse obedecer a certos comandos – seguir, vir, deitar –, não havia nada exagerado e nenhum truque; afinal, obedecer e adorar eram naturais à sua natureza canina.

Chegou o dia em que, enquanto Gypsy vagava pela colina distante, além do riacho e do pasto, duas coisas aconteceram ao mesmo tempo: o Senhor a chamou, e um coelho passou correndo pela colina. Gypsy se virou e começou a correr em direção ao Senhor, como sempre havia feito. Então, ela parou. Veio à sua mente que ela não era obrigada a obedecer. Talvez o Senhor não tivesse entendido a questão do coelho.

De qualquer forma, aquelas eram as colinas de Gypsy. O coelho também era dela. Muito provavelmente era tudo mentira – aquela história de que tudo, incluindo ela mesma, pertencia ao Senhor. Como ela poderia saber que a comida em seu prato vinha dele? Talvez houvesse alguma explicação natural. Ela era uma cadela livre, e ponto final. Esses pensamentos devem ter passado rápido por sua mente, enquanto ela permanecia indecisa. Mais uma vez veio o comando do Senhor; e o coelho atravessou o topo da colina. Gypsy se virou e correu atrás do coelho. Ela fez uma escolha. Ela era livre para escolher.

Horas depois, ela voltou para casa. Viu o Senhor à sua espera, mas não correu para ele alegremente, saltando e revistando-o, como sempre havia feito. Havia algo novo em seu comportamento: culpa. Ela se aproximou dele como uma cobra rastejando. Sem dúvida, ela estava arrependida naquele momento. Mas havia conhecido algo novo – a possibilidade do pecado –, e havia certa palpitação em seu coração e um gosto salgado em sua boca. No entanto, ela foi muito obediente nos dias que se seguiram. Por fim, porém, houve outro coelho – e ela não hesitou. Logo se tornou a mera possibilidade de um coelho. Então ela deixou de lado o coelho para seguir seu próprio caminho.

O Senhor ainda a amava, mas já não confiava em Gypsy. Por um tempo, ela viveu em um cercado e ia passear com uma coleira no pescoço. Toda a sua verdadeira liberdade se foi. Mas o Senhor lhe dava, de vez em quando, novas oportunidades para obedecer por livre e espontânea vontade. Se Gypsy tivesse escolhido obedecer, mais uma vez teria perfeita liberdade para vaguear por centenas de acres. Mas ela não voltou à obediência. Gypsy sempre escolheu, se estivesse fora do alcance, fugir.

O Senhor, sabendo que a fome a traria de volta ao cercado, deixava Gypsy fugir. Ele poderia tê-la detido; o rifle que teria acabado com sua rebelião com um único estrondo estava em pé no canto da sala. Mas, enquanto vivesse, Gypsy ainda poderia voltar à obediência, ainda poderia escolher a obediência que significava liberdade.

Certo dia, durante uma viagem de carro, Gypsy e sua boa filhinha, Flurry, foram levadas até a beira de um bosque. Gypsy sempre havia limitado sua desobediência às suas próprias colinas. Mas agora, no caminho de volta para o carro, ela, de repente, sentiu a velha palpitação. Virou-se e correu. O Senhor chamou com urgência na voz. Flurry, com a cortesia que sempre a dominou, veio no mesmo instante. Gypsy, que se fez surda ao chamado do Senhor, continuou a correr em direção à floresta escura. Depois de horas de busca e chamados, o Senhor tristemente abandonou a perdida e, com Flurry ao seu lado, foi para casa. Lá, sob a obediência, Flurry continuou a viver com liberdade. Ela era muito feliz

por estar com o Senhor e ficava alegre quando fazia algo que o agradava. Ela sabia que havia perfeito liberdade no serviço a ele. Flurry obedecia alegremente por sua livre escolha.Por outro lado, Gypsy, agora perdida, se ainda estivesse viva, estava vagueando pelos bosques e estradas como se fosse uma pária. Estava suja e cheia de carrapatos. Sem dúvida, foi atacada com pedras e estava sempre com fome; havia perdido o caminho de casa. Se ela tivesse tido filhotes, eles também (e os filhotes deles) haviam perdido o caminho de casa, pois a vontade perigosa e rebelde de Gypsy de desobedecer deve tê-los contaminado; e a mão reconfortante do Senhor seria desconhecida para eles, exceto como uma história. Foi assim que Gypsy escolheu o Dia do Coelho e continuou a escolhê-lo até que, de repente, não houve mais escolha.

Quando acabei de contar essa história, que aconteceu em Horsebite Hall, todos os alunos queriam afagar Flurry, um carinho que ela estava muito satisfeita em aceitar. E a parábola evidentemente fez sentido para eles. Anos mais tarde, alguns deles diziam que ainda pensavam em Gypsy sempre que havia uma referência à Queda.

Assim que o grupo cristão começou, escrevi para C. S. Lewis, dizendo-lhe que ele havia praticamente nos criado por meio de seus livros e cartas que nos levaram à conversão. Expressei meu desgosto por certos clérigos – homens chamados, supostamente, para representar Cristo – que não criam nem tinham a honestidade de renunciar ao cargo. Também expressei meu espanto, em alguns momentos, ao pensar em mim mesmo como cristão. Lewis respondeu da seguinte forma:

É muito bom ter notícias suas. Espero que meu interesse por vocês dois seja menos blasfemo do que o de um Criador por sua criatura (de qualquer forma, seria gerar, não criar, veja Filemom 1.10). Meu sentimento em relação às pessoas de cuja conversão pude participar de alguma forma é sempre um misto de admiração e até mesmo medo – tal como um menino na primeira vez que lhe é permitido disparar um rifle. A desproporção entre seu pequeno dedo no gatilho e o estrondo e o lampejo que se seguem é alarmante. E a seriedade com que a

outra parte aceita minhas palavras sempre me faz duvidar se as levei suficientemente a sério. Ao escrever o que escrevo, sabe, uma pessoa se qualifica especialmente para ser “condenada pela própria boca” no futuro. Pense em mim como um paciente no mesmo hospital que, tendo sido admitido um pouco antes, poderia dar alguns conselhos.

Os semicristãos (com coleiras de cachorro) de que você fala são uma grande provação. Nosso capelão da faculdade é um pouco assim. Fico feliz que você tenha algo melhor em sua própria igreja.

Percebo um reconhecimento divertido quando você descreve aqueles momentos em que pensamos: “Como eu – eu, entre todas as pessoas – passei a acreditar nessa ‘história da carochinha’?” Eu acho que eles não nos farão mal. Eles não são apenas o inverso do simples reconhecimento de que a verdade é incrível? Nossos pais estavam mais familiarizados com o perigo oposto de considerar tudo como certo: o que talvez seja muito ruim também.

Deus abençoe vocês dois – sempre estão em minhas orações. Espero que possamos encontrar-nos de novo um dia!

Os momentos de incredulidade atônita com a própria crença eram, como disse Lewis, bastante divertidos. Eu mesmo sorria para eles. Sabia, é claro, que esses momentos tinham muito mais chance de acontecer aqui na Virgínia, onde minha experiência passada era pagã, do que em Oxford, que, para Davy e para mim, estava quase inteiramente associada ao cristianismo. Na verdade, eu normalmente sentia aqui, na Virgínia, que o próprio Deus morava em Oxford, sua cidade santa, onde ele podia ouvir os sinos. Meus momentos de espanto não significavam, evidentemente, que minha fé estivesse em perigo. Mas, ao mesmo tempo, meus impulsos pagãos eram um tanto preocupantes.

Fiquei mais preocupado com o passar do ano, o que, por sua vez, preocupou Davy também. Ainda em Oxford, conversamos no Lamb and Flag sobre a necessidade de estar sozinhos, com momentos de lazer, para conciliar e harmonizar nosso sonho pagão de amor e de beleza com esse cristianismo irresistível. E havíamos dado o nome de Ladywood ao lugar onde deveríamos, quando fosse possível, fazer isso.

Como a Barreira Brilhante estava sob a Luz? Mas Li'l Dreary não era Ladywood. Havia pouco lazer ou períodos a sós com Davy. E eu me lembrava – sendo incomodado por essa lembrança – das imagens dos velhos tempos pagãos: o companheirismo alegre, o amor pela vida e pela beleza, a dedicação ao nosso amor, a escuna destinada a ilhas remotas.

Mas éramos cristãos agora. Davy, com o entusiasmo que lhe era característico, estava totalmente dedicada ao serviço do Deus encarnado. Eu também estava servindo a ele: as orações matutinas e vespertinas com Davy, a igreja, o grupo de estudantes, os desafios que eu tentava deixar implícitos em meu ensino.

De fato, fui eu que, em Oxford, vi e escrevi em nosso diário: "Não é possível ser 'um cristão por acaso'. O cristianismo deve vir, preponderantemente, em primeiro lugar, ou nem vir". E eu, sem dúvida, teria afirmado isso com todo o meu intelecto. Davy estava afirmando isso com todo o seu ser. E o cristianismo era o primeiro de meus interesses. Em termos intelectuais, eu estava totalmente comprometido com sua verdade. E, ainda assim, eu retinha algo. Mas, para Davy, ele vinha, de fato, "preponderantemente, em primeiro lugar" – sem nada a reter. Ela estava literalmente derramando sua vida no serviço de Cristo.

Eu queria – o que eu queria? Queria a linda proa de uma escuna cortando as ondas na companhia de Davy – apenas Davy, eu e Flurry –, felizes, apaixonados e cúmplices no convés. Bem, não havia nada que não fosse cristão nisso, contanto que Deus estivesse lá também, e contanto que não estivéssemos negligenciando o serviço do amor. Mas, embora não tivesse admitido nem para

mim mesmo, eu não queria Deus a bordo. Ele era muito pesado. Eu queria que ele aprovasse nossos planos a uma distância considerável. Não queria ficar pensando nele. Queria ser livre – como Gypsy. Queria a própria vida, a cor, o fogo e a beleza da vida. E Cristo de vez em quando, como um poema querido que eu pudesse ler quando quisesse. Não queria que fôssemos engolidos por Deus. Queria férias da escola de Cristo. Deveríamos, de alguma forma, ser capazes de manter a Barreira Brilhante intata e seguir o Rei da Glória. Eu não queria ser um santo. Quase nada disso eu sabia conscientemente – eram apenas anseios.

Contudo, para Davy, viver era Cristo. Ela não queria ser uma santa também; ela era muito humilde até para pensar em tal coisa. Ela apenas queria Deus – quase totalmente. Servir a Deus era sua liberdade, sua alegria. Ela me amava, amava tudo o que compartilhávamos; mas, no fim, tudo o que havia para compartilhar era Cristo e o serviço dele. Eu sabia que era assim para ela.

Ela servia a Deus e ao próximo com alegria. Trabalhava arduamente e por longas horas – em minha mente, muito arduamente e por longas e longas horas – preparando-se para as aulas da escola dominical. Se eu estivesse em seu lugar, talvez tivesse feito isto sem nenhuma preparação. A ideia de uma escola dominical me entediava.

Davy queria que alguns de seus alunos mais obstinados falassem comigo. Isso nunca aconteceu porque nunca fiz nada nesse sentido. Eu sabia que ela ficaria feliz se eu me oferecesse para ser professor dessa turma com ela; talvez Deus ficasse feliz também, e a obra do Reino avançasse. Por certo, isso teria sido outra coisa compartilhada. Mas não fiz isso. Senti que, com a igreja, o grupo e nossas orações, eu estava fazendo o suficiente. Não é necessário dizer que não perguntei a mim mesmo o que eu queria dizer com “o suficiente”. O suficiente para quê?

Quando Davy não estava lendo a Bíblia para preparar sua aula, ela a estava lendo para o bem de sua alma. Ela estava sempre lendo a Bíblia ou lendo o

irmão Lawrence e outros devocionais. Eu queria protestar, dizendo que aquilo era um exagero, mas como eu poderia fazer isso? Não é possível para um cristão dizer ao outro: você ama muito a Deus. Nem dizer: você é mais santo do que o necessário. Eu não poderia nem pensar nisso. Esses pensamentos teriam sido perigosos. Eu poderia ter visto coisas. Eu apenas senti uma espécie de protesto inútil. Não gostava muito de vê-la debruçada sobre Isaías ou João. Acho que eu teria sorrido se a visse debruçada sobre um Agatha Christie. Eu sabia que tudo tinha de ser diferente agora que éramos cristãos – mas tão diferente assim?

Posso até ter lido a Bíblia menos do que ela lia, como uma espécie de protesto estúpido. Alguma língua espirituosa definiu um mártir como uma pessoa que vive com um santo. Eu poderia ter dado um sorriso irônico para isso. O martírio consistia em ser incapaz de dizer algo e em não saber o que dizer, de qualquer forma.

Davy, sem dúvida, sabia que nem tudo estava bem, apesar de meu silêncio. Espero que ela tenha orado sobre isso, mas ela também deve ter achado difícil falar sobre algo tão vago; algo que ela apenas sentia. Em outra época, antes de Oxford, se um de nós sentisse que algo não estava certo, ou que estava nos dividindo e era, portanto, uma ameaça ao nosso amor, um Conselho de Navegantes teria sido convocado. A questão toda teria sido discutida, e, se necessário, teríamos recorrido ao Apelo ao Amor, brilhante e irresistível: o que é melhor para nosso amor?

O Apelo ao Amor sempre foi a única base suficiente para a ação. Agora, porém – eu sabia, e ela devia saber também – o Apelo foi quebrado. O Apelo simples e perfeito, sem dizer uma só palavra, foi atenuado. Agora, o único apelo era para Deus. Não seria melhor para nosso amor que Davy fosse crucificada – mas como, se era o melhor para Deus? Talvez fosse o que ele exigia dela. E eu, por certo, não poderia supor ou sustentar que sabia melhor do que Davy o que era melhor para o Reino. De fato, eu tinha uma desconfortável suspeita de que ela sabia muito mais sobre ele do que eu. No entanto, eu não podia ir até o fim com ela – ou, para todos os efeitos, não fui.

Nós ainda orávamos juntos de mãos dadas. Íamos à igreja e discutíamos o que deveríamos fazer no grupo de estudantes. Ainda éramos uma equipe e nos amávamos muito. Mas não falávamos do que eu estava sentindo. E, no entanto, saber que o Apelo estava quebrado era algo que estava em meu íntimo. Eu não pensava – muito menos dizia – de modo consciente que eu deveria ser capaz de invocar o antigo Apelo, mas eu sentia isso.

Era como ter algo em que sempre confiei, meu braço direito talvez, de repente inutilizado. Eu estava profundamente confuso. Falei em uma página anterior que nosso amor era como um belo relógio que poderia ser danificado por uma simples partícula de poeira. Mas isso não era uma partícula de poeira nem mesmo um grão de mostarda: era o Deus eterno; afinal, como havia dito C. S. Lewis, eu não estava achando a existência de um Mestre e Juiz "simplesmente agradável". Meu compromisso intelectual com esse Mestre era bem claro, assim como era o de Davy. E em Oxford tudo foi desafiador, belo e empolgante. Mas agora parecia diferente. Mais entediante.

Davy estava apenas vivendo de acordo com seu compromisso, aonde quer que ele a levasse. Para mim, esse era o problema: para onde ele me levava. Eu estava pronto para jogar um jogo: cristãos contra ateus. Eu estava pronto para apontar minha lança e atacar sob a Cruz de Ouro. Eu estava pronto para ir à batalha atrás do Rei. Mas – escola dominical? Onde estava a glória disso? Debruçar-se sobre a Bíblia – quando podíamos ler poesia? Onde estava o exército do Rei com suas bandeiras? Onde estava a catedral, linda e santa?

Então Davy continuou a ler a Bíblia, e eu continuei a não a ler muito. Eu lia outras coisas, romances e mistérios, que ela não tinha tempo para ler. Não mais leais ao nosso amor, estávamos lendo os mesmos livros. Como eu poderia dizer: pare de ler Isaías e leia Margery Allingham? Além disso, se ela tivesse feito isto, eu teria de ler Isaías. E o velho partilhar estava acontecendo de outra maneira. Ela estava se tornando esposa. Estava aceitando o conselho de Paulo sobre as mulheres e esposas. Parecia querer ser doméstica e fazer coisas na cozinha. Eu

temia que ela pudesse, de fato, obedecer a mim se eu lhe dbesse uma ordem. Havia algo muito humilde e bondoso em sua atitude para comigo e também para com Cristo. Uma humilde vocação. Mas isso não era típico de Davy. Eu quase quis uma briga.

Quando a primavera chegou com suas flores, sua agitação, suas brisas suaves e apetecíveis, seus lilases, senti isso despertar em mim enquanto eu caminhava para a faculdade. Vieram à minha mente imagens da água azul e de um barco deslizando sob a brisa fresca; imagens de ilhas distantes.

O “descontentamento divino” que a primavera supostamente deveria criar não era, em mim, nem um pouco divino. Mas era descontentamento. Falei sobre barcos naquela primavera, quando nos sentamos depois do jantar em nossa pequena varanda dos fundos, e a própria Davy falou deles com amor e nostalgia. Falamos, com um ar um pouco hesitante, de quando deveríamos ter um Grey Goose novamente.

A sensação de estar longe que marcou toda a nossa vida estava conosco de novo, um pouco. Mas não discutimos a grande questão: como a velha alegria pagã, o amor da Barreira Brilhante simbolizado por uma escuna chamada Grey Goose navegando sob o vento, poderia ser conciliado à alegria cristã?

O que eu queria, emocional, se não intelectualmente, era ter de volta a Davy de antes com o velho amor à vida, à beleza e à poesia para nosso próprio bem. Era um anseio de meu coração que parecia não poder ser conciliado com meu compromisso intelectual com Cristo. Menos ainda poderia ser conciliado com a solidez de Davy, tanto no intelecto quanto no coração. Talvez, se tivéssemos tido tempo – um tempo sem pressão, sozinhos, juntos –, poderíamos ter conciliado tudo isso e encontrado nosso caminho. Mas não tivemos esse tempo.

O período de aulas da faculdade terminou, mas, dessa vez, por causa do erário, dei aulas nas férias. E Davy estava trabalhando no banco.

O calor daquele verão era assustador. O calor e a selva. E nós estávamos acostumados com a Inglaterra. Não havia ar-condicionado. Mal teríamos energia para conversar se tivéssemos tido tempo. Em julho, fiquei preocupado com o cansaço de Davy – cansaço associado a um ligeiro inchaço nos tornozelos – e insisti que ela fosse ao nosso médico, que disse que ela estava sobrecarregada e que deveria trabalhar apenas meio período. Então lhe dei uma ordem: ela deveria parar de trabalhar completamente. E ela entregou seu aviso prévio.

Davy não disse nada na época, mas secretamente pensou – talvez apenas por um curto período de tempo – que iria morrer. Orou para que lhe fosse dado mais um ano de vida pelo bem do grupo cristão. Mas eu não sabia.

Em agosto, Jane chegou da Inglaterra. Por três semanas. Davy a trouxe do coral de St. Ebbe's para o Estúdio, e, então, ela passou a vir com frequência. Pouco antes de sairmos da Inglaterra, ela foi até Oxford para fazer uma visita breve e alegre. Agora, com os pais em Nova York a negócios por um tempo, ela apareceu.

Jane foi criada no interior e amava as coisas do campo, assim como nós. Ela também amava a poesia. Esses eram nossos laços. Por outro lado, ela era muito jovem e, às vezes, ficava mal-humorada e quieta. As primeiras coisas que sentimos em relação a ela em Oxford variaram entre pensar que ela era "uma boa menina" e ficar irritados com seu mau humor, mas a boa menina venceu. Então comecei a notar sua percepção rápida e intensidade para ouvir quando eu lia poesia. Ela também amava Charles Williams.

Quando ela voltou naquela última visita a Oxford, sentimos uma ligação real

com ela. Aguardávamos ansiosos sua visita. Ela seria um sopro da Inglaterra. E de Oxford que todos amávamos. Infelizmente, Davy havia acabado de entregar o aviso prévio, por isso ainda estaria trabalhando durante a maior parte do tempo em que Jane estaria conosco. Caberia a mim lidar com ela durante o dia.

Então a "boa menina" – bem nitidamente menos criança agora do que na época da universidade – chegou, e eu tive de lidar com a situação. Todas as manhãs ela ia até a faculdade comigo e assistia à minha aula de literatura inglesa. Ela até fez os testes com outros alunos.[27] Depois da aula, às vezes andávamos pela cidade, olhando para as casas e conversando sobre a Inglaterra. Por fim, íamos para casa e conversávamos um pouco mais. E líamos poesia. Todo tipo de poema. Mas eu lia especialmente os Quatro Quartetos, de T. S. Eliot, que já era um elo entre nós. E ela lia os poemas que sempre amou de Emily Brontë, que se tornaram outro elo entre nós.

Conversamos muito sobre Emily Brontë; sobre o estranho amor que ligava Heathcliffe e Cathy, e sobre as irmãs Emily e Charlotte, que cresceram naquela solitária casa de Yorkshire, correndo pelos pântanos com vestidos puídos. Também falamos incessantemente sobre Oxford, muito querida por nós dois. Assim, as horas se passaram com alegria.

Jane era cristã. Não havia sido cristã durante a adolescência, mas se converteu pouco antes de a conhecermos, quase ao mesmo tempo em que eu me converti. Então, brincando, dissemos que ela era minha "irmãdrinha". Se existiam padrinhos, por que não uma irmãdrinha? Embora a Baixa Igreja de St. Ebbe's tivesse promovido nosso encontro, Jane foi para a Alta Igreja.

O que a comovia era o culto anglo-católico com ênfase no altar e nos sacramentos, bem como o profundo apelo estético. Eu também tendia para as coisas dessa maneira, mais do que Davy. Isso nunca havia sido um problema entre nós, em parte porque estávamos unidos em nossa aversão à "Igreja Ampla" diluída e, em parte, porque não havia Alta Igreja em Lynchburg. Mas agora Jane

e eu estávamos encontrando uma ligação na visão anglo-católica da fé: a beleza, o mistério, a santidade. A beleza da santidade. Um tipo de cristianismo menos prosaico. Sem escola dominical, talvez.

Pode ser que Jane e eu fôssemos atraídos mais pela beleza do que pela santidade. Nós nos lembramos de St Mary Magdalen, em Oxford – seu apelo estético e, de fato, romântico. E é claro que estávamos encontrando uma ligação estética na poesia – amando a poesia em si. Sempre servi à beleza. Davy e eu juntos amávamos a beleza. Agora, talvez, eu estivesse adorando a beleza no Deus cristão, enquanto Davy estava adorando o próprio Deus.

Pode haver perigo no amor à beleza, embora pareça traição dizer isso. Talvez possa ser uma armadilha. Nesse caso, Jane e eu caímos na armadilha. E Davy saía cansada para o trabalho, pensando que talvez estivesse morrendo e, fielmente, dava suas aulas na escola dominical. Jane e eu entretínhamos um ao outro.

As semanas de Jane conosco correram bem tranquilas, marcadas por pequenos eventos. O reitor e sua esposa vieram tomar chá. Outras pessoas ligaram. Minha colega, Belle, levou-nos a todos para um passeio de domingo pelo campo, e fomos apanhados por uma tempestade assustadora que balançava o carro enquanto árvores e celeiros ao nosso redor eram derrubados pelo vento. Tivemos nossa comunhão no belo altar branco da Grace Church. Sem percebermos, Jane e eu ficamos mais próximos e ríamos das piadinhas que surgiam em nossas horas juntos.

Logo que Jane chegou para ficar conosco, uma estranha melancolia e silêncio caíram sobre ela; impaciente, eu saía e deixava que Davy fizesse algo a respeito. Mais tarde, o mesmo aconteceu, mas, dessa vez, fui eu que acariciei seus cabelos e a tranquilizei. A causa da melancolia era o iminente fim dos dias em que ela passaria conosco.

Desde os tempos de Oxford, Davy e eu desejávamos ter um dos belíssimos TC ou TD MG de dois lugares. Alguns dias antes de Jane partir, vi um TD preto com uma placa “Vende-se” e conversei com o proprietário. Levei Davy, agora já afastada do trabalho, para dar uma volta. Então nós o compramos. Jane, imitando uma criança a falar cockney,[28] disse: “Que belê, mocinha!”, quando viu o carro.

Nas três noites seguintes – as últimas de Jane –, nós três dirigimos sob a lua cheia, com Davy e eu redescobrindo a verdadeira Virgínia, a região que amávamos. Subimos até a região montanhosa de Blueridge, misteriosa e linda sob o luar. Uma vez deitados sobre a grama da montanha, uma enorme coruja branca pairou sobre nós. Paramos na pequena igreja rural, a St. Stephen’s, à qual costumávamos ir de vez em quando. Nós nos sentamos sob os grandes carvalhos do pátio e conversamos. Então, depois de nosso passeio, cheio da beleza fresca da noite, voltamos para casa. Davy, não mais trabalhando, mas ainda cansada, foi para a cama; Jane e eu nos sentamos por um tempo, conversando e lendo alguns poemas. Sabíamos muito bem que os dias de Jane conosco estavam chegando ao fim e estávamos tristes, sobretudo Jane, talvez.

A terceira noite de carro foi a mais agradável de todas – sobrenatural em sua beleza empalidecida pela lua. E foi a última, porque Jane iria embora na manhã seguinte. Quando chegamos à nossa casa, talvez cerca de uma hora da manhã, Davy foi para a cama, e Jane e eu nos sentamos de novo. Lemos ‘Little Gidding’, dos Quatro Quartetos, e conversamos um pouco. Havia uma espécie de angústia em mim porque ela estava indo embora.

Quem dera que todos estivéssemos velejando rumo à Inglaterra! Quem dera que Jane fosse minha irmã na verdade! Eu disse algo, e ela não respondeu. Olhei para Jane: havia lágrimas em seus olhos. Estendi a mão e segurei a dela. Talvez eu tenha murmurado “Ah, Jane!”. Ninguém disse mais nada. Posso ter começado a tirar minha mão, mas ela a apertou mais forte. E eu não a tirei.

Minutos se passaram. Então horas. Silêncio. Não sei o que pensei. Não sei se pensei. Senti, na maior parte do tempo. Dor com sua partida, por certo. Um sentimento de que ela e a Inglaterra eram uma coisa só. Imagens dos pântanos de Yorkshire e de crianças correndo sobre eles. As horas passaram sem que percebêssemos. A luz cinzenta da aurora atravessou as janelas. Algumas horas depois Jane estava a caminho da Inglaterra.

Naturalmente falei para Davy sobre a noite silenciosa – o que havia para contar. Sobre dar as mãos e desejar que Jane fosse minha irmã. Eu lhe contei tudo o que Jane e eu havíamos conversado e feito. Davy e eu sempre contamos as coisas um para o outro.

Mas o que havia para contar? Algo aconteceu, mas o que foi? Eu estaria apaixonado por Jane? Este pensamento nunca passou por minha cabeça. Nem mesmo agora. Não, mas eu estava? Jane estaria apaixonada por mim? Eu não havia pensado nisso também. Mas agora Davy e eu pensamos que talvez ela estivesse. Não fiquei à vontade com a ideia. Eu estava encantado com Jane como irmã, uma irmã na Inglaterra.

Alguém pode ter um forte vínculo com uma irmã. Mas eu estava encantado com o vínculo. Empolguei-me com isso e fiquei assim por semanas, trocando muitas cartas com Jane, as quais Davy lia, claro, e sobre as quais conversávamos. Não havia nada escondido.

Em um capítulo anterior, escrevendo sobre a Barreira Brilhante, eu disse que, com a proximidade que estávamos criando, seria impensável para qualquer um de nós amar outra pessoa. Impensável. Literalmente impensável. E eu literalmente não havia pensado em estar apaixonado por Jane, nem pensei nisso pelas próximas semanas. A Barreira Brilhante, mesmo violada por Cristo, ainda era imensamente forte. E, de fato, qualquer que pudesse ser a verdade sobre meus sentimentos por Jane, Davy era a minha vida. Davy era o ar que eu respirava. Eu sabia disso cada vez mais.

Contudo, eu estava apaixonado por Jane. E ela por mim. Não duvido disso agora. Nunca nos beijamos, mas foi o que aconteceu. Ela também não sabia o que era isso na época. Fomos apanhados em um sonho de beleza. A poesia estava no centro disso tudo. Havia elementos de mistério da Alta Igreja e elementos que eram quase pagãos, como os pântanos de Yorkshire e o amor selvagem e poderoso de Heathcliffe e Cathy, um amor do espírito que era quase assexuado.

Muitas vezes, quando as pessoas estão se apaixonando, o desejo físico fica em suspenso: se não tivesse sido assim comigo e com Jane, o alarme teria soado. Mas era algo do espírito, sua verdadeira natureza precisamente impensável por mim – ou, de uma maneira diferente, por ela. E eu dizia a mim mesmo, quando escrevia cartas para Jane ou caminhava à noite, que meu sonho de Jane como irmã era composto de elementos – poesia e beleza pagã – para os quais Davy, em seu profundo compromisso cristão, já não tinha tempo. Uma traição estranha e sutil, quase inocente. Mas não é bem assim; a corrupção nunca é compulsória.

O mais importante sobre o que aconteceu com Jane é que isso foi uma consequência. Foi a consequência da brecha que Deus causou na Barreira Brilhante, do fracasso do Apelo. Isso eu acredito ser, sem dúvida, verdade. Isso não poderia ter acontecido, mesmo naquela forma quase inocente, nos anos em que a Barreira Brilhante esteve intata. Claro que, se eu estivesse tão comprometido com Cristo quanto Davy estava, isso também não teria acontecido. Aconteceu porque, em meu coração, eu não estava tão comprometido assim e porque eu queria a velha alegria pagã – e não podia apelar à Davy por causa de nosso amor.

Era a “velha Davy” que eu queria, e uma escuna sob o vento. Se Davy – Davy, minha companheira e meu amor – quisesse o que eu queria, a Barreira Brilhante teria permanecido firme. Mas eu havia começado a desejar desesperadamente a velha alegria pagã com ela, mais uma vez. E Davy, enquanto isso, ansiava, com certa comoção, que eu encontrasse a alegria que ela estava encontrando na

Obediência: a alegria que talvez seja a única alegria perfeita.

O clima quente naquele ano veio logo no início de setembro; e Davy, por causa do descanso e da serenidade, começou a sentir-se bem de novo. As aulas do período de outono começariam em breve. Enquanto isso, saíamos de manhã, de tarde e à noite no MG, cheios de energia e oxfordianos, com Flurry alegremente sentada em seu lugar, atrás do banco. Certa vez, quando Flurry estava no cio, fomos perseguidos por um bando de lobos com meia dúzia de seus pretendentes mais animados; os vizinhos olhavam espantados, e nós ríamos até termos lágrimas nos olhos.

No MG, chamado agora de Trout, exploramos toda a região, incluindo as Blue Mountains. Com frequência, parávamos à noite na St. Stephen's e orávamos juntos, ajoelhando-nos ao lado de uma antiga cruz de pedra no cemitério. Isso nos levou a ir à igreja dali algumas vezes. Não podíamos abandonar a Grace Church por causa de nosso amor pelo reitor e por Preston Ambler, mas achamos a pequena igreja rural, muito antiga para esta parte da Virgínia e situada entre grandes carvalhos, tão atraente que declaramos ser "quase membros".

Não muito longe de St. Stephen's, no condado de Bedford, encontramos uma casa antiga e deserta, bem pequena, mas com grande dignidade e rodeada por árvores frondosas. Decidimos que seria uma "Lady wood" perfeita – a casa que havíamos planejado encontrar, lá no Lamb and Flag, onde poderíamos ficar sozinhos e conversar. No ano seguinte, dissemos, poderíamos comprá-la.

Todavia, mesmo enquanto renovávamos nossa cumplicidade por meio daquele pequeno e abençoado MG, eu escrevia para Jane e ainda me surpreendia naquela particular teia de beleza, ainda com o desejo irrequieto no coração por alguma "ilha no oeste". Davy foi compreensiva e amorosa quando falei sobre Jane; e quando escrevi alguns poemas para "minha irmã", penso que Davy os amou mais do que a própria irmã, ainda que com um pouco de nostalgia.Então Davy, que não escrevia poemas, escreveu um sobre Dom Julian, distante em seu

mosteiro. Trocávamos cartas com ele e o amamos sempre, lendo com frequência seus esplêndidos poemas cristãos.

Segue o poema de Davy para Julian:

Querido e moribundo Julian,

Gracioso e justo,

Morto para o ego

E escondido profundamente em Cristo

Tu ainda vives

Com dor e com sede

E pouco a pouco

És consumido até o pó.

A noite escura de tua alma

Opera a vida em nós.

Em nossa visão sombria,

Ali resplandece Cristo.

Ah! Mas como é justa

Tua fé nua,

Refúgio para nós,

Que ainda não confiamos!

Davy, a quem eu via bem à minha frente no Caminho, assim como ela via Julian à frente dela, estava muito aquém, aos seus próprios olhos, da glória de Deus, assim como, é claro, Julian estava aos próprios olhos dele. Para mim, ambos eram santos. A distância é infinita e a posição é relativa. Até eu talvez possa ter parecido santo para alguém. Algum vilão penitente.

E Davy, certa noite, tendo contemplado a santidade, disse que estava inquieta e iria dormir no quarto de hóspedes. Mas ela não dormiu: orou. A noite toda, como fazem os santos, ela lutou em oração.

Alguns dizem que a oração, mesmo a oração pelo que Deus deseja, libera poder graças à operação de uma lei espiritual profunda; e oferecer o que se ama pode liberar ainda mais poder. Seja como for, Davy naquela noite ofereceu sua vida. Por mim – para que minha alma pudesse ser preenchida, quase a oração daquele Advento em Oxford.

Agora, enquanto eu tinha os olhos fixos na ilha no oeste e não olhava para o leste, ela humildemente propôs uma troca santa. Foi entre ela e o Encarnado. Eu não sabia naquele momento.

O período da faculdade começou, e logo o grupo cristão reviveu com ainda mais interesse e entusiasmo do que antes. Conversávamos sobre Cristo e líamos os poemas não publicados de Julian várias vezes, porque os estudantes pediam-nos. O fogo brilhava na lareira, e o Senhor Messias, em cujo nome estávamos

reunidos, estava naquele local.

Muitos estudantes vinham falar conosco sobre seus problemas, e nós tentávamos, sobretudo Davy, estar sempre disponíveis.

Antes de completar um mês de aulas, fomos confrontados com um grande problema: a homossexualidade. Uma jovem veio falar com Davy sozinha; um menino veio falar com nós dois. Eles nos procuraram porque éramos cristãos. Nossa visão pré-cristã da homossexualidade era de tolerância; se era isso que as pessoas queriam, por que não? E uma de nossas queridas amigas era uma simpática senhora lésbica. Agora, porém, como cristãos, o que pensávamos a respeito? Não sabíamos. Sabíamos que Paulo foi muito rigoroso sobre o assunto, mas talvez ele se referisse apenas ao sexo, ao homossexualismo, sem amor. O sexo que vinha antes de Deus.

Poderia haver, talvez, um amor cristão, mesmo um casamento, entre homens ou entre mulheres que incluísse o homossexualismo, mas não fosse dominado por ele? Não sabíamos. Nosso reitor também não. Por fim, escrevi a C. S. Lewis sobre esse assunto, bem como sobre a oração – se orações sagradas, como as de Julian e de Davy, seriam mais eficazes por causa do mérito deles. A referência de Lewis à minha coluna tem a ver com o fato de eu ter me lesionado escalando o Snowdon, no País de Gales, uma lesão que ainda me incomodava. Sua carta dizia:

Tenho me deparado com este terrível problema menos do que você, porém mais do que eu gostaria. Discutirei sua carta com aqueles que julgo sábios em Cristo. Esta é apenas uma resposta provisória. Primeiro, para estabelecer os limites dentro dos quais toda a discussão sobre o tema deve continuar, tomo por certo que a satisfação física dos desejos homossexuais é pecado. Isso não deixa o homossexual em piores condições do que qualquer pessoa normal que esteja, por qualquer razão, impedida de se casar. Segundo, nossas especulações sobre a causa da anormalidade não são importantes e devemos contentar-nos com a

ignorância. Não foi dito aos discípulos por que (em termos de causa eficiente) o homem nasceu cego (Jo 9.1-3); somente a causa final, para que as obras de Deus se manifestassem nele. Isso sugere que, na homossexualidade, como em todas as outras tribulações, essas obras podem manifestar-se, isto é, que toda deficiência oculta uma vocação, se tão somente a pudermos encontrar, a qual “transformará a necessidade em ganho glorioso”. É claro que o primeiro passo deve ser aceitar quaisquer privações que, se forem neutralizadas, não podemos suprir de modo lícito.

O homossexual tem de aceitar a abstinência sexual, assim como o pobre tem de renunciar os prazeres lícitos, porque ele seria injusto com sua esposa e filhos se os aceitasse. Isso é apenas uma condição negativa. Qual deve ser o lado positivo da vida do homossexual? Quem me dera ter uma carta que um religioso homossexual, já falecido, escreveu para mim certa vez – mas é claro que era o tipo de carta que alguém tomaria o cuidado de destruir. Ele acreditava que sua necessidade poderia ser transformada em ganho espiritual; que havia certos tipos de empatia e compreensão, certo papel social, que meros homens e meras mulheres não podiam oferecer. Todavia, tudo é terrivelmente vago – foi há muito tempo. Talvez seja revelado o caminho, no entanto, a qualquer homossexual que humildemente aceite sua cruz e se coloque sob a direção divina. Tenho certeza de que qualquer tentativa de escapar disso (por exemplo, por meio de um casamento de aparências ou de um casamento semioficial com um membro do mesmo sexo, mesmo que isso não leve a nenhum ato carnal) é o caminho errado.

O ciúme (esse outro homossexual admitiu para mim) é muito mais desenfreado e mortal entre eles do que entre nós. E não acredito que pequenas concessões como vestir as roupas do sexo oposto na intimidade sejam a linha correta também. São os deveres, os encargos, as virtudes características do outro sexo, suponho, que o paciente deve tentar cultivar.

Mencionei a humildade porque homossexuais do sexo masculino (não sei sobre as mulheres) são muito dados, no momento em que descobrem que você não os trata com horror e desprezo, a ir para o outro extremo e começar a insinuar que

são, de algum modo, superiores ao tipo normal. Eu gostaria de poder ser mais claro. Tudo o que eu de fato disse é que, como todas as outras tribulações, o homossexualismo deve ser oferecido a Deus, e deve-se buscar a direção divina no sentido de como usá-lo.

Ouvi dizer que você estava incomodado com a lesão na coluna de novo. Espero que o silêncio sobre este assunto em sua carta não seja apenas fruto de seu altruísmo, e sim que agora você está bem. Dê lembranças minhas à sua querida esposa. Vocês dois continuam em minhas orações diárias. É um doce dever orar por nossos amigos. Quando oro, sempre sinto como se tivesse tido um breve encontro com você; talvez seja um encontro, e do melhor tipo. Ore para que eu seja mais caridoso; estamos no meio de uma crise da Faculdade que tenta me levar ao ódio muitas vezes por dia.

P.S. Quase me esqueci de seu outro assunto. Presumo que Deus atenda às orações quando a resposta é boa para o suplicante e para os outros, e se negue a isso quando ela não é. Pode haver casos em que:

a) A dignidade do suplicante se torna ruim para que ele tenha suas orações atendidas, ou seja, pode levá-lo a pensar que havia um elemento de barganha nisso.

b) A indignidade se torna ruim, ou seja, pode levá-lo a pensar que Deus não exige justiça.

c) A dignidade a tornou boa, ou seja, pode livrá-lo dos escrúpulos, mostrar-lhe que sua conduta foi correta, no final das contas.

d) A indignidade se tornou boa, ou seja, produziu humilde remorso – unde hoc mihi?[29]

Tudo muito simples. A questão é que a dignidade pode facilmente ser levada em conta, mas não na forma de ganho e recompensa direta.

Na véspera de Natal, quando Davy estava fora do quarto, eu trouxe uma enorme fotografia dos pilares e da abóbada da Catedral de Bourges, que ela nunca havia visto, colocando-a à altura dos olhos, com uma única lâmpada sobre ela, e as demais lâmpadas apagadas. Olhando para a fotografia, a pessoa praticamente se sentia lá, contemplando todo aquele altivo esplendor. Então coloquei no toca-discos o Santo, do "Réquiem" de Mozart, pronto para tocar no volume máximo.

Conduzindo Davy, de olhos obedientemente fechados, coloquei-a em frente à foto e pus o disco para tocar. Enquanto a música enchia a sala com sua grandeza, pus os braços ao redor de sua cintura, em pé, atrás dela, e sussurrei: "Abra os olhos, querida".

Foi um momento de surpreendente glória, mesmo para mim que o havia encenado; e Davy tinha lágrimas nos olhos. Glória e amor. Eu sabia que amava Davy mais do que todo o mundo que nos cercava. E ela também sabia disso.

Aquele momento marcou o fim de um ano diferentemente conturbado: o ano do Li'l Dreary, cujo nome era apropriado, que deveríamos agora abandonar sem arrependimentos. O ano do choque e do ajuste depois de Oxford. O ano em que o Apelo foi considerado impossível de ser usado e a Barreira Brilhante, quebrada. E o ano, consequentemente, em que reagi ao amor puro e inocente de Jane. Foi também o ano em que Davy, cerca de um mês antes do fim, ofereceu sua vida em uma troca sagrada e amor absoluto por mim. Foi nessa noite, depois de Bourges e do "Réquiem", que ela me contou isso, para meu horror e pavor.

Extraído de O vento nos salgueiros, é claro, Mole End era o nome que demos ao apartamento no porão para o qual nos mudamos no meio do inverno. Ficava em uma enorme e bela mansão anterior à Guerra Civil Norte-Americana, situada entre grandes carvalhos, em um terreno espaçoso. O apartamento em si tinha quartos espaçosos, e a distância do quarto dos fundos até a entrada parecia ser de um quilômetro e meio. Havia um pequeno pátio, como o de Mole, no Mole End, abaixo da escadaria na frente da mansão.

A mudança para lá foi complicada porque outras pessoas também estavam se mudando, de modo que, na última noite do ano, ainda não estávamos em Mole End, embora nossos móveis estivessem, mas empoleirados em um apartamento no andar superior da mesma mansão. Lá fomos nós, cansados, esconder-nos ali; eu, com as costas arrebentadas por ter tido de levantar muitas caixas de livros. Naquela noite fui para a cama, que ficava em uma espécie de solário com muitas janelas, enquanto Davy brincava alegremente com o carrinho de chá – algo que ela sempre quis que herdaríamos.

Na manhã de Ano Novo, acordei com o sol forte que entrava pelas muitas janelas, e pelas quais pude ver apenas um fantástico labirinto de galhos de carvalho, ao longo dos quais meia dúzia de esquilos perseguiam uns aos outros com alegria. Parecia que estávamos no campo, e fui transportado de volta para Glenmerle. Então, ao ouvir um tinido, olhei ao redor, e lá veio Davy empurrando o já amado carrinho de chá com um prazer tímido e ansioso. E sobre ele – a mais esplêndida das refeições – um café da manhã glorioso: ovos, bacon, linguiça e presunto – tudo e muffins ingleses quentes, torradas frias e marmelada ao estilo de Oxford. E, claro, o bule sob um adereço de lã.

Nós nos beijamos, murmuramos uma oração e comemos tudo, rindo de vez em quando dos esquilos e dando petiscos para Flurry. Contei-lhe que havia sido levado de volta a Glenmerle, e então nos lembramos daquele outro dia de Ano Novo, logo depois de nos conhecermos, em que a levei a Glenmerle pela primeira vez. Rimos, lembrando a velha história de Don e seu acidente, e

sorrimos quando falamos de como éramos jovens naquela época.

Por um instante ficamos em silêncio, lembrando as coisas. Chamei: “Davy?” Ela olhou para mim com olhos brilhantes, imersos em lembranças – seus longos e lindos olhos –, e eu disse: “Eu te amo”. “Eu sei”, retrucou ela. “E eu te amo.” Olhamos um para o outro com aquele olhar de perfeito entendimento que, mais do que qualquer outra coisa, era a essência de nosso amor. Levantei minha xícara de chá e disse: “Se a outra metade for tão boa quanto a metade que já conhecemos.…”, e ela, levantando a dela, disse: “Viva! para o resto da jornada!” Bebemos a isso em Darjeeling.

Sem que eu dissesse nada, ela sabia que eu era dela, que estava cheio de felicidade por estarmos profundamente unidos mais uma vez, aonde quer que a jornada nos levasse. E, sem ela dizer nada, eu sabia que, de alguma forma, ela havia chegado a um novo entendimento de que Deus, no amplo amor dele, abraçava nosso amor com, poderíamos dizer, uma espécie de ternura, e nós deveríamos trilhar o Caminho até ele de mãos dadas. Entendíamos, sem que precisássemos usar palavras, que deveríamos ter a inerência simultânea dos amantes e ser companheiros dessa inerência com o Senhor encarnado: ela em mim e eu, nela; Cristo em nós e nós, nele. “Aquele que ama é nascido de Deus”, diz João (1Jo 4.7).

Talvez naquela manhã ela tenha voltado para mim e, talvez, surpreendentemente, tenha se encontrado ainda mais no Caminho. Em todo caso, a alegria floresceu entre nós; a alegria que eu imaginava ser pagã. Afinal, tanto para cristãos quanto para incrédulos, há apenas uma fonte de alegria.

Por certo, à medida que entrávamos no novo ano, mantínhamos a realidade um do outro, éramos amantes e companheiros de novo, como havíamos sido em Oxford, Glenmerle e a bordo do Grey Goose. Mole End, portanto, com seu buquê de urzes inglesas na parede da grande sala de estar, era um lugar feliz. Estávamos felizes, e, para Davy, era, em muitos sentidos, um tempo muito

gratificante.

O grupo cristão, que se reunia todas as semanas, sentado no chão em frente à lareira, cresceu; e Davy, muito alegremente, preparava todos os tipos de guloseima para enfeitar seu querido carrinho de chá e entrar na sala com ele, para tornar as reuniões mais alegres.

Em outras ocasiões durante a semana, os estudantes do grupo e outros, bem como amigos do corpo docente, apareciam para tomar chá e conversar. Muitos dos estudantes – Bill, Joan, Sandra, Rosie, Anne tornaram-se amigos. Outros nos contavam seus problemas mais profundos, sobretudo a Davy, por causa do calor de sua bondade. Belle Hill aparecia com frequência, cheia de energia e alegre. Tivemos longas conversas cristãs com o físico Shirley Rosser, que vinha com seu sorriso caloroso e com o cabelo prematuramente coberto de neve.

Na verdade, Mole End, embora muito menos apertada, assumiu algo da qualidade do Estúdio, com o pequeno e estranho pátio no lugar da rua de paralelepípedos. Havia uma grande janela de blocos de vidro opaco, onde ficava nossa cruz de madeira, e era a nossa "claraboiá. E, claro, o fogo feito com carvão na lareira e centenas de livros. Agora, no entanto, havia alguns móveis finos e tapetes orientais, coisas de Glenmerle.

À noite, Davy e eu sempre íamos à Grace Church; tínhamos uma chave. Orávamos no altar branco que tinha as palavras “Santo, Santo, Santo” gravadas nele – às vezes, eu recitava as palavras em voz alta, por causa da junção da pureza dos sons das vogais e da pureza do significado. Davy tocava o órgão para mim, e a pequena igreja se enchia com o estrondo da Tocata e Fuga em ré menor, de Bach, da Sinfonia nº 25 em sol menor, de Mozart, ou ainda do Tu és o Rei da Glória, de Händel.

Essas noites na igreja – escuras, exceto pelas luzes do santuário e pelo console do órgão, arrebatadas por músicas poderosas – eram muito preciosas para mim e uma satisfação alegre para Davy. Às vezes, íamos do esplendor da música, passando por Mole, até o esplendor da poesia. Eu também estava escrevendo poesia; e ela, ávida, entrou no processo, como sempre, para que os poemas fossem de fato nossos.

Ainda mais importante para ela do que a música talvez fosse a pintura. Por causa do trabalho e do cansaço, ela não havia feito nenhuma pintura desde a época em Oxford, mas levei para casa um novo cavalete como surpresa, e ela voltou a pintar. Primeiro, terminou uma pintura, muito blakeana, iniciada em Oxford, depois de termos passado horas em uma grande exibição de Blake no Tate, em Londres. A pintura de Oxford que ela terminou – que depois foi colocada sobre o consolo da lareira – mostrava, em cores suaves, um nu feminino de bruços, os olhos fechados, enquanto uma grande onda – a onda de Deus – elevava-se sobre ela, pronta para arrebentar nela.

Então Davy começou uma nova pintura, toda em tons de azul e de vermelho-ferrugem, ainda mais blakeana, que revelava algo de sua alma. E talvez da minha. Tendo como pano de fundo penhascos altos em tons de vermelho-ferrugem, nos quais estavam duas cavernas ou aberturas cheias de luz azul, havia seis figuras. Contudo, na realidade, havia apenas duas, ela e eu. As cavernas com luz azul eram portas, acredito, sendo uma delas muito elevada e a outra, baixa. Na frente da porta mais baixa, havia uma figura feminina em atitude de rendição. A pouca distância, uma figura angelical apontava para a porta baixa; e, da forma reclinada, que era Davy, sua alma corria em direção à porta. A alma obediente – tocou-me profundamente.

Do lado oposto àquela imagem, havia uma figura sentada em um tronco com as mãos em forma de prece e curvada para trás. Um anjo muito altivo e blakeano gesticulava de maneira autoritária para a porta alta. Mas minha alma jazia no chão, a cabeça apoiada na mão e no cotovelo, gesticulando para o anjo altivo, claramente discutindo com ele. Isso me arrancou um sorriso irônico de

reconhecimento. A pintura tinha tanto humor quanto beleza – pelo menos, minha figura rígida em oração e minha alma briguenta eram engraçadas de uma maneira terrível.

E a pintura, com sua combinação de percepção profunda, humor, seriedade e beleza, retratava o bom equilíbrio da mente de Davy. Mas o que a tornava, em última análise, tão comovente e reveladora era que Davy, em sua divina humildade, via-me sendo chamado para um grande destino – a porta alta –, e ela, para um pequeno – fazendo biscoitos para os estudantes. Sem contar todo o amor derramado. Essa porta baixa provavelmente leva a um trono.

O grupo cristão e nossos amigos, o órgão na Grace Church, as pinturas, os poemas, a própria Davy de fato descansada e cheia de energia de novo, e nossa proximidade e partilha restauradas – esses eram os elementos de nosso contentamento, enquanto o inverno avançava para a primavera. É claro que continuamos nossas pequenas “orações em família”, de mãos dadas, diante da simples cruz de madeira na janela de blocos de vidro; e alternávamos entre a Grace Church e a St. Stephen’s, embora Davy continuasse a dar aulas na escola dominical da Grace.

Em março tivemos uma grande felicidade. Julian pôde sair de seu mosteiro para fazer uma breve visita, trazendo consigo Oxford e, ao que parecia, a santidade. Nós o levamos à nossa amada St. Stephen’s e lhe mostramos onde às vezes orávamos à noite, junto à antiga cruz de pedra, no pátio da igreja, e nós três nos ajoelhamos e oramos ali. E, perto da lareira, conversamos durante longas horas sobre a Inglaterra, sobre onde ele nasceu, Oxford e, sempre, permeando tudo isso, o Senhor encarnado. Então, na última manhã, levei-o para pegar o trem no Trout, com a capota aberta, apesar de uma rara névoa “inglesa”. Davy, em seu roupão, saiu alegremente para dar adeus e, enquanto manobrávamos pela entrada, olhamos para ela, em pé, na entrada do pátio, e acenamos.

Por alguma razão, aquela partida em meio à neblina com Davy acenando tão

alegremente permaneceu com uma extraordinária vivacidade em minha memória e na de Julian, talvez por ela ter parecido tão pequena em frente à mansão no meio daquele nevoeiro cinza. Julian escreveu sobre sua “lembrança dela em pé, pequena e sozinha, com sua camisola, perto da escadaria”. Mas eu me lembro de seu ávido amor e dos acenos alegres.

Os meses de abril e maio foram agradáveis naquele ano. Um evento incomum foi que nosso reitor, a nosso pedido especial, celebrou a Sagrada Comunhão para nós e para Shirley, que havia estado doente, no Mole End. E Flurry logo depois esteve no cio, teve dezenas de filhotes que rosnavam e lutavam nas janelas baixas de nosso porão e estava muito satisfeita.

Um dia, durante esse período, eu estava andando do quarto dos fundos até a cozinha, onde Davy estava preparando algo para assar, quando, de repente, fui impelido a puxá-la para um grande abraço e um beijo, com farinha voando para todos os lados, abraçando-a como se a estivesse protegendo do mundo. Ela disse com uma voz baixa, atônita e feliz: “Ora, querido...” E, então, nós dois começamos a rir de nós mesmos, cobertos de farinha.

Mas maio, sobretudo, foi um mês de passeios pelo interior no MG. Abril e maio – olaias, cornisos e lilases. Atravessamos as estradas sinuosas do interior observando as flores, os pássaros e a terra vermelha recém-virada. Subimos até as Blue Mountains, onde ainda era início da primavera. Paramos várias vezes na St. Stephen’s à noite, fizemos nossas orações em frente à antiga cruz de pedra e depois nos sentamos debaixo dos grandes carvalhos sob a luz das estrelas.

Uma vez fomos à Horsebite, onde Flurry nasceu, contemplamos a nogueira preta na pradaria, conversamos sobre a “Imagem do Pecado” e tudo o que aconteceu. Às vezes, íamos à casinha que chamávamos de “Ladywood”, onde nos sentávamos à sua bela entrada e falávamos de como, dali a um ano, poderíamos vir a morar ali.

No último dia de maio – lembro-me da data porque falamos sobre aquele outro último dia de maio quando, na partida do destróier, nós nos encontramos tão dramaticamente no Pacífico, distantes de casa –, dirigimos pelas Blue Mountains e voltamos à noite para casa usando as estradas secundárias.

O sol havia se posto, mas as montanhas ainda refletiam um incrível tom de azul, como se fossem, de fato, feitas de safira translúcida, e nós estávamos muito relaxados e sem pressa. O azul desapareceu das montanhas e, por fim, veio a escuridão, embora eu ainda conseguisse ver a estrada no crepúsculo. Então, quando passamos por um bosque, ouvi um assobio, parei e desliguei o carro. Era um bacurau assobiando seu canto fluido enquanto outro respondia à distância. Ficamos sentados ali por um bom tempo, de mãos dadas, enquanto as estrelas apareciam. Essa era a Virgínia que amávamos. Por fim, liguei o carro outra vez e seguimos viagem, passando por St. Stephen's e, finalmente, chegando ao Mole End.

Se maio foi o mês da paz e da beleza, junho foi o mês da emoção e das decisões. Tudo começou com o toque do telefone; era o reitor de Wabash, uma excelente faculdade ao norte, onde Lew e Mary Ann estavam. Eu conhecia o reitor e gostava muito dele. Eu gostaria de ingressar em sua faculdade para ensinar inglês no ano seguinte? Eu iria até lá para conversar com ele sobre isso? Bom, eles estariam me esperando.

Na semana seguinte, Davy e eu conversamos intensamente sobre isso – e oramos. Em termos acadêmicos, uma faculdade melhor, maior remuneração, o próprio reitor, Lew e Mary Ann. Por outro lado, a adorável Virgínia, o grupo cristão, nosso próprio reitor John Turner. Mas, sobretudo, o grupo que sentíamos ser nossa vocação. Ainda assim, as coisas têm seu tempo. Talvez devêssemos, agora, seguir em frente, unir forças com Lew e Mary Ann?

Após a formatura, bem no momento de viajar para o norte, Davy pegou um vírus. Ela não estava muito doente, porém não deveria viajar. Então eu fui sozinho, fazendo com que ela prometesse ligar para o Dr. Craddock.

Resumidamente, decidimos aceitar o emprego em Wabash e me demiti da Lynchburg College. Houve lamentos de nosso grupo de estudantes, que disseram que nós os estávamos abandonando. O presidente da faculdade disse: “Lá se vai meu melhor professor”. Olhamos com tristeza para Mole End, para Grace Church e para a St. Stephen’s. Foi uma decisão dolorosa.

Davy se recuperou do vírus, mas ainda se sentia muito fraca. O Dr. Craddock concluiu que ela deveria ir para o Hospital Universitário de Charlottesville, a quase cem quilômetros de distância, onde testes completos poderiam ser realizados. “Talvez”, disse ele, “talvez tenhamos de ministrar um remédio milagroso nessa coisa misteriosa”. Davy disse que não era necessário, e foi embora.

Conversávamos alegremente ao telefone todas as noites, e ela disse que estava se sentindo melhor. Ainda assim, marquei uma consulta com um dos médicos para saber o que os exames haviam mostrado, se é que havia alguma coisa.

Era meio de julho e estava quente quando subi no MG com Flurry, e pensei em ver o médico primeiro. Ele disse: “Ela está muito doente. Eu diria não mais do que uma chance em dez. Talvez viva mais seis meses”. Ele não amenizou a notícia, mas, por outro lado, como alguém poderia amenizar algo assim?

O mundo mudou para sempre no momento em que respondi, um instante depois. Serenamente, perguntei-lhe – tão baixinho que talvez ele tenha pensado que eu não me importava – o que era. Era um problema no fígado, disse ele; não havia chance de cura. Eles não sabiam por quê. Ela morreria em coma ou sangrando

internamente e pelos globos oculares.

Eu direi aqui que, embora o Dr. Craddock tenha lutado no escuro, por assim dizer, com sutileza e devoção, ela morreu. E, mesmo depois da autópsia, ninguém soube dizer o motivo. Tínhamos apenas trinta e poucos anos e não bebíamos muito. Acreditava-se que era um vírus subclínico, possivelmente tropical que se alojou em seu corpo desde os dias da ilha, talvez contraído em junho daquele ano ou no ano anterior. É só isso que poderia ser dito.

Também contarei que pedi à Lynchburg College para me recontratar, e, embora já tivessem empregado outra pessoa, eles me aceitaram de volta, estourando o orçamento. Por conseguinte, renunciei meu breve cargo na Wabash College e, apesar de terem renovado a oferta em anos posteriores, nunca mais fui para lá por causa da gratidão que devia à Lynchburg College.

Quando deixei o consultório médico, fresco por causa do ar-condicionado, e fui para a ala quente, tive de atravessar todo o corredor, branco e antisséptico, que parecia estender-se por quilômetros. Um longo corredor com Davy lá no final.

O choque vibrava por todo o meu corpo à medida que meus sapatos pisavam no chão. O que eu diria a ela? Eu estava tomando uma decisão dentro de mim: eu iria sustentá-la, abraçá-la no que estava por vir. Eu deveria ser forte quando contasse a ela, mas não me sentia forte agora. Eu poderia desabar. Eu não deveria desabar. Amanhã eu estaria mais forte, contaria a ela e iria sustentá-la depois que ela soubesse o que havia acontecido.

Fui até ela com uma saudação alegre. Disse-lhe que os testes não estavam completos e dei-lhe as notícias sem importância de casa. Comecei a dizer-lhe que estava com saudades dela, mas percebi que não conseguiria continuar com isso e falei outra coisa. Finalmente me despedi e afirmei que voltaria no dia

seguinte. Porém ela soube – soube que havia algo escuro em meus olhos. Não conseguíamos esconder-nos um do outro.

Então fui embora no MG. Flurry veio correndo ao meu encontro, mas ficou desanimada quando pus a mão em sua cabeça. Dirigi para fora da cidade, ainda com os olhos secos, orando: “Seja feita a tua vontade” repetidas vezes – era tudo o que eu podia orar. Então me lembrei de que Davy havia oferecido sua vida por mim. Lágrimas desceram no campo, no entanto foram levadas pelo vento.

CAPÍTULO 7

A neve da morte

No domingo, um dia antes do diagnóstico fatal do médico, Julian, em seu priorado na Nova Inglaterra, sem saber nada sobre a internação ou sobre a doença de Davy, dedicou uma missa a ela e a mim por causa de uma “insinuação distante” de que precisávamos de ajuda; uma insinuação feita pela eternidade.

A segunda-feira – comigo andando para cima e para baixo durante dias e anos por aquele longo corredor do hospital onde Davy estava e dirigindo sozinho pelos condados da Virgínia no caminho de casa – pode ter sido o pior dia de minha vida. Haveria mais dias sombrios pela frente, mas nós os enfrentaríamos juntos na inerência simultânea de nosso amor. Hoje, em choque e com tristeza, andei pelo corredor sozinho, pois ainda não havia contado a ela. Em apenas um repentino minuto, o mundo virou de cabeça para baixo.

Quando cheguei ao Mole End, comecei a tomar providências. Telegramas e telefonemas a amigos, sobretudo a amigos cristãos, incluindo C. S. Lewis e Maurice Wood, nosso reitor na St. Ebbe’s; e aos amigos locais também, Shirley, Belle, Preston e o reitor Jeffrey. Dentro de minutos e horas, uma poderosa corrente de oração estava se formando.

Conversei com o reitor John Turner e com outros funcionários da faculdade, bem como com o Dr. Craddock. Os amigos não cristãos insistiram para que eu não contasse à Davy o que estava por vir; os cristãos, unânimes, no momento e mais tarde, sugeriram que ela deveria saber. C. S. Lewis disse que estava orando sempre e que ela deveria ser informada. E Julian, dizendo que estava orando incessantemente, escreveu: “Ela deveria saber que está indo para seu Calvário”.

Acrescentou, referindo-se a ela pelo nome cristão: “Pobre Jean, tão humilde, tão boa, tão entusiasmada e afetuosa, tão santa. Que Deus a tenha em suas mãos”.

Em especial, naquela segunda-feira, tentei encarar o que estava por vir. Preparei-me para a ação como uma fragata indo para a batalha, descartando de minha vida tudo o que não era relevante para Davy ou para meu trabalho na faculdade. Levantei-me e fiquei olhando por um longo tempo para cada uma das pinturas de Davy à luz de minha perigosa consciência. Movido por algum impulso obscuro, li o primeiro poema que escrevi para Davy, Maio (p. 34), em Glenmerle, de onde vem o nome deste capítulo: “Para sempre maio, doce e alegre,/Até os lilases se fecharem sob a neve mortal”.

Dentro de mim se fortaleceu uma decisão, talvez a mais poderosa e firme de toda a minha vida: nos meses seguintes eu faria e seria tudo para ela; eu iria apoiá-la e sustentá-la com todo o meu amor. Tudo o que eu era ganhou perspectiva em minha forte e quase terrível vontade de fazer isto: não deixar que nada me impedisse de fazer isso. Então, implacavelmente decidido, fui até a St. Stephen’s para me colocar de joelhos no meio da noite, junto à antiga cruz de pedra onde tantas vezes havíamos nos ajoelhado juntos e pedi a Deus que sustentasse nós dois.

Assim eu estava pronto para contar a Davy. Enquanto dirigia sob o sol da manhã rumo a Charlottesville, pensei nela, quando ofereceu sua vida por mim no outono anterior. Esse seria o resultado? Então me lembrei, com uma espécie de temor, de que ela acreditava, em julho do ano anterior, que iria morrer e que pediu a Deus naquele momento “mais um ano” por amor ao nosso grupo de estudantes; agora estávamos no julho seguinte – mais um ano, de fato – e eu estava a caminho do hospital para lhe contar sobre sua morte.

Qualquer recuperação seria apenas uma prorrogação da morte que seria o fim de todos nós. Ela teve o que pediu: mais um ano. Seria certo eu pedir mais? Seria certo eu pedir isso, quando ela ofereceu sua vida por mim? Como eu deveria me

aproximar de Deus? O que deveria dizer ao Deus encarnado que fez o mundo e sofreu para crucificar seu Filho?

Pensei no Grey Goose, que nunca mais navegaria pelas águas deste mundo; pensei na poesia, incluindo a minha, e em todas as coisas que eram preciosas; pensei nas ilhas do oeste. Então pus tudo isso em um mesmo saco. Se ela morresse, eu poderia – já que, aos olhos de Deus, eu não deveria fazer nada para segui-la – viver por anos. Esses anos e toda a beleza que pudessem conter coloquei nesse saco. E então ofereci tudo ao Rei. Que ele tomasse tudo aquilo com que sempre sonhei, tudo o que desejei, incluindo a morte que eu por certo desejaria! “Eu lhe ofereço, ó Cristo, por ela, para o bem dela, a morte ou a vida”. Foi isto que ofereci. Pedi a Deus que tomasse tudo, tudo o que era ou seria, em uma troca sagrada, não pela vida poupada de Davy, que seria bom para mim, mas talvez não para ela, mas para o bem dela, o que quer que fosse.

Mais tarde orei para que ela se recuperasse, mas apenas se fosse para o seu bem. Essa oferta foi talvez o ato mais puramente santo e amoroso de minha vida. Isto foi feito dentro do MG, com o Trout deslizando pela manhã brilhante até Charlottesville. E, então, na direção do oeste, tendo as Blue Mountains como segundo plano, vi um arco-íris cintilar por alguns minutos. Acaso ou promessa? Mas Deus sabia, desde o começo daquilo que chamamos tempo, que eu estaria fazendo minha oração e vendo o arco-íris.

No carro comigo estavam as rosas amarelas para Davy. Não sei por que as escolhi, exceto porque eram adoráveis, e não consegui levar lilases. A época dos lilases havia acabado para sempre agora. As rosas, porém, tinham sua própria beleza; e esse era o nosso tempo de rosas. Dali adiante, ao longo dos meses, sempre haveria rosas amarelas para ela.

Quando a enfermeira trouxe um vaso e foi embora, sentei-me ao lado da cama de Davy e segurei sua mão. Então eu disse: “Davy...” Ela olhou para mim, e eu sorri para ela. Davy sorriu de volta. “Querida”, falei, “essa – essa doença – talvez

significique nossa separação – por um tempo.” Sua mão apertou a minha, mas ela ainda sorria. “Os médicos dizem que significa isso. Mas muitas pessoas estão orando por você. C. S. Lewis e Maurice, Peter e Bee, Lew e Mary Ann, Thad, Julian. Você está nas mãos de Deus, querida.”

Contra a minha vontade, meus olhos se encheram de lágrimas, mas sorri para Davy. Ela também sorriu em meio a lágrimas e disse com uma voz rouca: “Que assim seja...” Sua voz vacilou, e ela deu um pequeno soluço. “De acordo com a perfeita vontade de Deus”, disse com a voz mais forte. “Ontem, quando você esteve aqui, pensei – pensei que pudesse ser, bem, algo ruim. Seus olhos estavam tristes...”

Levantei-me, inclinei-me sobre Davy e coloquei meus braços em volta dela. “Eu te amo”, falei, “seja o que for, para sempre”. Beijei seu rosto molhado, e nós apenas ficamos abraçados por um tempo. Havia lágrimas em meu rosto também.

Então eu lhe contei exatamente o que o médico havia dito. E tudo o que eu havia feito. Falei sobre minha oferta e o arco-íris. Disse que ela estaria totalmente envolvida por orações; na verdade, ela já estava. Então eu afirmei que o Cristo puro, que deve abominar a doença, iria curá-la se essa fosse a vontade de Deus, se orássemos com firmeza – e ela também. Mencionei sobre a missa de domingo que Julian havia celebrado, e ela ficou impressionada. Então, dei-lhe aquilo que me era mais precioso: a pequena cruz de ouro que Davy tinha me dado em Oxford. Coloquei-a em volta de seu pescoço.

A esperança surgiu entre nós; a esperança surgindo por causa do amor. Nós nos alegramos. Ela se levantou e foi até a janela para ver Flurry no MG. Ela a chamou; Flurry saltou e começou a andar descontroladamente em círculos, à procura dela, e depois tentou escalar a parede do hospital. Davy riu e ordenou que ela voltasse para o carro, o que Flurry fez.

Desse dia em diante, nunca perdemos a esperança. Não duvidamos das descobertas médicas, é claro, mas há muitas curas “milagrosas” inexplicáveis para qualquer pessoa, incluindo os médicos, para supor que a medicina tem a última palavra. Até mesmo o médico de Davy havia dito uma chance em dez. Então orei, como muitos oraram, contudo nunca vacilei em minha oração mais profunda para que fosse feito o melhor para ela.

A irmã de Davy veio, e elas choraram um pouco e riram juntas também. Muitas pessoas viajaram para Charlottesville com o intuito de ver Davy, indo embora emocionadas e fortalecidas por sua coragem e amor. Um bispo colocou as mãos sobre ela e ungiu-a para que recebesse a cura, se esta fosse a vontade de Deus.

No tempo oportuno, nós a levamos para casa. Shirley Rosser improvisou uma cama para Davy em seu carro, que era grande. No caminho, ele me ofereceu todas as suas economias, se eu precisasse delas. Assim, Davy fez uma feliz viagem para casa.

Ela estava muito feliz por estar em casa, no Mole End, onde era fresco e tranquilo, com todos os nossos livros e nós dois juntos. Eu havia colocado a grande cama de Davy na sala de estar, e ela se divertiu ali como uma rainha durante todo o mês de agosto. Cozinhei, esfreguei suas costas e lhe dei as injeções. Contratei uma faxineira para fazer a limpeza. Eu também caçava mosquitos. Esse foi o verão em que todos se queixaram dos insetos; e, claro, um mosquito poderia arruinar o sono precário de Davy. Então, todas as noites eu os caçava com uma tocha.

Talvez o sono e a comida fossem essenciais à vida, então eu não media esforços para tentar tornar nossa dieta livre de sal interessante. Embora eu controlasse os visitantes até certo ponto, havia muitos que vinham naquele momento e mais tarde, quando ela estava no hospital. Não posso citar uma fração deles, nem posso começar a descrever a grande bondade das pessoas. Havia todos os tipos de presente em dinheiro, muitas vezes um envelope anônimo encontrado na

caixa de correio contendo talvez 50 dólares, em notas de um dólar ou em moedas de prata – uma coleção em algum salão e, outras vezes, presentes maiores. Mais tarde, os estudantes começaram a fazer filas para doar o sangue – cerca de dez ou quinze litros – de que Davy precisava. Uma de minhas aflições era que meu tipo sanguíneo não era compatível com o dela, embora eu doasse sangue a outras pessoas, para me sentir melhor.

O incrível sobre o fluxo de visitantes, no Mole End e depois [no hospital], foi que eles vinham com amor para animá-la e iam embora animados e fortalecidos. O amor e a força de Davy fluíam para eles. Um dos estudantes, mais tarde, fez uma pintura de Davy, sorrindo na luz, conduzindo um aluno de silhueta escura até uma árvore – a Árvore.

Davy e eu, diante do que deveria ser enfrentado com tanta coragem, esperança e amor quanto havia em nós, fizemos juntos naquele mês as adoráveis orações antigas do Livro de Oração Comum, comigo ajoelhado ao lado de sua cama. O reitor veio ministrar a Santa Comunhão. Uma vez que o Dr. Craddock havia dito que eu poderia levá-la para os amplos gramados da mansão, tomei emprestada uma chaise longue para ela, e todas as tardes nos sentávamos à sombra de um carvalho gigante.

Nós nos lembrávamos de Glenmerle, ali debaixo daquela árvore, com Flurry, em vez de Laddie, deitada ao nosso lado. Lemos muito juntos naquele mês. Um livro que lemos e sobre o qual conversamos foi Novas sementes de contemplação, de Thomas Merton; e, claro, os antigos e preciosos poemas que fizeram parte da própria textura de nossa vida. Parecia-nos que aquele era o tempo de ler nosso diário; e, ali debaixo dos carvalhos, fizemos isso, começando com os dias felizes em Glenmerle – “quando fomos tão felizes naquele mês de maio” e nosso amor era jovem.

Era quase tudo sobre Glenmerle naquele mês; Glenmerle e as caminhadas pelo lago de lírios, o clube e a lareira, o voo no amanhecer e a canoa à deriva sob as

estrelas. E a construção da Barreira Brilhante. Às vezes, porém, nós nos lembrávamos de dias posteriores e nos adiantávamos para ler sobre a escuna ou Oxford. Isso nos deu uma percepção de toda a nossa vida – e de uma espécie de integridade unificada que a marcou.

Davy não estava com dor. Para meu desespero em alguns momentos, ela não tinha muito apetite pela dieta sem sal, apesar de meus esforços. O problema imediato era o acúmulo de líquido em seu abdome. Nada podia impedi-lo de se acumular, nós sabíamos – até o momento em que o líquido teria de ser drenado com uma punção –, mas, quanto mais lentamente ele se acumulasse, mais esperançosos poderíamos ficar. E, de fato, foi só no início de setembro que ela teve de ficar alguns dias no hospital local para o procedimento.

O médico disse que eu poderia levá-la até lá no MG se eu fosse devagar, assim fizemos um pequeno e festivo passeio no que era, essencialmente, um pequeno e festivo carro, deixando nossos livros abertos no Mole End, para marcar onde havíamos parado na leitura e continuar quando ela voltasse. Mas ela não voltaria. Por um motivo ou outro, os dias no hospital se prolongaram. Durante semanas, era sempre na semana seguinte que ela voltaria para casa; ela, porém nunca voltou. Talvez tenha sido melhor termos tido aquele mês de agosto no Mole End sem a pressão de saber que seria o último.

De setembro a novembro daquele ano, ela se sentiu muito bem. O médico dizia, e eu dizia aos que perguntavam: “Ela está aguentando firme”. Esse foi o lema nesses meses. Ela estava tomando cortisona a maior parte do tempo, uma droga que tem um efeito de bastante euforia. A princípio, ficou incomodada com o calor; e fiquei angustiado por ela, lembrando-me do verão anterior, quando ela começou a se sentir bem com o advento do abençoado frescor.

Por uma ironia do destino, o calor durou até outubro, e o furacão Hazel, que, embora não atingisse diretamente Lynchburg, acabou com a onda de calor com um grande vendaval que derrubou galhos de árvores e cortou a eletricidade do

hospital por um pequeno período de tempo. Mas Davy se alegrava com o vento e encorajava outros pacientes que estavam com medo.

Durante os meses no hospital, não deixei de visitá-la sequer um dia; ia quase sempre duas vezes por dia. Em outras circunstâncias, eu dava minhas aulas, e isso era o suficiente. Tudo o que não estava relacionado a Davy era apenas uma névoa; exceto quando eu olhava para suas pinturas em casa. E eu sempre observava o amanhecer, o amanhecer que amávamos, e ela o observava também. Sabíamos que nós dois estávamos vendo o mesmo amanhecer.

Em setembro, chegou à caixa de correspondência uma velha caixa de sapatos. Nela estava o crucifixo medieval, inestimável e frágil, de Julian. Esculpido em madeira, o objeto não trazia apenas o Cristo crucificado, mas, no topo, Deus Pai, de uma nuvem, olhava para baixo, a Pomba descia e, ao fundo, Maria tinha uma espada cravada no coração. O crucifixo estava sempre com Davy. O próprio Julian não pôde vir, embora ele e eu tivéssemos implorado ao prior para deixá-lo vir. Contudo Julian, celebrando missas por nós, orando longas horas antes do sacramento, estava particularmente conosco em espírito. Seu crucifixo e suas cartas traziam-no para perto e, mais ainda, seus poemas. Um de seus poemas, em particular, estava fixado ao lado da cama de Davy e, muitas vezes, em seus lábios:

Se tudo estiver perdido, graças a Deus!

Se eu tiver de vê-lo ir embora, que se vá,

Que desapareça, morra!

Graças a Deus, porque Deus é tudo o que tenho!

E, se eu não o tenho, de fato nada tenho.

De fato nada, apenas um adeus ao vento;

Um adeus ao céu cinzento.

Adeus, Deus esteja com você, noite no céu de outubro.

Se tudo estiver perdido, graças a Deus,

Pois Deus é Deus, e eu, eu sou apenas eu!

Davy também estava dizendo adeus ao vento, adeus ao vento e ao céu, observando tudo ir embora, desaparecer, morrer – e agradecendo a Deus. E, ainda assim, ela era humana, dolorosamente humana, e não queria morrer.

Obediente, ela fazia tudo o que os médicos e as enfermeiras lhe diziam para fazer; tudo, exceto ficar na cama quando mais precisava. Repetidas vezes ela era surpreendida fora da cama no meio da noite, sentada ao lado de outro paciente que estava sofrendo, acalmando-o, segurando a mão dele, orando por ele.

O médico me pediu para persuadi-la a ficar na cama; e Davy parecia culpada, sorria e prometia ficar – mas, então, ela ouvia um soluço ou um grito no meio da noite. Mais tarde, recebi dezenas de cartas, algumas quase indecifráveis, de pessoas que estiveram no hospital com ela, dizendo que ela as tinha ajudado e sustentado. Uma disse que ela era como um anjo de Deus.

As enfermeiras amavam-na, e os funcionários do hospital também. Ela pediu minha ajuda para fazer uma grande medalha “pelo serviço fiel” para uma das funcionárias negras, que começou a usá-la com orgulho. Muitas enfermeiras estavam orando por Davy. Havia uma em especial, que se chamava Joan, a quem chamávamos de Santa Joan, que amava Davy e era amada por ela. Santa Joan era jovem, rápida e valente, e o nome combinava muito bem com ela.

Davy nunca perdeu sua alegria e seu senso de humor. As pessoas sempre riam ao seu redor. Alguém lhe deu uma criatura de orelhas caídas, à qual ela sempre se referia como “São-Paulo-o-cachorro-ou-coelho”; e ela o usava “ao lado da boca” para falar que as pessoas eram muito generosas. É simplesmente verdade, sem exagero, dizer que ela era uma fortaleza para todos – enfermeiras, médicos, ministros e, não menos, amigos – todos extraíam força de seu espírito alegre, corajoso e profundamente amoroso. O amor resplandecia dela; e o amor não apenas gera mais amor, mas transmite força.

Talvez seja apropriado dizer aqui, embora eu só viesse a saber no final, que o hospital – o Hospital Batista da Virgínia – não aceitaria um único centavo por todo o cuidado que teve com ela durante aqueles meses, nem mesmo pelas refeições que ocasionalmente me oferecia. Lá, disseram que Davy havia feito mais por eles, pelas enfermeiras e por outros pacientes do que eles jamais haviam sido capazes de fazer por ela. E o Dr. Craddock, em minha opinião, um médico bastante competente, bem como um cavalheiro muito cristão, que, com seu colega, visitou Davy todo dia durante todos aqueles meses, também recusou todo pagamento.

Não pedi ajuda aos médicos nem ao hospital e não esperava por isso; eu havia tomado as devidas providências para pedir o dinheiro emprestado. A bondade e o amor são tão reais quanto seus terríveis opostos, e, na verdade, muito mais reais, embora eu diga isso ciente dos enormes males já cometidos como, por exemplo, a Alemanha nazista. Mas o amor é a realidade final; e quem não entende isto, seja ele escritor ou sábio, é um homem a quem falta sabedoria.

Davy se esforçava para fazer a vontade de Deus. Mais importante ainda, ela se esforçava para fazer com que sua própria vontade se conformasse com a de Deus: desejar o que ele desejava. Sua oração – e a minha também, muitas vezes – era a de um dos romances de Charles Williams: “Faça – ou não faça”. Ela queria, humanamente, viver; e ela, humanamente, temia a morte; no entanto, ela estava rendida a Deus. Seu lema, a expressão que sempre tinha nos lábios, era: “Tudo ficará bem”. E: “Todas as coisas terminarão bem”. Davy pôs em prática

suas “máximas” da vida cristã, sendo a primeira delas esta: “Amarás o Senhor, teu Deus; e, se ainda não puderes amá-lo, confiarás nele com toda a tua mente, alma e coração”. Outra era a seguinte: “Não farás nada contrário ao amor”.

Mas, se Davy era uma fortaleza para todos os outros, eu poderia ser, um pouco, sua força. Isso é um exagero, pois sua verdadeira fonte de força era seu Senhor crucificado; não obstante, humanamente, ela se apoiava em mim. Talvez fosse sua cortesia divina; e, de fato, havia uma cortesia entre nós e, às vezes, uma espécie de justiça sobrenatural. Em todo caso, ela não escondia – talvez não pudesse esconder – de mim o desejo humano de viver e seu medo humano da morte.

Em Descent into Hell, de Charles Williams, o autor expõe sua Doutrina do Amor Substituto: carregar os fardos uns dos outros não é apenas uma figura de linguagem ou algo significativo apenas em termos de cargas físicas, como uma mala, por exemplo. O fardo de Davy não era a morte, mas o medo da morte. Pedi-lhe que me entregasse esse fardo, uma entrega verdadeira, como entregar uma mala a um porteiro. Um ato de entrega. E eu o tomaria – também um ato. Entrei então no medo, em seu medo, com todo o meu coração, minha mente e imaginação, senti-o, carreguei-o com meu próprio medo, que também era real, mas de outro tipo. E o fardo dela ficou mais leve.

Seu quarto ficava no final de um corredor, e havia uma varanda mais à frente. Todos os dias eu a levava devidamente agasalhada, em uma cadeira de rodas, para aquela varanda. O MG ficava estacionado onde Davy poderia olhar para baixo e dizer “oi” para Flurry. Quando eu a levava para fora do quarto e atravessava o longo corredor com ela, Davy sempre gritava alegremente para todos os que via: “Esta é a melhor hora do meu dia!” E todos sorriam.

Lá na varanda, conversávamos, líamos poemas, nos beijávamos e ficávamos de mãos dadas. Como éramos felizes, mesmo sob aquela sentença de morte! Normalmente eu também levava rosas amarelas. Às vezes, uma enfermeira nos

trazia chá, ou eu levava uma garrafa térmica com um “chá de verdade” de casa. Se houvesse uma carta de Julian ou de algum outro amigo, nós a líamos juntos; e conversávamos sobre o amanhecer que nós dois havíamos observado. Em geral, esse tempo fora do quarto acontecia logo que eu chegava ao hospital, mas outras vezes eu a levava para fora no final da tarde e à noite também.

Em uma tarde amena no final de outubro, no Halloween, na verdade eu a levei para fora, trazendo comigo algumas rosas amarelas novas. Eu disse, brincando, que havia feito uma viagem especial à Glenmerle para colher tais rosas em particular, e ela riu, fingindo que era verdade.

Conversamos naquela noite sobre os dias em Glenmerle, sentindo como se tivessem sido no dia anterior. Fingimos que havíamos acabado de estar no jardim das rosas e depois, ainda carregando as flores, descemos até a ponte. A varanda no crepúsculo, fingimos, era a ponte, e Davy olhava por cima do parapeito da varanda e dizia: “Ah, olha! Eu vejo um peixe!” E eu dizia, gesticulando em direção às luzes na avenida distante: “Há muitos vaga-lumes hoje”. Davy disse em voz baixa: “Quem sabe possamos nos encontrar de novo em Glenmerle, se...” Coloquei os braços em volta dela e disse: “Uma Glenmerle celestial. Se há alguma coisa de que tenho certeza, é que o céu é uma volta para casa. E, para nós, isso seria Glenmerle”. E ela disse: “A espera não será longa”. Então ela continuou, enquanto um carro se aproximava da entrada do hospital: “Olha, lá está o seu pai voltando para casa”. Foi uma noite particularmente feliz e agradável, ali naquele ar puro e frio com o leve aroma das rosas.

Naquela noite, quando deixei Davy, piscando as luzes do MG como sempre fazia enquanto saía e vendo-a acender e apagar, em resposta, a luz do abajur ao lado de sua cama, fui para casa e escrevi um poema:

VÉSPERA DE TODOS OS SANTOS

Esta noite, enquanto pesava a arrebatada esperança alada com temores Da perda, novamente a voz da garota, alegre E doce – ó companheira de anos pagãos passados! –, Vem ressoando na glória de maio.

Ó beleza cantante! Que canta, embora se aproxime O momento de toda descoberta e de toda perda. Juntos, em nossos risos e nossas lágrimas, Levados pelo vento para o centro de onde os caminhos se cruzam.

Um jardim de rosas na noite azul, onde almas se abraçaram Em santo silêncio, êxtase atemporal. Brotou a verdade entre nós, a beleza final atou As estrelas, e, maravilhados, vivenciamos a eternidade. Uma partilha secreta passou em um contato visual: Na morte, a beleza cantante não morre.

Levei o poema para ela no dia seguinte. Assoviei nosso sinal secreto embaixo de sua janela, como sempre fazia, e ela assoviou a segunda parte. Dessa vez, acrescentei: “Tu és o Rei da Glória”. Então, quando ela estava lá fora, na varanda, li o poema para ela. Algumas lágrimas escorreram por seu rosto, mas eram lágrimas de alegria, e, em meio a elas, ela sorriu para mim.

Naquela noite também – véspera do Dia de Finados –, escrevi um poema para ela. Este também a comoveu profundamente; e ela manteve os dois fixados ao lado de sua cama, com o poema de Julian. Meus poemas e o dele, juntos, dizem como eram as coisas:

MORRENDO

Reluzente com o espírito de Deus,

Admirada com essa beleza

– Você, que está perto dela –

Sem medo daquele passo,

Agora que o ouve.

Incontida na piedade,

Ansiosa em amar

– Alta na Cidade –

Vestida de beleza,

Santa simplicidade.

T. S. Eliot, em Quatro Quartetos, diz o que é ser cristão: “Uma condição de completa simplicidade / (Custando não menos do que tudo)”. Eu não conseguiria entender completamente estas palavras não fosse Davy: era a condição que ela havia alcançado.

Em novembro, chegou uma carta preocupada de C. S. Lewis, a quem eu não havia tido tempo de escrever desde a carta de julho, dando-lhe notícias sobre a situação àquela altura. Demorei a responder a esta carta:

Já faz muito tempo que você escreveu e contou-me sobre a grave doença de sua esposa. Você pediu minhas orações e, sem dúvida, obteve-as – não apenas diariamente, pois nunca acordo no meio da noite sem deixar de lembrar-me de vocês dois diante de Deus. Às vezes tentei, por argumentos sofistas, convencer-me de que seu silêncio poderia, de algum modo, ser interpretado como um bom presságio... mas como seria possível? Se puder, conte-me as novidades. Se ela se

foi para onde já não podemos ficar ansiosos por ela, então devo ficar ansioso por você. Gostei muito de vocês dois; como nunca antes gostei de outros dois jovens. E gostar é temer. O que quer que tenha acontecido, e em qualquer situação que vocês estejam (eu tenho imagens horríveis em minha mente), que todas as bênçãos estejam sobre vocês!

Certo dia, em dezembro, estava um pouco frio para ficar na varanda, então levei Davy para nosso lugar alternativo, uma espécie de solário com muitas janelas. Conversamos sobre o Havaí – o mar azul e as nuvens sendo levadas pelos ventos alísios –, e sobre como ela havia caído do barco no mar ao perseguir meu quepe. Ela riu do incidente, e ali estava a Davy alegre de sempre, mas pareceu-me que ela estava um pouco atordoada e confusa.

No dia seguinte, quando cheguei e assoviei debaixo de sua janela, não houve resposta. Claro que Davy poderia estar falando com o médico. Contudo, quando entrei no quarto, vi que haviam colocado grades em volta da cama para evitar que ela caísse. A enfermeira me disse que Davy estava entrando em coma. A enfermeira tentou falar com ela, mas não houve resposta. Falei com Davy e disse que eu havia chegado. Ela sorriu de modo angelical, mas não abriu os olhos. Eu pedi: “Abra os olhos, querida”. Ela sorriu de novo, mas foi tudo. Eu disse: “Seus olhos ainda estão fechados. Não posso ver você se seus olhos estiverem fechados, posso?” Ela deu uma leve risadinha, mas nada mais do que isso. Fiquei sentado ao seu lado por uma ou duas horas, segurando sua mão; então tive de sair.

Naquela noite, quando voltei, Davy havia entrado em um estágio mais profundo do coma. O médico veio e falou com ela, mas não houve resposta. Ele pensou que Davy nunca mais sairia daquele estado. Orei para que ela não morresse em um coma – assim com ela também havia orado –, para que morresse, se fosse para morrer, de olhos abertos e consciente. Agora, porém, parecia que seria uma morte em estado de coma. Talvez fosse melhor assim.

Abaixei as grades para poder segurar sua mão. Inclinei-me e beijei-a, e, por alguma razão, pensei no verso de meu primeiro poema para ela: “Um beijo de abril enquanto a escuridão vem inundar tudo”. Escuridão para ela, e uma espécie de tristeza pungente inundando todo o meu ser. Beijei seu rosto de novo, e ela disse em voz baixa e distante: “Ah, meu amor...” Falei com ela, mas ela ficou em silêncio; então apenas fiquei sentado ali, segurando sua mão. Depois de alguns minutos, ela voltou a dizer com aquela mesma voz baixinha: “Ah, meu amor...” Durante toda aquela noite, em intervalos de cerca de 30 segundos, vinha o murmúrio: “Ah, meu amor...”

Duas enfermeiras entraram para lhe dar injeções. Cada vez que a agulha a espetava, ela dizia – como se estivesse ferindo outra pessoa: “Ah, eu sinto muito”. Então, depois de alguns minutos de silêncio, a voz baixinha começava de novo: “Ah, meu amor...” Davy estava dizendo aquelas palavras a mim, eu sabia. Onde quer que estivesse, em qualquer terra remota em que estivesse vagando, ela estava achegando-se a mim. As lentas horas se passaram, e, a cada minuto ou meio minuto, ouvia-se sua voz suave e remota. Se não fosse apenas palavras sem sentido, suponho que meu coração teria se despedaçado naquela noite. No entanto, aquilo de fato significava amar [alguém] além de qualquer medida.

No dia seguinte, eles começaram a alimentação intravenosa. Davy não respondia de forma alguma aos médicos ou às enfermeiras. Então descobri que podia alcançá-la. Se falasse de Laddie ou Glenmerle, ela murmuraria. Contei-lhe sobre Laddie segurando a cauda do porco, e ela deu uma risadinha encantada – para espanto de uma enfermeira que entrou naquele momento.

Pedi à enfermeira que me trouxesse algo para Davy comer. A enfermeira disse que não funcionaria, mas, mesmo assim, trouxe. Eu disse à Davy para abrir a boca, e ela abriu. Então coloquei a colher em sua boca, pedindo que engolisse o alimento, e ela fez isso. Dei toda a comida do prato a ela, como se ela fosse um bebê. A enfermeira tentou, mas Davy não dava ouvidos a nenhuma outra voz além da minha. Depois disso, o hospital já não ligava para o horário de visitas, e

eu me esquecia das aulas; eu dava a Davy todas as refeições do dia.

Então falei para ela sair desse coma. Talvez conseguisse sair dele sozinha. Mas, começando com aquela refeição e estendendo-se pelos próximos dias, eu conversava com Davy, e ela me ouvia. Eu murmurava a Humoresque, e ela murmurava alegremente. Ela ria com alegria quando eu falava de coisas divertidas que nós dois lembrávamos, e ela se contorcia de modo alegre quando eu dizia coisas amorosas. Eu gentilmente assoviava nosso sinal, e ela enrugava os lábios e tentava responder. Ela até tentava falar. Quando eu dizia “querida”, ela arriscava um pequeno e patético “Queri...” Mas, no dia seguinte, ela já era capaz de dizer “Querido”. Por fim, tentei o sinal de “Alerta”, e seus olhos se abriram por um instante. Aos poucos, ela saiu do coma.

Parece estranho dizer isso, mas esses foram os dias mais puramente felizes desde que o terrível anúncio da doença havia sido feito, meses atrás. Por um breve período, Davy se esqueceu da consciência da morte. E eu estava cheio de uma incontrolável esperança de que, de alguma forma, Deus poderia fazer de mim seu instrumento para salvá-la, derramar sua força sobre ela por meu intermédio.

Havia uma espécie de alegria entre nós. Eu não só a estava amando; eu estava tão loucamente apaixonado quanto já havia estado, e ela também. Falamos de Glenmerle, porque era algo que vinha de imediato à nossa mente quando líamos o diário debaixo do carvalho e encenávamos na varanda. Assim, durante alguns dias no auge do inverno, vagamos juntos por Glenmerle em plena primavera, passando pelo velho lago de lírios e pelo pomar, e éramos jovens e apaixonados.

Davy saiu do coma completamente – contra todas as previsões –, saiu com uma lembrança de felicidade. Mas, então, é claro, a consciência da morte que pairava sobre ela voltou. Ainda assim, sentimos uma espécie de esperança surgindo da superação daquele coma. E eu a lembrava sempre de que ela tinha me dado o medo da morte, e que eu o estava suportando. Eu o estava suportando por nós dois.

O dia de Natal foi um bom dia. Ela se sentiu mais animada e teve até um pouco de apetite. O gentil hospital me convidou para ficar, e a equipe me trouxe uma bandeja com a ceia de Natal também. Por causa da esperança que havia em nós, foi uma ceia pequena, mas alegre.

Meu presente de Natal para Davy foi um poema, que estava em meu bolso. Era um poema que eu havia começado muito antes, mas depois ficou completamente diferente, sobre uma pessoa imaginária. Mesmo assim, ela o amou. Agora eu o havia reescrito tudo, transformando-o em uma canção sobre nós – assim como uma oração e uma esperança; aquele foi meu presente para ela. Então, quando terminamos o jantar, eu disse: “Davy, aqui está o meu presente de Natal para você”. E eu o li alegremente:

A CANÇÃO DOS DOIS AMANTES

Na Inglaterra, ao longo do mar sem fim

(Eu sonho, minha querida, por você e por mim:

Amanhã, se não hoje)

Lá está, em Dorset, junto ao mar,

Nos ares suaves do West Country,

Uma casa alta e cinza,

Uma antiga casa cinza ao lado do mar,

E lá vivem alegremente dois amantes,

Mais felizes e alegres.

Dois salgueiros próximos e uma grande faia

Traçam desenhos estrelados de fantasia

E a primavera na brisa do dia.

Os amantes caminham junto ao mar,

Seus cabelos ao vento balançam leve e livremente,

E os borrifos de água beijam seus lábios.

Eles passeiam pela alameda e vão atrás de uma abelha,

Deitam na grama debaixo de uma árvore

E cantam enquanto se afastam.

Ao entardecer voltam para a casa junto ao mar,

Leves e alegres voltam para o chá,

Ela carrega um buquê brilhante.

Eles param na igreja com muita fidelidade

E doçura juntos dobram os joelhos –

Ah, são graças que eles dão enquanto oram!

Às vezes, eles se vestem de maneira mais elegante:

E vão à cidade de Londres para ver

Alguns livros, um amigo e uma peça de teatro.

E duas vezes, ó cidade de Oxford, voltam para ti:

Primeiro, para o êxtase jubiloso

Dos pináculos dos sonhos e da primavera;

E depois, no suave crepúsculo do inverno, para estarem

Nas ruas vazias e frias sem uma chave,

Embora nunca sozinhos ou perdidos.

Então, de volta à casa alta e cinza junto ao mar,

Para se sentarem perto do fogo e lerem poesia,

Enquanto a noite permanecer.

Simplesmente assim, na Inglaterra, bem alegres

E tão leves vivem dois amantes, e, vejam:

Mãos dadas enquanto seguem seu caminho!

Uma amante, ah querida, se parece contigo!

O outro, meu amor, sou eu –

E sonhar pode significar orar.

Também era uma canção para o dia de Natal; e era ótimo admitir qualquer coisa além de esperança. Ela ouviu com lágrimas nos olhos; lágrimas e sorrisos. Mas acredito que ela nunca tenha amado tanto um presente de Natal em sua vida, simplesmente porque amou aquela canção. Seu Natal, porém, não havia acabado. Pedi licença usando algum pretexto para ir buscar seu último presente, com a conivência do hospital: Flurry.

É difícil dizer quem ficou mais eufórica; a cadela e a dona gritavam de alegria. Davy abraçou Flurry, e Flurry, gemendo de prazer, lambeu a mão de Davy. Não demorou um segundo e ela pulou na cama alta por um quarto de segundo antes de eu a tirar de lá.

Foi um lindo Natal! Naquela noite, quando voltei feliz para casa com nossa não menos feliz collie, meus pensamentos eram só de amor, do amor que vence a morte: o amor de Deus e nosso precioso amor, triunfante após os anos. O que havíamos resolvido fazer uma década e meia antes – para manter a magia primaveril do estar apaixonados –, fizemos. Se o ano anterior havia sido de hesitação, quase uma negligência, agora o amor era puro como fogo. Tivemos o que havíamos escolhido: não o sucesso nos negócios nem a aclamação acadêmica, mas um grande amor. E, sob a proteção de Deus, talvez esse amor nos salvasse.

Mas não era para ser assim. Depois daqueles poucos dias bons, Davy começou a piorar rápido, e a dor chegou. Sabíamos que ela iria morrer. Uma vez, em uma

crise de dor, ela disse penosamente: “Por favor, deixe-me ir para casa”. Contudo, depois de dias atormentados, a dor diminuiu, embora ela não estivesse de fato melhor.

Um dia – embora eu só soubesse disso depois –, ela disse ao reitor: “Só me resta mais uma semana – talvez um pouco mais”. Naquela mesma noite, fiz anotações sobre meu tempo com ela: “Ela estava doce e amorosa, desejando ser beijada”.Uma ou duas noites depois, ela me disse: “Você deve manter sua promessa de não me seguir, não morrer por suas próprias mãos”. Ela estava, é claro, referindo-se à nossa velha decisão máxima de ir embora juntos – ainda que eu estivesse pensando nisso, assombrado com a ideia. A decisão de levar o Grey Goose ao mar e afundá-lo. Mesmo agora ainda poderíamos fazer isso.

Mas eu lhe disse: “Vou cumprir a minha promessa. Sim, vou”.

“Talvez Deus leve você”, falou ela, um pouco esperançosa. “Talvez ele leve você no mesmo momento; seria lindo!”

“Eu oro para que sim”, respondi. “Mas não demorará muito, se ele não me levar agora.”

Certa noite – já passava do meio de janeiro –, eu estava com Davy, como sempre. Oramos juntos e conversamos um pouco, e eu li para ela uma ou duas coisas curtas de C. S. Lewis e de George MacDonald. Então ela me pediu para ler A Canção dos Dois Amantes. Eu li, e ela confessou: “Ah, eu amo isso!” Ninguém disse mais nada por um instante. Sentei-me ali, segurando o poema, e ela olhou para mim; seus olhos ainda bonitos e brilhantes numa expressão um pouco arrasada. Ela sorriu um pouco e sussurrou: “Meu tesouro!”

Seus olhos se fecharam, e nós nos lembramos juntos daquele voo no amanhecer, com as pétalas dos lilases sendo lançadas do avião. Então ela me pareceu sonolenta, e eu disse que talvez devesse ir embora e deixá-la ter uma boa noite de sono. Ela afirmou que seria bom. Então ela falou, com sono: “Quando você vier amanhã, traga-me um pouco de ‘chá de verdade’”. Respondi: “Vou trazer. Agora durma, querida”.

Eu a abracei por um pouquinho de tempo, sentindo-a quente e sonolenta, e a beijei; ela se aconchegou em meus braços. Então acariciei sua fronte e seu cabelo até ela adormecer, e saí silenciosamente. Pisquei as luzes do carro como de costume, mesmo sabendo que ela estava dormindo; afinal, ela poderia ter despertado.

Às três da manhã, o telefone tocou. Acho que eu já sabia quem era antes que meus olhos se abrissem. Era do hospital. Davy estava morrendo. Sua pressão estava caindo. Não havia como estabilizá-la. Perguntei quanto tempo eu tinha. Eles calcularam que seriam algumas horas. Finalmente, a hora chegou. Aproveitei o tempo para me lavar e me barbear, imaginando se era certo gastar com isso aqueles poucos minutos que eu poderia ter com ela. Mas eu tinha de estar com ela – eu tinha de enfrentar o que deveria ser enfrentado – limpo.

Foi uma noite amarga de inverno. O teto do MG estava aberto, mas eu o deixei assim, e, com Flurry, corri pelas ruas desertas em direção ao hospital. Agora seria uma boa hora para Deus me fazer perder a direção do carro e me levar também. Senti uma imensa tentação de virar o volante em direção a um muro, mas eu havia prometido que não faria isso.

Davy disse à enfermeira que eu havia chegado. A enfermeira pensou que Davy estava delirando. Então entrei. Davy ouvira nosso sinal, assoviado no meio da noite. A enfermeira saiu, e a equipe do hospital nos deixou a sós. Uma vez Santa Joan só colocou a cabeça dentro do quarto e olhou amorosamente em direção à cama. Fiz um sinal com a cabeça, e ela foi embora de novo.

Davy estava perfeitamente consciente e racional. Hesitante, pensei que, pelo menos, nossa oração para que ela não morresse em coma, mas consciente, havia sido atendida. Ela não estava com dor; estava apenas diminuindo o ritmo até parar de vez.

Depois que nos cumprimentamos e eu a beijei, ela disse que estava com sede. Passei pelas rosas amarelas para ir pegar o jarro e o copo. E dei-lhe um copo de água no meio da noite – nosso antigo símbolo de cortesia. Em seguida, fiz uma das orações que sempre fizemos juntos:

“Ilumina nossas trevas, nós te imploramos, ó Senhor; e, por tua grande misericórdia, protege-nos de todos os perigos e ameaças desta noite; pelo amor do teu único Filho, nosso Salvador, Jesus Cristo. Amém”.

Em seguida, Davy orou. Orou em voz alta pelo hospital e pelos médicos, citando o nome de cada um; orou pelas enfermeiras, incluindo Santa Joan, pedindo a bênção de Deus sobre todos eles, em nome de Jesus. Acariciei sua mão, olhando para seu rosto. Fiz outra oração; e, no final, eu disse: “Davy – eu te amo para sempre”. Ela sussurrou: “Ah, meu querido!”

Houve um longo silêncio, enquanto eu ainda acariciava sua mão. Então ela disse com uma voz mais forte: “Ah, Deus, leve-me”. Eu soube então, com certeza, que ela estava ciente de que estava morrendo. Eu falei: “Vá sob o Amor, querida. Vá sob a Misericórdia”. Ela murmurou: “Amém”. E então ela disse: “Obrigada, meu querido e abençoado”. Beijei-a muito levemente para não interferir em sua respiração. Então ficamos em silêncio.

Seus lábios e seus olhos estavam entreabertos. De vez em quando, eu

mergulhava um cotonete na água e umedecia seus lábios. Não havia resposta. Eu sabia com clareza e sem lágrimas que ela estava partindo. Continuei a segurar sua mão.

Santa Joan entrou calmamente e me deu a aliança de casamento de Davy, tirada quando seus dedos ficaram muito finos. Segurei a mão de Joan por um minuto, e ela saiu em silêncio. Olhei para a aliança com seus dez pequenos diamantes – os dez meses que nos conhecíamos antes de nos casarmos secretamente no meio da tempestade. Então eu a coloquei no dedo médio de Davy, dizendo em voz baixa: “Com esta aliança, eu me caso contigo... por toda a eternidade”. Não sei se ela ouviu, mas acredito que sim, pois seus dedos se contraíram um pouco.

O tempo passou, um bom tempo, mas nada mudou. Cada vez que ela respirava, havia um leve gemido. O céu estava começando a clarear um pouco ao leste. Pensei que ela pudesse estar inconsciente.

De repente, seus dedos se apertaram sobre os meus. Ela disse com uma voz nitidamente fraca: “Ah, querido, olhe...” E não continuou, se é que havia mais a ser dito. Eu sabia que se perguntasse: “O quê?”, ela faria um esforço e continuaria, mas não fiz isso. Não sei bem por que não fiz. Ela poderia estar dizendo “olhe” como alguém que, de repente, entende algo ou como alguém que contempla – o quê?

Sua voz estava tão fraca que eu não sabia dizer o que era. Eu queria muito saber; poderia ter-lhe perguntado, mas não perguntei. E não saberei deste lado da eternidade, pois foram suas últimas palavras: “Ah, querido, olhe”.

Mais tempo se passou. O céu estava ficando claro. Agora eu estava quase certo de que Davy estava inconsciente. Eu ainda segurava sua mão esquerda com a aliança. Não queria segurá-la para que ela voltasse a viver; apenas queria estar

com ela. De vez em quando, eu dizia em voz baixa: “Estou aqui, Davy; estou com você”. Porém não havia resposta.

Então ela se mexeu. Não houve nenhum movimento em seus lábios, olhos entreabertos nem na mão que eu segurava. Então, a outra mão e o braço dela levantaram lentamente ao seu lado. Eu não sabia o que ela estava fazendo. A mão se moveu bem devagar por cima de seu corpo. Encontrou meu rosto. Ela tocou minha fronte e meu cabelo, depois meus olhos, um por vez. Então tocou minha boca. Seus dedos se moveram para cada canto de minha boca, como sempre fizemos. E dei pequenos beijos em seus dedos, como sempre fizemos. Então seu braço caiu lentamente. Além dos olhares e palavras, com o último esforço de sua debilitada força, ela havia dito adeus.

Em uma de suas primeiras cartas, logo que nos apaixonamos, Davy tinha falado da “estranha e doce saudade que sinto de você, apenas para poder tocar sua face”. E tocar meu rosto, como no começo de nosso amor, foi seu último ato neste mundo.

O amanhecer, o amanhecer que tanto amávamos, estava radiante no céu. O amanhecer mais glorioso em semanas. À medida que a luz da manhã se tornava mais forte, ela ficava mais fraca. Talvez ela tivesse se deixado envolver pela luz, pois agora o leve gemido em sua respiração havia cessado. Então sua respiração diminuiu. Meu rosto estava perto do dela. Então cada uma das três respirações foi ficando mais leve que a anterior. Até que não houve mais. Eu soube naquele instante que ela havia morrido. Um pouco de saliva saiu de sua boca. Limpei-a e fechei a boca e os olhos de Davy. Ela já não podia dizer algo a mim, por isso eu sussurrei para ela: “Tudo ficará bem, minha querida”. Então a beijei levemente e levantei-me.

Enquanto eu estava ali naquele quarto subitamente vazio, de repente fui tomado por uma onda de absoluta certeza de que Davy ainda estava ali. Não quero dizer que pensava que seu corpo ainda pudesse viver; eu sabia que não. Mas, além da

fé e da esperança, eu sabia com muita clareza que ela mesma – sua alma – ainda estava ali.

A porta se abriu, a enfermeira-chefe entrou, e eu expressei as palavras “Ela se foi”, sem precisar falar. A enfermeira segurou o pulso de Davy por um momento, fez que sim com a cabeça e saiu.

Comecei a empacotar suas coisas. As enfermeiras se ofereceram para fazer isso, mas eu mesmo o fiz. Um funcionário apareceu e levou a caixa até o carro. O Dr. Craddock entrou com uma expressão gentil. Eu lhe disse que tinha certeza de que nenhum médico poderia ter lutado mais habilmente pela vida de um paciente do que ele [por Davy], e apertamos as mãos. Perdi o controle por um segundo, e quase fui partido ao meio por um enorme soluço. Pedi desculpas, e ele foi embora.

Olhei para Davy, deitada ali, pela última vez. Parecia que ela estava dormindo, e sempre a amei sobretudo assim, aquecida, relaxada, adormecida. Beijei seus lábios ainda quentes. Então peguei uma das rosas amarelas e fui embora com Flurry naquela manhã ensolarada. Eu não sabia, mas Santa Joan, de folga e sem permissão para ficar, estava vigiando pelo vidro da enfermaria e viu quando meu carro foi embora.

No dia seguinte, uma pequena caixa, muito leve, foi trazida a mim; a caixa continha as cinzas de Davy. Olhei para as cinzas naquela noite, claras e brancas. Tudo o que pude pensar foi: “de seus ossos são feitos os corais”.

Naquela noite, bem tarde, fui até o MG com a caixa, deixando Flurry em casa. O teto ainda estava aberto, e eu o deixei assim porque era dessa forma que estava quando passeamos em maio. Fui para a St. Stephen’s sob um céu quase sem estrelas.

Certa vez, muito tempo antes, tivemos uma discussão sobre o poema de Browning, The Last Ride Together [O último passeio juntos], e eu por fim eu a convenci, por uma resistência obstinada, de que o “passeio” tinha a ver com cavalos, e não com uma carruagem.

Sorri ligeiramente, sentado no MG, com a lembrança: ela gostou da carroça. Agora estávamos fazendo uma espécie de último passeio juntos, e era uma carruagem, enfim, ou pelo menos o MG. Quando entramos na estrada que leva até a St. Stephen’s, eu disse baixinho: “Você venceu, querida”.

Na St. Stephen’s, virei o carro, passando por debaixo dos carvalhos. Podia ver apenas uma ou duas estrelas fracas por entre os galhos nus e tortuosos. Saí e peguei a caixa. Havia outra coisa no assento, pálida. Era a rosa. Então a peguei também e entrei no cemitério. Ainda segurando a caixa, ajoelhei-me por um momento junto à antiga cruz de pedra e orei.

Algo frio tocou meu pescoço; flocos de neve estavam caindo. Levantei-me. Estava frio – era pleno inverno. Abri a caixa e comecei a espalhar as cinzas, usando o movimento de um semeador. Quando terminei, os flocos de neve estavam caindo com força. Deixei a rosa na antiga cruz. Disse em voz alta: “Vá debaixo da Misericórdia”. Então, fui embora, e as cinzas de Davy ficaram cobertas com o manto da neve; a neve da morte.

CAPÍTULO 8

O caminho da dor

MORTES

Minha querida morreu ao amanhecer; [foi] para algum lugar distante.

Uma alma solitária navegou pelos longos e iluminados mares.

Sozinho, semeei suas cinzas debaixo das árvores,

No frio, sob um céu estrelado e triste – onde, de mãos dadas,

Quando o luar formou uma aureola sobre os carvalhos da igreja em maio,

Nós nos ajoelhamos sob a antiga cruz de pedra para orar.

A vontade implacável e quase violenta que tive (como se tivesse uma espada diante de mim por meio ano) – de fazer e ser tudo para Davy – havia se tornado agora, após sua morte, por mais cansado que eu estivesse, uma vontade não menos resoluta de enfrentar todo o significado da perda, de beber o cálice da dor até a última gota. Passei, com isso, a ver algo sobre a natureza da perda e da dor.

Primeiro, havia os deveres imediatos. Davy e eu havíamos feito tudo à nossa maneira: a viagem noturna até St. Stephen's – nosso último "passeio" juntos – e, como escrevi em meu poema, a semeadura das cinzas. E eu enfrentaria a dor sozinho; não iria mostrá-la aos outros. Mas senti que deveria permitir que o entristecido reitor da Grace Church celebrasse uma pequena missa em homenagem a Davy, bem como que também deveria haver outra celebrada pelos

dois reitores da St. Stephen's. Davy e eu, porém, ao ar livre e sozinhos no meio da noite, tínhamos tido nossa própria celebração.

No dia seguinte, fui dar minhas aulas. Naquele momento, eu já havia escrito cerca de 60 cartas, cada uma com este fim: "E nas palavras de Davy: 'Tudo ficará bem'". Fiz com que todos soubessem que eu não queria telefonemas de condolências, e acredito que algumas pessoas tenham pensado que eu era um insensível. Encomendei prateleiras em nome de Davy para as duas igrejas, como ela havia me pedido. Passei por suas coisas como um relâmpago – um relâmpago doloroso – dando aos amigos o que ela havia me pedido para lhes dar. E comecei a cumprir outra promessa feita a ela: passar centenas de notas que ela havia feito nas páginas da Bíblia velha e gasta de seu pai para a nossa Bíblia mais nova.

O grupo de estudantes cristãos se reunia no Mole End todas as semanas. Li uma carta escrita por um dos garotos, Bill, endereçada a um amigo do grupo, descrevendo sua reação à notícia da morte de Davy. Ele começou a andar sem rumo pela biblioteca da faculdade, um pouco atordoado, pensando: "Ela não existe mais neste mundo. Não posso mais passar na casa dela em uma tarde chuvosa, tomar chá com ela e conversar. A pergunta continuava a martelar em minha mente – 'Por que ela teve de morrer? Ela era tão jovem e tão boa – por quê?'"

Na biblioteca ele viu duas garotas do grupo, e elas sorriram para ele. "Como podiam sorrir?", perguntou-se. Então ele se viu sorrindo, entendendo de repente o que significava o sorriso delas: "Davy EXISTE". E então: "Nós três apertamos as mãos e sorrimos uns para os outros. E acho que Davy sorriu para nós naquele dia".

Eu podia sorrir também. E estava ciente de uma espécie de assombro com o fato de que o céu ainda era azul, e um bife ainda tinha um gosto bom. Como as coisas poderiam continuar quando o mundo havia chegado ao fim? Como as coisas poderiam – como eu poderia – continuar com todo aquele vazio? Como uma

pessoa, não muito grande, poderia deixar um vazio que era do tamanho de uma galáxia? Tudo – cada coisa – era permeado pelo vazio.

Eu podia dar minhas aulas com um sorriso, até mesmo ler calmamente um poema sobre perda; e percebi que, ao ensinar, uma parte da mente – a parte subjetiva – é suprimida. Mas, naquele primeiro dia de aula depois da noite na St. Stephen's, quando saí da aula para ir para casa, vi o MG, pequeno e de alguma forma abandonado, invadido por esse vazio, e mal consegui sair do campus antes que as lágrimas viessem. Contudo, observei no dia seguinte que o MG não tinha mais esse efeito. Havia, no entanto, milhares de outras coisas e memórias, cada uma das quais deveria ser visitada pelo menos uma vez naquele vazio incisivamente triste.

Junto com o vazio, que é o que significa a perda para mim, e junto com a dor – perda e dor não são a mesma coisa –, eu ainda tinha vontade de falar com Davy sobre isso. Nós sempre conversávamos um com o outro – era esse o significado de compartilhar –, e agora que essa coisa tão importante estava acontecendo comigo, eu não podia falar sobre ela com Davy.

Alguém falando da dor de parar de fumar observou: "Quem me dera fumar um cigarro enquanto sofro!" Às vezes eu imaginava que poderia suportar a perda e a dor se tão somente pudesse falar com Davy a respeito. Foi o que fiz. Escrevi para ela nas noites tranquilas – eu não saía de modo algum – e contei tudo a ela.

Escrever uma carta é uma forma real de conversa em que a imagem de uma pessoa distante é mantida na mente de alguém. Eu não poderia ter falado aquilo em voz alta, com as paredes, e preservar qualquer senso de realidade, nem poderia escrever agora para Davy, mas, por outro lado, eu realmente poderia falar com ela nas cartas. Eu não guardei nem reli aquelas longas cartas de nosso companheirismo, mas pude escrevê-las para ela. Se ela as leu, talvez por cima do meu ombro, é claro que é um assunto diferente.

Sonhei com Davy não tanto quanto desejava, mas ao menos uma vez por mês durante mais de um ano. O primeiro sonho foi na primeira quinzena. Nele, Davy estava doente como havia estado no hospital, mas, do outro lado das montanhas, havia um médico que podia curá-la. E eu a estava carregando nos braços pelos caminhos da montanha. Estava escuro e chuvoso, porém eu não me importava. Ela estava leve em meus braços e, debaixo de seu capuz, ela estava feliz – nós dois estávamos. Foi só isso. Um sonho puramente feliz. A calorosa realidade de Davy. É claro que chorei quando acordei – e praticamente orei para sonhar outra vez. Mas três ou quatro semanas – nunca mais ou menos – deveriam se passar antes do próximo sonho.

Todos os sonhos eram alegres, ou um misto de alegria e dor; sonhos comuns, cheios de amor, ternura e companheirismo, mas nunca sexuais. Em um sonho ela estava bem, e estávamos saindo alegres com o MG quando, odiosamente, sua doença voltou, e nós nos abraçamos com um amor desesperado. Alegria e dor. Em outro sonho, estávamos apenas correndo de mãos dadas pela grande extensão do gramado de Glenmerle.

Em uma carta para Davy, contemplei a perda e a dor. A morte de qualquer conhecido – mesmo a morte de um cão ou gato –, querido ou não, deixa um vazio. A grande árvore cai e deixa um espaço vazio com o céu no plano de fundo. Se a pessoa é profundamente amada e próxima, o vazio parece maior do que o mundo que restou.

Sob a superfície do mundo visível, há um vazio que ecoa, um vazio doloroso – e ele nos separa da pessoa que amamos. Ela está tão longe quanto as estrelas. Mas a dor é uma forma de amor – o anseio pelo rosto querido, pela mão quente. É a realidade lembrada da pessoa amada que a evoca. Por um instante ela está ali, e o vazio é negado.

Não é a dor, envolvendo aquela realidade momentânea, que nos separa de quem amamos, mas o vazio que é a perda. No final, não se pode mais invocar tal realidade, e então as lágrimas secam. Mas, enquanto ela dura, é um escudo contra o vazio; e, no momento em que a dor diminui, o terrível vazio da perda dá lugar a um novo mundo que já não contém a forma da figura amada.Contudo, essa diminuição da dor estava lá longe, no futuro.

Em minha primeira carta à Davy, escrevi sobre o manto de neve na St. Stephen's e, um pouco sentimental, acrescentei: "Que você esteja aquecida, minha querida". Quinze dias depois de sua morte, escrevi: "Parece impossível que duas semanas atrás você estava viva; parece que já faz uma eternidade. Também parece impossível que você esteja morta. Esta é apenas uma peça a qual estou assistindo. Mais tarde, vamos rir disso, você e eu".

Embora trouxesse lágrimas aos meus olhos, às vezes eu cantava nossa música de Oxford sobre a dama doce e afável, e como "eu só a vi passar/E, ainda assim, eu a amarei até morrer". As lágrimas desciam copiosamente, e eu não tentava impedi-las quando estava sozinho. De fato, por mais de um ano, não houve um dia em que não chorei, e eu não achava que as lágrimas me afastavam dela. Era o vazio sem lágrimas que nos separava às vezes.

Mas, na maioria das vezes, estávamos juntos de alguma forma. Ela não estava (que eu soubesse ou percebesse) comigo na forma de um espírito, embora mais tarde eu tenha começado a pensar que talvez estivesse. Em um sentido, de algum modo místico, ela vivia, estava cheia de vida e viva, em mim. Nosso amor permaneceu. Ainda não era a separação final.

Uma das cartas que escrevi no dia seguinte à morte de Davy foi para C. S. Lewis. Contei-lhe como ela havia morrido e como eu pretendia espalhar suas cinzas na St. Stephen's, como Davy e eu havíamos planejado. Também achávamos que seria conveniente que parte dessas cinzas fosse espalhada na pequena igreja de Binsey, perto de Oxford. Ele – Lewis – faria isso? Não houve

resposta à minha carta, e deduzi que ele deveria estar fora de Oxford.

Confiei, portanto, o minúsculo pacote ao meu amigo Edmund Dews, que, na verdade, foi o primeiro a levar-nos à fonte em Binsey. Edmund já havia escrito sobre a “luta valente e dolorosa de Davy, longe demais para me confortar”. E depois sobre sua grande tristeza com a morte dela, terminando sua carta: “Receba meu aperto de mão”. Agora, em um dia de inverno, ameno e enevoado, Edmund atravessava as pradarias em direção a Binsey e espalhava as cinzas, dizendo: “Sob a Misericórdia”, como eu havia pedido, e “observado por uma dezena de vacas brancas e marrons, esperando junto ao portão para entrar no curral”.

Lewis, porém, não estava fora; ele estava à espera das cinzas. Sua carta se extraviou. Agora ele já sabia por Edmund. Em minha carta para Lewis, eu havia falado sobre os instantes em que passei junto ao corpo de Davy, bem ciente de que ela ainda estava ali, e sobre meu pensamento curiosamente consolador de que nada mais poderia manchar nosso amor; o manuscrito já havia chegado ao Editor.

Lewis respondeu a mais uma carta minha; respondeu de Magdalene, em Cambridge:

Fiquei sabendo de seu amigo há cerca de dois dias, e hoje recebi sua carta de 5 de fevereiro. Fiquei muito angustiado ao saber que minha resposta à sua carta anterior nunca chegou; sobretudo porque esse extravio da carta pode tê-lo deixado em dúvida se eu teria aceitado o sagrado encargo de espalhar as cinzas. Eu teria gostado de fazê-lo (se você puder entender) pela mesma razão que eu não gostaria de tê-lo feito, uma vez que um profundo acanhamento espiritual [me] deixa desconfortável em qualquer ato cerimonial; por outro lado, eu teria desejado nesse sentido ser honrado com uma parte, por menor que fosse, desta Cruz.

Tudo o que você me disse em sua carta anterior e tudo o que me diz nesta carta me emociona profundamente, e é um grande privilégio ser admitido em uma morte tão bela, um ato que consuma (não, como tantas vezes, um evento que apenas cessa) a vida terrena. E como você me reconforta quando, para descrever seu próprio estado, usa a palavra simples, óbvia, mas agora tão rara, triste. Nem mais, nem menos, nada além de triste. Isso sugere uma ferida limpa – que convida, em grande parte aqui, às lágrimas, mas "nada além de boa e justa". E tenho certeza de que nunca é a tristeza – uma resposta expressamente natural e apropriada à perda – que faz mal às pessoas, mas todas as demais coisas, todo o ressentimento, desânimo, toda a dúvida e autopiedade, com os quais em geral é complicado lidar.

Sinto (na verdade, tentei dizer algo sobre isso naquela carta que se extraviou) muito fortemente o que você quer dizer sobre a "curiosa consolação" de que "nada agora poderia manchar" a união de vocês. Às vezes eu me pergunto se o luto não é, no fundo, a maneira mais fácil e menos perigosa de perder a felicidade do amor juvenil, pois creio que a felicidade sempre acaba perdida de alguma forma: todo amor apenas natural precisa ser crucificado para que possa alcançar a ressurreição e o casal feliz de idosos passar por uma morte difícil e um renascimento. Mas muito mais se perde no renascimento. Seu manuscrito, como você bem diz, chegou são e salvo ao Editor.

É extraordinária (tenho experimentado isso) a sensação de que a pessoa morta ainda existe. E também, tenho sentido, está ativa; às vezes pode fazer mais por você agora do que poderia antes – como se Deus tivesse dado a eles, como uma espécie de presente de aniversário na chegada, uma grande bênção aos amados que eles deixaram para trás.

Cuidado com sua saúde física! Você deve estar cansado fisicamente, muito cansado, muito mais cansado do que imagina. Sobretudo, não ceda à sensação de que tais coisas "não importam agora". Você deve permanecer, como ela deseja, um bom instrumento no qual todos os impulsos celestiais trabalham, e o corpo

faz parte desse instrumento.

Ficarei ansioso com todas as cartas agora que aquela (e em tal momento) se extraviou. Se esta chegar a você, uma simples resposta me tranquilizará.

Você sempre está em minhas orações, mesmo quando acordo no meio da noite. Mantenha-me nas suas!

Sob a Onipotência.

Nunca me ocorreu que eu estivesse tendo uma resposta correta à morte ao estar apenas, embora, é claro, imensamente triste. Pura dor. Mas a proposição radical nessa carta era que a morte poderia ser a “maneira mais fácil e menos perigosa” de perder o amor. A mais fácil! Mas “sempre se devem perder” os amores.

A proposição continha uma espécie de conforto, embora eu estivesse longe de aceitá-lo. Ainda assim, refleti sobre ela. O renascimento do amor do qual Lewis falou, nós, como cristãos, não alcançaríamos mesmo em vida? Todavia ele havia falado de morte e renascimento. Sim, mas e quanto a morrer para si mesmo? Olhe para Davy! Olhe – bem, olhe, pelo menos, para como fui dedicado ao amor! E para o hospital – ninguém poderia ter amado mais! Ainda assim, seria possível que a morte iminente havia suscitado o renascimento? E se ela não tivesse morrido? Eu deveria refletir sobre isso.

C. S. Lewis seria o amigo em minha perda e dor, a mão sobre a minha enquanto eu atravessava a noite escura e solitária. Outros amigos me deram amor, e era como uma fogueira para me aquecer. Mas Lewis era o amigo de que eu precisava, o amigo que iria comigo ao fundo do significado. Contei-lhe os

pensamentos que me ocorriam enquanto percorria o caminho da dor – o título do livro que ele escreveria sobre seu próprio luto no futuro[30] –, e ele me ofereceu não somente amor, mas sabedoria e compreensão e, quando necessário, severidade.

Um dos maiores acontecimentos de minha própria dor foi essa coisa estranha que começou a acontecer um ou dois dias depois da morte de Davy. Vinham-me à mente lembranças de todas as outras Davys que conheci. Ela havia sido no ano de sua morte a Davy que havia se tornado – a Davy cristã de Oxford e desde esse tempo. Mesmo quando lemos sobre os dias de Glenmerle sob os carvalhos, ela havia sido a Davy em que havia se tornado. Mas agora a jovem de Glenmerle, o espírito alegre das ilhas, a tripulante da escuna – todas estavam igualmente presentes. Elas se foram – exceto talvez por aqueles frágeis dias de amor jovem e doloroso durante o coma. Agora todas elas estavam comigo – para sempre. A Davy como um ser integral. Esse ser integral só pode ser obtido pela morte, acredito.

Ao escrever para Lewis sobre minha compreensão desse fenômeno surpreendente, usei a analogia de ler um romance como David Copperfield que envolve muitos anos. Nesse livro, o leitor acompanha o menino David à procura de sua tia Betsey Trotwood, o jovem David amando Dora, o maduro David com Agnes. Durante a leitura, capítulo após capítulo, mesmo que se viva a própria vida semana após semana, David é o que ele é naquele momento específico do tempo do livro. Mas então, quando se fecha o livro no final, todos os Davids – menino, jovem, homem – são igualmente próximos; e, de fato, são um. O David como um todo. A pessoa está, então, com referência ao tempo criado do livro, na eternidade, vendo tudo agora em sua própria pessoa, assim como Deus, em seu Ser eterno, agora vê toda a história que existiu, existe e existirá. Contudo se, como resultado da morte, eu estivesse agora vendo a Davy como um todo, de uma só vez, eu estaria tendo uma visão celestial ou eterna dela. Só que, no céu, eu não teria apenas uma visão, mas ela – como um todo.

Tudo isso, que me pareceu uma grande percepção sobre a natureza da dor,

apresentei a Lewis, com alguns comentários irônicos sobre a mudança de minha "sorte", outrora notável. Muito antes, os amigos me achavam uma pessoa com sorte: minhas Primeiras Honras na faculdade (porque tive sorte o bastante de fazer as perguntas certas), meu casamento feliz (porque tive sorte o bastante de encontrar a moça certa). No entanto, desde que me tornei cristão, não tive tanta sorte assim em muitas coisas, culminando na morte de Davy. Enviei-lhe uma fotografia de Davy, talvez no hospital; e perguntei-lhe sobre Cambridge.

Lewis respondeu:

Fiquei muito feliz em receber sua carta de 14 de fevereiro. E aqui a "sorte" funcionou de outra maneira. A aba do envelope se descolou, e o envelope estava aberto, mas a carta lá dentro, intacta. – Sua verdadeira ou suposta mudança de sorte desde sua conversão (seja o que for que isso de fato queira dizer) é uma história antiga: leia Jeremias 44.15-18. E um autor espiritual moderno (cujo nome esqueci) expôs isto da seguinte forma: devemos esperar por essa experiência. Você se lembra do que Nosso Senhor disse a Santa Teresa em certa ocasião terrível: "É assim que trato os meus amigos". (Não devo ocultar a resposta dela: "Então, Senhor, não é de surpreender que tenhas tão poucos".)

O que você diz sobre a capacidade de compreender Jean como um todo desde o momento em que ela foi retirada (tendo como respaldo a ótima analogia do romance, página por página, e do romance depois de ter sido lido) é muito verdadeira e importante. Não vejo razão para não considerarmos essa situação como a que São Paulo chama de arrabon, ou o modo sério pelo qual todos podem revelar-se a todos no céu.

Ah, e muito obrigado pela foto, embora, para mim (você a vê com outros olhos), longe de ser lisonjeiro, não pareça muito boa!

Você já leu The Angel in the House, de Coventry Patmore, e (mais ainda, mas o primeiro deve ser lido como um prelúdio) Love's Victory. Eles lidam admiravelmente com algumas das experiências que você está tendo. Sobre as cartas, alguém me disse que o correio terrestre, embora mais lento, era mais seguro que o aéreo e mais confiável. Será mentira? Sim, eu fui a uma recém-criada Cátedra de Medicina e Inglês Renascentista em Cambridge. A atmosfera aqui é um pouco mais cristã e muito mais amável e gentil, além de menos dura, do que em Oxford. Um católico romano me disse que eles, em geral, proíbem a cremação, porque ela, embora, de modo algum, implique em termos lógicos – mas em mentes sem instrução normalmente acompanha – a descrença na ressurreição do corpo. Eles permitem, porém, a cremação quando há algum motivo especial – por exemplo, uma peste. Eu mesmo não acredito que isso de fato importe.

Deus abençoe você. Tire o "Sr." antes de meu nome.

Assim, passei a chamá-lo de Lewis a partir daí, até que, mais tarde, ele me pediu para chamá-lo de Jack.

A perda de Davy (após a intensa partilha e proximidade dos anos), a perda e a dor foram simplesmente a coisa mais intensa que já conheci. Muito antes, enquanto levantávamos a Barreira Brilhante, a ideia de que a morte poderia separar-nos havia nos assombrado. Se nos tornamos tão próximos, como um de nós poderia suportar a morte do outro? Então planejamos o último grande mergulho – juntos – e, assim, concluímos a Barreira. Mas Deus havia violado a Barreira Brilhante; e eu estava tendo de suportar o insuportável.

Se eu tivesse de suportar isso, porém, eu suportaria – encontraria todo o significado disso, provaria o todo. Fui motivado por uma determinação inabalável de sondar as profundezas, bem como de conhecer a Davy que eu amava; entender por que ela tinha vivido e morrido, aprender com a tristeza o que quer que esta tivesse a ensinar. Era uma espécie de fidelidade a Davy. Eu

não fugiria da dor; não tentaria me agarrar a ela quando – se, por incrível que pareça – ela passasse.

Como uma forma de entender, planejei um estudo de nossos anos juntos, um estudo que mais tarde viria a se chamar a Iluminação do Passado. Enquanto me preparava para isso, escrevi a muitas pessoas pedindo que me dessem ou emprestassem as cartas que Davy lhes havia escrito.

Enquanto isso, eu estava terminando de fazer as anotações de sua velha Bíblia – aprendendo muito sobre ela nesse processo – e fazendo outras tarefas que havia proposto a mim mesmo, muitas vezes com lágrimas borrando a visão. Eu também estava relendo os livros que foram mais significativos para nós. Enquanto trabalhava e chorava, eu pensava em nossa vida juntos e no significado dela, o significado em relação a Deus.

Em março, eu estava pensando muito no episódio em que ela ofereceu sua vida por mim, e depois em minha própria oferta enquanto dirigia para Charlottesville, a fim de contar-lhe sobre sua iminente morte – e no arco-íris a caminho das Blue Mountains logo depois. Aquela oferta, em sua pura submissão à vontade de Deus e amor altruísta por Davy, foi talvez minha abordagem mais próxima da santidade – e depois o arco-íris. É difícil, desde Noé, não ver um arco-íris como sinal de esperança (e em um momento como esse)! Mas Davy morreu. Isso significava, portanto, que ela teria o que seria para seu próprio bem – sua morte? Ou nada fazia sentido?

Escrevi para Lewis sobre isso. Também lhe enviei uma carta escrita por Davy que encontrei, mas ela nunca a enviou, presumivelmente porque eu havia escrito para Lewis sobre o mesmo assunto, a questão de estudantes homossexuais. Eu também falei sobre talvez publicar minha tese, tanto por ela quanto por mim, porque Davy teria gostado disso.

Lewis me respondeu no início de abril com um comentário importante sobre o sinal do arco-íris:

Foi uma experiência estranha receber uma carta de Jean esta manhã. Eu a devolvo. Você verá que ela lida com um problema sobre o qual você também escreveu a mim, provavelmente quase na mesma época. Na verdade, o motivo dela para não a enviar pode ter sido que ela descobriu que você fez, ou estava prestes a fazer, o mesmo.

Não consigo me lembrar do que lhe disse em minha carta perdida sobre os "Sinais". Minha visão geral é que, uma vez que aceitamos um Deus onisciente e providencial, a distinção que fazíamos entre o significativo e o fortuito deve ser eliminada ou reajustada de uma forma muito mais sutil. Se um evento que acontece no curso normal da natureza se torna para mim um motivo de esperança, fé e amor ou instiga maiores esforços para obter virtude, supomos que este resultado não foi esperado por Deus ou é indiferente a ele? É claro que não! O que deveríamos ter chamado de efeitos fortuitos talvez tenham existido para Deus por toda a eternidade. E, de fato, não podemos supor que Deus esteja dizendo (como um artista humano poderia dizer): "Esse efeito, embora tenha corrido muito bem, não era, devo admitir, parte do meu projeto original". Então o ato total de criação, incluindo nossa própria criação (que acontece o tempo todo), confronta-nos – não é? – em cada evento a cada momento: o ato de uma Pessoa lidar com pessoas e saber o que ela faz. Assim, eu não me sentiria incomodado por um homem que me dissesse: "Isto, que você confunde com graça, na verdade, é o bom funcionamento de seu sistema digestivo". Minha digestão está fora da ação de Deus? Ele criou e permite o funcionamento de meu cólon tanto quanto meu anjo da guarda.

Eu acho (não sei exatamente) que Trevelyan é um agnóstico tempera-mentalmente piedoso que espera o melhor, do tipo liberal antiquado. Ele por certo não é um clérigo; eu o ouvi dizer isso.

Não dou nenhum conselho sobre a tese, e acho que você deveria ser guiado por considerações acadêmicas normais. Perdoe-me por sugerir que a forma “o que Jean teria gostado” poderia vir a ter seus perigos. A verdadeira questão é o que ela deseja agora; e você pode ter certeza de que a vontade dela agora é uma coisa só com a de Deus.

A “soberania no subjuntivo mais-que-perfeito” é muitas vezes uma armadilha. O perigo é o de confundir seu amor por ela (gradualmente – com o passar dos anos) com seu amor por um período em seu próprio passado, e de tentar preservar o passado de uma maneira que ele não pode ser preservado. Morte – corrupção – ressurreição é a verdadeira cadência: não a prática patética e horrível da mumificação. Triste você deve estar no presente. Você não pode desenvolver um falso senso de dever de apegar-se à tristeza se –, e quando, pois a natureza não preservará nenhum estado psicológico para sempre – a tristeza começar a desaparecer? Há algo muito bom em suportar a tristeza com paciência; não sei se existe alguma virtude na tristeza como tal. É um dever cristão, como você sabe, que todos sejam tão felizes quanto puderem. Mas você já sabe disso tudo!

Com amor.

O que Lewis disse sobre a eliminação da distinção entre o significativo e o fortuito ficou gravado em minha mente. Se ele estivesse certo – e, até certo ponto, ele estava –, então nada, absolutamente nada, deixava de ter sentido. O mundo estava carregado de significado. O significado do arco-íris – desde que Davy houvesse morrido – só poderia ser, pensei, que a morte dela havia sido, de alguma forma ainda desconhecida para mim, para seu próprio bem. Na época do arco-íris, porém, eu não podia entender seu significado além de uma sensação de certeza indefinida. Os sinais devem ser interpretados com cautela. A história da cristandade está repleta de exemplos de pessoas que interpretaram mal os sinais.

Se eu pudesse olhar para a frente, quase um ano depois deste ponto da narrativa

cronológica, veria que ocorreu, então, uma leitura tão equivocada do significado de Deus, e isso não é irrelevante em se tratando de meu relacionamento com Deus em todo esse período de perda e dor. Naquele momento, um ano depois, eu estaria pensando em meu próprio futuro e orando por ele. Será que eu deveria limitar-me a “fazer tendas” na faculdade, fazer tendas em Wabash, ou, por assim dizer, levantar velas, cortando todos os laços, e voltar para o Grey Goose? Eu queria que Deus me dissesse.

Certa noite no campo, uma noite calma e pacífica com o sol se pondo atrás de nuvens em um céu dourado, eu estava pedindo essa direção em oração, pedindo a Deus que me mostrasse, de alguma forma, o que ele queria que eu fizesse. Naquele instante, um vento súbito e impetuoso surgiu do nada, uma forte rajada, e desapareceu.

Lembrei-me do que Lewis havia dito sobre o significativo e o fortuito. Esse vento significava a promessa de Deus de dar-me a direção? Pensei que sim. Supus que poderia interpretá-lo no sentido de uma escuna ao vento – ou Deus dizendo que, se eu fosse para o mar, ele sopraria os mastros do barco para longe. Mas interpretei o ocorrido como uma promessa de direção.

Contudo, não veio direção alguma, e Deus parecia distante. O mundo ainda estava vazio sem Davy, e agora Deus também parecia ter se retirado. Minha sensação de desolação aumentou. Deus poderia não ser tão amoroso quanto deveria ser – ou a outra alternativa.

Uma noite em que não dormi, vendo o dia clarear, senti-me oprimido com a sensação de um cosmo vazio de Deus e também de Davy. “Tudo bem”, murmurei para mim mesmo. “Para o inferno com Deus. Não vou mais acreditar nessa maldita baboseira. Mentira, tudo mentira. Eu fui enganado!” Levantei-me e corri para o campo. Este era o fim de Deus. Ah!

Então descobri que não poderia rejeitar Deus. Eu não podia. Eu não conseguia explicar isso. A pessoa descobre que não pode mover uma pedra usando todas as suas forças. Descobri – sem nenhum influxo repentino de amor ou fé – que não poderia rejeitar o cristianismo. Por quê? Não sei. Pronto. Eu não conseguia. Fim de papo!

Uma hora depois, lembrei-me de que havia escolhido crer, prometido minha fidelidade ao Rei. Essa era outra razão pela qual eu não conseguia rejeitar Deus, não sem ser renegado.

Escrevi para Lewis sobre a rajada de vento e suas consequências. Também falei que me lembrei do que agora me parecia um erro que eu havia cometido no passado e o que eu havia feito agora para corrigir as coisas. E falei de ir visitar a Inglaterra.

Lewis respondeu:

Fico muito feliz em saber que o erro está corrigido e ainda mais em saber que você está vindo de novo à Inglaterra. Que possamos ter algumas conversas boas e longas, e, quem sabe, embriagar-nos! No momento, o que de fato importa parece ser que você foi levado a perceber a impossibilidade (sentido estrito) de rejeitar Cristo. Sem dúvida, é possível que muitas vezes nos pareça que ele está agindo de maneira irresponsável conosco. O adulto parece enganar a criança, e o Mestre, o cão. Eles interpretam mal os sinais. A ignorância e os desejos deles distorcem tudo. Você tem tanta certeza de que sabe o que a promessa prometeu! E o perigo é que, quando se revelar o que Cristo quer dizer com “vento”, você irá ignorá-lo porque não é o que você pensou que seria – assim como ele mesmo foi rejeitado porque não era como o Messias que os judeus tinham em mente. Mas imagino que eu esteja repetindo coisas que já disse. Aguardo ansiosamente por nosso reencontro!

Deus abençoe você!

Além de tirar conclusões precipitadas sobre os “sinais”, o significado dessa breve aberração do desespero, que nunca mais voltaria a acontecer, estava em sua indicação da certeza de que eu pertencia ao exército do Rei. Eu não tinha permissão para desertar. Mas, se ora era assim, era desse modo também na primeira primavera, à qual retorno agora, quando não cogitava a ideia de abandonar o acampamento de Deus, que também era o de Davy.

À medida que nos aproximávamos do mês de abril – um quarto de ano desde que eu havia visto Davy pela última vez –, eu estava finalmente pronto para começar meu maior esforço no luto: a Iluminação do Passado, como passei a chamá-lo. No início, era apenas um estudo de todos os nossos anos.

As outras tarefas que me propus a fazer estavam feitas. Eu havia reunido e colocado em ordem cronológica centenas de cartas que Davy havia escrito ao longo dos anos. Eu tinha os diários que guardamos. Tinha suas pinturas feitas em vários períodos e nosso álbum de fotografias. Mas fui além destes auxílios. Eu havia procurado e comprado gravações de canções de que gostávamos ou que tivemos a oportunidade de ouvir muito em certo período, sabendo como a música é evocativa. Também comprei pequenos frascos de várias colônias e aromas que ela havia usado em vários períodos, incluindo, especialmente a lavanda inglesa. Eu tinha todos os nossos poemas favoritos ao longo dos anos. Eu já estava lendo livros importantes de nosso passado, mas havia guardado alguns dos mais preciosos, como Peter Ibbetson, até agora.

Todos os dias depois das aulas, sentado na grande sala de estar silenciosa do Mole End, com as pinturas apropriadamente em volta de mim e o toca-discos pronto para tocar, eu buscava o passado. Os diários eram o fio central, é claro; a maioria dos anos foi registrada de maneira muito meticulosa. Eu, porém, fazia pausas para ler uma carta que ela havia escrito, para ler um poema, talvez em voz alta, para ouvir música, ou para olhar de novo para uma pintura e estudar as

fotografias. Fiz algumas anotações enquanto prosseguia, às vezes com intuições particulares acerca do passado. Então, à noite, eu escrevia para Davy sobre elas. Eu ainda estava escrevendo para ela, ainda com uma sensação de escrever para uma pessoa real. Eu até esperava – esperava profundamente – que ela, de alguma forma, soubesse o que eu disse.

Revivi o passado na velocidade de um mês ou dois por dia. Eu não poderia ir muito mais rápido e ainda ouvir música – muitas vezes sinfonias inteiras – e ler os poemas. Os livros, romances e coisas do gênero eu lia à noite, depois de escrever para ela.

Outra razão para não ir mais rápido era que o que eu estava fazendo era emocionalmente exaustivo. Não havia dia nem hora sem lágrimas, como eu sabia que seria. A música me enchia de desejo por ela. E, ainda assim, havia alegria também. E humor – muitas vezes eu ria em voz alta e chorava no momento seguinte.

Ocorreu-me muito cedo nesse estudo dos momentos do passado que ela – Davy – sabia, de fato, o que eu estava fazendo e aprovava. E ainda mais fortemente recebi, ou pareci receber, um indício de que ela, onde quer que estivesse e em qualquer estado, também estava sentindo minha falta. Não tenho provas da veracidade disso além de minha crescente convicção de que as coisas eram assim.

É óbvio que com Davy tão vividamente presente em minha mente, e tão amada, eu poderia muito bem ter me colocado em um estado psíquico suscetível de receber tais indícios, se é que eles acontecem de fato – ou de convencer-me de que eu os estava tendo, é claro. Mas eu não ouvia vozes nem via o fantasma de minha amada (por mais que o tivesse recebido com alegria); no entanto, continuo convencido de dois indícios de que ela, na verdade, tomou conhecimento e da Iluminação do Passado e a aprovou – e que ela estava ansiosa por mim tanto quanto eu por ela.

Em uma anotação em um diário de bolso que ainda existe, escrevi: “Estou ocupado com a visita de Davy ao Grand Canyon, e estou lendo The Transients [Os transitórios]. Em seguida vem Peter Ibbetson.[31] E eu amo tanto você que eu poderia morrer. Como eu desejo que você saiba!”

Em minhas cartas para Davy, aceitei aqueles indícios como sendo verdadeiros. Também naquelas cartas estavam as intuições que me vieram de nosso passado, vistas à luz de tudo o que era para ser. Vi onde havíamos cometido erros e onde parecíamos, às vezes, ter feito escolhas tão corretas que era como se tivéssemos alguma indicação vaga do Deus que ainda estávamos por descobrir.

Uma intuição do passado, para a qual eu poderia ter fechado minha mente não fosse o cristianismo, não foi tão chocante como teria sido se Davy naquele último ano, ou algo assim, não tivesse parecido aceitar cada vez mais a máxima de Paulo sobre a relação entre marido e esposa: que o homem é a cabeça da esposa como Cristo é a cabeça da Igreja.

Embora tivéssemos negado isso fortemente, exceto talvez por Davy naquele último ano, vi que eu havia exercido uma espécie de liderança – no sentido do papel iniciatório ou de liderança – que era aceita, e até desejada, por Davy sem que nenhum de nós estivesse ciente disso. Tudo foi feito com amor e serenidade, todas as decisões foram discutidas, nunca houve uma sugestão de ordem, e, ainda assim, apesar da ternura e deferência mútuas, eu a via agora ali: aquela liderança velada e amorosa.

Tínhamos evitado a autoridade marital desde o princípio. Davy era argumentativa e inteligente, e acreditávamos em tudo que uma feminista moderna poderia ter pedido; ainda assim, havia alguma coisa de liderança ali. Tendo conhecido uma mulher profundamente, tendo eu mesmo feito todos os esforços para ver com os olhos de uma mulher, eu não podia acreditar agora que

minha liderança sutil ou a aceitação dela por Davy era mero condicionamento.

Agora escrevi para ela sobre isso, perguntando sem firmeza se, apesar de toda a negação feminista, um relacionamento como esse não era inerente à criação e, efetivamente, negado – o que, afinal, nós, apaixonados tão profundamente, não tínhamos sido capazes de fazer – apenas ao alto custo do amor.

A Iluminação do Passado foi uma experiência incrível. Em termos de uma analogia, poderia ser algo deste tipo: a pessoa está sentada em um quarto escuro rodeada por paredes que formam um mural complexo – o passado – e, em sua mão, há um pequeno e brilhante holofote. À medida que o holofote ilumina o mural, uma cena salta em cores vivas e cheias de luz. Passo a passo, o holofote percorre as paredes, revelando as imagens ao longo dos anos.

Enquanto eu viajava pelo passado, mês a mês, ano a ano, o passado ganhava vida. Lembrei-me não apenas daquilo que estava escrito, mas também de centenas de coisas menores. O mais surpreendente de tudo, eu me flagrei pensando como eu pensava na época. Eu era um pagão de novo; mal podia acreditar que me tornaria um cristão – nem gostava da ideia. Tudo – a palavra escrita, a música, os aromas, as imagens – levava-me ao período particular em que eu estava iluminando. Eu não estava apenas olhando para isso: nós, Davy e eu, estávamos revivendo tudo ali.

Sem exageros, foi uma das duas ou três experiências mais incríveis de minha vida. Embora eu tivesse planejado aquilo, não tinha a menor ideia de que o passado pudesse ser recriado com um brilho e realidade tão extraordinários. Além do que aprendi com o passado, valeu a pena ter vivido a alegria da Iluminação, a despeito de todas as lágrimas.

Falei anteriormente que fiquei desolado ao olhar para o MG, pequeno e solitário,

quando segui em sua direção no dia seguinte à noite, na St. Stephen's, acrescentando que ele nunca mais me fez derramar lágrimas. E, claro, passar pelas roupas e por aquela velha Bíblia de Davy trouxe lágrimas muitas vezes.

Naquele momento aprendi um grande princípio sobre como a dor funciona. Enquanto eu visitava o passado, dia após dia, milhares de lembranças esquecidas, ou meio esquecidas, de Davy voltavam com toda a cor e vivacidade da vida. Por um instante, aquela Davy em particular – alegre, zombeteira, curiosa, aventureira ou amorosa – esteve diante de mim, calorosa, real e viva. Respondo a ela com uma onda de amor e pura alegria. Isso é seguido, um instante depois, pela terrível consciência de que esta Davy também está morta. Então, sem resistência, vêm as lágrimas – as lágrimas por esta Davy em particular. Até então ela não havia sido tocada pela morte – e ela também deveria morrer.

No dia seguinte, se eu reler esse trecho no Diário, ela não estará mais diante de mim: não haverá lágrimas. Cada lembrança evoca uma realidade real e calorosa uma única vez: ela é seguida por outra pequena morte e pelas lágrimas.

Certo dia, por exemplo, estávamos vivendo de novo na fazenda da Virgínia, a Horsebite Hall, com Gypsy e seus filhotes. Na costa leste, a escuna era uma casa. Nesse dia em particular, nesse momento em particular, olhei pela janela da cozinha e lá estava Davy ao longo da cerca com uma pequena cesta. Ela tinha ido buscar ovos no galinheiro. Saí ao seu encontro no clima ameno de primavera. Ela sorriu para mim. Segurei-a em meus braços, puxei-a para perto e beijei-a no alto da cabeça; seu cabelo estava iluminado, quente e doce.

Eu não havia pensado nesse momento desde sua morte ou, na verdade, por anos. Agora, por um momento maravilhoso, ela estava viva e quente em meus braços, e eu sintia o cheiro de seu cabelo. Em seguida viria a pequena morte e as lágrimas. Eu sempre amarei a memória, mas nunca mais poderei evocar esta Davy. Mas amanhã, talvez, eu esteja evocando memórias no convés do Grey

Goose.

Algumas pessoas fogem da dor, fazem cruzeiros pelo mundo ou se mudam para outra cidade. Mas não conseguem escapar dela, acredito. As lembranças, espontâneas, surgem na mente, espalhadas talvez ao longo dos anos. Há, quem sabe, algo a ser dito para enfrentar tais lembranças deliberada e imediatamente. Em todo caso, foi o que fiz na Iluminação do Passado.

Davy e eu, após uma viagem na qual revemos alguns velhos amigos que não víamos há uma década ou mais, observamos e discutimos algo curioso. Na primeira vez que nos reunimos com alguém que não vemos há anos, podemos pensar: quem é esse estranho, tão gordo, tão desconfiado, tão diferente? Mas, em poucos minutos, quaisquer que sejam as mudanças, descobrimos a pessoa que conhecíamos. A pessoa singular permanece. Sempre. A qualidade peculiar da "Joanice" no João ou da "Marianice" na Maria. E concluímos que essa imutável "Joanice" era a alma.

Ao longo dos anos, eu estava descobrindo isso de novo em Davy; eu estava tocando sua alma, a própria essência de seu ser. Descrevi anteriormente como todas as Davys começaram a voltar à minha mente logo após sua morte e resgatei-a como um todo. Agora, com a Iluminação do Passado, o processo estava concluído.

Diz-se às vezes que a quarta dimensão é o tempo ou a duração; não se vê uma pessoa ou coisa em nem um único instante. E eu estava vendo Davy em todos os seus anos – eu até tinha fotos e rabiscos dela quando era bebê e criança. Tanto quanto um amante pode fazer, eu estava vendo Davy como um todo – uma plenitude que eu jamais perderia – e conhecendo sua alma.

Costuma-se dizer que tanto o céu como o inferno são retroativos, que toda a vida

de uma pessoa, por fim, será conhecida. Na inerência simultânea dos amantes, eu tinha visto o Cristo em Davy no hospital – a Inerência Simultânea. Ela o viu em mim, eu me pergunto? Muito vagamente talvez. Em todo caso, eu estava agora vendo na Iluminação do Passado o Cristo em Davy, mesmo naquela "companheira de anos pagãos passados" de meu poema, o céu nela, desde o princípio.

A dor das mil mortes das Davys em carne do passado valeu a pena, não só porque a alegria superou a dor, mas porque toquei sua alma. Eu a conheci, pelo menos parcialmente, como seu – e meu – Senhor encarnado deve conhecer.

Quando chegou a suave e dolorosa primavera – abril e nossa mágica primavera –, passei a ir cada vez mais ao campo florido para caminhar ou apenas ficar sentado ali e pensar, sozinho com ela. A Iluminação do Passado continuava a avançar, embora se aproximasse do fim, mas, ainda assim, passei centenas de horas no campo, indo especialmente para a casa deserta que chamávamos de Ladywood.

Criei uma fantasia de que Davy estava no vento – talvez ela estivesse –, e o leve toque da brisa em meu rosto parecia seu toque. Mas não houve lágrimas, nunca, no campo; houve muitos indícios do céu.

Pensei, enquanto caminhava pelas estradas do interior ou estava sentado à entrada de Ladywood, em como nossos anos, por mais breves que tenham sido, foram cheios de amor, de alegria e de beleza. Embora nunca tivéssemos chegado às bodas de prata, parecia-me que talvez tivéssemos experimentado mais aventuras e toda a beleza e diversão da vida do que muitos que chegam às bodas de ouro. E parecia-me que estávamos ligados um ao outro – ela a mim e eu a ela – por toda a eternidade; nós dois companheiros da Inerência Simultânea. Embora as lágrimas estivessem comigo em muitos dias, eu estava contente.

Certa tarde, na Ladywood, fui dormir na grama e sonhei com Davy. O sonho remontava a uma tarde de verão na Inglaterra quando ela e eu, indo para um vilarejo próximo, em um ônibus de dois andares, cedemos a um impulso comum e silencioso de sair do ônibus e caminhar. Mas o sonho me pareceu algo tão futuro e presente quanto passado que escrevi um poema sobre ele:

VERÃO

Ó amor! Você se lembra? O ônibus no interior,

A Inglaterra, as pradarias e o céu azul?

O verão perdido, sonolento e doce, chamando-nos

A caminhar ali, você e eu?

E como você atraiu meus olhos para os seus, ainda a contemplar Até que, calmamente entre nós dois,

Do outro lado do ônibus, nossos olhos se tornaram ternos e felizes,

Aumentou a doçura do verão.

O ônibus para. Um olhar de relance. E lá para fora nós fomos

Com a alegria de caminhar na mata que chegava aos nossos joelhos,

De beber com o verão, santidade: contentes

Por estarmos em Cristo, juntos.

O ônibus vermelho se afastou. Cotovias cantaram. “Querida”,

Murmurei. “Naquela colina, a árvore.”

O momento, debaixo daquele sol há muito passado,

Fez-se eternidade.

Acordei. Foi um sonho ao anoitecer, mas isso –

Um paraíso em uma colina inglesa,

A doce glória da entrega ao beijo

Que demos – ainda está comigo.

Mas foi só um sonho? Ou meu sonho apenas?

Em algum lugar você também está se lembrando?

Ou sou só eu, lembrando, sozinho,

E ainda esperando por você?

CAPÍTULO 9

A misericórdia severa

Maio na Ladywood foi um mês de reflexão; um mês de busca pelo significado das coisas. No Mole End, a Iluminação do Passado continuava a avançar, com muitas lágrimas que marcavam a morte das sucessivas breves realidades, quase na carne, das imagens de Davy do passado.

Já fazia quatro meses que seu corpo mortal havia perecido; um terço de um ano desde que eu a havia visto na carne (mais tempo separados do que já havíamos estado). Mas a separação final ainda estava por vir, embora eu não estivesse claramente ciente disso. Davy ainda estava comigo, não só em minhas cartas para ela – no vento, mas eu não acreditava muito.

Eu estava estranhamente feliz em meio à minha tristeza naquele mês de maio, sentado muitas vezes à entrada da Ladywood, com os pássaros cantando à minha volta, e as Blue Mountains suspensas no céu.

Havia duas linhas principais de raciocínio naquela primavera, uma se desenvolvendo a partir da outra. A primeira delas tinha a ver com o tempo e a eternidade: suas raízes se estendiam até Glenmerle, e a Iluminação do Passado a havia sido trazida para o primeiro plano de meus pensamentos. A outra linha de raciocínio, que estava relacionada à primeira, dizia respeito à misericórdia eterna de Deus e veio à tona graças a uma carta de C.S. Lewis no início de maio. Contudo, as reflexões sobre o tempo e a eternidade deveriam vir primeiro.

Em um verão dourado, quando nosso amor ainda era jovem, Davy e eu nos sentamos em um muro de pedra perto de Glenmerle e conversamos sobre o tempo sem pressão – tempo para sentar em muros de pedra; tempo para apreciar a beleza; tempo para fitar as ovelhas e vacas. No clube de meu pai, sentados diante do fogo, falamos de “momentos que se faziam eternos”, ou seja, o que chamamos de momentos atemporais; momentos precisamente sem a pressão do tempo; momentos que poderiam ser chamados, na verdade, momentos cheios de tempo – ou momentos livres do tempo.

Havíamos entendido de modo claro que a pressão do tempo era nossa consciência quase inescapável de um iminente término – a campainha prestes a tocar, o feriado prestes a acabar, a prevista saída de Oxford. Tínhamos sonhado com o Grey Goose como uma maneira de escapar da pressão do tempo, embora ninguém escape totalmente. A vida em si é pressionada pela morte, o término derradeiro.

Sócrates se recusou a protelar sua própria morte por mais algumas horas; talvez ele soubesse que aquelas poucas horas, sob a pressão do tempo, valeriam pouco. Quando falamos do agora, parece que estamos falando do atemporal; não há duração. A consciência da duração, do término, estraga o agora.

Imediatamente após a morte de Davy, experimentei o incrível fenômeno, completado pela Iluminação do Passado, do retorno de todas as Davys, de todos os anos, a Davy como um todo, a eterna Davy, assim como quando juntamos todos os David Copperfields no momento em que fechamos o livro. Estamos em uma eternidade com referência ao tempo criado pelo livro, mas nós vivemos e temos nosso ser inserido no tempo, o tempo criado por Deus.

Se, de fato, é assim, se Deus é a eternidade e o tempo é algo criado, então Davy deve estar agora separada do tempo e na eternidade. Mas eu não estava; eu estava inserido no tempo. O sino da faculdade ainda me convocava para as oito horas. E, ainda assim, eu estava tendo uma visão eterna de Davy. Portanto, eu

estava, em algum sentido, examinando a eternidade.

O que isso significava isto? Que as barreiras entre o tempo e a eternidade não eram tão intransponíveis como se supunha? Pode-se perceber de maneira ainda mais profunda na eternidade? Pelo menos no sentido do tempo e da eternidade?

Refletindo sobre minha percepção da Davy total ou eterna, de modo tão mais completo para ser conhecida e amada, percebi que, sem consciência disso, eu havia tido – todos já tivemos – outros vislumbres do eterno. Eu podia me lembrar de Laddie, nossa cadela em Glenmerle, como um filhote teimoso e como o "cachorro-lobo" alegre e forte mais tarde. Ou da Inglaterra; o nome evoca mais do que a Inglaterra dos dias de Oxford, sobretudo para um leitor de história. Ela é, ao mesmo tempo, a Inglaterra de Drake e de Churchill, o leão rebelde. Ou de Atenas – tudo o que era e ainda é, embora enterrado sob os séculos. Talvez, além de nossa memória histórica, haja uma Atenas na eternidade, pois Atenas seria os atenienses. Davy e eu havíamos conversado no hospital sobre nos encontrarmos de novo em uma Glenmerle eterna.

Se a recordação de todas as Davys concentrou minha atenção na eternidade, a Iluminação do Passado concentrou minha mente no tempo: o tormento do tempo. Vi com imensa clareza que sempre fomos atormentados pelo tempo. Todos os nossos sonhos lá, em Glenmerle, haviam se realizado – o Grey Goose sob o vento, as longínquas ilhas do Havaí no Pacífico azul-escuro, as torres de Oxford. Mas todas essas realizações, de certa forma, pareciam-me incompletas, temporárias, apressadas. Queríamos saber, provar, interiorizar – no coração da experiência –, possuí-lo completamente. Mas nunca houve tempo suficiente; algo ainda nos escapou.

Quando estávamos na França com Edmund e Lore, fomos de carro até Paris em um lindo dia de primavera em nosso caminho ao Canal. Não íamos "fazer" Paris nessa viagem, pois estávamos apenas passando por lá. Mas, enquanto seguíamos de carro, com o teto aberto, os edifícios com o céu ao fundo eram imponentes, os

parques estavam cheios de amantes alegres, o rio brilhava e a Notre Dame estava tranquila ao sol.

Em uma das cartas para Davy – a única carta que sobreviveu – nessa época de dor, eu disse: “Estivemos em nossa amada Oxford por três anos e em Paris por poucas horas; e, ainda assim, eu me pergunto se Paris não foi uma experiência mais completa ou eterna do que Oxford”.

Não tínhamos pressa para “ver” Paris. Ela era para nós como uma dama doce e gentil que passava, uma impressão atemporal. É claro que, na realidade, houve impressões atemporais, momentos livres do tempo, em Oxford também. Mas lá sentimos que, apesar de tudo o que se tornou parte de nós – sinos e torres, C. S. Lewis e um grupo de amigos, o rosto do diretor da All Souls e o rio Cherwell em um dia ensolarado –, havia algo mais, algo ainda mais profundo, que não tivemos tempo suficiente – mundo e tempo suficientes – para alcançar. Não sentimos de modo algum que fomos incapazes de alcançá-lo, apenas que não houve tempo suficiente.

Voltaremos, dissemos, e descobriremos. Voltaremos para as Ilhas e compreenderemos a essência. Teremos o Grey Goose em sua melhor forma em um oceano azul e atemporal. Todavia não houve tempo suficiente para voltar; a estrada nos conduziu à outra estrada. E, se tivéssemos voltado, não teria havido tempo suficiente na época, também, pois, à frente, haveria um término. Sempre.

Keats,[32] acredito, sentiu a necessidade humana do atemporal. Sua urna grega é uma “filha adotiva do Silêncio e da Lentidão” e “nos abala o pensa-mento/Como faz a eternidade”. Ele consola a jovem amante no vaso com as palavras: “Amarás para sempre, e ela será bela”. É, com certeza, pelo eterno que Keats sofre. E vejo o mesmo anseio em Shelley[33] e em muitos outros poetas.

Vi isso muito claramente naquele mês de maio. Como fomos atormentados pelo tempo! Sempre éramos transitórios. Exceto talvez em Glenmerle. Glenmerle sempre existiu, sempre existiria. É por isso que, como um símbolo, era tão importante para nós. É claro que Glenmerle não estava realmente imune ao tempo; ela passou e é, de fato, destruída por nosso progresso bárbaro rumo a cidades cada vez mais gigantes e mais doentes. Ainda assim, Glenmerle permanece, fantasmagórica e eterna.

A atemporalidade que parece residir no futuro ou no passado é uma ilusão. Sonhamos à beira da piscina em Glenmerle com o Grey Goose navegando até uma lagoa tranquila, em uma ilha distante, e o sonho era encantador porque a imagem era atemporal ou livre do tempo. Na realidade, havia o diário de bordo para fazer, a refeição para preparar, a vela de gávea para consertar. A viagem de férias para a Inglaterra é cheia de imagens atemporais – os momentos em Wells ou na catedral de Coventry, as longas conversas com Peter ou Jane, as horas no campo pacífico. Na verdade, mesmo sem a visita guiada temerosamente pela pressão do tempo, há trens a tomar, camisas para lavar, noites para dormir, quartos para reservar antes que seja muito tarde. O sonho futuro nos encanta por causa de sua atemporalidade; e penso que grande parte do encanto que vemos nos “bons e velhos tempos” não é nada menos que uma ilusão de atemporalidade. Na realidade do agora, o relógio está sempre correndo.

Pode-se supor que, olhando para os anúncios mais chamativos de relógios – ainda mais exatos, com movimentos mais espetaculares dos segundos que passam –, o homem moderno considera o tempo como algo adorável ou, possivelmente, tem um fetiche por relógios. Seria melhor se atirássemos tudo ao já poluído lago Erie.

No entanto, o relógio nem sempre está funcionando. Às vezes ele para, e então somos mais felizes. Às vezes – mais precisamente, “às não vezes” – encontramos “o ponto fixo do mundo em rotação”. Todos os nossos momentos mais belos talvez sejam atemporais.

Por certo foi assim para Davy e para mim. Foi assim naquele mesmo dia em que nos sentamos no muro e conversamos sobre o tempo. Dias vagarosos de verão em Glenmerle. O barco navegando lentamente sobre águas calmas, sem ninguém se importar se ele chegaria a algum lugar. Sonhando ao longo do Cherwell e ouvindo o canto das cotovias. Acredito que buscamos o atem-poral por uma espécie de intuição. Momentos atemporais – aquele "ponto fixo". Fossem longos ou curtos, não fazia diferença, pois o tempo está parado.

Quando cheguei a bordo do Gull e olhei para Davy, à entrada do convés, curvada sobre as conchas à luz da lâmpada da cabine, com toda a vastidão e mistério da noite ao meu redor, o momento da percepção poderia ter sido de dez segundos ou dez minutos – para outra pessoa. Mas, para mim, o tempo parou.

Durante a Iluminação do Passado, cheguei, no devido tempo, ao momento mais puramente atemporal de todos os anos: a noite do fogo no mar a bordo do Grey Goose. A resposta de uma pessoa à descrição daquela noite pode sugerir que, como acredito, o anseio pela eternidade está embutido em todos nós.

Subimos no convés em algum momento da noite, acordados pelo balanço do barco preso à âncora. Havia uma brisa vinda do norte. Um milhão de estrelas brilhantes acima dos mastros delgados e escuros. E cada pequena onda atingia o barco com seu fogo gélido. Sem uma palavra, Davy se aconchegou em mim, coloquei o braço ao redor dela, e nós ficamos ali, com aquela beleza sendo derramada sobre nós, ficamos – o quê? Uma hora? Três horas? Nunca soubemos ou nos importamos. Por fim, com o consentimento silencioso, descemos para dormir com o leve balanço do barco. Um deleite antecipado da eternidade.

Se, de fato, todos temos uma espécie de apetite pela eternidade, nós nos permitimos envolver-nos com uma sociedade que frustra nosso anseio a cada passo. Metade de nossas invenções é anunciada para poupar tempo – a máquina de lavar roupa, o carro mais rápido, o voo a jato. Mas para quê? Nunca as pessoas foram tão atormentadas pelo tempo – por relógios, por campainhas, por

cronômetros, por horários precisos, pelo início do programa. Há, de fato, certa verdade nos “bons e velhos tempos”; nenhuma outra civilização do passado foi tão atormentada pelo tempo.

E, contudo, por que não? O tempo é nosso ambiente natural. Vivemos no tempo tanto quanto vivemos do ar que respiramos. E amamos o ar – quem nunca respirou o ar puro e fresco do campo apenas pelo prazer de fazer isso?

Como é estranho o fato de não conseguirmos amar o tempo. Ele estraga nossos momentos mais maravilhosos. Não conseguimos atingir nossas expectativas por causa dele. Somente nós, os animais, até onde podemos perceber, não têm consciência do tempo, não se preocupam com ele. O tempo é o ambiente natural deles. Por que sentimos que não é o nosso?

C. S. Lewis, em sua segunda carta endereçada a mim em Oxford, perguntou como eu, como produto de um universo materialista, não me sentia em casa ali. “Os peixes se queixam do mar por estarem molhados? Ou, se fizessem isso, esse fato por si mesmo não sugeriria que eles nem sempre foram, ou nem sempre serão, criaturas puramente aquáticas?” Então, se nos queixamos do tempo e somos tomados de tal alegria em um momento aparentemente atemporal, o que isso sugere?

Sugere que nem sempre fomos nem sempre seremos criaturas puramente temporais. Sugere que fomos criados para a eternidade. Não apenas somos atormentados pelo tempo, mas parece que somos incapazes, apesar de passadas mil gerações, até de acostumar-nos com ele. Estamos sempre impressionados com ele – com quanto ele passa rápido, com quanto ele demora a passar, com o tempo que já se passou. Para onde, lamentamos, o tempo se foi? Não estamos adaptados a ele; não estamos à vontade com ele. Se for assim, pode parecer uma prova, ou pelo menos um poderoso indício, de que a eternidade existe e é nosso lar.

Assim isso me ocorreu. Ocorreu-me que Davy e eu havíamos desejado a atemporalidade – a eternidade – todos os nossos dias; e o desejo associado à minha visão post-mortem de Davy como um todo despertou meu interesse pelo céu. Ruas de ouro e aulas obrigatórias de harpa podem não ter apelo – mas e a atemporalidade? E pessoas completas? O céu é, de fato, o lar.

Tentei naquela primavera algo impossível: uma espécie de imagem do que o céu poderia ser. Eu só poderia descrevê-lo, no entanto, em termos temporais. Não temos palavras para a eternidade. Talvez valha a pena notar quantas palavras – em itálico – sugerem tempo e são, portanto, muito inadequadas. Ainda assim, foi isto que escrevi:

É uma tarde celestial. Davy e eu acabamos de ter um almoço atemporal (suponho que Deus não desperdiçará uma invenção tão boa quanto o gosto). Então, digo a ela que irei caminhar para me sentar debaixo da faia e contemplar o vale por algum tempo, mas irei voltar logo. Faço isso. Contemplo o vale por algumas horas ou alguns anos – as palavras não têm sentido aqui onde paira no ar o caráter eterno. Em todo caso, contemplo o vale apenas pelo tempo que desejo. Então me levanto e começo a voltar, mas encontro alguém, C. S. Lewis, talvez, e nós nos sentamos em um banco e, quem sabe, vamos beber uma caneca de cerveja enquanto conversamos por uma hora ou várias horas – até que tenhamos dito tudo o que temos a dizer por ora. E então volto feliz para Davy. Ela, enquanto isso, toca o órgão celestial, um órgão no qual talvez cada nota de uma música possa ser ouvida ao mesmo tempo – isto é, a música não é tocada no tempo tendo já ido metade dela enquanto a outra metade ainda será ouvida. Ela toca o órgão por alguns minutos e está se virando para me cumprimentar quando eu chegar. Se estive ausente por uma hora ou cem anos, se ela tocou por dez ou trinta minutos, nenhum de nós esperou ou poderia esperar pelo outro. Pois simplesmente não há tempo, horas, minutos ou senso de passagem do tempo. O tique-taque parou. É a eternidade.

Claro que não será assim! O que será está muito além de qualquer coisa que

possamos imaginar; e, ainda assim, será o lar. Disso podemos estar certos. Estou tão certo da atemporalidade que virá quanto estou de que o tempo foi o pior dos males na caixa de Pandora.

Embora eu deva viver muitos anos no tempo além de Davy, de alguma forma eu tinha certeza de que iríamos juntos à eterna Majestade, e de que ela não estaria ciente desse atraso. A ideia é sugerida neste poema, contemplando outra morte no futuro:

PASSAGEM

Agora de minhas correntes eu fujo,

É bom o modo como vejo

A mata, o vento e você.

Querida, ó espere por mim!

Cada vez mais leve e livre,

Correndo colina acima para você.

A beleza brilha sobre mim –

O amor e a eternidade,

A mata, o vento e você.

Glória, ó Cristo, a Ti!

A alegria [é] como uma chama para mim,

Correndo colina acima com você.

Com a eterna Davy em minha consciência, com a percepção de que nossos melhores momentos foram os atemporais, com o reconhecimento do tempo como um ambiente hostil, examinei a eternidade da maneira mais profunda possível. No entanto, também percebi que o passado em geral nos parece mais atemporal do que, na verdade, foi. Se céu e inferno são, de fato, retroativos – toda a nossa vida, quer uma ou outra –, a eternidade não poderia ser retroativa também?

No final de maio, com minha caligrafia minúscula, escrevi para Lewis sobre meu pensamento. Falei também de minha proximidade com Davy e daquele aspecto dessa proximidade que era um esforço de desenvolver a compreensão feminina em mim e a masculina, nela. Eu havia acabado de receber uma carta importante de Lewis, mas primeiro darei sua resposta aos meus pensamentos sobre o tempo e a eternidade:

Recebi sua carta de 20 de maio. Minha caligrafia anda tão ruim agora que me sinto mal em queixar-me da sua, mas você poderia escrever com letras um pouco maiores? Precisarei de um microscópio. O que você fala sobre o tempo é o que penso há muito tempo. É inadequado para experiências muito simples e parcialmente transcendido por elas. Veja, por exemplo, quando ouvimos um grande musical. Até que a última nota seja tocada, ele está incompleto; assim que ela soa, o musical acaba. E estou bem certo de que a vida eterna não significa esta linha vasta de momentos infindavelmente prolongada (como se, ao se prolongar, ela pudesse “acompanhar” aquilo que tão obviamente nunca poderia conter), mas sair dessa linha sobre seu plano ou até mesmo o sólido. Leia Eternal Life [Vida eterna], de Von Hügel, Consolations [Consolações], de Boécio (bela versão em inglês do século 16 na página da direita da edição de Loeb).

Sobre a natureza da relação entre os cônjuges na eternidade, baseio minha ideia na máxima de Paulo de que “aquele que se une a uma prostituta é uma só carne com ela”. Se a forma mais vil e corrupta de união sexual tem certa “unidade” mística nela envolvida (e, a propósito, que argumento contra a “prática casual”!), a fortiori forma casada e lícita deve tê-la por excelência. Isto é, acredito que a união entre os cônjuges ressurretos será tão próxima quanto aquela entre a alma e seu próprio corpo ressurreto. Mas (e isso, como você pode ver, é o problema) o corpo ressurreto é o corpo que morreu. (“Se compartilhamos esta morte, também compartilharemos esta ressurreição”). E assim – como você diz em um de seus post-scripta – seu amor por Jean deve, em certo sentido, ser “morto” e “Deus deve fazer isso”.

Seria melhor você ler Paraíso,[34] não seria? Observe o momento em que Beatriz tira os olhos de Dante, olha “para a Fonte Eterna”, e D. fica muito contente. Mas é claro que tudo está no texto: “Busquem, pois, em primeiro lugar o Reino [...] e todas essas coisas lhes serão acrescentadas”.[35] Infinito conforto na segunda parte; demanda inexorável na primeira. Inútil seria se fosse feito por seus próprios esforços em algum momento em particular. Mas “Deus deve fazer isso”.[36] Sua parte é o que você já está fazendo: “Leve-me – sem nenhuma condição”.[37]

Depois disso, por meio do dever diário, do crescente esforço em busca da santidade – bem, como a semente que cresce sem ser notada... o que você diz sobre ela em você e você nela por certo não me parece as planícies de Gomorra e é, de certo modo (o que não sei bem), provavelmente verdade. Pode haver algum elemento de ilusão na forma que tomou; não sei. Mas, ao ler isso, ocorreu-me que um amigo médico, certa vez, me repreendeu pelas tentativas muito exatas de precisão que fiz ao descrever uma dor para ele. Ele disse: “Tudo isso sobre como aconteceu, sua qualidade única, é em geral inútil e pouco confiável para nós como médicos. Diga-me onde está e há quanto tempo você sente isso. Se eu precisar de mais informações, perguntarei”.

Possivelmente, todos esses bons argumentos que distinguem sua perda de todas

as outras perdas sofridas por outros amantes são menos importantes do que (muito naturalmente) parecem a você. Esses sonetos, escritos há cerca de dez anos, não são, de modo algum, voltados para sua condição, mas esclarecem algumas coisas talvez um pouco melhor do que eu poderia fazer aqui. Estou com um grande problema: a dipsomania[38] de meu querido irmão; ore por ele e por mim. Deus abençoe você.

[P.S.] Devolva-me os poemas[39] algum dia. Mas não tenha pressa.

Os "Cinco Poemas"[40] que ele enviou mais tarde apareceriam sob esse título em seus Poems. Eles, de fato, falaram comigo de maneira muito poderosa; e eu, por minha vez, deveria tê-los enviado a algum amante enlutado. Neles, Lewis adverte os enlutados para que não se irem com o céu, embora "a Ira seja a anestesia da mente"; não entrem em desespero, o que contém um traço "de algo como a vingança"; e não busquem com o ser amado um conforto terreno. Em vez disso, como descobriu Dante, busque a Deus em primeiro lugar: "Peça a Estrela da Manhã e aceite (receba) / Seu amor eterno".

Lewis, como ele havia dito em Surpreendido pela alegria,[41] foi levado ao Deus encarnado por seu desejo de alegria, uma alegria que não reside em nenhum objeto terreno que parece prometê-la. Em O regresso do peregrino,[42] ele descreve essa alegria, o anseio pelo qual é, em si mesmo, doçura e alegria; muito possivelmente, a mais pura alegria que podemos conhecer na Terra.

A princípio, o anseio é por algo "de certa forma inominável que faz com que o som dos patos selvagens de Kubla Khan, as teias na manhã, no fim do verão, ou o barulho das ondas baixando entrem em nós como um florete diante do cheiro de uma fogueira".[43] Mas, então, fixamos esse anseio doce e pungente por alegria em algum objeto terreno. Acreditamos que encontraremos essa alegria se pudermos escalar as Blue Mountains, encontrar uma flor azul, conquistar o amor de certa dama vestida de azul ou navegar além do horizonte azul em nossa escuna até a nova terra que acabamos de descobrir. Secretamente somos todos,

talvez, Cavaleiros da Busca. No entanto, qualquer que seja o objeto de nossa busca, descobrimos, quando o encontramos, que ele nunca contém a alegria que esmaga nosso coração de desejo.

Lewis diz: “Se um homem diligentemente seguisse esse desejo [por alegria], perseguindo os objetos falsos até que sua falsidade aparecesse, e então ele resolutamente os abandonasse, ele deve[ria] por fim chegar ao claro entendimento de que a alma humana foi feita a partir de algum objeto que nunca é plenamente concedido – pelo contrário, não pode sequer ser imaginado como concedido – em nosso modo presente de experiência subjetiva espaço-temporal”.[44]

Penso que é sobre isso que a vida e os escritos de C. S. Lewis são; e os meus também. Davy e eu, tendo um ao outro, ansiávamos por um tempo sem pressão – uma existência livre do tempo –, pois, desse modo, deveríamos encontrar a alegria. Vislumbramos vagamente a eternidade, mas o que nós, como Lewis, desejávamos era a alegria. Embora nunca tenhamos nos esquecido da atemporalidade, que era originalmente o fim para o qual o barco seria o meio, às vezes, naqueles primeiros anos, víamos a futura escuna como um fim em si mesmo, um objeto que continha a alegria.

Refletindo a respeito das palavras de Lewis sobre a alegria e de meu próprio pensamento sobre o tempo e a eternidade, relembrando a tendência que Davy e eu tínhamos de substituir os meios pelos fins, não apenas a existência livre do tempo que aquele barco possibilitaria, mas também outros vislumbres de alegria celestial – a alegria por meio do amor e da beleza – que pudemos ter e o que fizemos deles, sobretudo a Barreira Brilhante, comecei a me perguntar se todos os objetos nos quais homens e mulheres colocam o coração, mesmo os mais obscuros e os mais obsessivos, não começam como insinuações de alegria vinda da única fonte de alegria, Deus.

A insinuação de alegria de um homem por meio da beleza e seu desejo de ser, de

algum modo, uma coisa só com essa beleza pode levá-lo a pintar a beleza meio esquecida e, consequentemente, a defender nada mais do que uma forma artística; ou esse mesmo desejo de ser uma coisa só com a beleza pode levar outro homem a colecionar arte de maneira desenfreada ou a ostentar excessos wildianos em sua vida pessoal. Alguém pode relacionar a alegria com um vislumbre da justiça celestial e, assim, ser levado à lei ou talvez ao comunismo, à justiça no final esquecida. Um menino que cresce em um apartamento apinhado de gente e imundo pode associar a alegria a um espaço limpo que então se torna desejo por riqueza, o qual pode levá-lo a tornar-se um golpista, por acreditar vagamente que o mundo lhe deve o desejo de seu coração. A noção de alegria por meio do amor humano pode levar à cobiça e à crueldade orgíaca. A vocação do sacerdote pode nascer de seu vislumbre de Deus como a alegria, mas essa vocação pode se tornar política episcopal, Deus da boca para fora e esquecido. Até mesmo um Hitler pode surgir com um anseio pela alegria por meio da paz e da ordem.

Davy e eu tivemos nosso vislumbre da alegria, a alegria eterna não limitada pelo tempo, e buscamos no Grey Goose um caminho para ela. Se às vezes fizemos do barco um fim em si mesmo, ainda assim ele, na verdade, deu-nos muito do tempo sem pressão no qual, usando a brilhante analogia de Lewis, às vezes escapamos da infindável fila de minutos para entrar no avião, assim como, de modo supremo, na noite do fogo no mar gélido, quando todos os nossos sinais de eternidade, amor e beleza se tornaram uma coisa só.

Eu disse anteriormente que havia duas linhas entrelaçadas em meu pensamento sobre o mês de maio, tendo a primeira, começando com a Iluminação do Passado, a ver com o tempo e a eternidade, e a segunda, iniciada pela carta de Lewis, no início de maio, tendo a ver com a morte do amor e com a misericórdia.

Escrevi uma longa carta para Lewis em abril, contando-lhe toda a história da Barreira Brilhante, inclusive a consumação da Barreira em nosso último mergulho profundo. Contei-lhe o propósito da Barreira – manter-nos, Davy e eu,

apaixonados. Contei-lhe por que não havíamos tido filhos – para que eles não ficassem entre nós, diminuindo, assim, nossa partilha das coisas.

A resposta de Lewis levou talvez a este livro e deu-lhe o título:

Sua carta é uma expressão maravilhosamente clara e bela de uma experiência muitas vezes desejada, mas não muitas vezes alcançada na proporção que você e Jean a alcançaram. Eu a envio de volta porque acredito que se você a reler com frequência, até poder vê-la como se fosse a história de outra pessoa, no final pensará como eu (mas, é claro, de maneira muito mais profunda e frutífera do que eu poderia, porque lhe custará muito mais) sobre uma vida tão inteiramente (a princípio) dedicada ao NÓS. Não apenas como eu penso, mas como todo o "sentido" da família humana em seus vários níveis.

Comece pelo fim. O que os pagãos mais toscos pensariam? Eles diriam que houve excesso nisso, que isso provocaria a nêmesis dos deuses; eles "veriam a luz vermelha". Suba um pouco: os pagãos mais refinados culpariam cada revogação das reivindicações da humanidade comum como sendo pouco viril, indigna do cidadão, terna. Os estoicos diriam que tentar arrancar parte do Todo (NÓS) e transformá-la em um Todo autossuficiente por si só seria "contrário à natureza". Então passemos para os cristãos. Eles naturalmente concordariam que homem e mulher são "uma só carne"; talvez admitissem que isso foi de modo admirável concretizado por Jean e por você. Mas, por certo, acrescentariam que essa "Uma Só Carne" não deveria (e a longo prazo não poderia) "viver para si mesma", assim como o indivíduo para si próprio. A carne não foi feita, assim como o homem, para ser seu Fim em Si Mesma. Foi feita para Deus e (nele) para o próximo – sobretudo, entre os homens, os filhos que ela deveria ter gerado.

(A ideia por trás de sua esterilidade voluntária, a de que uma experiência, p. ex. a maternidade, que não pode ser compartilhada deveria, por esse motivo, ser evitada, é por certo muito falaciosa. Pois: a) [Perdoe-me] o próprio ato conjugal depende de experiências opostas, recíprocas e, portanto, não passíveis de

partilha. Você queria que ela sentisse que tinha uma mulher na cama com ela? b) A experiência de uma mulher a quem foi negada a maternidade é uma experiência que você não compartilhou e não poderia compartilhar com ela. Ter a paternidade negada é diferente, trivial em comparação.)

De um modo ou de outro, algo tinha de morrer. Uma primavera perpétua não nos é permitida. Você não estava cortando a floresta da vida de acordo com a semente. Há várias maneiras possíveis pelas quais esse algo poderia ter morrido, apesar de ambas as partes continuarem a viver.

Você foi tratado com uma misericórdia severa. Você foi levado a ver (como isso é verdadeiro e muito frequente!) que tinha ciúme de Deus. Então, do NÓS, você foi de novo levado ao NÓS E DEUS; resta continuar até DEUS E NÓS. Ela estava mais à frente que você e pode ajudá-lo mais de onde ela está agora do que poderia ter ajudado na Terra.

Você deve seguir em frente. Essa é uma das muitas razões pelas quais o suicídio está fora de questão. (Outra é a ausência de qualquer fundamento para crer que a morte por esse caminho iria reunir vocês dois. Por que deveria? É possível que você esteja cavando um abismo eternamente intransponível. A desobediência não é o caminho para chegar mais perto dos obedientes.)

Não há outro homem, em tal aflição como a sua, a quem eu ousaria escrever de modo tão aberto. E isso, se você puder acreditar em mim, é a prova mais forte de minha crença e amor por você. Aos tolos e fracos se escrevem coisas suaves. Você a poupou (muito erroneamente) das dores do parto; não evite as suas próprias dores – as dores de parto pelas quais você deve passar enquanto Cristo está nascendo em você. Você imagina que ela mesma possa ter agora qualquer cuidado maior com você do que o de que esta sua maternidade espiritual deveria ser sofrida com paciência e realizada com alegria?

Deus abençoe você. Ore por mim.

Depois dessa carta severa e esplêndida, passei a amar Lewis como um irmão; um irmão e um pai, juntos.

Se eu tivesse sido tentado a quebrar a promessa que fiz a Davy, a de segui-la por meio de meu próprio ato, a tentação desapareceria depois de um olhar horrorizado para o "abismo eternamente intransponível" de Lewis. Na margem ao lado da expressão havia um pequeno "Ugh!" com minha letra.

Em minha resposta, contei a Lewis sobre essas reações e agradeci-lhe por sua clareza, honestidade e confiança. Eu disse que Davy e eu, de fato, mantivemos a primavera de maio – Oxford talvez tivesse sido junho – e então tudo acabou. Falei que talvez ela e eu tivéssemos compartilhado a experiência de uma mulher a quem foi negada a maternidade por meio de nossa proximidade e empatia. E prometi pensar profundamente sobre tudo o que ele havia dito. Sua carta subsequente sobre a eternidade foi entregue.

Minhas reflexões sobre o tempo e a eternidade haviam me preparado – mostrando-me que Deus era o que tínhamos sempre desejado como "atem-poralidade" – para o pensamento mais rigoroso que deve seguir essa Carta da Misericórdia Severa. Se Deus deve ser, na verdade, buscado primeiro, ele deve ser visto como o desejo do coração.

O enfoque central da Carta da Misericórdia Severa estava no quarto parágrafo, começando: "De um modo ou de outro, algo tinha de morrer". Tinha de morrer. Mas poderia ter morrido de uma maneira diferente. Lewis havia dito algo assim antes, em sua primeira carta depois da morte de Davy. Lá ele disse:

Sinto [...] muito fortemente o que você quer dizer sobre a “curiosa consolação” de que “nada agora poderia manchar” a união de vocês. Às vezes eu me pergunto se o luto não é, no fundo, a maneira mais fácil e menos perigosa de perder a felicidade do amor juvenil, pois creio que a felicidade sempre acaba perdida de alguma forma: todo amor apenas natural precisa ser crucificado para que possa alcançar a ressurreição e o casal feliz de idosos passar por uma morte difícil e um renascimento. Mas muito mais se perde no renascimento. Seu manuscrito, como você bem diz, chegou são e salvo ao Editor.

Novamente a mesma nota: nosso amor tinha de morrer, mas há muitas maneiras de morrer.

A morte – a morte de Davy – era a Misericórdia Severa. Não há dúvida alguma de que Lewis disse exatamente isso. Essa morte, tão cheia de sofrimento para nós dois, sofrimento que ainda oprimia minha vida, ainda era uma Misericórdia Severa. Uma misericórdia tão severa quanto a morte, uma severidade tão misericordiosa quanto o amor.

Este não é um conceito que terá um apelo imediato para todos – não em uma sociedade que celebra o amor romântico e sexual como o bem maior e odeia a morte como o grande mal. E, de fato, além da morte como uma libertação da terrível dor para aqueles que já estão condenados, como a morte poderia ser chamada de misericórdia? Ali estavam dois jovens com seus trinta e poucos anos que se amavam e desejavam que Davy vivesse: como a morte dela poderia ser vista como misericórdia?

Se, de fato, tivéssemos violado a Lei – tentando a primavera perpétua, sendo “suficientes com nós mesmos”, rejeitando os filhos que poderíamos ter tido –, então, sem dúvida, a morte dela poderia ser vista por alguns dos religiosos mais sisudos como uma punição divina bem merecida. Mas não havíamos nos tornado cristãos? Não poderíamos, por meio dessa fé, ter alcançado a “morte difícil e o renascimento” na vida e finalmente nos tornar um dos “casais felizes de idosos”?

Por que Davy, tão humilde e tão santa, teve de morrer? Sua morte, se foi decretada por Deus, não foi severidade sem misericórdia?

É com a Lei que devo começar; a Lei de Deus. Não, porém, com toda a Lei que possamos ter violado. Se alguém espera um mea-culpa por termos rejeitado filhos, ele não virá. Não sei se é lícito rejeitar filhos; a decisão cabe aos teólogos, independente se alguém concorda ou não. A questão se tornou irrelevante para nós quando Davy foi para o hospital.[45]

De igual modo, não posso falar com qualquer convicção teológica sobre a máxima de Lewis de que "a primavera perpétua não nos é permitida". A questão foi resolvida com a morte de Davy. O que tivemos foi, talvez, apenas uma prolongada primavera "no norte" de nosso estado de apaixonados. Em termos da analogia sazonal, há muitas variações: meninas viçosas se tornando mães – verão e frutificação – na adolescência, praticamente perdendo a primavera de todo; jovens com um currículo de experiências mundanas e já cansadas, saltando direto para o outono ou inverno. Nós, na tentativa de manter o estado de apaixonados da primavera, talvez estivéssemos buscando cegamente a eternidade. E foi tão alegre e agradável que não posso, sendo impreciso com relação à Lei, sentir-me muito penitente. No entanto, posso dizer isso sobre a Lei: nós, como criaturas – como seres criados por Deus –, existimos para ele. Não para nós mesmos. Isso, pelo menos, é certo.

Davy e eu, nas palavras de Lewis, "admiravelmente concretizamos" o ideal cristão de marido e mulher como uma só carne. Aquela era a Barreira Brilhante e – na medida em que a Barreira Brilhante significava proximidade, carinho, partilha e, em uma palavra, amor – ela deve, por certo, ter sido santificada por Deus. Evitar a separação gradual em nome do amor era simplesmente ser fiel ao sacramento do matrimônio.

Todavia a Barreira Brilhante era mais que isso. Em seu Apelo ao Amor – o que é melhor para nosso amor –, como o único critério de todas as decisões, ela

violava a Lei, pois o que era melhor para nosso amor poderia não estar de acordo com nosso amor e o dever para com o próximo. E a Barreira Brilhante continha um desafio final de Deus em nossa intenção resoluta de morrer juntos no último mergulho profundo.

A Barreira Brilhante, porém, foi violada pelas tropas de ataque de Deus, incluindo C. S. Lewis; e nós tínhamos dobrado o joelho. O Apelo foi quebrado, para meu espanto; e o último mergulho profundo foi proibido, para nossa inesquecível tristeza no hospital. Achávamos que nosso amor era invulnerável; e talvez fosse assim para o mundo, enquanto a Barreira estivesse firme. Mas Deus a violou e, depois disso, nosso amor ficou vulnerável a qualquer ameaça.

Na Carta da Misericórdia Severa, Lewis disse: “Você foi levado a ver [...] que tinha ciúme de Deus”. Então eu lhe disse: foi uma das percepções mais nítidas e devastadoras de minha desesperada dor. Ciúme do meu Deus! Ou ciúme do Amante divino de minha amada. Era precisamente isso que acontecia quando eu ficava triste no Li’l Dreary, não lia minha Bíblia e brincava com Jane. Mea-culpa na verdade. Claro que eu não sabia que tinha ciúme de Deus. Era um pensamento quase impensável, e permaneceu impensado – e ainda mais impensável – enquanto eu implorava pela vida de Davy nos meses do hospital e investia minha energia em meu total comprometimento com ela. Contudo o ciúme estava lá. E Deus sabia disso.

Nem o fato de que o nosso amor se tornou vulnerável por meio da brecha na Barreira Brilhante nem o fato de que eu estava, de modo quase latente, com ciúmes de Deus nos afetaram naqueles últimos meses no hospital em que eu estava vivendo para ela e ela estava morrendo por Deus. Ainda assim, a Barreira foi violada e o ciúme estava lá.

O que teria resultado disso se Davy tivesse se recuperado? Essa é a pergunta que devo fazer. O que teria acontecido se, no último minuto – depois, talvez, de seu amor jovem e alegre saindo do coma e de nosso feliz e esperançoso Natal com a

“Canção dos Dois Amantes” –, ela tivesse começado a melhorar? E se ela tivesse melhorado até ficar bem? Os médicos ficariam surpresos; eles teriam dito: “Quase um milagre”. Nós, sendo tão esperançosos, poderíamos ter ficado menos surpresos. Mas muito gratos a Cristo, que operou a cura.

E teríamos ficado felizes. Eu deveria tê-la amado mais carinhosamente, porque tinha medo de perdê-la e porque, como Perséfone, ela havia voltado dos portões da morte. Ela teria me amado com mais afeto, porque eu não a havia desapontado naqueles meses terríveis.

Mas a alegria e a gratidão imediatas não teriam durado para sempre. Ela, após seu conhecimento puro e simples de Deus, teria ficado ainda mais impressionada com a glória de Deus e ainda mais entregue à vontade divina. Ela, de fato, teria acreditado que havia voltado à vida para um propósito santo. E eu ainda ficaria com ciúmes de Deus e lembraria de novo que o Apelo ao Amor já não poderia ser usado.

Ou meu ciúme teria sido superado, de uma vez por todas, pelo milagre de sua cura? Todavia não teria sido um milagre. Teria sido “quase um milagre”. Teria sido, como talvez qualquer milagre, sujeito a outras explicações – sua vontade de viver, a habilidade dos médicos.

Talvez o prognóstico tivesse sido errado, para começar. Se meu ciúme, desconhecido e inimaginável, tivesse persistido na terrível crise de sua morte e em sua santa e bela submissão à vontade de Deus, não teria desaparecido por causa de algo “quase miraculoso”. Por muito tempo teria ficado dormente, com menos chance de ser detectado, mas ainda teria estado lá.

A questão, portanto, permanece: o que teria acontecido, não imediatamente, mas a longo prazo, se ela tivesse se recuperado? Como estaríamos depois de três

anos? Dez? Até onde a crise e a recuperação pareceriam remotas dez anos depois?

Se meu julgamento de mim mesmo – que o ciúme sobreviveria – estiver correto, existem, ao meu ver, três possibilidades a serem examinadas:

(1)Eu deveria, de alguma forma, ter me tornado totalmente comprometido – mente e coração – como ela. Isso não aconteceu enquanto ela estava no hospital. Meu momento de oferta abnegada foi para o bem dela, o que pode ser o mesmo que o bem do Reino, mas não é com a mesma intenção. Meu compromisso era com ela.

Se, inimaginavelmente, meu dever para com Deus parecesse exigir que eu a deixasse no hospital para lidar com tudo sozinha, eu não teria feito isso. Nunca. Como Lewis bem observou, eu havia mudado de “nós” para “nós-e-Deus”, mas ainda estava a anos-luz do “Deus-e-nós” em meu coração pagão. Sendo assim, concluo que – a menos que Deus tivesse me compelido pela graça – eu não devo ter permanecido completamente comprometido como ela.

(2) Eu deveria ter tentado, com algum sucesso, prejudicar ou diminuir o compromisso dela com Deus, não admitindo, é claro, nem para mim mesmo, que estava fazendo isso. Ela teria se enchido de amor e gratidão por mim. Eu deveria ter falado sobre equilíbrio; o equilíbrio entre nosso amor um pelo outro e o amor por Deus. Não havia excesso em seu serviço a Deus se nosso amor fosse ferido por causa disso? Eu poderia, de fato, ter conseguido reduzir sua devoção a um nível “confortável”.

Com tal argumento, eu deveria estar, de fato, reintroduzindo o velho Apelo de uma forma um pouco modificada. Davy era humana – muito humana – e me amava. Pode ser que a proximidade no Mole End, começando com aquele café

da manhã de Ano Novo, tenha sido um enfraquecimento muito humano e pequeno de sua lealdade a Deus, devido a uma espécie de apelo silencioso de minha parte. Eu poderia ter enfraquecido sua fé. Ou tê-la contido para que ficasse em pleno vigor mais tarde. Mas acho que eu teria falhado. Ela estava muito à frente de mim no serviço a Deus, sobretudo em sua pura e simples rendição à Majestade lá, no hospital. Não se pode supor que Deus tenha visto com bons olhos meu esforço ou tenha deixado de sustentá-la.

(3) Eu teria passado a odiar Deus – ou Davy. Se não me tornei tão comprometido quanto ela e não pude enfraquecer sua fé, o que restaria? Restaria meu ciúme de Deus: ele renasceria. O Apelo ainda estaria quebrado. Começaria com meu afastamento de Deus, só um pouco a princípio. Mas a questão não é até que ponto, mas sim em qual direção. Longe ou na direção dele. E daqui a três anos? Ou dez? Tempo suficiente. E, no final, eu deveria ter passado a odiar Deus, que havia roubado meu amor, embora ela ainda estivesse viva. O ódio, sem dúvida, teria sido disfarçado como se eu estivesse deixando de crer. Ninguém admite ter ódio de Deus. Mas, então, com Davy completamente perdida para mim – eu não viria a odiá-la também? Sua santidade cada vez mais pareceria hipocrisia para mim. Ou fanatismo. Temos tantas palavras que servem. E, sobretudo, ela seria uma traidora de nosso amor. Então, cedo ou tarde, uma nova Jane, sem a inocência. E toda a Barreira Brilhante viria abaixo.

Essas possibilidades – as duas últimas – são quase muito assustadoras para serem contempladas. Porém, para ser honesto, devo enfrentá-las. Se a (1) não acontecer; se eu tentar a (2) e falhar; então a (3). Passo a odiar Deus. Ou Davy. Ou, mais provavelmente, os dois.

Nesse terrível julgamento, levo em conta o que sei sobre mim mesmo. Não sou de avançar com dificuldade dia após dia nem de aceitar calmamente horizontes estreitos. E, necessariamente, eu deveria ter ido em direção a Deus ou para longe dele. Se eu ver o amor mais verdadeiro de Davy por seu Senhor no hospital não tivesse me levado a buscá-lo primeiro, qualquer outra coisa teria feito isso – exceto sua morte? Contemplando essas terríveis possibilidades – a de passar a

odiar o meu Deus, passar a odiar o meu querido amor! –, clamo, mesmo enquanto escrevo: “Não, não! Meu Deus! Não poderia ter acontecido! Nunca!” Mas o que grita é o homem que vivenciou a morte de Davy naquela madrugada de inverno e tudo o que se seguiu.

Se meu raciocínio – meu julgamento – estiver correto, então a morte dela na estima de nosso amor teve estes resultados: levou-me, como nada mais poderia, a conhecer Deus e a acabar com meu ciúme dele. Impediu que sua fé fosse atacada. Trouxe-me, se Lewis estiver certo, a maior ajuda de Davy a partir da eternidade. E impediu que nosso amor perecesse de uma das outras maneiras que o amor poderia perecer. Não seria melhor que nosso amor passasse pela morte do que pelo ódio? Se a morte dela teve, na verdade, esses resultados, foi precisamente uma Misericórdia Severa.

Nosso amor teve de perecer, diz Lewis. Perecer em sua forma terrena ou, pelo menos, perecer totalmente em termos de ódio ou indiferença. Perecer a menos que pudesse ser redimido. Mas devemos acreditar que Deus decretou a morte dela? Ou a deixou morrer quando ele poderia tê-la curado, por causa desses bons resultados? Qualquer questionamento, parece-me, é muito simples. Creio que a criação seja um ato contínuo, e, embora Deus nos permita a escolha, sua eterna vontade está agindo de acordo com as consequências.

Nosso amor, para ser redimido, tinha de morrer para seu velho eu em nós dois, tínhamos os dois de buscar primeiro o Reino, tínhamos os dois de voltar nossos olhos para a “Fonte Eterna” de Dante, e cada um de nós tinha de estar contente com o outro fazendo isso. Ela teria ficado contente. Ela precisou morrer, por mais irônico que pareça, para me deixar contente com o fato de ter tirado seus olhos de mim e se voltado para a Fonte Eterna.

Mas depois – eu a condenei à morte? Como se eu tinha me voltado para a Fonte Eterna com adoração? Não haveria ciúmes, então. Somente o riso da Grande Dança. “Peça a Estrela da Manhã[46] e aceite (receba) / Seu amor eterno”. Se eu

tivesse feito isso, ela teria começado a ser curada? É claro que não sei. Não devo me atrever a responder a isso, pois Deus pode ter tido objetivos que fogem à minha imaginação. Contudo estou em paz com a questão.

C. S. Lewis disse, na Carta da Misericórdia Severa, que eu, por fim, eu viria a pensar como ele sobre meu amor com Davy, mas que eu pensaria “de maneira muito mais profunda e frutífera” do que ele poderia, porque me custaria muito mais. Este livro é, de fato, o fruto das ideias que meu amigo e meu “pai em Cristo”, todos aqueles anos atrás, deu-me. Eu lhe disse três anos depois daquela carta de maio, embora meu pensamento ainda não estivesse de todo formado, que eu sentia justiça e harmonia na morte de Davy.

Um ano antes de sua morte, Davy ofereceu sua vida por mim, para satisfação de minha alma. Se eu pude deixar de ter ciúme de Deus somente por meio da morte de Davy, se o amor com que Davy e eu nos amávamos só pôde ser salvo por meio da morte dela, se voltei meus olhos para a Fonte Eterna apenas por meio da morte de Davy, é improvável que sua oferta tenha sido aceita?

E se ofereci tudo o que eu era a Deus, seja lá o que eu pensasse que isso quisesse dizer na época, eu não estava, de fato, oferecendo-me a Deus, prometendo, por assim dizer, voltar-me para a Fonte Eterna? E isso não seria o melhor para Davy segundo o Deus em quem estava guardado o seu ser? É tremendamente misterioso: se ela desse aquilo que ofereceu, seria a satisfação de minha alma; e se eu desse aquilo que ofereci, seria o melhor para ela segundo Deus. A Grande Dança!

Havia outras orações, além das ofertas. Um ano antes de ir para o hospital, Davy, um pouco doente e com uma intuição sobre sua morte, orou por mais um ano. Seus sintomas eram os mesmos que aqueles que seriam a causa da sua morte. Depois de sua oração, ela ficou bem e cheia de energia. C. S. Lewis diria, anos mais tarde, sobre alguém que encara a morte e curou-se por algum tempo: “Pode haver uma prorrogação milagrosa bem como um perdão milagroso”. Davy orou

por mais um ano. Um ano depois, quase no mesmo dia, disseram que ela estava morrendo.

O prognóstico dos especialistas era que ela morreria em coma ou com uma hemorragia. Orei muito para que ela não morresse de nenhuma dessas duas formas, mas morresse, se é que tinha de morrer, de olhos abertos e consciente. Ela morreu improvavelmente acordada e plenamente consciente. Nenhum espanto. Como disse Lewis, “uma bela morte, um ato que consome (não, como tantas vezes, um evento que apenas cessa) a vida terrena”.

Orei para que me fosse permitido tomar seu medo da morte. Davy, entendendo esse tipo de substituição ou carregando o fardo de outra pessoa, entregou-me seu medo. E eu o aceitei, sabendo que seria bastante diferente de meu próprio medo da perda; e, com toda a minha força e imaginação, participei de seu medo. Ela parecia estar improvavelmente livre dele. Isso também foi uma insinuação da Grande Dança.

Muitos anos antes de eu conhecer Davy, minha cadela, Polly, foi atropelada por um carro. O veterinário não nos deu esperanças, porque aquilo paralisou os membros posteriores dela, e ele quis sacrificá-la. Mas, ao meu ver, era eu, que a amava, quem deveria fazê-lo. Voltei para Glenmerle, peguei Polly, meu rifle e um pedaço de bife, e fomos para a floresta. Ela comeu um pouco do bife para me agradar. Eu a acariciei e fiquei falando que ela era uma boa menina até ela dormir. Então, disparei.

Havia algo sobre a morte de Davy que era, muito remotamente, parecido. Considerando as orações e as respostas a elas, e considerando os eventos – ela saindo do coma, a pequena e alegre comemoração do nascimento de Cristo, e a maneira como ela morreu, levada para a luz –, não posso escapar da impressão de que Alguém estava sendo muito bondoso para conosco. Talvez Davy tivesse de morrer – por mim, pelo nosso precioso amor, por Deus. E eu tinha de viver com a tristeza, por Deus. Mas ele foi, talvez, tão bondoso conosco quanto

poderia ser.

Nosso amor de acordo com a Barreira Brilhante – por mais que não soubéssemos os significados de Deus – era em muitos aspectos inocente e bom. Nossa subordinação do eu ao amor foi, ao menos, um passo em direção à morte do eu, que é a demanda inexorável de Cristo. Buscamos o belo e talvez o bom, e chegamos, por fim, ao Messias.

Nosso amor foi conturbado por algum tempo pelo paganismo de meu coração, mas, ainda assim, amamos, e nenhum de nós foi consumido pelas paixões cruéis do ego. No final, tudo o que pedimos a Deus, mesmo a prorrogação da morte, foi nos dado – tudo, exceto a cura final. Mas nossa oração por isso foi sempre condicional – a minha pelo melhor para ela; a dela pelo bem do Reino.

Nosso amor – sob a terrível sombra – era profundo e claro. Se Deus salvou nosso amor – e, de fato, transformou-o em seu eu real e eterno – da única maneira possível, a morte de Davy, isso, para mim, apesar da dor e da solidão, valeu a pena. Quanto mais para ela, que me fez perdoar na Grande Dança! Terminamos como começamos – apaixonados. Nós até terminamos como começamos de outra maneira, pois, na época do coma, fomos, por alguns frágeis dias, jovens amantes vagando na primavera enevoada da Glenmerle desaparecida.

Somente o Próprio Amor, com uma Misericórdia Severa, poderia romper a Barreira Brilhante e, ao rompê-la, salvar aquele amor guardado para a eternidade por que ele ansiava; e o Amor e a Lei são uma coisa só.

Assim que a primavera em Ladywood terminou, com pensamentos de eternidade e o início de pensamentos sobre a Misericórdia Severa em minha mente e com minha tristeza em meu coração, fui viajar. E, em uma noite enluarada de junho, passei pelos portões de Glenmerle, atravessei o parque junto ao antigo lago de

lírios, agora seco, e fui até a ponte.[47]

CAPÍTULO 10

Epílogo:

A segunda morte

A COLLIE QUE MORREU

Não vou pegar uma Rajada[48] de vida e graça.

Perseguir o vento é pura tolice;

Apenas dizer que há um vazio sem vida em minha vida,

Por causa de uma pequena collie que morreu.

Eu ainda penso em sua bondade – tão feliz por ser boa!

Cortesia irrestrita imperou em sua breve vida,

Sem nunca pensar que, se quisesse, poderia desobedecer

E eu simplesmente perdoar.

Um assovio meu, e você deixava de lado sua brincadeira.

De orelhas em pé e com patas ansiosas a tamborilar,

Seu dever e seus desejos eram uma coisa só na alegre

E rápida corrida de sua chegada.

Mesmo agora, um assovio claro pode alcançar e até ultrapassar

Todos os limites e trazer de volta o corre-corre

De patas alegres que não deixam rastros, correndo sobre a grama,

E o roçar da sedosa cabeça.

Dois anos se passaram desde a morte de Davy – é novamente a morte do inverno –, e, nesses anos, a dor permaneceu como o notável fato de minha existência.

A Segunda Morte ainda não ocorreu, porém, mais um vínculo com Davy é quebrado quando Flurry se vai. Ela esteve conosco desde os dias pagãos no Grey Goose e em Horsebite, e encantou nosso grupo de estudantes.

Flurry e Davy tiveram um reencontro alegre naquele último dia de Natal, e ela foi uma companheira em minha dor. Sua bondade sempre me comoveu. Às vezes, à noite, quando saía para chamá-la, eu sabia, pelos latidos distantes, que ela estava brincando com outros cães e me perguntava se talvez ela preferisse não atender ao meu assovio. Mas então, no momento seguinte, eu ouvia o som rápido de patas, e lá estava um turbilhão de alegria.

Houve um vazio quando Flurry se foi – e é minha esperança – para se juntar à sua dona. Meu poema é, na verdade, sobre as duas.

Nessa época, dois anos atrás, quase no dia seguinte ao da morte de Davy, tive o sonho mais notável – se é que foi um sonho – de toda a minha vida. Sonho como

a maioria das pessoas sonha: cenas fragmentadas e meio esquecidas. Meus sonhos com Davy, por mais valiosos que fossem, eram tão normais que pareciam realmente sonhos. Mas agora eu havia tido um sonho – o “Sonho da Visão de Oxford” – tão rico em detalhes, tão significativo, tão diferente de tudo o que sonhei antes ou depois que a grande questão era decidir se eu deveria acreditar que ele representava uma realidade. Eu estava tão ciente de seu significado durante o sonho quanto estava depois de acordar. Quando tive tal sonho, lá no Mole End, eu estava prestes a navegar para a Inglaterra; mas, em meu sonho, eu já estava em Oxford. Se o sonho representava a verdade – se eu estivesse sonhando com a verdade –, então vinha de Deus.

O SONHO DA VISÃO DE OXFORD

Era de manhã. Eu havia voltado a Oxford dois anos depois da morte de Davy e encontrado acomodação em um quarto térreo com a porta aberta para um grande jardim, com caminhos que formavam ângulos por todos os lados. Eu havia acabado de me vestir para dar uma aula logo cedo, na universidade.

A luz do sol da manhã inclinava-se na direção das janelas. Ouvi um som baixo e virei-me: era Davy. Eu estava bastante ciente de que ela estava morta e, instantânea e impressionantemente, ciente de que algo milagroso estava acontecendo. Eu estava, disse a mim mesmo, bem acordado.

“Davy!”, gritei. Ela me deu um sorriso largo. Senti pura alegria ao dar um passo em direção a ela, mas também me senti um pouco vacilante, hesitante.

“Tudo bem, querido”, disse ela e estendeu os braços. Atirei-me a eles. Nós nos abraçamos e nos beijamos – o beijo foi o céu. Mas, mesmo em meio à alegria, eu estava ciente, com uma espécie de assombro, de que ela estava quente e sólida. Não era assim que os fantasmas deveriam ser... Mas eu podia sentir seus ombros

debaixo de minhas mãos.

Afastei-me e olhei para ela. Sua aparência era exatamente como sempre foi, até os ligeiros círculos escuros sob seus olhos. Senti-me muito grato a ela; e a Deus, por deixá-la vir.

Havia também um pequeno toque de timidez, hesitação, por não saber de fato quais eram as regras, por assim dizer, para esse tipo de experiência. Afastando-me, olhei para seu rosto, suas roupas, em um ou dois segundos. “Davy, Davy!”.

“Ah, meu querido!” Então, ela acrescentou: “Eu não posso ficar muito tempo”.

Nós nos aproximamos e nos sentamos na beira da cama, com os braços em volta um do outro, e eu disse algo sobre ser grato para sempre por ela estar ali. Então, não pude resistir e perguntei como ela, no céu, poderia ter sombras escuras sob os olhos.

Ela deu uma risada, conhecendo-me, e então disse seriamente: “Eu não sei dizer. Não posso dizer muita coisa”.

Sorri de volta para ela. “Tem lógica”, eu disse. Então, depois de um pequeno silêncio, perguntei: “Você pode me dizer uma coisa, querida? Você está – bem, comigo às vezes? Às vezes penso que você poderia estar”.

“Sim, estou”, respondeu. “Eu sei de tudo o que você faz.”

“Graças a Deus!”, eu respondi.

Em seguida, perguntei, muito casualmente: “E minhas cartas para você – você as leu? Por cima de meu ombro, talvez?”

Ela sabia – nós sempre soubemos – que isso era importante para mim. > Seus braços ao meu redor se apertaram, e ela disse em voz baixa: “Sim, querido. Eu li todas”.

Então nossos olhos se encontraram naquele olhar de perfeita compreensão – aquele olhar de quem conhece – do qual eu sentia falta mais do que qualquer outra coisa.

Depois disso, ficamos sentados ali, na beira da cama, abraçados, de rostos colados. Outras coisas foram ditas, e houve risadas. E eu estava tomado de felicidade.

Não me lembro de suas palavras exatas, mas ela me deu a entender que queria esse encontro tanto quanto eu poderia ter querido; e lembro-me de pensar que Deus o havia permitido porque ele a amava.

Por fim, ela disse que precisava ir, e aceitei sua ida em paz. Ela saiu pela porta, e eu fiquei encostado na entrada, observando-a atravessar o jardim e atravessar o beco. Então, ela se foi.

Voltei para o quarto, pensando: “Como fui abençoado!” Era, é claro, tarde

demais para a aula. Pensei em ir até a High e tomar o café da manhã. Coloquei minha gravata e minha jaqueta, enquanto pensava muito alegremente sobre essa maravilha que havia acontecido. Então – lá estava ela de novo. Mas com uma diferença. Ela permaneceu ali, simplesmente sorrindo um pouco; e agora, percebi, eu podia ver através dela. Então, enquanto a observava, ela levantou a mão em um pequeno aceno, começou a desaparecer e se foi.

Murmurei para mim mesmo, fazendo uma distinção que agora não entendo completamente: “Esta foi uma aparição, e a outra, uma visão. Querida Davy! Ela voltou só para me mostrar que realmente está comigo”. E sorri para o canto onde ela havia estado e talvez ainda estivesse. Depois saí.

Havia muito mais no sonho, de igual modo real e rico em detalhes. Fui tomar café da manhã, e encontrei amigos. A garçonete se confundiu e esqueceu o bacon. Comecei a contar para um dos amigos sobre a visão e percebi, depois de algumas palavras, que quem não teve uma visão não poderia acreditar, então mudei de assunto. Depois do café da manhã, acompanhei-o até a The House, mas deixei-o e abriguei-me na entrada da St. Aldate, quando a chuva chegou.

Acordei na Virgínia. O que eu deveria fazer com esse sonho extraordinário? Foi apenas um sonho? Ou algo mais? Lembrei-me do que C. S. Lewis havia dito sobre a relação entre o significativo e o fortuito no ato total da criação. Então, como esse sonho poderia ser apenas o efeito colateral do que eu havia comido no jantar? Concluí que ele deveria conter, em algum nível, a verdade. Era uma espécie de “tudo ficará muito bem”. Isso me deixou com uma felicidade serena e pacífica que durou muito tempo.

Quinze dias depois, eu estava a bordo do navio a caminho da Inglaterra. Certa noite, subi até o convés. Estava muito frio, e o gelo flutuava no oceano escuro. Em minhas mãos estavam o anel com o ganso cinzento de Davy e sua aliança com os dez pequenos diamantes – um para cada um dos meses em que nos conhecíamos, antes de eu o colocar em seu dedo. E um para cada capítulo deste

livro, talvez. Apenas mais alguns diamantes e teria havido um para cada um de nossos anos juntos. Agora eu os jogava silenciosamente no mar profundo.

Liverpool, e o trem para Londres. Comigo estava um amigo que também havia estado no navio, e estávamos planejando uma quinzena em Londres antes de eu ir para Oxford. Mas, lá no trem, correndo pela noite, fui tomado por uma urgência terrível de chegar a Oxford. Foi repentino; não havia nenhuma causa aparente, mas foi irresistível.

Nunca conheci nada tão poderoso sem algum tipo de razão. Ainda assim, eu disse ao meu amigo que Londres estava descartada. Um táxi para Paddington, onde liguei para um pequeno hotel na Banbury Road. E, depois, o trem para Oxford. Outro táxi – não olhando para fora – para o hotel. Fiz o check-in e deixei minhas malas. Então saí para a noite escura e nebulosa de Oxford.

No mesmo instante fiquei impressionado com Oxford. O ar em si eram uma mistura familiar de fumaça de carvão e névoa. Sinos tocavam em algum lugar. Nunca um lugar como esse – com seu cheiro e som característicos – teve um impacto tão grande em mim.

Davy! – ela e eu saímos juntos dali, em um inverno como aquele; e agora eu voltava sozinho. Esta era a cidade, para nós, de Deus. E a cidade de uma centena de amigos, embora todos, exceto os tutores, tivessem ido embora.

Andei naquela noite pela cidade como um fantasma, ouvindo os sinos, espiando na escuridão a torre de St Mar y’s; a Turl Street e a Jesus College; o volume escuro da Biblioteca Bodleiana; a Beaumont Street e, na St John’s, a estreita passagem para a Pusey Lane.

Parei de novo, em meio à névoa, na rua de paralelepípedos iluminada por lâmpadas a gás. Lá estava o Estúdio, escuro e vazio. As lágrimas em meu rosto se misturaram com a névoa. Então, na escuridão, fui até o vilarejo de Binsey e segui para o pátio da igreja onde Edmund havia espalhado um punhado de cinzas [de Davy]. Fiquei sentado ali por muito tempo em uma lápide coberta com musgo, cantarolando a canção da dama doce e afável em minha mente.

Ao voltar para Oxford, pensei na “Canção dos Dois Amantes” – o verso que fala que eles estavam ali, nas ruas vazias e frias sem uma chave. Ela poderia ter sido escrita para esta noite; mas, se houvesse uma velha casa cinza junto ao mar para Davy e eu, ela provavelmente estava à nossa espera no oceano da eternidade.

Nos dias que se seguiram, encontrei acomodação na Wellington Square – eu ficaria na Inglaterra por meio ano – e procurei as poucas pessoas que conhecia. Fazia vários meses que eu não trocava cartas com C. S. Lewis. Tentei esperar até que tivesse algo a dizer-lhe, e agora fiquei sabendo, para meu espanto, que ele estava casado. Lewis não havia dito nada sobre essa possibilidade na carta que recebi em setembro, que falava das “conversas boas e longas” que teríamos “e, quem sabe, nos embriagar”.

Assim que me estabeleci, escrevi para ele em Cambridge, dizendo que estava na Inglaterra e perguntando se ele estava, de fato, casado. Lewis respondeu em 7 de março:

Sim. Casei-me (conscientemente) com uma mulher muito doente, quase moribunda: Joy Davidman, cujo livro Smoke on the Mountain você talvez tenha lido. Ela está no Wingfield, e, claro, passo todo o final de semana que posso ao lado de seu leito. Se você puder me encontrar no trem das 13h15, que chega de Bletchley, no sábado, poderíamos almoçar juntos no Royal Oxford, antes de eu pegar o ônibus para o hospital.

Nós nos encontramos lá, e ele me disse que havia se casado com Joy em uma cerimônia civil, apenas como um ato de amizade, para impedir que o governo a deportasse para os Estados Unidos como uma comunista – embora ela tivesse sido comunista no passado e, de fato, uma cristã judia. Eles haviam até elaborado um documento declarando que o casamento não era real. Mas, em menos de duas semanas após nosso almoço, Lewis se casaria com ela conforme mandava o sacramento, com um sacerdote ao lado do leito no hospital. Ele me contou que passou a amá-la e queria levá-la para morrer em sua casa, conhecida como The Kilns. Mas Lewis disse, com certeza, que estava apaixonado por ela.

Ele e eu nos encontramos muitas vezes para almoçar nos meses seguintes, e fui várias vezes a The Kilns, em Headington, Oxford, para conversar com Joy ou com os dois. Ela estava, é claro, na cama – correias de suporte penduradas no teto. Não se esperava que Joy vivesse mais do que um ano, ou, é claro, que saísse da cama. Apesar da dor – ela se contorcia de vez em quando enquanto conversávamos –, Joy era alegre e interessada em tudo.

Então, um dia, peguei o trem para Cambridge. Era um belo dia de primavera, e eu tinha o departamento todo para mim, com todas as janelas abertas. O trem serpenteava devagar e bem agradavelmente pela Inglaterra, parando muitas vezes para os passageiros descansarem, ou admirarem os canteiros de flores, enquanto pássaros cantavam por toda a parte. Lewis disse mais tarde que ele e seus amigos chamavam o trem de Cantab Crawler.

Em Magdalene, eu tinha o antigo quarto de Pepys. Depois do jantar à mesa principal, com brincadeiras bem-humoradas sobre homens de Oxford vindo para Cambridge, Lewis e eu conversamos até bem tarde em seus aposentos. Foi, na verdade, uma das melhores noites de conversa de que me lembro; e foi nesse momento que comecei, a seu pedido, a chamá-lo de Jack, pelo menos durante nossas conversas.

Lembro-me de que falamos sobre amor e dor – a dor que eu ainda estava

sentindo e que ele estava prestes a enfrentar. Lewis me disse que estava orando pela recuperação de Joy e pediu-me para orar por isso, o que, é claro, eu fiz. Ele revelou que, por causa de Joy, havia passado a ver por uma nova perspectiva certas coisas que eu havia dito sobre meu amor por Davy.

Contei-lhe o que eu pensava sobre a relação da dor com a presença do ser amado, como a última evoca a primeira. Falei que eu acreditava que Davy também havia sofrido o luto e a tristeza, e, nesse contexto, contei-lhe sobre o "Sonho da Visão de Oxford".

Ele ficou pensativo sobre a ideia dos mortos em luto, e disse que não via razão para que isto não acontecesse. Eu revelei que temia perder a realidade de Davy, mas que a Iluminação do Passado, agora há muito tempo, parecia imprimir sua realidade em minha mente.

Um de nós sugeriu, naquele momento ou mais tarde, que, se os mortos ficassem conosco por um tempo, isso talvez fosse permitido, em parte, para que pudéssemos apegar-nos a algo de sua realidade.

Lewis, que evidentemente havia pensado mais sobre a ideia de que os mortos também experimentavam tristezas, tocou no assunto de novo, dizendo que o avanço da alma em direção ao Ser Eterno poderia exigir a experiência do luto, seja em vida ou após ela.

Houve outra viagem a Cambridge, e naquela noite falamos sobre poesia, incluindo seus cinco poemas, que eu praticamente havia memorizado, e sobre mitologia grega.

Em alguma carta eu havia expressado a ideia de que Jane, em Uma força medonha, era uma espécie de estereótipo, e, na resposta de Lewis, agora lamentavelmente perdida, ele disse que eu deveria dar uma olhada na mulher de seu próximo livro. Ela era Orual, e o livro, que considero um dos maiores romances do século, intitulava-se Até que tenhamos rostos.[49] Então, reconsiderei tudo: Orual não era um estereótipo; ela era, de fato, uma grande personagem. Mais uma vez, foi uma grande noite de conversa.

C. S. Lewis foi uma presença forte, genial, estimulante e amorosa em minha vida desde os dias de Oxford até a morte de Davy e também durante a imensidão da dor que se seguiu. Ele foi, acima de tudo, um amigo. E, embora meu livro esteja chegando ao fim, com seu tema principal concluído ou quase concluído, proponho continuar o tema de Lewis e Joy, brevemente, por meio de trechos de suas últimas cartas endereçadas a mim. Faço isso, pelo menos em parte, por causa de alguns curiosos paralelos entre minha experiência, contada neste livro, e a dele.

Quando recebi a nota de Lewis em março, e quando estávamos juntos em Cambridge e na The Kilns, Joy estava moribunda, mas Lewis e, sem dúvida, Joy estavam orando, como eu, pela recuperação dela. No outono, quando voltei para a Virgínia, os excertos[50] começam. (As elipses aqui são minhas.)

Lewis escreveu:

[27 de novembro de 1957] Minhas notícias continuam melhores do que jamais ousamos esperar. Os ossos cancerosos se reconstruíram de uma maneira muito incomum, e Joy agora pode andar: com uma bengala e mancando, é verdade, mas anda – e, há menos de um ano, ela precisava de três pessoas para movê-la na cama, e, muitas vezes, nós a machucávamos quando fazíamos isso. Sua saúde, em geral, e sua disposição parecem excelentes. Claro que a espada de Dâmocles[51] está sobre nós. Ou deveria estar. Digo que as circunstâncias abriram nossos olhos para ver a espada que realmente paira sempre sobre todos.

Esqueci que eu mesmo comecei a ter problemas nos ossos (osteoporose) quando você esteve conosco. De qualquer forma, estou muito melhor agora e já não sinto dor. Uso uma cinta cirúrgica e talvez nunca mais possa dar uma boa caminhada, mas isso não me preocupa de modo algum. O curioso é que, enquanto eu (por nenhuma razão conhecida) estava perdendo o cálcio de meus ossos, Joy, que precisava de muito mais, estava ganhando nos dela. Há quem imagine a substituição segundo Charles Williams! Bem, nunca houve um presente dado com mais alegria, mas não devemos ser fantasiosos.

É bom estar apaixonado pela Hélade,[52] espero. Meu irmão está bem. Escreva de vez em quando.

Claro que você está em minhas orações como eu estou nas suas.

[26 de abril de 1958] Uma carta sua é sempre um refrigério. Primeiro, [respondo a] sua pergunta. Joy continua a melhorar. Na verdade, exceto pelo fato de que se tornou uma deficiente que manca (os médicos, e não a doença, encurtaram uma de suas pernas), ela goza de plena saúde. Ela fez um raio X na semana passada, o que mostrou que os ossos se reconstruíram e estão “firmes como uma rocha”. O médico, evidentemente sem o que um cristão consideraria como algo de fato sério, usou a palavra milagre. Eu também estou, a propósito, quase completamente restabelecido. Às vezes, tremo quando penso até onde Joy e eu deveríamos ser bons: até onde teríamos prometido ser bons se Deus nos tivesse oferecido essas misericórdias a esse preço... Deus abençoe você. Eu gostaria que morássemos mais perto.

[15 de dezembro de 1958] A recuperação de minha esposa é, na verdade, mais semelhante à ressurreição. Fomos para a Irlanda juntos. Ela anda (com uma bengala e mancando) pelo bosque atirando em pombos – ou, enfim, mirando pombos; fomos juntos ao Ampleforth Arms. Meu irmão também está bem, e

minha própria doença nos ossos não está curada, mas estou bem – enfim, quiescente... Completei há pouco meu sexagésimo aniversário. Oro por você todas as noites e gostaria muito de encontrá-lo. Muitas felicidades com o amor caloroso de todos nós.

[A carta (ou as cartas) seguinte(s) foi (foram) extraviada(s).]

[16 de abril de 1960] Você deve orar por mim agora. O câncer de Joy voltou, e os médicos não deram esperança. É claro que isso é irrelevante para a questão de saber se a recuperação anterior foi um milagre. Pode haver uma prorrogação milagrosa e um perdão milagroso, e Lázaro ressuscitou dentre os mortos para morrer de novo. Não posso escrever muito mais; você pode imaginar o porquê.

[Ao receber a carta supracitada, enviei-lhe imediatamente a reprodução escultural de um Cristo normando do século 12, que estava pendurado acima de minha cama, pedindo que ele não escrevesse. Joy morreu no dia 13 de julho. Em julho ou agosto, Lewis escreveu sobre sua tristeza, uma carta que não guardei, exceto por um trecho sobre o Cristo normando, do qual ele não gostou a princípio, embora Joy tivesse gostado: “Mas ele tem crescido em mim gradualmente... Acredito que ainda significará muito para mim”.]

[23 de setembro de 1960] Somos... muito parecidos em nossa reação à dor, e vejo muita sabedoria em seu poema. [Possivelmente, A Barreira Brilhante.] Minha grande descoberta recente foi que, quando choro menos pela morte de Joy, mais próximo a ela me sinto. O sofrimento apaixonado nos separa dos mortos (há canções e contos folclóricos que sugerem isso). Você acha que grande parte do ritual de luto tradicional tem, inconscientemente, esse mesmo propósito? É claro que a mente primitiva fica muito ansiosa por mantê-los afastados.

Como você, não consigo imaginar o verdadeiro Eros me visitando duas vezes. Ainda me sinto casado com Joy.

[30 de junho de 1962] Estou agora mais convalescente (aparentemente) do que nunca. A solidão aumenta à medida que a saúde se recupera. É preciso ter a capacidade de estar feliz para estar plenamente ciente da ausência da felicidade. Vamos falar de mil coisas quando você chegar.

Nestas cartas e em várias posteriores (bem como em minhas cartas para ele), falamos, é claro, de uma centena de outras coisas. Brinquei misteriosamente sobre um passo drástico que eu estava considerando dar havia algum tempo: afastar-me do mundo acadêmico para dedicar-me a uma vida na escuna; e falamos de assuntos literários e teológicos.

Eu veria Lewis mais uma vez, em 1963, quinze dias antes de sua morte. Tomamos chá na The Kilns e conversamos sobre oração e livros, incluindo meu livreto Encontro com a luz (escrito dois ou três anos antes), do qual ele havia gostado. Lewis foi do tipo incisivo de sempre; embora, por causa de sua doença, ele tenha cochilado momentaneamente durante a conversa. Marcamos uma data para um futuro reencontro. Quando chegou o dia, ele já havia morrido. Soube depois que o Cristo normando que eu lhe tinha dado estava sobre a cabeceira de sua cama quando ele morreu.

Em conexão com meus pensamentos anteriores sobre o tempo, Lewis e eu, em nossa amizade, fomos um pouco atormentados pelo tempo; em minha viagem, em 1957, à Inglaterra, ele estava se casando com uma mulher aparentemente moribunda, e, quando voltei, era ele que estava morrendo.

Davy, doente e acreditando que estava morrendo, orou por mais um ano e recuperou-se – por um ano. Lewis e Joy, quando ela parecia à beira da morte,

oraram, e ela esteve curada – por alguns anos. Em ambas as doenças, pode ter havido uma substituição segundo Charles Williams.[53]

Quando Lewis e eu conversamos sobre a perda e a dor que eu estava experimentando, ele, inacreditavelmente, estava a apenas alguns anos de sofrer uma experiência similar de dor. Quando estava passando por ela, Lewis deve ter se lembrado de tudo o que dissemos sobre a natureza da dor. De fato, na carta dois meses após a morte de Joy, ele escreveu: “Somos muito parecidos em nossa reação à dor”. E estávamos unidos, também, na crença de que o genuíno estado de apaixonados é, como eu disse em meu poema A Barreira Brilhante, uma “graça uma vez dada”, pois ele escreveu: “Como você, não consigo imaginar o verdadeiro Eros me visitando duas vezes”.

Quando Lewis morreu, lembrei-me de seu grande grito do outro lado da Oxford High Street: “Cristãos NUNCA dizem adeus!” Na eternidade haverá “tempo suficiente”. E como disse Jack: “Vamos falar de mil coisas quando você chegar”.

Voltando ao tempo em que fiquei na Inglaterra, em 1957, meu tempo lá, após a segunda viagem a Magdalene, no Cantab Crawler, estava chegando ao fim.

Apenas 15 dias antes de embarcar, fui ver um amigo em Lincoln. Ele havia me dito como encontrar seus aposentos na Cathedral Square, uma vez que chegaria um pouco mais tarde.

O trem chegou perto do pôr do sol, e, enquanto eu subia as ruas íngremes, passando por casas antigas, em direção à catedral no alto, o ar estava repleto de uma luz dourada. Davy e eu nunca havíamos estado em Lincoln, mas agora, depois de caminhar um pouquinho, tive uma sensação extraordinária de sua presença ali.

Houve muita paz em sua presença, se é que Davy estava ali. Não senti um nó na garganta nem lágrimas brotaram em meus olhos, apenas a sensação de sua presença. E enquanto eu subia aquela colina, Davy parecia andar levemente ao meu lado.

O sol estava se pondo. O dourado ficou vermelho. Gralhas circulavam, voando para seu lar nos ninhos nas torres da catedral. O grande sino bateu meia hora. A catedral estava rosada ao pôr do sol. E Davy, ao meu lado. Eu estava tranquilamente feliz. Tudo estava muito bem.

Não pensei naquela adorável subida até as torres rosadas como uma despedida, mas talvez fosse. Mais tarde, eu viria a pensar nisso como a última coisa que nós fizemos.

De volta à Virgínia, não mais morando no Mole End, descobri que minhas lágrimas haviam secado. A dor passou. Quando cheguei a Ladywood, não havia a sensação de Davy estar lá comigo, nem qualquer sensação de que ela ainda estivesse no vento.

Se eu escrevesse para ela – tentei, mas uma só vez –, eu me via dizendo “ela”, em vez de “você”. A sensação de ser uma carta real desapareceu. Não havia mais sonhos. Pode ser que, por meio do poder evocativo da música, eu tenha sentido uma pontada de dor, mas não queria forçá-la ou prolongá-la além de seu prazo natural. Isto – o desaparecimento da sensação da presença do amado e, portanto, o fim das lágrimas – é a Segunda Morte.

Não pude evitar a impressão de que a Segunda Morte era uma retirada – que Davy se retirou de mim. Parecia algo mais ou diferente do que um simples

estado psicológico em mudança dentro de mim. Parecia corresponder a alguma realidade, algum acontecimento espiritual real. Se, de fato, a dor é uma resposta à presença – aparente ou real – dos mortos, então o fim da dor pode corresponder a algum afastamento necessário da parte deles. Aquela caminhada até a catedral poderia ter sido, na verdade, uma despedida.

O desaparecimento da dor não é seguido pela felicidade. É seguido pelo vazio.

C. S. Lewis, em sua carta sobre a eternidade, citou-me dizendo que meu amor por Davy deve, em certo sentido, ser morto – e "Deus deve fazer isso". Agora talvez Deus estivesse fazendo isso. E era, precisamente, meu amor terreno por ela – um amor terreno que duraria enquanto ela parecesse estar por perto – que estava sendo morto.

Esse amor não morreu quando Davy morreu – não morreu talvez em nenhum de nós – e me sustentou na dor que pode ter sido nossa dor. Ela estava perto de mim, ao que parecia, acordado ou sonhando – sobretudo naquele sonho incrível. Eu a senti no vento. Eu havia corrido de Londres a Oxford para encontrá-la na noite enevoada. Eu havia subido as ruas de Lincoln com ela. Agora tudo aquilo se foi, deixando o vazio. Eu queria a dor de novo, não por ela em si, mas por sua consequência natural: a presença que a traz à tona. Mas ela não nos é permitida. Havia apenas vazio. Eu estava vazio emocionalmente. (Minha mãe, a quem eu amava, morreu, e não consegui sentir nada. A vida perdeu o encanto.)

A Segunda Morte, em muitos sentidos, é algo mais difícil do que a primeira, só que, é claro, ninguém tem lágrimas para ela.Escrevi para Lewis sobre isso em novembro, e, na primeira metade da carta de 27 de novembro já entregue (a carta, embora dividida, está completa), ele respondeu:

Não parece que já se passou um quarto de ano desde que você era um visitante

tão bem-vindo a Oxford.

Percebo o que você diz: que está agora em seu segundo luto; aquilo que o priva do luto propriamente dito. E, como você pode firmemente ver, está “de acordo com a Lei”. Sinto que você talvez esteja certo em pensar que o desvanecimento da amada “tal-como-ela-era” é uma condição necessária da relação eterna e além da morte. Não podemos conjecturar (estou me repetindo?) que, quando Nosso Senhor disse “é para o bem de vocês que eu vou”, ele afirmou algo verdadeiro por excelência acerca de si mesmo, mas também verdadeiro, em certo grau, acerca de todos os seus seguidores?

A Segunda Morte e retirada de Davy para as Montanhas da Eternidade – o que quer que isso signifique – não significa, é claro, que eu a ame menos, embora agora seja um amor sem o imediatismo da carne. Por causa do sonho que erigiu a Barreira Brilhante, por causa da intensa partilha de amor e beleza, por causa de Cristo, da morte e da dor, talvez estivéssemos tão próximos quanto os seres humanos podem estar. E a união assim criada irá, acredito, transcender a morte; ela perdura e irá perdurar.

Enquanto Davy morria, eu estava, o mais intensamente possível, com ela. Suas últimas palavras foram para mim. Sua mão cegamente estendida encontrou meu rosto, como ela sabia que encontraria. Quando eu mesmo chegar a atravessar essa fronteira que ela atravessou, acho que encontrarei sua mão e ouvirei sua voz antes de mais nada. Talvez no velho lago de lírios em Glenmerle.

Mas, em meus pensamentos sobre ela, volto repetidas vezes àquela antecipação da eternidade no convés do Grey Goose: a beleza atemporal e a proximidade da noite do fogo no mar. Uma imagem não do passado, mas do que há de ser.

Sob a misericórdia.

FiM

Posfácio sobre a gênese de

Uma Misericórdia Severa

Além da pergunta “onde fica Glenmerle?” – decorrente de um apetite sem sentido por fatos irrelevantes para o que Glenmerle eternamente significa –, a pergunta mais comum sobre Uma Misericórdia Severa é: “Por que você esperou tanto tempo para escrever este livro?” Esta pergunta, implicando um propósito original, ainda que irresoluto, de fazer isso algum dia, precisa ser reformulada para “por que você escreveu este livro neste momento?”, mas ela merece uma resposta.

Felizmente, não havia intenção original de trocar a privacidade pela exposição da forma impressa. Se, de fato, eu tivesse tido de imediato a intenção de escrever um livro, teria sido não apenas um livro ruim, mas também imenso, pois eu não teria tido a vontade de omitir alguma memória preciosa e, pior, eu teria sido incapaz de ver a forma essencial do que foi.

Em vez disso, refleti sobre o passado, vendo-o ano após ano por uma perspectiva mais nítida, embora mais distante. As colinas, por assim dizer, fundiram-se à planície, enquanto as Blue Mountains se erguiam. Nossa vida, incluindo a morte de Davy, adquiriram forma em minha mente.

De fato, eu estava me preparando para escrever um livro que não pretendia escrever. Assim como um escultor pode contemplar um bloco de pedra, vendo ainda mais claramente o que está dentro dele e, só então, começando a remover as partes que ocultam essa forma, eu, contemplando o passado, vi de modo ainda mais claro a forma essencial, movendo-se no tempo, escondida dentro do bloco de sete mil dias. Arte é, em primeiro lugar, ver e depois revelar.

Para dizer como cheguei por fim a escrever o livro, devo explicar que fui um daqueles pegos pelo espírito e pela iniciativa da década de 1960, sobretudo o Movimento pela Paz. Pensei: Cristo, certamente me colocaria em posição de oposição ao que parecia uma guerra injusta. Mas o movimento, quaisquer que fossem seus ideais, carregava muito ódio. E Cristo foi, gradualmente, empurrado para segundo plano; os objetivos do movimento, não Deus, tornaram-se prioridade, de fato, não apenas para mim, mas para outros cristãos envolvidos, incluindo clérigos.

Penso agora que deixar Deus em segundo plano (o que, por fim, é o mesmo que o tornar um zero à esquerda) é, pura e simplesmente, o maior perigo na ação social, sobretudo em vista das acentuadas insinuações de virtude – e até da virtude arrogante – que muitas vezes a acompanham de forma perigosa.

Alguns talvez consigam evitar esse perigo. Mas eu não estava obedecendo ao primeiro e maior mandamento: amar a Deus em primeiro lugar. Nem está claro que eu estava obedecendo ao segundo: amar ao meu próximo. Odiar os opressores do meu próximo talvez não seja exatamente o que Cristo tinha em mente.

Contudo a década de 1960 acabou, exceto por alguns bispos tardios que haviam chegado no início da década de 1970. Quanto a mim, veio aquilo de que eu me lembraria como um período de cutucadas na direção de Deus – ou talvez de sacudidas na corda bamba... Pequenas coisas em si mesmas, cada uma com o efeito de deixar-me pensativo em relação ao meu Deus ainda distante. Uma delas foi simplesmente um livro, enviado por um amigo, no qual algumas palavras familiares de C. S. Lewis sobre a alegria (cf. p. 206) estavam destacadas, trazendo-as assim para um foco nítido. Coloquei-as em um papel e fiquei olhando para elas durante meses.

Então, em uma noite de outubro, eu estava confortavelmente lendo um romance policial em minha cama quando, de repente, no meio da página, fui tomado por um desejo urgente de reler o primeiro livro de Lewis que eu havia lido: Além do Planeta Silencioso. Peguei-o e li a primeira página, em que não tinha nada muito importante. No entanto, quando cheguei ao final daquela página, lá estava eu de volta à Obediência. Orei. Deus vinha em primeiro lugar.

Anos antes, eu havia doado minhas cartas de Lewis à Biblioteca Bodleiana, em Oxford. Nesse momento, escrevi pedindo cópias delas, enquanto continuava a ler os livros de Lewis e de Charles Williams, só terminando o romance policial depois de ler todos os livros, incluindo os acadêmicos, que eles haviam escrito. Quando cheguei à minha casa, em uma noite, e descobri que minhas cartas de Lewis haviam chegado de Oxford, só tirei meu casaco e cachecol depois de ler todas elas, não sem uma ou duas lágrimas por conta de sua amizade amorosa.

Em janeiro (1976), reli as cartas e, então, ainda sentado ali, comecei a lembrar. O que aconteceu foi repentino. Em um momento, nada mais estava longe de minha mente: 30 segundos depois, eu começaria a escrever um livro intitulado Uma misericórdia severa.

É tanto que sei! Além de saber, acredito (e acreditei na época) que, uma vez que as cutucadas e, por fim, a irresistível graça (ou, pelo menos, não resistida) fizeram-me lembrar da Obediência, agora eu era instruído a escrever: vocatio. De qualquer forma, havia uma terrível urgência em fazê-lo.

No entanto eu só poderia começar a escrever de fato nas férias, pois, para mim, a escrita requer longas horas de concentração total. Por ora, porém, eu conseguia pensar. E orar, incluindo, apesar da boa saúde, uma oração para viver tempo suficiente para escrevê-lo.

Antecipei enormes problemas. Um deles foi conciliar meu senso de que um livro sobre mim e Davy não deveria começar antes de lidarmos com meu desejo de definir a cena de Glenmerle com antecedência para evitar parênteses no capítulo sobre a Barreira Brilhante. Pensando nisso pela milésima vez em uma noite, não vi saída. Na manhã seguinte, a solução estava nítida antes que eu pudesse abrir os olhos. Eu começaria com a caminhada noturna em Glenmerle – que, na verdade, ocorreu no final da história –, transformando-a na abertura de uma música que anunciava todos os temas que, mais tarde, seriam desenvolvidos, distanciada um pouco pela narração em terceira pessoa.

Quando comecei a escrever no primeiro dia de junho, o formato do livro estava definido. Escrevi cada capítulo três vezes antes de passar para o próximo; e foi, como aquela antiga Iluminação do Passado, como reviver tudo aquilo com lágrimas, risadas e uma compreensão mais profunda.

Fiquei completamente absorto: sete dias por semana, acordando e começando a escrever às três horas da manhã, e continuando sem pausa para as refeições até quase três horas da tarde. Foram muitas xícaras de café. Noites corrigindo e lendo os diários. Noites sonhando e, de alguma forma, pensando. Muitas vezes acordei sabendo que algo imprevisto deveria ser mencionado.

Orei muito, quase de hora em hora, para que Cristo estivesse em mim, falasse por meu intermédio. Talvez, por causa da oração, um problema antecipado – onde traçar a linha entre franqueza e reticência – parecia, junto com outros, resolver-se sozinho. Dois dias depois de meados de agosto, parei; o terceiro rascunho estava pronto. Outro, mais tarde.

Nesse momento enviei cópias aos amigos, observando suas sugestões em meu manuscrito. Também escrevi para alguns editores, enviando comentários de amigos, dizendo que o manuscrito estava incompleto, datilografado com espaçamento de linha simples de ambos os lados. Será que eles gostariam de dar uma olhada?

Vários aceitaram o desafio; e, ao enviar o manuscrito, não escondi que outros também o estavam lendo. Eu estava, de algum modo, confiante, sentindo que Deus estava por trás disso. Como um cachorro que abana o rabo quando agrada ao dono, eu estava cheio de esperanças. Em outro nível, algumas frases de Masefield[54] perseguiam-me:

Para que todos os homens elogiem certa beleza, conte uma história,

Mostre o bom humor que faz todo o resto parecer pálido,

Derrame o sangue do coração deles para florescer uma folha verde, Siga

certa Helena para receber o presente da dor...

Em 30 de novembro, perto do período dos exames finais, [recebi] uma carta do Sr. Edward England, da Hodder & Stoughton, Londres. Eles publicariam o livro se o rascunho final fosse enviado até a primeira semana do ano novo. Alerta geral! Acordado às três horas da manhã, etc.

Uma carta muito encorajadora de seu colega Tony Collins. Durante todo o mês de dezembro, com exceção da véspera e da tarde de Natal, foram 14 horas diárias e, à noite, revisões finais.

Em 30 de dezembro, doze meses após sua concepção, o livro estava concluído. Mais tarde, três editoras norte-americanas começaram a se interessar em publicar mestres do Reino Unido: então, um aperto de mão, pelo telefone, com Roy Carlisle, da Harper & Row.

Meses se passaram, e então lá estava eu, enfim, com o livro publicado em minhas mãos; inesperadamente, uma sensação bastante notável de algo liberado; uma conclusão!

Alguns dias depois, ocorreu-me queimar os velhos diários – eu não deveria voltar para eles – e fiquei observando aquelas preciosas páginas se enrolarem e enegrecerem no meio dos carvões. Não me arrependi do ato.

Quase de imediato as cartas começaram a chegar – mais de mil agora, dois anos depois – todas elas comoventes e reais. Notavelmente, quase o mesmo número de cartas vindas de homens e de mulheres; e, mais notável ainda, de leitores com menos de 30 anos e de leitores mais velhos. Mas eles divididos em três grupos principais: o dos interessados sobretudo em como chegamos à fé, o dos fascinados com o casamento nos moldes da Barreira Brilhante e com a proximidade que pode existir entre os cônjuges, e o dos que conheceram a perda e consideraram minha experiência significativa.

Após a publicação, a faculdade teológica da universidade graciosamente organizou uma recepção em homenagem ao livro. Em meio à alegria, primeiro uma pessoa e depois outra me chamavam de lado para dizer, às vezes com olhos lacrimosos, que meu livro havia significado muito para elas. Fiquei emocionado, mas havia algo levemente estranho que eu não conseguia identificar. De repente, ocorreu-me: elas falavam, cada uma delas, como se elas – e somente elas – tivessem sido apunhaladas no coração. Então, eu lhes agradeci como se fossem de fato as únicas.

Mais tarde, cartas e telefonemas vinham de todos os lugares, e essas pessoas também falavam como se sentissem que apenas elas poderiam ter sido alcançadas nas profundezas de seu ser, tornando-nos assim próximos. E assim éramos, mas com uma proximidade mais ampla do que imaginavam.

Acredito que estamos todos tão sozinhos naquilo que está no mais profundo de nossa alma, que somos tão incapazes de encontrar as palavras e talvez a coragem de falar, com o coração aberto, que não fazemos a mínima ideia de que é exatamente o que acontece com os outros. E, uma vez que fui compelido, com certa relutância, a ir além da reticência, os leitores foram levados à proximidade com alguém que sentiam ser o único outro ser que também tinha essa experiência.

Robert Louis Stevenson disse que todo livro é, intimamente, uma carta para amigos. Muito mais era o meu, e para amigos conhecidos e desconhecidos, mas amigos na verdade.

Falei antes sobre minha oração para que Cristo falasse por meio de minha mente e de meus (dois) dedos que datilografaram o livro. Essas cartas infinitamente comoventes me convencem de que a oração foi atendida, levando-me a sentir profunda gratidão, sensibilizada pela humildade.

Somente muito tempo depois me ocorreu que o que eu havia escrito, embora cristão e verdadeiro, tinha alguns elementos, incluindo a sugestão de lei moral inexorável e da catarse, da tragédia grega.

Foi assim, então, que cheguei a escrever Uma Misericórdia Severa na época em que o escrevi e o que se seguiu a partir da decisão.

Datas das cartas de C. S. Lewis

Data	Lugar de origem conforme indicado
14 de dezembro de 1950	Magdalen College, Oxford
23 de dezembro de 1950	Magdalen College, Oxford
17 de abril de 1951	[Oxford]
1951	[Oxford]
5 de janeiro de 1951	Magdalen College, Oxford
8 de janeiro de 1951	Magdalen College, Oxford
24 de março de 1952	Magdalen College, Oxford
1952	[Oxford]
22 de abril de 1953	Magdalen College, Oxford
14 de maio de 1954	Magdalen College, Oxford
23 de novembro de 1954	Magdalen College, Oxford
10 de fevereiro de 1955	Magdalen College, Oxford
20 de fevereiro de 1955	Como se fosse da Magdalene College, Cambridge
6 de abril de 1955	The Kilns, Headington Quarry, Oxford
27 de agosto de 1956	Como se fosse da The Kilns, Headington, Oxford
5 de junho de 1955	Magdalene College, Cambridge
8 de maio de 1955	The Kilns, Headington Quarry, Oxford
7 de março de 1957	Magdalene College, Cambridge
27 de novembro de 1957	Magdalene College, Cambridge [Fragmentos de cartas
26 de abril de 1958	[?]
15 de dezembro de 1958	The Kilns, Headington Quarry, Oxford
16 julho–agosto de 1960[55]	The Kilns, Headington Quarry, Oxford
julho–agosto de 1960	[?] (fragmento sobre o Cristo esculpido)
23 de setembro de 1960	Oxford

30 de junho de 1962 The Kilns, Headington Quarry, Oxford

Romance do escritor inglês Evelyn Waugh, publicado em língua inglesa com o título Brideshead Revisited – the sacred and profane memories of captain Charles Ryder, em 1945. Serviu de inspiração para o seriado da TV britânica Brideshead Revisited (1981) e para o filme Brideshead Revisited – desejo e poder (2008). (N.E.)↩

Referência à antiga canção de ninar “Laranjas e limões”. (N.T.)↩

Sir Lancelot é um dos maiores Cavaleiros da Távola Redonda, na lenda do rei Arthur, na literatura de cavalaria. Seu caso de amor com a rainha Genebra teria sido a razão do fim do reinado de Arthur. (Fonte: Wikipédia). (N.E.)↩

Uma lenda de Montrose é um romance histórico de Walter Scott, ambientado na Guerra Civil da Escócia, nos anos de 1640, escrito em 1819. A trama principal gira em torno de um triângulo amoroso entre os personagens Allan M’Aulay, o amigo dele, o conde de Menteith, e Annot Lyle, uma jovem criada pelos M’Aulays desde que foi capturada, ainda menina, durante uma briga com o clã adversário MacEagh. (Fonte: Wikipédia). (N.E.)↩

Referência ao reino fictício de Nárnia, em As Crônicas de Nárnia, uma série de sete romances de aventura (com temática cristã, permeada de mitologia grega e nórdica), escritos por C. S. Lewis, amigo do autor. Aqui uma referência específica ao primeiro livro, O Leão, a Feiticeira e o Guarda-Roupa. (N.E.)↩

Nas universidades inglesas, “em estado de pupilo” é a condição do aluno sujeito às leis, disciplinas e oficiais colegiados. (N.E.)↩

No Reino Unido, corresponde à moeda de um centavo. (N.E.)↩

Foi a primeira moeda britânica de ouro (proveniente da Guiné), cunhada à máquina. Originalmente valia uma libra. Está fora de circulação há mais de 200 anos. (N.E.)↩

No artigo Peso de glória, no livro com o mesmo título, C. S. Lewis diz algo do mesmo teor: "...'Nem a fome prova que existe pão'. Penso, no entanto, que não se trata disso. A fome física de um homem não prova que ele encontrará pão; ele pode morrer de fome numa jangada em pleno Atlântico. Mas, com certeza, a fome de um homem prova que ele pertence a uma espécie que restaura o corpo por meio de comida e habita num mundo onde existem substâncias comestíveis. Da mesma maneira, embora eu não creia (quem me dera cresse!) que meu anseio pelo paraíso prove que eu vá usufruir dele, penso ser um sinal bastante seguro de que existe algo parecido e de que alguns homens vão encontrá-lo." (Lewis, C. S. Peso de glória. Trad. Isabel Freire Messias. São Paulo: Vida Nova, 1993. p. 15). (N.E.)↩

Marcos 9.24, NVI. (N.E.)↩

Lucas 1.38, NVI. (N.E.)↩

Marcos 9.24, NVI. (N.E.)↩

O anglicanismo, sendo uma única Igreja, está dividido em três ramos: os "anglicanos da Alta Igreja" (também chamados anglo-católicos), os "anglicanos da Baixa Igreja" e os "anglicanos da Igreja Ampla", que estão no meio das duas correntes (e que hoje provavelmente são a maioria dos anglicanos pelo mundo).

Embora todos os elementos da Comunhão Anglicana recitem os mesmos credos, os anglicanos da Baixa Igreja tratam a palavra católico no credo como um mero sinônimo antigo para universal, ao passo que os anglicanos da Alta Igreja a tratam como o nome da Igreja de Cristo à qual pertencem eles, a Igreja Católica Romana, as Igrejas Ortodoxas e outras igrejas da Sucessão Apostólica. (Fonte: Wikipédia) (N.E.)↩

No original, “soneto”. Optamos por “poema” pelo caráter mais genérico do termo. (N.E.)↩

No original, “soneto”. Optamos por “poema” pelo caráter mais genérico do termo. (N.E.)↩

O anglicanismo, sendo uma única Igreja, está dividido em três ramos: os “anglicanos da Alta Igreja” (também chamados anglo-católicos), os “anglicanos da Baixa Igreja” e os “anglicanos da Igreja Ampla”, que estão no meio das duas correntes (e que hoje provavelmente são a maioria dos anglicanos pelo mundo). Embora todos os elementos da Comunhão Anglicana recitem os mesmos credos, os anglicanos da Baixa Igreja tratam a palavra católico no credo como um mero sinônimo antigo para universal, ao passo que os anglicanos da Alta Igreja a tratam como o nome da Igreja de Cristo à qual pertencem eles, a Igreja Católica Romana, as Igrejas Ortodoxas e outras igrejas da Sucessão Apostólica. (Fonte: Wikipédia) (N.E.)↩

No original, “soneto”. Optamos por “poema” pelo caráter mais genérico do termo. (N.E.)↩

No original, “soneto”. Optamos por “poema” pelo caráter mais genérico do termo. (N.E.)↩

Neste tipo de argumentação de Sheldon Vanauken, vemos claramente a influência do pensamento cristão e do estilo [a gradação de ideias] de C. S. Lewis sobre o amigo. (N.E.)↩

Fitafuso, em Cartas de um Diabo a seu aprendiz, de C. S. Lewis, era o demônio-mestre que mandava cartas ensinando seu aprendiz a destruir os cristãos. (N.E.)↩

Livro em que C. S. Lewis discute a ideia cristã de vida após a morte, especialmente com uma jornada individual, alegórica, ao inferno, ao purgatório, ao céu e à salvação. (N.E.)↩

É um clássico da literatura infantil escrito em 1908 por Kenneth Grahame. A história gira em torno de quatro personagens antropomorfos em uma Inglaterra bucólica, e nele estão presentes valores como misticismo, aventura, moral e camaradagem. (Fonte: Wikipédia). (N.E.)↩

Te Deum é um hino cristão, usado principalmente na liturgia católica, como parte do Ofício de Leituras da Liturgia das Horas e outros eventos solenes de ações de graças. O hino é encontrado também na hinódia ou práticas litúrgicas de outras igrejas cristãs, incluindo o Livro de Oração Comum da Igreja Anglicana, as matinas luteranas e, de modo menos regular, em outras denominações protestantes e evangélicas. (Fonte: Wikipédia). (N.E.)↩

No original, “soneto”. Optamos por “poema” pelo caráter mais genérico do termo. (N.E.)↩

Idem.↩

Idem.↩

Alfa Mais* tem a ver com uma casta superior da sociedade distópica da obra Admirável Mundo Novo, de Aldous Huxley. A expressão foi traduzida como “Alfa Mais” em alusão ao aluno mais “destacado” socialmente na pirâmide, inteligentíssimo. (N.E.)↩

N. do T.: Ouvido nas regiões mais populares de Londres, o cockney é uma espécie de dialeto falado ainda hoje nas ruas.↩

A expressão interrogativa unde hoc mihi? (“quem sou eu?”) está presente no texto em latim de Lucas 1.43, em que Isabel, prima de Maria e grávida de João Batista, humildemente lhe pergunta: “Quem sou eu para que a mãe do meu Senhor venha me visitar?”.↩

Referência ao título A Grief Observed, publicado no Brasil com o título A anatomia de uma dor – Um luto em observação. (N.E.)↩

Romance de George Du Maurier, publicado em 1891, que narra a história de dois jovens que se amam e, separados na infância, reencontram-se muitos anos depois. Eles descobrem que podiam sonhar um com o outro enquanto dormiam. Dessa forma viveram juntos. (Fonte: Wikipedia). (N.E)↩

Referência a John Keats, poeta romântico inglês (1795–1821), apaixonado por Fanny Brawne, de quem teve de separar-se quando teve tuberculose. (Fonte: Wikipédia). (N.E.)↩

Percy Bysshe Shelley foi um dos mais importantes poetas românticos ingleses, contemporâneo de Keats e Byron. (N.E.)↩

Referência à A Divina Comédia, de Dante Alghieri. (N.T.)↩

Mateus 6.33, NVI. (N.E.)↩

A Divina Comédia. (N.E.)↩

Idem. (N.E.)↩

Alcoolismo. (N.E.)↩

No original, “soneto”. Optamos por “poema” devido ao caráter mais genérico do termo. (N.E.)↩

Idem. (N.E.)↩

Autobiografia de C. S. Lewis escrita em 1955, em que ele narra seu processo de conversão do ateísmo para o cristianismo (Viçosa, MG: Editora Ultimato, 2015). (N.E.)↩

Nesta obra Lewis mostra a sua própria busca por significado e realização espiritual, que, enfim, o levaria ao cristianismo (Viçosa, MG: Editora Ultimato, 2019). Faz alusão a O peregrino, de John Bunyan, outro clássico da literatura cristã. (N.E.)↩

O regresso do peregrino. Trad. Jorge Camargo (Viçosa, MG: Editora Ultimato, 2019. p. 18.) (N.E.)↩

Idem, p. 18. (N.E.)↩

Veja página 217.↩

Cf. Apocalipse 22.16. (N.E.)↩

Quando Davy ficou doente pela primeira vez, pensamos por algum tempo que ela pudesse estar grávida. Em nossa primeira e última reconsideração cristã sobre filhos, aceitamos aquele “bebê” – tê-lo e sustentá-lo. Nossas vontades foram submetidas a Deus. (N.A.)↩

Um trocadilho do autor com o nome da cadela (Flurry), que significa “rajada”, “enxurrada”. (N.T.)↩

Viçosa, MG: Editora Ultimato, 2017. (N.T.)↩

Trechos retirados de um texto (neste caso, das cartas de Lewis a Vanauken). (N.E.)↩

A espada de Dâmocles alude à insegurança daqueles com grande poder (devido à possibilidade de este poder lhes ser tomado de repente) ou, mais genericamente, a qualquer sentimento de danação iminente. (Fonte: Wikipédia). (N.E.)↩

Nome da Grécia na Antiguidade Clássica. Aparentemente uma referência de Lewis a seu gosto pelos clássicos da literatura, mitologia e poesia gregas, que ele lia no original. (N.E.)↩

Charles Williams foi um poeta, escritor, crítico literário e teólogo britânico, membro da Ordem Hermética da Aurora Dourada (Golden Dawn). (Fonte: Wikipédia). (N.E.)↩

Poeta e escritor inglês. (N.E.)↩

Datação de C. S. Lewis, mas, certamente, 16 de abril; carimbo postal de 18 de abril. (N.A.)↩

Caro leitor:

Acesse www.ultimato.com.br e faça seu comentário sobre este livro. Conheça também outros títulos da editora e a revista Ultimato.

UMA MISERICÓRDIA SEVERA

Categoria: Autobiografia / Espiritualidade / Vida Cristã

Copyright © 1977 por Sheldon Vanauken

Copyright © 2019 por Editora Ultimato

Publicado originalmente por Hodder & Stoughton, Londres, Inglaterra.

Título original em inglês: A Severe Mercy

Primeira edição: Dezembro de 2019

Coordenação editorial: Bernadete Ribeiro

Tradução: Valéria Lamim Delgado Fernandes

Revisão: Patrícia Nunan

Diagramação: Bruno Menezes

Capa: Rafael Brum

Produção do arquivo ePub: Booknando

As citações bíblicas foram extraídas da Nova Versão Internacional, da Sociedade Bíblica Internacional, salvo quando há indicação específica.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) Agência Brasileira do ISBN - Bibliotecária Priscila Pena Machado CRB-7/6971

ISBN 978-65-86173-59-8

PUBLICADO NO BRASIL COM TODOS OS DIREITOS RESERVADOS POR:

EDITORA ULTIMATO LTDA

Caixa Postal 43

36570-970 Viçosa, MG

Telefone: 31 3611-8500

www.ultimato.com.br

facebook.com/editora.ultimato twitter.com/ultimato
instagram.com/editoraultimato